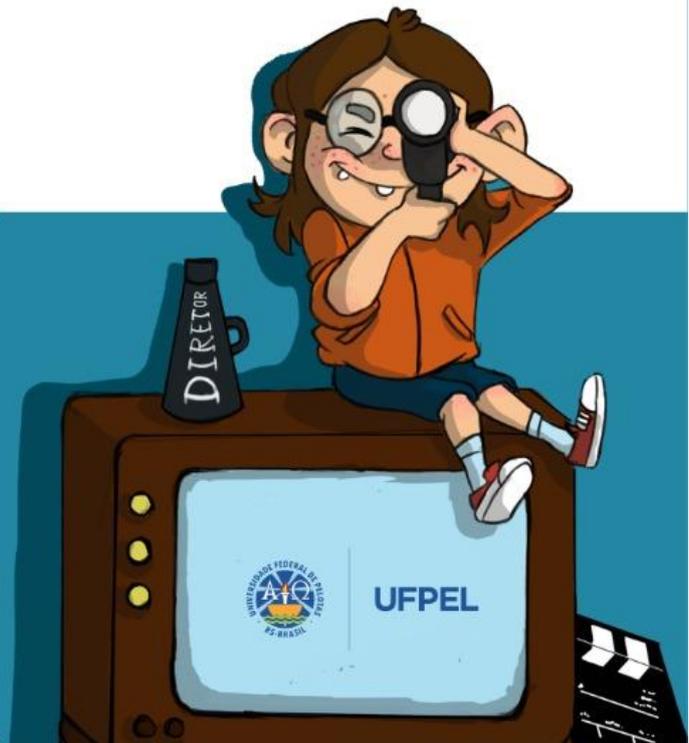


1 CONGRESSO BRASILEIRO DE PRODUÇÃO DE VÍDEO ESTUDANTIL

CBPVE

PELOTAS-RS


RUBRA COGNITIVA



WWW.VIDEOESTUDANTIL.COM.BR

Josias Pereira – Rogério Peres
Eliane Candido – Maria Jeane Candido
(Organizadores)

COAUTORES

| | |
|-----------------------------|------------------------------------|
| Adriana Mailan Bandeira | Jaqueline Antunes da Silva |
| Adriana Nebel Kovalscki | Jéssica Thaís Demarchi |
| Alessandra Moro Dotto | Josiane de Moraes Brignol |
| Ana Patrícia Amorim | Kelly Demo Christ |
| Ana Paula Ogliari | Luciana Domingues Ramos |
| Andréa Rodrigues da Silva | Luciane Benites Hersing |
| Andrelisa Goulart de Mello | Mariana Bueno F. F. De Fraga |
| Catiuscia Bordin Dotto | Marina Vicentina Ribas Pinto Dias |
| Claudia Gorim Mendes Terres | Marlon Fraga Nunes |
| Cláudia Herte de Moraes | Michele Heck |
| Claudio Garcia | Patricia Miranda Medeiros Sardinha |
| Cristina Domingues Lemos | Renata Tavares da Silva |
| Diego Comerlato Walter | Sérgio Renato Furtado Flores |
| Eduarda Wilhelm Possenti | Vania Dalpont |
| Eliane Beatriz Candido | Vicente de Aguiar Camillo |
| Gerusa Cristina de Souza | Victória Lieberknecht |

**1º CONGRESSO BRASILEIRO DE PRODUÇÃO
DE VÍDEO ESTUDANTIL**

RUBRA COGNITIVA
2018

Coordenação e Organização

Josias Pereira, Rogério Peres, Eliane Candido, Maria Jeane Candido.

Editora

Rubra Cognitiva

Copyright © 2018

Josias Pereira, Rogério Peres, Eliane Candido, Maria Jeane Candido.

Capa e Diagramação

Rogério Peres

Revisão Pedagógica

Eliane Candido e Maria Jeane Candido

ISBN - 978-85-939730-0-0

ANO - 2018

O 1º Congresso Brasileiro de Produção de Vídeo Estudantil (CBPVE), realizado em novembro de 2016 na cidade de Pelotas, é uma iniciativa da Universidade Federal de Pelotas (UFPel) do curso de Cinema e Audiovisual, do Programa de Pós-Graduação em Educação Matemática (PPGEMAT) que contou com o apoio das prefeituras das cidades de São Leopoldo, Capão do Leão, São Lourenço do Sul e Rio Grande.

Todos os direitos reservados.

É proibido o armazenamento e/ou a reprodução de qualquer parte dessa obra, através de quaisquer meios — tangível ou intangível — sem o consentimento escrito dos autores.

Criado no Brasil.

A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na lei n°. 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

Pelotas/RS, 2018.

Sumário

| | |
|--|-----|
| Desenvolvendo habilidades com a criação de vídeos..... | 03 |
| Oficina de cinema na escola – uma nova proposta pedagógica..... | 06 |
| A produção de curtas-metragens enriquecendo as propostas pedagógicas..... | 14 |
| Canoagem em São Léo: uma experiência surpreendente..... | 18 |
| Utilização de Tecnologias da Produção de Narrativas dos Anos Finais do Ensino Fundamental..... | 23 |
| Cinesant’Anna: Uma Experiência com Cinema na Escola..... | 28 |
| Vamos fazer um Filme na aula de Teatro..... | 35 |
| Ser Bom é Tudo de Bom: Produção de Vídeo na Alfabetização..... | 38 |
| Língua portuguesa, literatura e produção audiovisual..... | 45 |
| Videografia experimental: provocação do olhar..... | 53 |
| Relato de Experiência: Terras Novas - Visão da Saga Pomerana..... | 58 |
| Produzindo vídeo, produzindo sonhos..... | 62 |
| Como fazer realizar sonhos..... | 64 |
| Produção autônoma de cinema na sala de aula em escola pública..... | 68 |
| Produção de vídeos turísticos: o uso da tecnologia aliado ao ensino-aprendizagem de língua inglesa..... | 70 |
| A prática do ensino do vídeo: sobre tornar a academia abrangente..... | 74 |
| Desafios, superação e aprendizagem..... | 76 |
| São Léo em Cine – Educando pela Imagem..... | 77 |
| A utilização de Vídeos relacionados a Arte do Origami para o Ensino da Geometria..... | 86 |
| Vivências na produção do vídeo “Fred veste: a máscara do preconceito”, do projeto entre-linhas de 2016 da Ufsm-FW..... | 92 |
| Meu filme, meu mundo: um estudo a partir do projeto “Oficina de Vídeo Estudantil..... | 101 |
| Produção de Vídeo nas Escolas : O espaço do Lúdico e do Pedagógico..... | 111 |
| Vídeo Entre-Linhas: inclusão audiovisual em comunidades rurais e periféricas..... | 120 |
| Educação Infantil: Um relato de experiência do uso audiovisual como recurso na adaptação escolar..... | 128 |
| Produção de vídeo na escola do campo..... | 138 |

Desenvolvendo habilidades com a criação de vídeos

Adriana Nebel Kovalscki

E.M.E.F. Martinho Lutero
adrinks@gmail.com

Adriana Mailan Bandeira

E.M.E.F. Martinho Lutero
amailan@hotmail.com

Resumo

O presente relato trata da produção de vídeos, desenvolvidos desde 2015, pela Escola Municipal de Ensino Fundamental Marinho Lutero, escola rural situada no interior de São Lourenço do Sul. Foram produzidos quatro vídeos, abordando temas como preconceito, além de vídeos sobre a cultura Pomerana. Esta produção foi feita na escola e na casa dos alunos, e a cada cena gravada, podíamos observar o desenvolvimento do olhar crítico dos mesmos, sugerindo correções e novas ideias. Descobrimos características nos alunos como criatividade, postura, boa expressão oral e corporal, superação da timidez até então não observadas em outras atividades propostas. Nossos alunos só assistiam vídeos e hoje, não só conhecem, mas produzem vídeos. Este desafio incentivou professores e alunos e, hoje, faz parte dos projetos em nossa escola.

Palavras-chave: Professores e alunos, Construção do conhecimento, Produção de vídeos.

1. Introdução

Com a preocupação de que o professor de hoje precisa inovar o ensino, trazer outras ferramentas de apoio pedagógico para a sala de aula, que atraiam, incentivem e que envolvam os alunos e o tornem o construtor do conhecimento, através da troca de experiências, do despertar da curiosidade, da busca pelo novo, iniciamos uma nova forma de ensinar com a produção de vídeos.

O conhecimento (...) exige uma presença curiosa do sujeito em face do mundo. Requer sua ação transformadora sobre a realidade. Demanda uma busca constante. Implica em invenção e em reinvenção. Reclama a reflexão crítica de cada um sobre o ato mesmo de conhecer, pelo qual se reconhece conhecendo e, ao reconhecer-se assim, percebe o “como” de seu conhecer e os condicionamentos a que está submetido seu ato. (FREIRE, 1997, p. 27).

Assim, motivados pelo convite para participar do I Festival de Cinema de São Lourenço do Sul, iniciamos o desafio de produzir vídeos, integrando alunos, professores e demais educadores.

Com este intuito de incentivar o aluno a produzir para aprender, utilizamos sua criatividade desde o processo de elaboração de roteiros à produção dos vídeos, com o objetivo de desenvolver habilidades, potenciais e princípios éticos e morais, bem como a participação, organização, responsabilidade, respeito e integração.

2. Desenvolvimento

Em nossa escola existe um porão, onde os alunos são levados para realizar aulas práticas, para que fiquem mesmo bem à vontade, onde soltam sua criatividade. É neste ambiente que trabalhamos com a produção de vídeos, pois é uma peça onde o barulho das salas não chega, sendo, portanto, ótima para

gravação de áudio. São organizadas então oficinas, em turno inverso com o apoio da direção e dos pais dos alunos.

Como primeira atividade, os alunos assistiram os vídeos produzidos por outras escolas e sobre como é o processo da produção de roteiros, material disponibilizado pelas oficinas de cinema, ofertadas aos professores pela UFPEL e pela Secretaria de Educação do Município.

Os alunos participaram ativamente desde a elaboração do roteiro, das cenas, formaram equipes de maquiagem, inteirando-se como uma grande equipe, onde professor e aluno construíram conhecimento. As cenas dos vídeos produzidos foram gravadas nos ambientes da escola e nas casas dos alunos.

Em 2015 produzimos dois vídeos, “Criando Laços com a Bola”, descrevendo o preconceito de gênero no futebol - vencedor do festival, como melhor roteiro, melhor atriz, melhor atriz coadjuvante, melhor filme pelo júri técnico - “A Flor da Crise”, descrevendo a superstição da Cultura Pomerana em relação a Calêndula (malmequer dos campos) considerada como uma praga em sua cultura, ambos produzidos e estrelados pelos alunos.

Este ano também estamos trabalhando muito com a produção de vídeos. Os alunos adoram e todos querem participar, ficando até difícil escolher os atores principais. Já estamos com dois vídeos prontos: “Casas Antigas Pomeranas”, cujo roteiro foi produzido pelos alunos, onde descrevem as características de uma casa Pomerana e “Jardins Pomeranos, também produzidos por eles, descrevendo como são os jardins pomeranos de seus avós. Encontramos muitas dificuldades com o som, desde o vento à sons externos, que interferem no áudio final, prejudicando o entendimento da fala dos personagens. Conseguimos melhorar um pouco o mesmo, utilizando métodos criativos como uma manta envolta na câmera, porém muitos áudios tiveram que ser regravados.

3. Resultados

A cada cena gravada, observamos o desenvolvimento do olhar crítico dos alunos, sugerindo correções e novas ideias. Descobrimos características nos alunos como criatividade, postura, boa expressão oral e corporal, superação da timidez até então não observadas em outras atividades propostas. Nossos alunos só assistiam filmes e hoje, não só conhecem, mas produzem filmes. Este desafio incentivou professores e alunos e, hoje, faz parte dos projetos em nossa escola.

4. Referências bibliográficas

Livro

FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia. Saberes necessários à prática educativa. 7.ed. São Paulo : Paz e Terra, 1997.

Documentos eletrônicos

UFPEL. Cinema de Animação. Apostila desenvolvida por alunos do Curso de Cinema e Audiovisual e Cinema de Animação. Acessado em 26 mai. 2015. Online. Disponível em: <http://festivaldevideo.blogspot.com.br/>



Figura 1 - Casa Antiga Pomerana – equipe de gravação.



Figura 2 - Criando laços com a bola – momento descontraído



Figura 3: Criando laços com a bola – cena na informática



Figura 4 - A flor da crise - registro

Oficina de cinema na escola – uma nova proposta pedagógica

Andréa Rodrigues da Silva

E.M.E.F. João Belchior Marques Goulart
byandrea@gmail.com

Diego Comerlato Walter

E.M.E.F. João Belchior Marques Goulart
diegocomerlatow@gmail.com

Resumo

A Escola João Goulart vem proporcionando aos seus alunos, desde 2013, o aprendizado da cultura cinematográfica, através do projeto Oficina de Cinema JG. O fazer cinema numa escola de periferia apresenta, além da produção audiovisual, mudanças na vida dos alunos participantes do projeto. Este artigo relata um pouco da experiência da Oficina de Cinema JG entre 2013 e 2016.

Palavras-chave: Cinema. Autoestima. Produção Audiovisual.

1. Introdução

A fascinação do homem pelo cinema vem de longa data. Assistir filmes, muitas vezes é um evento social. O cheirinho da pipoca, a tela escura, o som, tudo faz parte de uma experiência mágica.

Na escola, a sessão de cinema também é vista como um evento. Muitos alunos nem percebem que a exibição dos filmes pode ser algo pedagógico. O professor que se usa do recurso cinematográfico para ensinar em suas aulas de história, geografia, português, é um profissional que sabe usar essa ferramenta a seu favor.

Mas e quando deixamos de ser simplesmente um mero espectador para ser um agente de cinema? É possível fazer cinema na escola?

2. Desenvolvimento

Desde 2012, a EMEF João Belchior Marques Goulart vem desenvolvendo a experiência do cinema na prática de sala de aula. A Oficina de Cinema JG envolve alunos de várias turmas num grupo interessado em produzir cinema para os próprios colegas.

Entendemos que é possível vivenciar o cinema além de simplesmente assisti-lo. Segundo Alain Bergala (2008, p.30), “a arte não poderia ser concebida pelo aluno sem a experiência do fazer”. Sendo assim, além de pintar, desenhar, esculpir, o aluno pode conceber arte através do audiovisual.

Sabemos que o aluno que estuda cinema consegue compreender melhor seu papel na sociedade e muitas vezes têm sua autoestima elevada por causa dele.

Bergala (2008, p.33) também afirma que: “Se o encontro com o cinema como arte não ocorrer na escola, há muitas crianças para as quais ele corre o risco de não ocorrer em lugar nenhum”.

Sendo assim, estamos comprometidos em promover encontros com o cinema na nossa escola. Nossos alunos vivenciam encontros como esse há mais de três anos e sabemos que eles têm crescido

muito com isso. E nós também. No Festival de Vídeo Estudantil promovido pelo projeto São Léo em Cine da Secretaria de Educação, apresentamos cinco produções.

O filme Alice nasceu de uma conversa com a professora de sociologia, Janine Rossato. Alguns alunos relataram casos de violência dentro das suas próprias famílias e de famílias de amigos e vizinhos.

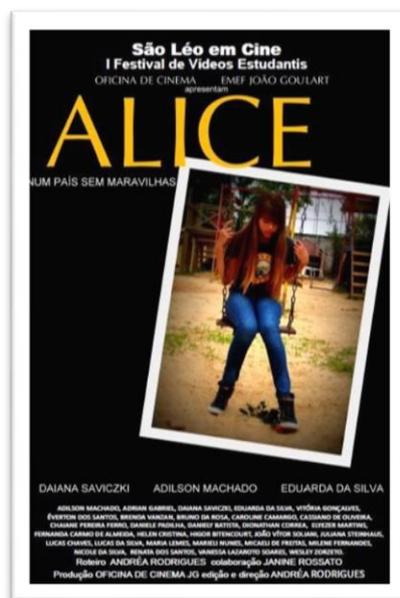


Figura 1 - Alice Num País Sem Maravilhas (2014 – 12 min.)

A partir destes debates, fomos conversando sobre o possível roteiro do curta metragem. As primeiras ideias eram de uma menina que conhecia um colega na escola, se apaixonaria e ele, a princípio muito querido, mas tarde se mostraria um abusador, violento e machista. No decorrer do curta ele a estupraria, o pai faria justiça com as próprias mãos, os dois acabariam na prisão e a menina acabaria muito triste e abalada.

Conversamos com os alunos sobre este primeiro roteiro e então fizeram alguns questionamentos e intervenções:

Se usássemos este roteiro da forma como está, não estaríamos reforçando a ideia de que a violência se paga com violência?

Que diferença ou que reflexões estamos querendo mostrar com a produção deste curta?

Não será possível, ou até melhor, provocar o espectador a ver uma nova possibilidade de final de uma história de abuso?

É possível quebrar o ciclo da violência? De que maneira?

Então após estes questionamentos os alunos reformularam o roteiro. O ciclo de violência iniciava na família: Alice tinha uma mãe sofrida, que trabalhava demais e um pai alcoólatra. Carente, a menina se apegou ao primeiro menino bonito que lhe deu alguma atenção e lhe disse lindas palavras.

Quando o mesmo apresentou suas reais intenções ela disse não. Essa decisão lhe custou um isolamento e uma queda ainda maior na sua autoestima.

Rejeitada pelas colegas, Alice só viu solidariedade numa menina, Duda, que se mostrou ser o melhor presente que Alice poderia ter recebido naquele momento.

Alice num país sem maravilhas foi uma produção realizada em um espaço muito curto de tempo. Mas com uma intensidade tremenda.

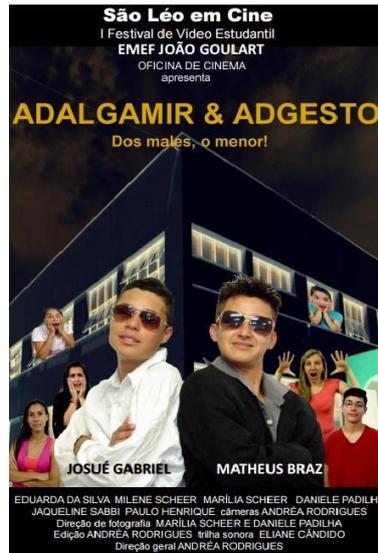


Figura 2 - Adalgamir e Adgesto em dos Males o Menor (2014 – 13min.)

Em outubro de 2014, um grupo de alunos da faculdade de Jornalismo da Unisinos procurou a escola, a fim de fazer uma parceria com a Oficina de Cinema JG. Na época, as professoras Andréa Rodrigues e Eliane Candido, coordenavam a mesma.

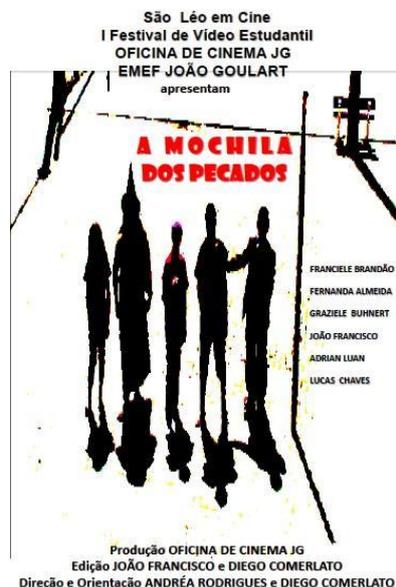
A ideia era conhecer a escola, a oficina, e ministrar uma aula básica de produção de um curta-metragem. Conversaram com os alunos, mostraram vídeos, falaram sobre produção, direção de arte, de fotografia, som, edição, entre outros. Após esta aula, a Oficina de Cinema deveria produzir um curta-metragem, exclusivo, para ser apresentado no encerramento da disciplina da faculdade de Jornalismo.

Os alunos queriam fazer o filme na própria escola e retratar o dia a dia dela, mas com algum toque de humor. Pensaram em falar sobre mistérios e cenas com um toque sobrenatural. Por fim, decidiram sobre uma história ambientada na escola e tendo como personagens principais dois detetives atrapalhados. Iniciamos as filmagens e tínhamos algumas cenas noturnas. A proposta era fazer com que os alunos da fictícia escola Afonso Onofre encontrassem todas as manhãs coisas estranhas e diferentes das do dia anterior. Gravamos durante uma noite, até perto das 22 horas, e no final de semana seguinte, a violência no entorno da escola fez algumas vítimas, dentre eles, amigos dos alunos que estavam fazendo o curta. Os pais, com medo de que seus filhos pudessem sofrer algum dano, não permitiram mais que eles filmassem à noite. Sendo assim, modificamos algumas cenas do roteiro original para que pudessemos manter a integridade dos nossos alunos e respeitar o desejo das famílias.

Nosso roteiro ainda foi alterado mais algumas vezes e foi crescendo conforme íamos trabalhando. Outro detalhe interessante desta produção é que os dois detetives não têm uma identidade muito definida. Se observarmos no decorrer do filme, eles se chamam de Adalgamir e de Adgesto. Hora Adalgamir é Adalgamir, hora é Adgesto. Isto não foi intencional, mas algo que na produção final acabou dando um toque a mais de comédia.

O curta foi apresentado na Unisinos, na noite do dia 28 de novembro de 2014, quando alguns dos atores puderam mostrar seu trabalho e falar sobre ele, para a plateia do curso de jornalismo.

O processo de construção do vídeo "A Mochila dos Pecados" iniciou a partir de uma conversa com o grupo, sobre uma curiosidade: Uma aluna, jamais tirava a mochila das costas, mesmo nos recreios e outras atividades da escola. A partir disso, surgiu a ideia central do roteiro, que foi construído pelos alunos. Havia por parte deles bastante interesse em abordar uma história que tivesse características "fantásticas" com a participação de personagens como bruxos, fantasmas, mortos-vivos. Já outra parte do grupo preferiria personagens mais próximos da característica humana, como bandidos e rappers.



*Figura 3 - A Mochila dos Pecados
(2015 – 9min.)*

A conciliação entre as duas propostas de personagens foi trabalhar, então, um filme com características mais oníricas, mais próximas do surrealismo. O interior da mochila seria uma espécie de portal de acesso para uma dimensão paralela onde cada pessoa era vista de acordo com seus defeitos sem conseguir enxergar-se daquele modo grotesco. Dentro dessa ideia abordamos os pecados capitais.

Para darmos a noção de mundo paralelo, inserimos bastantes efeitos visuais nas cenas que se passavam no interior da Mochila, com exceção do salão dos espelhos, no qual eles faziam a descoberta de toda a trama e de si mesmos. O grupo achou interessante iniciar a história através do mundo normal, onde os alunos, em um momento de descuido da portadora da mochila e movidos pela curiosidade, acabam sendo "sugados", acordando já transformados dentro dela. Para essa ideia de sucção da Mochila utilizamos filmagens com foco na sombra da mesma junto com a sombra dos alunos "pulando" e "mergulhando" dentro dela.

Durante as filmagens da cena em que os alunos eram sugados, fizemos uso da rampa da escola. Colocamos alguns colchonetes no chão do primeiro andar e os alunos foram pulando um a um da rampa. O final da história, além de mostrar o fracasso da portadora da mochila em regenerar seus colegas, deixando eles presos dentro deste mundo, seria de que tudo não passasse de um sonho de um deles, deixando ainda em aberto se foi verdade ou não o que ele sonhou. Esse final já havia sido sugerido no início do processo e foi ainda mais reforçado, pois a Mochila que foi utilizada nas primeiras filmagens acabou sendo avariada, necessitando ser substituída no meio das filmagens e trocada propositalmente no final do filme.

A construção do filme "Atorment{ar}" foi também semelhante ao processo do filme a "Mochila dos Pecados". O outro grupo integrante da Oficina montou o roteiro a partir de sugestões de ideias, orientados pelo professor Diego Comerlato.

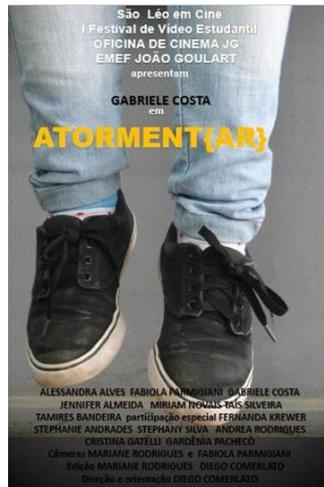


Figura 4 - Atorment[ar]
(2015 – 13 min.)

O norte do filme foi trabalhar com o *bullying* dentro da escola, tendo como protagonista da história alunos que são novos no ambiente escolar e que são estudiosos. Uma das alunas foi selecionada para ser a vítima de *bullying* e as demais seriam as autoras da violência para com ela. Foram criadas várias situações para mostrar uma crescente perseguição e humilhação à aluna nova, bem como a indignação de alguns colegas com a prática de *bullying* para com ela.

A proposta dada pelos alunos foi de que a protagonista fosse extremamente atormentada até o ponto de cometer suicídio. Houve a necessidade de levantar a questão punitiva para com os personagens que praticaram *bullying* dentro da história do filme. Destacamos aqui a necessidade desta abordagem por parte dos alunos, pois não aceitariam o desfecho do filme sem que os culpados sofressem as consequências dos seus atos. Logo, abordamos a culpa de consciência através das cenas onde a figura da aluna morta aparecia na presença de "espírito" para aqueles que mais a atormentaram.

No final do enredo, além da confissão dos culpados, pois já não aguentavam a presença constante da aluna e nem da pressão dos colegas, levantou-se a proposta de inserir imagens da protagonista do filme em momentos de alegria, acompanhado com uma mensagem de alerta para com os crescentes casos de *bullying* nas escolas e a importância em combatê-lo.



Figura 5 – Venha ver o Pôr do Sol
(2015 – 12min.)

Diferente dos dois processos anteriores de gravação e de construção de enredo, o filme "Venha ver o Pôr do Sol" partiu desta vez com a proposta de rompimento com o espaço escolar. A intenção foi explorar mais os espaços além da escola, na qual já estavam todos saturados com outros filmes e mostrar para os alunos como é o processo de gravação em ambientes abertos, fora de estúdio.

Os professores Andréa Rodrigues e Diego Comerlato escolheram, então, o conto da escritora paulista Lygia Fagundes Telles que narra um último encontro de ex-namorados dentro de um cemitério abandonado. Para a realização deste filme foi necessário adquirir uma autorização especial de filmagem com a Prefeitura de São Leopoldo, bem como autorização dos responsáveis legais dos alunos que iriam atuar no filme. O número de alunos participantes nesse filme foi reduzido não só por causa da história, mas também por uma questão de logística, pois ficaria muito custoso e difícil transportar uma quantidade grande de alunos até as locações. Contudo, mantivemos um aluno dos filmes anteriores na edição e outro na revisão e direção de arte. Após a leitura do conto com os alunos e a divisão dos personagens, iniciamos um trabalho de atuação com os protagonistas da história por algumas semanas. Um dos alunos participantes ficou encarregado das filmagens e da direção do filme junto com os professores. As filmagens foram realizadas durante à tarde devido ao Pôr do Sol, necessário ao enredo da história. Foi consenso geral entre o grupo a necessidade de explorar-se tomadas de vários ângulos e planos no decorrer da história. A abertura, por exemplo, foi filmada em primeiro plano nos pés, seguidos de *plongeés* e *contra-plongeés* no entorno e entrada do cemitério, sendo usado junto com outros planos e ângulos no decorrer do filme.

Também foi levantada a necessidade de aproveitar os elementos do cemitério, como cruzes, estátuas, árvores, sepulturas para complementar as ações e falas do enredo principal, deixando que o espectador construa leituras simbólicas e de duplo sentido durante as cenas. Acrescentando essa ideia, colocamos entre transições de algumas cenas imagens de algumas estátuas no cemitério como se estivessem reagindo aos acontecimentos da história. Utilizamos algumas tomadas em "flashback" para dinamizar algumas cenas que seriam somente de diálogos.

Conseguiu-se uma cripta abandonada para as filmagens das cenas finais, onde a personagem "Raquel" é presa. Porém, não havia grades para fazer uma tomada como se ela estivesse realmente trancada dentro da cripta. Filmamos, então, com enquadramento em plano fechado e sobrepusemos uma foto de grade sobre a cena, intercalando cortes com imagens em primeiro plano das mãos, atrás das grades, de um outro local, sacudindo-as. Após o desfecho da história comentamos a necessidade de realizarmos uma tomada área do cemitério, acompanhado do grito da protagonista. Tentamos utilizar de um *drone*, mas, infelizmente, não conseguimos construí-lo em tempo hábil, nem comprá-lo. Pesquisamos por imagens na internet e conseguimos encontrar uma imagem aérea de um cemitério que se enquadrava no final do filme.

Durante as filmagens vivenciamos algumas situações muito curiosas. Como estávamos em um cemitério, muitas vezes tivemos que regravar uma ou outra cena por conta de pessoas caminhando ao longe, coveiros trabalhando e até cachorros. O clima deveria ser de cemitério abandonado e, portanto, não poderia aparecer ninguém além dos atores. Numa das tardes de filmagens notamos que uma senhora nos observava com uma expressão de "poucos amigos". Ela ficava a uma certa distância, mas sempre observando. Quando já estávamos quase acabando as filmagens um dos coveiros se aproximou e nos perguntou o que estávamos fazendo. Mostramos a autorização da prefeitura, explicamos o que estava acontecendo e que já havíamos conversado com o chefe dos coveiros. Ele agradeceu continuamos nosso trabalho. Acreditamos que o moço somente veio conversar conosco por conta da insistência e desconfiança da tal senhora.

A experiência de sair da escola para filmar em outro local motivou os alunos a outras vezes romper com as barreiras dos muros da escola.

Levamos dois meses para finalizar este trabalho juntando filmagem, edição, dublagem e trilha sonora. Destacamos o crescimento dos alunos como atores, *cameraman* e diretores neste processo, pois

iniciaram bastantes trancados em cena e terminaram bem à vontade e seguros em seus papéis e funções. Tanto que nos filmes seguintes que produzimos neste ano estão com mais autonomia no processo de filmagem.

3. Resultados e discussão

Produzir cinema dentro da escola além de ser uma nova proposta pedagógica, é uma forma atraente de ensinar e aprender. Os alunos se mostram muito envolvidos, comprometidos e curiosos com tudo o que diz respeito a esse assunto. Descobrimos por exemplo, muitos talentos além dos atores. Figurinistas, editores, câmeras, fotógrafos e principalmente simpatizantes. Muitos alunos nos procuram dizendo que não querem atuar, mas querem estar juntos, ajudar nos bastidores, colaborar no que for necessário. O processo de ensino aprendizagem se faz assim, estreitando laços, trabalhando juntos e convivendo. Nossos alunos aprendem e ensinam. Todos são desafiados a fazer mais.

Importante ressaltar também que nossas produções, muitas vezes são utilizadas pelos professores para trabalhar e debater determinados assuntos em sala de aula. *Bullying*, Abuso sexual, Assédio e Violência são apenas alguns dos assuntos tratados a partir das produções realizadas na Oficina de Cinema JG. As temáticas sociais sempre estiveram presentes nos nossos curtas. No ano de 2014 filmamos Madalena, uma história de vida. Essa produção foi premiada no Festival Internacional de Cinema Estudantil de Santa Maria – Cinest, com o troféu de Temática Social. Para os alunos foi uma conquista muito importante. No ano de 2016 produzimos dois médias-metragens adaptados de produções literárias tais como, “Dom Quixote” de Miguel de Cervantes e “O Inspetor Geral” de Nicolai Gogol. Além desses, alguns curtas como “Menina Girafa e Menino Formiga”, “Tri Diferente” e “A Prova”. Este último conquistou, novamente, no CINEST em Santa Maria, os troféus de Direção de Arte, Roteiro e de Melhor Curta. Ser premiado em um festival internacional fez nos ver que nossa prática pedagógica é valorizada e reconhecida. Nossos alunos sentiram-se muito orgulhosos de fazer parte desse um projeto.

4. Considerações finais

A Oficina de Cinema vem proporcionando não apenas um aprendizado cinematográfico, mas principalmente uma construção de uma identidade escolar e comunitária. O fazer cinema na escola proporciona ao aluno uma concentração maior, um zelo pela escola e uma valorização da sua aprendizagem como um todo. Foi percebida uma melhora na concentração em sala de aula e consequentemente uma melhora no desempenho escolar.

5. Referências bibliográficas

BERGALA, A. A hipótese-cinema. Rio de Janeiro: Booklink; CINEAD-LISE-FE/UFRJ, 2008.

FERRARI, Márcio. Paulo Freire, o mentor da educação para a consciência. Revista Nova Escola. out. 2008. Disponível em: <<http://revistaescola.abril.com.br/formacao/mentor-educacao-consciencia-423220.shtml?page=all>> Acesso em 21 abr. 2016

GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo (orgs.). Métodos de Pesquisa. 2009. Disponível em:<<http://www.ufrgs.br/cursopgdr/downloadsSerie/derad005.pdf>>. Acesso em: 21 abr. 2016.

MEINICKE, Thaís. A magia da telona. Revista Planeta Sustentável. 31 dez. 2014. Disponível em: <<http://planetasustentavel.abril.com.br/noticia/atitude/a-magia-da-telona-veja-rio-851286.shtml>>. Acesso em: 21 abr. 2016.

REVISTA Educação. Disponível em: <<http://revistaeducacao.uol.com.br/textos/204/artigo309931-1.asp>> Acesso em 21 abr. 2016

RODRIGUES, Andréa. Adalgamir e Adgesto em Dos Males o Menor. (12min 47s). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=KIRfnFDI9XU>> Acesso em: 31 maio 2016.

RODRIGUES, Andréa. Alice num País Sem Maravilhas. (13min12s). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=7A6lJ4lUqWE&feature=youtu.be>>. Acesso em: 29 maio 2016.

RODRIGUES, Andréa. Madalena. Uma História de Vida (5min). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=u687XNMCDsY>>. Acesso em: 31 maio 2016.

TELA Brasil. Disponível em: <<http://www.telabr.com.br/sobre-nos/apresentacao>>. Acesso em: 21 abr. 2016.

WALTER, Diego Comerlato. A Mochila dos Pecados (8min 52s). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=O1ORVlMZopE>>. Acesso em: 30 maio 2016.

WALTER, Diego Comerlato. Atorment{ar} (13min 2s). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=B1e2B5pZhNs>>. Acesso em: 25 maio 2016.

A produção de curtas-metragens enriquecendo as propostas pedagógicas

Ana Patrícia Amorim

*E.M.E.F. Prof. Álvaro Luis Nunes
patyleaozinha@gmail.com*

Resumo

O desejo de integrar projetos escolares com o uso da tecnologia, como um instrumento pedagógico capaz de oferecer ao docente novas formas de ampliar sua aprendizagem, motivou a execução do projeto em questão, o qual retrata duas práticas atípicas no ambiente escolar: canoagem e cinema.

Palavras-chave: canoagem; curta-metragem; projeto; proposta pedagógica; aprendizagem; tecnologia.

1. Introdução

No presente ano a Escola Municipal de Ensino Fundamental Professor Álvaro Luis Nunes participou do Projeto São Léo em Cine, cujo objetivo era produzir um ou mais curta-metragem associado a alguma proposta pedagógica. É de conhecimento dos profissionais da educação que para oferecer um ensino adequado às necessidades do aluno, a escola precisa saber o que pretende, envolvendo a equipe e a comunidade na concretização dos seus projetos. A forma como os conteúdos são abordados certamente influenciará no resultado final, sendo uma das responsáveis pela aquisição do conhecimento pelo aluno ou não.

Enquanto profissional da educação, afirmo que a variação das práticas requer muito mais do que simples mudanças na execução das aulas, visto que temos a nossa frente uma geração de crianças e jovens que já não se enquadram mais naquele perfil um tanto estático dos estudantes das décadas de oitenta e noventa. A criança e o jovem de hoje, desde muito pequeno, já mantém uma relação muito íntima com *tablets* e *smartphones*, fato que desencadeia no aluno a necessidade de também associar o uso de tais recursos ao ambiente escolar frequentado por ele. Porém para que a tecnologia seja adequada à aprendizagem, faz-se necessário pensar nas práticas pedagógicas e desenvolvê-las de acordo com os avanços tecnológicos.

A proposta do projeto desenvolvido pela Secretaria Municipal de São Leopoldo oportunizou aos professores criarem, junto aos alunos, roteiros de curtas para então alinhar o conhecimento dos temas abordados ao uso da tecnologia.

Alguns estudos apontam o uso da tecnologia como o responsável por crianças apresentarem um raciocínio muito rápido; porém, em contrapartida, afirmam que essa mesma tecnologia traz uma geração mais retraída e menos criativa, pois brincam sozinhas em suas casas, apenas com o *tablet* e/ou *smartphone* sem um contato com outras crianças.

Ao desenvolver a produção de curta-metragem como prática pedagógica tal fator já não é preocupante, pois permite aos alunos realizar a prática do projeto coletivamente.

2. Desenvolvimento

Após nossa instituição ser convidada a participar do Projeto Cine São Léo, as professoras engajadas no desenvolvimento do projeto dialogaram a fim de delimitar um tema para a gravação. Como temos um número grande de alunos envolvidos no projeto extracurricular “Canoagem”, optou-se então em retratar através do curta a rotina dos nossos alunos nesse projeto.

A construção do roteiro deu-se também com a participação dos alunos envolvidos, já que apresentaram sugestões de como poderíamos mostrar aos demais alunos o que ocorre nos dias de aula de canoagem.

Após o desenvolvimento do roteiro de forma coletiva, foi agendada junto aos responsáveis do Projeto Canoagem, a data para a gravação das cenas.

A gravação de um curta-metragem no ambiente escolar requer muitos cuidados, pois faz-se necessário que as famílias autorizem o uso da imagem da criança, prática costumeira em nossa escola todas as vezes em que utilizamos fotos ou vídeos dos alunos em *blogs* ou redes sociais.

Na seqüência do desenvolvimento do projeto foram agendados horários junto com a coordenadora do projeto Canoagem e aos instrutores para que então realizássemos as gravações.

O uso da tecnologia num trabalho pedagógico não requer grandes habilidades, pois nosso curta-metragem foi gravado com câmera filmadora comum e aparelho celular, o que nos estimula ainda mais, pois cada desafio enfrentado, durante as gravações ou durante a edição de um curta-metragem, nos leva à superação das próprias habilidades, já que as profissionais envolvidas e os alunos não apresentam formação específica voltada à área tecnológica. As gravações de curta como prática pedagógica oferecem muito mais oportunidades de aprendizagem do que se imagina ao iniciar o trabalho. Ao pensar em um roteiro o aluno necessita analisar de que forma o assunto escolhido levará o público a compreensão de que por trás há uma proposta pedagógica, que há um tema relevante à sociedade e que por isso está sendo abordado como um trabalho escolar.

Seguindo o cronograma determinado pelas professoras envolvidas no projeto, a gravação iniciou desde a saída da escola, seguindo no trajeto realizado pelos membros do projeto Canoagem, até a chegada à sede do projeto. Lá, mostrou-se que os alunos se preparam para a prática do esporte através de aquecimentos, alongamentos e exercícios físicos mais intensos. O curta também retrata que os instrutores orientam os integrantes do projeto a como praticar a atividade de forma correta, zelosa e competitiva. As gravações ainda oportunizaram mostrar que mesmo os alunos com limitações físicas são capazes de desenvolver o esporte apresentado no projeto.

Ao decidir por utilizar a gravação de curta-metragem como proposta pedagógica é também fundamental que o aluno perceba que a proposta escolhida se enquadrará melhor num determinado gênero, o que também lhe auxiliará a expandir seus conhecimentos. Levar o aluno a acompanhar cada etapa da execução da gravação de um curta-metragem torna o trabalho muito mais significativo, visto que, antes de vermos o filme rodando, existe todo um processo de organização de ideias e de escolhas. O desenvolvimento nessa seqüência do trabalho levará o aluno a ter maior convicção de que quando existe um planejamento o trabalho tem maior probabilidade de atingir seu objetivo inicial.

Outro fato que se faz interessante citar neste relato de experiência é o engajamento de outros profissionais, visto que dependendo do roteiro, os alunos adquirem a oportunidade de conhecer outras áreas profissionais também. Durante as gravações do curta Canoagem em São Léo os alunos tiveram também a oportunidade de acompanhar o trabalho da Guarda Municipal do município de São Leopoldo, pois esses profissionais conduziram as professoras pelo rio, através de lancha, para que filmassem em melhor ângulo os alunos praticando a canoagem.

Segue alguns registros dos momentos de gravação do curta-metragem:



Figura 1: Alunos na sede do Projeto Canoagem se preparando para a prática do esporte



Figura 2: Momento em que os alunos ingressam no Rio dos Sinos

3. Resultados e discussão

O trabalho desenvolvido com curta-metragem na EMEF Professor Álvaro Luis Nunes foi muito bem-sucedido, visto que a constante busca por projetos inovadores e significativos que venham a agregar as práticas pedagógicas é um desejo constante da instituição e de seus componentes (professores e alunos). Como já relatado, por ser uma prática inovadora nessa instituição, afirma-se que os objetivos almejados foram atingidos, pois houve engajamento dos alunos durante todo o processo desde a construção de roteiro, até a edição do curta-metragem. As profissionais envolvidas sentiram-se satisfeitas com o resultado final, o qual aliou, de forma efetiva, a execução de todas as etapas que envolvem a gravação de um curta-metragem à proposta pedagógica de utilizar a tecnologia como um recurso pedagógico de sucesso. Além de todo o conhecimento tecnológico adquirido ao utilizar o curta-metragem como ferramenta de trabalho escolar, o aluno também torna-se beneficiado pelo fato de estar trabalhando a sua desenvoltura e desinibição.

Considerando essa prática como proposta pedagógica inovadora na rede municipal de São Leopoldo, sugerida pela Secretaria Municipal de Educação, salientamos que o trabalho com curtas-metragens oportuniza um amplo crescimento ao aluno no aprendizado, utilizando recursos tecnológicos de uso não comum no âmbito escolar. Dessa forma, tornando-se interessante que os profissionais da educação se despertem para o desejo de adaptar-se a essa prática, pois a tecnologia associada às práticas pedagógicas, quando bem empregada, é um grande aliado do professor e dos alunos.

4. Referências bibliográficas

BELONNI, Maria L. O que é Mídia-Educação. Editora Autores Associados. Brasil.

RANGEL M. Educação com Tecnologia – Texto, Hipertexto e Leitura. 1ª Ed. Brasil. Editora Wak, 2012.

Revista Nova Escola, Tecnologia na educação. Disponível em:
<http://acervo.novaescola.org.br/blogs/tecnologia-educacao/> Acesso em: 05 de setembro de 2016.

Canoagem em São Léo: uma experiência surpreendente

Gerusa Cristina de Souza
EMEF Professor Álvaro Luís Nunes
ge.brasileira@gmail.com

Resumo

Este trabalho trata-se de um documentário sobre as influências que o esporte tem na vida dos estudantes da EMEF Professor Álvaro Luís Nunes. No curta Canoagem em São Léo, os alunos relataram suas experiências, as conquistas, os obstáculos de ser um participante do projeto em ascensão à Equipe de Canoagem.

Palavras-chave: Projeto Canoagem, Conquistas, São Leopoldo.



Figura 1: Alunos do Projeto Canoagem

1. Introdução

Canoagem em São Léo retrata os benefícios desse projeto na vida dos alunos da EMEF Professor Álvaro Luís Nunes. No Projeto Canoagem os alunos têm seus direitos quanto a educação, cultura, esporte e lazer preservados, conforme o artigo 53 do Eca (BRASIL, 1990). Além disso, percebe-se o respeito, a responsabilidade e a dedicação que os participantes disponibilizam ao projeto.

O curta também traz a alegria presente na rotina desses alunos ao se dedicarem tanto a este esporte, que lhes dá a oportunidade (esperança) de compor a Equipe Municipal de Canoagem e concorrer em campeonatos em todo o País. Paulo Freire (1998) relaciona a alegria necessária à atividade educativa e à esperança: “A esperança de que professor e alunos juntos podemos aprender, ensinar, inquietar-nos, produzir e juntos igualmente resistir aos obstáculos à nossa alegria”. (FREIRE, 1998, p. 80).

O requisito maior do Projeto é o desejo de participar, pois os alunos sentem-se incluídos independentemente de suas dificuldades. Dentro disso se pensou o curta. Nesse projeto, além dos benefícios, há desafios em que os alunos vão criando alternativas para vencer. Seja os desafios de uma deficiência ou transtorno, seja os desafios financeiros, que fazem os alunos usarem a criatividade e

organizarem rifas ou meio-frangos para conseguir comprar remos, pagar estadia, locomoção e alimentação (para conseguir concorrer nos campeonatos).

A construção desse curta teve os alunos como protagonistas e autônomos, participando ativamente do desenvolvimento desse trabalho. Paulo Freire (1998), afirma que respeito à autonomia e à dignidade de cada um é um imperativo ético e não um favor que podemos ou não conceder uns aos outros. Por isso, entendo que esse trabalho foi importante para todos os envolvidos, pois cada um conseguiu expressar o seu melhor e retratar em um documentário suas potencialidades.

2. O curta: sua construção, exibição e premiação

E lá estava eu em mais uma reunião, quando a supervisora pedagógica lançou o desafio. Naquela hora foi plantada a semente.

O tema do documentário não poderia ser outro, porque era o que estava transbordando na comunidade, pelos corredores da escola e nas páginas do jornal local. São notícias de conquistas de títulos e convocação para a seleção de brasileira. A ideia de fazer um curta metragem sobre o Projeto Canoagem partiu do desejo de valorizar alunos participantes, em especial os que fazem parte da equipe e atualmente são campeões e atletas da seleção brasileira. Mas o mais importante era que os alunos fossem os protagonistas desse trabalho. Para tanto, era necessário aceitarem participar do curta e aprovarem o tema, caso contrário mudaria tudo. Ali estava lançado outro desafio.

Os alunos lançaram-se nesta proposta pedagógica diferente e tão rica. Então, começaram os vários encontros: regados a trocas de conhecimento, risos, divertimentos, foco e muita cumplicidade. Os alunos que participam do Projeto e Equipe de Canoagem estudam do quarto ao nono ano, nos turnos da manhã e tarde e têm idades entre nove e quatorze anos. Por esse motivo precisaram ocorrer vários encontros. De manhã fazia uma reunião com os alunos. Na mesma, tratávamos sobre o que eles queriam que fosse retratado no curta e informava o que era exposto na formação com a UFPEL. A mesma reunião era realizada com os alunos do turno da tarde. Tentavam desenvolver as ideias surgidas em reunião na forma de roteiro e no dia seguinte, reuniões com os dois turnos separadamente. Esse era o momento em que apresentava a proposta de roteiro e os alunos avaliavam. Algumas alterações aconteciam e uma nova proposta era escrita. Assim foi até ficar a contento de todos os alunos. Meus parceiros criativos!

Roteiro pronto! Concomitante ocorria a formação da UFPEL, sobre curta metragem e muita informação chegando.

A proposta foi levada à coordenadora do Projeto Canoagem e encontramos mais uma parceira. Agora já tínhamos condições de dar mais alguns passos: a inscrição, as autorizações de áudio e imagem para cada pessoa que estava no roteiro (isso incluía dos alunos até o motorista do ônibus) e o nome do curta.

Estava lançado mais um desafio: pensar um nome para o curta. A decisão viria por votação. Enquanto isso, apelidamos o documentário de “Alvinho na Canoagem”. A cada dia o quadro da Sala da Diversidade (Projeto Municipal que trabalha com os alunos com Necessidades Educativas Especiais, decorrentes de Transtornos Específicos do Desenvolvimento das Habilidades Escolares, Transtornos de Aprendizagem, Transtornos de conduta, Transtornos Emocionais e os associados a situações de vulnerabilidade psicossocial, no contra turno escolar) era composto por mais uma sugestão de nome para o nosso documentário. Chegou o dia da votação e surpreendentemente os alunos da manhã não estavam felizes com aqueles nomes; diziam que não retratavam o que eles queriam. Aí começamos a brincar com as palavras, buscando um novo nome. Assim chegamos no: Canoagem em São Léo. Seguiu a votação à tarde e se definiu que esse nome traduz o que o Projeto significa para eles.

A chuva não cessava, a enchente começou e o Rio dos Sinos encheu de uma forma poucas vezes vista no município. A sede do Projeto que fica à beira do Rio por motivos óbvios estava embaixo d'água. São Pedro não foi nosso parceiro! Mas seguimos firmes, decididos a concretizar esse sonho. Em que dia filmar? Dias de chuva e enchente. Socorro! Já estávamos querendo um dia nublado, a luz não seria boa, mas o prazo estava esgotando. Marca filmagem, desmarca filmagem. Sim, vai dar tudo certo. Parceiros esperançosos! Parou a chuva, o Rio baixou, então podíamos pensar em filmar. Contatar com a coordenadora do Projeto, autorização dos pais para sair da escola, busca de parceiros para auxiliar na filmagem. Tudo certo. Chegou o dia! Estava nublado. Os alunos felizes! Eles é que importavam realmente. Houve chuvisco, risos, sorrisos, poses e *selfies*, muitas *selfies*. A máquina fotográfica e o celular, esses eram nossos recursos de áudio e imagem. Tivemos oportunidade de filmar os alunos de vários ângulos, com a ajuda dos colegas da Guarda Municipal, que ofereceu a lancha. Contudo, o que imperava era vontade de fazer o melhor. Alunos, professores e funcionários, todos em prol do mesmo objetivo. E assim foram as filmagens: regadas pelo otimismo e divertimento de todos. Meus parceiros incansáveis!



Figura 2: Alunas no dia da filmagem

Em meio a tantas fotos e filmagens, foi difícil para mim e minha parceira Ana selecionar material para a edição do curta. Nesse momento, assim como na filmagem, tivemos que nos dividir, pois além da edição, tínhamos que dar conta do banner e sinopse, tudo isso com prazos. E com a adversidade da natureza, tivemos pouco tempo para muito trabalho, realizado com muito amor e carinho. Ainda minha preocupação estava com a avaliação dos alunos. Gostaria muito de tê-los participando de tudo, mas devido à composição do grupo (alguns do turno da manhã e outros da tarde) era inviável. Assim, nos cabia deixá-los o mais satisfeito possível, dentro das possibilidades. Baseadas nisso fomos construindo o documentário. E foram dias, incluindo sábados e domingos. E enfim ficou tudo pronto dentro do prazo.

No dia agendado fomos ao cinema, assistir nossa criação na “telona”. Os alunos estavam ansiosos para ver o resultado. E lá estavam ele e mais trinta curtas, um mais criativo do que o outro, prontos para serem assistidos. E quando iniciou a exibição, houve muita emoção, os alunos gritavam e batiam palmas. Parceiros alegres!

O banner do Canoagem em São Léo, exposto na entrada das salas do cinema, me fez pensar sobre a construção do curta: veio a autocrítica. Acabei referindo somente a mim e à colega professora no banner nos créditos. E os alunos? Foram eles os idealizadores do curta, fui apenas uma tradutora de suas ideias. Partindo do princípio de que o São Léo em Cine é um Festival Estudantil, acreditei que esse detalhe poderia prejudicar a avaliação pelo júri técnico. Com isso também surgiu a curiosidade de saber se conseguimos passar a mensagem que tanto os alunos queriam. Será que as pessoas perceberam a diversidade, ilustrada na faixa-etária, gênero, deficiências, transtornos, dentre outros? E ainda mais, perceberam que todos se sentem incluídos, mostrando seu potencial a cada remada? Perguntas que

buscavam respostas nas pessoas que já haviam assistido. Para minha tranquilidade, o retorno sempre foi positivo.

O próximo passo foi mobilizar as pessoas para a votação popular. Novas reuniões aconteceram e mais uma vez houve alunos, professores e pais mobilizados em prol do documentário. Foram muitos votos. Parecia a corrente do bem. De fato, os recursos tecnológicos fazem a diferença, além de serem muito úteis. Foi da tecnologia (*whatsapp*, *Facebook*, entre outros) que nos munimos para atingir a meta.

Era chegado o grande dia da premiação. Foi uma festa. Limusine, tapete vermelho, muitas fotos, jogos de luzes e uma energia mágica no ar. Tudo lindo! Mas com o início da cerimônia o nervosismo tomou conta. Passou a votação popular e não ganhamos nenhum prêmio. Conversei com os alunos que estavam sentados próximos a mim. Disse que já tínhamos sido premiados e que nosso troféu foi a vontade de fazer diferente, de aproveitar a oportunidade que nos levou a participar daquela noite que estava sendo tão especial. Blá, blá, blá! Nos tempos atuais a competição é mais forte e percebi que não consegui sensibilizá-los, eles queriam troféu. A cada categoria premiada eles se entristeciam mais ainda, pois no raciocínio deles era um troféu a menos. Enfim chega a categoria melhor direção, pelo júri técnico e estávamos entre os cinco melhores, mas não foi daquela vez. E volto ao discurso que os alunos não queriam ouvir: “Gente, o importante é participar.” Então foram anunciados os curtas concorrendo à categoria de Melhor Documentário. O aluno ao meu lado segura minha mão muito forte. E sim, sim, sim! Fomos premiados. Canoagem em São Léo é o Melhor Documentário do Festival Estudantil São Léo em Cine. Nossa, nós não cabíamos em tanta felicidade! Naquele momento sentia a compensação de todo trabalho. Não só pelo troféu, mas sim pela alegria dos alunos.



Figura 3: No dia do Festival São Léo em Cine, após a premiação de Melhor Documentário.

O reconhecimento do trabalho na escola também foi muito positivo. Os alunos eram as celebridades da escola. Além do mais, estimularam os demais a pensar em temas para realizar um curta no próximo ano. Muitas sementinhas plantadas pelos nossos astros e estrelas.

3. O que ficou

Ao final deste desafio, percebo que aprendemos muito uns com os outros, através do uso desse recurso didático tão rico. Conseguimos mostrar que é possível fazer maravilhas para serem utilizadas em sala de aula, pelos professores. Além do protagonismo estudantil, os alunos viram nesses curtas a comunidade estudantil de São Leopoldo. A participação nesse curta-metragem do início ao final foi de

extrema importância, para todos os alunos do Projeto e da Equipe Canoagem, pois conseguiram mostrar a sua rotina, suas dificuldades, potencialidades, superações, parcerias e desejos da forma infantil e adolescente de ver o mundo. O objetivo era homenagear nossos campeões e nossa atleta da seleção brasileira e também valorizar nossos alunos do Projeto que mudaram seu comportamento para melhor. O desafio foi aceito e cumprido da melhor forma e colheremos muitos frutos dessa sementinha plantada.

4. Referências bibliográficas

BRASIL. Estatuto da Criança e do Adolescente. Brasília: CBIA, 1990.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998.

Utilização de Tecnologias da Produção de Narrativas dos Anos Finais do Ensino Fundamental

Luciane Benites Hersing

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Universidade Aberta do Brasil

Curso de Especialização em Informática Instrumental para Professores do

Ensino Fundamental – 2ª Edição

bhersing@gmail.com

Resumo

O relato a seguir apresenta um estudo de caso do projeto de prática de ensino, realizado nas aulas de Artes de uma Escola de Ensino Fundamental, da Rede Municipal de Ensino. Este trabalho descreve uma possibilidade de integrar o trabalho de artes cênicas envolvendo a leitura de textos dramáticos, a improvisação teatral, o jogo cênico e a representação teatral com as ferramentas para produção *storytelling*, criando *storyboards* e vídeos no Laboratório de Informática da escola. Partindo da trajetória pessoal de cada aluno, relacionando suas vivências empíricas com as leituras dos mitos greco-romanos, buscou-se a criação de narrativas individuais e coletivas, desenvolvendo a oralidade e a expressão corporal através da encenação e representação teatral; tendo como objetivo a escrita de narrativas, estruturação de roteiros, a criação dos desenhos das cenas em sequência para a gravação e edição de vídeos com o uso de tecnologias na aula de Artes.

Palavras-chave: *Storyteller*. *Storyboard*. Teatro. Vídeo. Texto dramático. Narrativa. Tecnologia.

1. Introdução

Desde os primórdios da humanidade, residem no ser humano a necessidade e o desejo de comunicar sua história pessoal: das pinturas pictóricas narrando as caçadas e o ensino da sobrevivência para geração futura às linhas de tempo do *facebook*, na qual está sempre atualizando e narrado sua trajetória pessoal. A escola proporciona o encontro de muitas trajetórias pessoais, nesse encontro as narrativas colidem, fundem-se ou se complementam. Na escola se escreve diariamente uma nova página de um capítulo do conhecimento de cada indivíduo inserido no processo de aprendizagem. Assim, faz-se o seguinte questionamento: como transformar essas trajetórias pessoais em ferramentas que desenvolvam a motivação nos alunos para aprender? A sociedade contemporânea muda em velocidade acelerada na qual novas tecnologias e áreas do conhecimento surgem diariamente. O público discente precisa de aulas que despertem o interesse pela aprendizagem; aulas nas quais possam testar suas habilidades de pesquisa, o uso de aplicativos e tecnologias tão facilmente utilizados por jovens e crianças. Ao docente cabe o papel de pesquisador, procurando novas técnicas e tecnologias para integrar as várias áreas do conhecimento formando cidadãos conscientes, efetivos e autônomos em sua aprendizagem escolar, capazes de compreender a situação atual do país, escolhendo sua formação acadêmica e a sua futura atuação no mercado de trabalho. Mercado (1998, p.1) afirma que “Na chamada Sociedade da Informação, processos de aquisição do conhecimento assumem um papel de destaque e passam a exigir um profissional crítico, criativo, com capacidade de pensar, de aprender a aprender”. Os educandos do século XXI precisam de aulas que despertem o aprendizado mesmo em condições adversas.

O presente trabalho relata o estudo de caso do projeto de prática de ensino realizado nas aulas de Artes de uma Escola de Ensino Fundamental da Rede Municipal de Ensino. Durante o ano letivo de 2014, os alunos participaram de atividades envolvendo o uso de tecnologias, de leitura de textos dramáticos, de prática teatral e de criação de narrativas. O projeto Utilização de tecnologias na produção de narrativas

nos anos finais do Ensino Fundamental descreve uma possibilidade para unir o trabalho de artes cênicas envolvendo tecnologias como ferramentas para produção de narrativas no processo de ensino-aprendizagem.

Objetivos:

1. Objetivo Geral:

Criar vídeos sobre os textos dramáticos lidos e encenados nas aulas de teatro, a partir dos conceitos de *storyboard* e *storytelling* nas aulas de Artes com o auxílio dos recursos audiovisuais do Ambiente Virtual de Aprendizagem/Laboratório de Informática da Escola.

1.2. Objetivos Específicos:

- Identificar as características dos textos dramaturgic e narrativo junto com os professores;
- Praticar com os alunos o uso das ferramentas dos sistemas operacionais Linux e Windows e seus aplicativos e com as tecnologias dos editores de vídeo *Movie Maker* e *Camtasia Studio*.
- Analisar as etapas da produção das cenas teatrais, os textos e *storyboards* produzidos e as etapas de gravação e edição do vídeo.
- Analisar e tabular os questionários aplicados com os alunos dos anos finais e professores.
- Avaliar cada etapa do projeto e verificar se os objetivos foram atingidos ao final do processo.

2. Desenvolvimento

A primeira etapa para o fazer teatral foi o conhecimento do próprio corpo; primeiro conhecê-lo para depois torná-lo expressivo. Na segunda etapa, os exercícios realizados foram retirados de *A porta aberta*, de Peter Brook (2005). O objetivo dos jogos era tornar cada aluno consciente do seu corpo, de suas possibilidades corporais; compreendendo o teatro não como um acontecimento cultural, mas sim como um acontecimento de cultura. A cultura da própria vivência pessoal do aluno, suas experiências e sua história contada através do seu corpo em cena.

Os conceitos de *storytelling* e de *storyboard* foram discutidos em aula e todos os grupos experimentaram criar pequenos textos com histórias curtas e *storyboards* para cada texto. A etapa seguinte foi a produção de vídeos em equipes de trabalho; utilizando os celulares e tablets, realizaram-se vídeos de dois a três minutos de duração.

3. Resultados e discussão

O projeto colaborou para motivar a auto expressão e escrita das histórias e narrativas de cada aluno. Usando as ferramentas *storyboard* e vídeo conseguiu-se que alunos que não gostam de se expor contassem histórias. Os mais extrovertidos motivaram-se a atuar e serem os atores das narrativas. O principal resultado foi conseguir unir arte, expressão e criação de narrativas, envolvendo tecnologias para motivar uma turma heterogênea na qual alguns alunos amam desenhar, outros amam escrever e os outros que amam atuar e querem estar em cena.

Cada um colaborou com seus talentos e suas habilidades. Cada um teve seu momento de herói grego enfrentando uma tarefa hercúlea em prol de um objetivo maior. As *storytellings* estão na vida dos alunos nas redes sociais. A cada postagem os usuários contam suas vidas para uma grande plateia que aplaude no formato de um polegar na vertical. O professor é o *storyteller* da educação e se conseguir transformar sua aula em uma grande *storytelling*, o aluno será o protagonista e a aprendizagem sua grande odisseia; buscar tecnologias que beneficiem todos os alunos do mais atuante ao menos participativo.

Durante o projeto os alunos foram engajados, não faltavam às aulas, cobravam entre si empenho nas tarefas; pois havia um objetivo final e cada um deveria fazer a sua parte.

Saldo positivo ao final do projeto: Os alunos no 7º e 8º ano que foram a plateia do vídeo produzido seguem com o projeto no ano de 2015. Depois de assistirem ao vídeo, interessaram-se pelo projeto de criação de narrativas, tecnologias e atuação. O projeto atingiu o objetivo de produzir uma narrativa escrita, encenada, gravada e editada em formato de vídeo. A partir das leituras dos textos dramaturgicos, criação de narrativas, improvisações teatrais, desenhos das *storyboards*, filmagem e edição de vídeo, o projeto transformou os alunos em numa equipe integrada que construiu a *storytelling* do grupo a partir de suas narrativas pessoais. Passaram a ser os protagonistas da construção do próprio conhecimento com o uso de tecnologias.

4. Referências bibliográficas

AOKI, Vrgínia. EJA, Moderna: arte: ensino médio: Educação de Jovens e Adultos. São Paulo: Editora Moderna, 2013.

BAKHTIN, M. Marxismo e filosofia da linguagem. São Paulo: Hucitec, 1992.

_____. Estética da criação verbal. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

BARBA, Eugenio. Além das ilhas flutuantes. São Paulo/Campinas: Hucitec/Unicamp, 1991.

BELLONI, Maria Luiza. Educação à Distância. Campinas/SP. Autores Associados, 1999.

BOAL, Augusto. 200 exercícios e jogos para o ator e o não-ator com vontade de dizer algo através do teatro. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1885.

_____, Augusto. Teatro do oprimido e outras poéticas políticas. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1988.

BROOK, Peter. A porta aberta. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1993.

DONKIN, Andrew. William Shakespeare e seus atos dramáticos (Mortos de Fama) /Andrew Donkis; tradução Eduardo Brandão; São Paulo: Editora Claro Enigma, 2012.

ELÍADE, Mircea, Mito e Realidade. Trad. Pola Civelli. São Paulo: Perspectiva, 2011.

ESTÉS, Clarissa Pinkola. Mulheres que correm com os lobos: mitos e histórias do arquétipo da mulher selvagem. Trad. Waldéa Barcellos. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

FERRARI, Solange dos Santos Utuari et al. Por toda parte: volume único. São Paulo: FDT, 2013.

_____. Por toda parte: volume único. São Paulo: FDT, 2014.

- FREIRE, Paulo e SHOR, Ira. Medo e Ousadia. O cotidiano do professor. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.
- _____, Paulo. Pedagogia da autonomia. Saberes necessários à prática educativa. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.
- GIL, Antônio Carlos. Métodos e técnicas de pesquisa social. São Paulo: Atlas S. A. 2008.
- GROTOWSKI, Jerzy. Em busca de um teatro pobre. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira: 1987.
- KOUDELA, Ingrid Dormien. Jogos teatrais. São Paulo: Perspectiva, 1984.
- LABAN, Rudolf. O domínio do movimento. São Paulo: Summus, 1978.
- MASETTO, Marcos T. Mediação Pedagógica e uso da Tecnologia. Campinas/SP, Papirus, 2000.
- MORAES, Maria Cândida. Paradigma Educacional Emergente. Campinas/SP: Papirus, 1997.
- MORAN, José Manuel. Como Ver Televisão; leitura e crítica dos meios de comunicação. São Paulo/ SP. Edição Paulinas, 1991
- _____. Ensino e Aprendizagem Inovadores com Tecnologias Audiovisuais e Telemáticas. Campinas/SP. Papirus, 2000.
- _____. Como Ver Televisão: uso da imagem. In: Revista Brasileira de Informática na Educação. Vol; 8. Porto Alegre/RS. Sociedade Brasileira de Computação, 2001.
- MUSSALIM, Fernanda. BENTES, Ana Cristina (org.). Introdução a linguística: domínios e fronteiras, volume I. 9. ed. Ver. São Paulo: Cortez, 2012.
- PAREYSON, Luigi. Estética. Teoria dela formativtà. Torino: Edizioni di Filosofia, 1954.
- PROENÇA, Graça. Descobrimdo a História da Arte. Rio de Janeiro: Editora Ática, 2007.
- ROUBINE, Jean-Jacques. A linguagem da encenação teatral. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.
- STASHEFF, Edward; BRETZ, Rudy; GARTLEY, John. Dicionário de comunicação. São Paulo: Campus, 2002.
- SCHECHNER, Richard; Treinamento intercultural, IN: BARBA, Eugenio; SAVARESE, Nicola. Arte secreta do ator. Dicionário de antropologia teatral. (1995:247-248), São Paulo: Hucitec/Unicamp
- TWYMAN, Michael. O programa de televisão: sua direção e produção. Trad. e adapt. Luiz Antônio Simões de Carvalho. São Paulo. A schema for the study of graphic language. In: Paul A. Kolers, Merald E. Wrolstad; Herman Bouma (edit). Processing of visible language. Nova York e Londres: Plenum Press, v. 1, 1979. WONG, Wucius. Princípios de forma e desenho. São Paulo: Martins, 1998.
- YIN, Robert K, Estudo de Caso. Porto Alegre: Bookman Companhia ED, 2010.
- VASCONCELLOS, Luiz Paulo da Silva. Dicionário de Teatro. Porto Alegre: L&PM Editores S/A, 1987.
- SEVCENKO, Nicolau. No princípio era o ritmo: As raízes xamânicas da narrativa. In: RIEDEL, Dirce Côrtes Narrativa: ficção e história. Rio de Janeiro: Imago, 1998.
- MORAES, Maria Cândida. O Paradigma Emergente. São Paulo: PUC, 1997. Tese de Doutorado.

BENTES, Ivana. De Bergson ao Barroco eletrônico. In Revista Forum BHZ Vídeo nº 1. Festival de Vídeo de Belo Horizonte. 1992. <<http://leticiaparente.net/textos/ARTE%20TECNOLOGIA-BRASIL.pdf>> Acesso em 20/04/2015.

MARTINI, Renato. Inclusão Digital e Social. Revista Inclusão Social, Brasília, n.1, v. 1, p. 21-23, out. 2005. <http://www.br-ie.org/sbie-wie2011/WIE-Trilha1/93269_1.pdf> Acesso em 28/04/2015.

RANGEL, Mary. O sentido educacional da tecnologia revisto na discussão dos anos 70 aos 90: Retrospectiva de conceitos e princípios de análise. Linhas Críticas Revista da Faculdade de Educação – UnB, Brasília, v.9, n.17(2003). Disponível em: <periodicos.unb.br/index.php/linhascriticas/article/view/6428>. Acesso em: 28/04/2015.

VEIGA, Marise Schmidt. Computador e Educação? Uma ótima combinação. In.: BELLO, José Luiz de Paiva. Pedagogia em Foco, Petrópolis, 2001. Disponível em: <http://www.pedagogiaemfoco.pro.br/inedu01.htm>

DANTAS, Aritã M. Organizando a produção audiovisual. Mnemocine, [S. l.] Disponível em:<<http://www.mnemocine.com.br/cinema/principindex%20.htm#story>>. Acesso em: 22/03/2015.

LDB- Lei de Diretrizes e Bases da Educação Número: 9394/96 Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm. Acesso em: 21/03/2015

MOSÉ, Viviane. Nossos alunos precisam saber criar conhecimento. Por vir. 09/09/2013. Disponível em: <porvir.org/porpensar/nossos-alunos-precisam-saber-criar-conhecimento/20130909> [S.1] Acesso em: 28/04/2014

PCNS-Parâmetros Curriculares Nacionais Disponível em <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro06.pdf>> Acesso em 21/03/2015.

RENATO, Eduardo José. Informática e educação, 1997,05. [S. l.] <editorarealize.com.br/revistas/fiped/trabalhos/Trabalho_Comunicacao_oral_idinscrito_1890_f9389c323a71e258f3b92bee9b8d02d2.pdf> Acesso em: 20/04/2015.

CANAL DO ENSINO <canaldoensino.com.br/blog/html> Acesso em: 29/04/2015.

DICIONÁRIO ON LINE DE LÍNGUA PORTUGUESA. Disponível em <www.dicionariodoaurelio.com> Acesso em: 20/04/2015.

DICIONÁRIO LINGUEE <<http://www.linguee.com.br/>> Acesso em 27/07/2015.

IBGE. Disponível em <<http://www.ibge.gov.br/>> Acesso em: 20/04/2015

PORTAL DO MEC. Disponível em <<http://www.mec.gov.br/>> Acesso em: 20/04/2015

HOUAISS, A. Dicionário eletrônico da Língua Portuguesa. Rio de Janeiro: Objetiva: Versão 2.0. [CD-ROM]. 2008.

Cinesant'Anna: Uma Experiência com Cinema na Escola

Catiuscia Bordin Dotto

Colégio Franciscano Sant'anna
catiuscia_sm@yahoo.com.br

Alessandra Moro Dotto

Colégio Franciscano Sant'anna
amdotto@gmail.com

Andreliisa Goulart de Mello

Colégio Franciscano Sant'anna
andrelaizes@gmail.com

Resumo

Este texto apresenta a experiência pedagógica desenvolvida na oficina Cinesant'Anna. A proposta faz parte do Projeto: Oficinas de pesquisa: despertando saberes no ensino médio, o qual tem como objetivo propor oficinas de pesquisas, considerando o interesse, autonomia e a criatividade do educando no processo de construção do seu conhecimento. A oficina Cinesant'Anna realizou-se durante o primeiro semestre de 2016 no Colégio Franciscano Sant'anna, Santa Maria – RS, envolvendo trinta alunos das diferentes séries do Ensino Médio, no turno inverso das aulas e sob coordenação das áreas de Língua Portuguesa e Artes. O objetivo específico da oficina foi desenvolver a autonomia e a criatividade dos educandos, através da produção de audiovisuais, considerando a linguagem artística como um instrumento de aprendizagem significativa. Trabalhar com a prática pedagógica de produção de audiovisuais fortalece o ensino e demonstra que a escola é um espaço de diferentes metodologias, desenvolvendo caminhos que aproximam o estudante entre teorias e práticas. O resultado foi percebido a partir da experiência, do cinema como ferramenta pedagógica a qual desenvolveu diversas habilidades e competências em um processo coletivo, com produções autênticas, criativas e autônomas, momento em que se observou a interação entre educador e educando na construção dos conhecimentos, sobretudo, nas produções dos vídeos, bem como, o interesse dos educandos na pesquisa, na elaboração dos roteiros e na produção final dos vídeos. Ademais, a oficina contribui para a ampliação de situações problemas e atividades que exigem do educando e do educador relações de corresponsabilidade, momento que educador media e orienta ações de ensino-aprendizagem e o educando participa de forma cooperada, conectada e consciente.

Palavras-chave: Cinema na Escola, Espaços Educativos, Ensino-aprendizagem.

1. Introdução

A oficina Cinesant'Anna desenvolveu-se no primeiro semestre de 2016, envolvendo trinta alunos das diferentes séries do Ensino Médio do Colégio Franciscano Sant'anna. A oficina faz parte de um projeto amplo denominado: Oficinas de pesquisa: despertando saberes no Ensino Médio, o qual tem como objetivo propor oficinas de pesquisas, considerando o interesse, autonomia e a criatividade do educando no processo de construção do seu conhecimento. Neste sentido, a oficina Cinesant'Anna foi uma das propostas do projeto que uniu dois componentes curriculares: Língua Portuguesa e Artes, com o objetivo de desenvolver a autonomia e a criatividade dos educandos, através da produção de audiovisuais, considerando a linguagem artística como um instrumento de aprendizagem significativa.

Elaborar uma oficina que promova a apreciação e a produção cinematográfica é um processo que exige planejamento, organização e mobilização de pessoas que possam implementar as atividades propostas. Desse modo, trabalhar com cinema na escola é um mecanismo de ampliação das diferentes

linguagens por tratar-se de uma área complexa a qual envolve inúmeros aspectos que dizem respeito à formação integral do educando. Produzir cinema não condiz com apenas filmar imagens a partir de uma história e editá-las. Implica em uma atividade que pode provocar o aluno a abordar, pesquisar e discutir os mais diversos temas, os quais venham a contemplar os conteúdos das demais disciplinas, e que ainda, possam relacionar-se com temas transversais que dizem respeito às necessidades da faixa etária.

Além disso, estimula que os jovens educandos vivenciem diferentes espaços escolares com distintas formas de construção do conhecimento, na intenção de minimizar os impactos disciplinares orientadores da base comum curricular, na perspectiva de criar elos entre as disciplinas, grupos de trabalhos cooperados, para a sistematização de atividades que sejam cada vez mais transdisciplinares. Segundo as Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio, artigo 13:

As unidades escolares devem orientar a definição de toda proposição curricular, fundamentada na seleção dos conhecimentos, componentes, metodologias, tempos, espaços, arranjos alternativos e formas de avaliação, tendo presente: III – a pesquisa como princípio pedagógico, possibilitando que o estudante possa ser protagonista na investigação e na busca de respostas em um processo autônomo de (re)construção de conhecimentos. (BRASIL, 2012, p. 4)

Nesse sentido, a interdisciplinaridade e a contextualização podem ser desenvolvidas transdisciplinarmente através dos diferentes componentes curriculares, propiciando a interlocução entre os saberes e os diferentes campos do conhecimento. Assim, a oficina Cinesant'Anna é uma possibilidade curricular que traz em sua essência a pesquisa como princípio pedagógico, na tentativa de driblar e superar a fragmentação dos saberes. O cinema em sala de aula pode se desenvolver como uma experiência que segundo Fresquet:

[...] renova, no aprendizado, a vitalidade do aprender, como ação e movimento. Faz parte do aprendizado dessa arte, descobrir aquilo que o cinema mostra e oculta e, nesse exercício de olhar e de escutar, desvendamos mais uma pista fundamental para a educação, que consiste em restaurar o mistério, como elemento intrínseco da construção do conhecimento em um determinado espaço e tempo. (FRESQUET, 2013, p. 123)

Para Rocha (et. al., 2009, p.28): “Quando a disciplinaridade e as disputas escolares dela decorrentes são impostas aos adolescentes, no início do ensino médio, ativa-se simultaneamente o complexo de especialização [...]”. Considerando essa dimensão de disciplinaridade e especialização, ainda vigente nas nossas escolas, cabe ao corpo docente e diretivo das instituições de ensino elaborarem propostas pedagógicas que evidenciem ações condizentes com a realidade dos jovens educandos do século XXI. Por isso, a ideia de propor oficinas de pesquisas, considerando o interesse, autonomia e a criatividade do educando no processo de construção do seu conhecimento, justifica-se pela necessidade da escola dialogar com seus componentes curriculares na intenção de integrar os jovens no percurso escolar, sendo imprescindível garantir:

[...] o aprofundamento de conhecimentos e o desenvolvimento de habilidades e competências específicas para continuar aprendendo, de modo a ser capaz de enfrentar novas condições de ocupação e aperfeiçoamento posteriores, além de contemplar a formação humana integral, incluindo a formação ética e estética, o desenvolvimento da autonomia intelectual e do pensamento crítico que irão assegurar-lhe a qualidade de vida tanto no campo pessoal como no campo profissional. (COLÉGIO FRANCISCANO SANT'ANNA, 2015, P.134)

Nesse sentido, Pérez Gómez (2015, p. 146) nos lembra que “nós, professores, portanto, temos de ser aprendizes do século XXI e testemunhas vivas da aprendizagem por projetos em grupos colaborativos para lidar com problemas complexos em contextos reais”. Trabalhar na perspectiva de projetos em turno inverso fortifica as relações entre educadores e educandos, estimula o interesse, a participação e a criatividade, pois os jovens são direcionados a escolherem a forma de trabalho e de pesquisa que despertam interesse e vocação profissional, além de impactar na formação e nas relações pessoais.

Ademais, a proposta da oficina Cinesant'Anna no contexto escolar do Colégio Franciscano Sant'Anna acolhe o cumprimento da Lei Nº 13.006/2014 (BRASIL, 2014), a qual define a obrigatoriedade da exibição de filmes nacionais na educação básica, bem como, atende as especificidades das Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais para a Educação Básica, principalmente no que se refere ao capítulo II, sobre a formação básica comum e parte diversificada com destaque especial para o artigo 17, qual diz que:

No Ensino Fundamental e no Ensino Médio, destinar-se-ão, pelo menos, 20% do total da carga horária anual ao conjunto de programas e projetos interdisciplinares eletivos criados pela escola, previsto no projeto pedagógico, de modo que os estudantes do Ensino Fundamental e do Médio possam escolher aquele programa ou projeto com que se identifiquem e que lhes permitam lidar melhor com o conhecimento e a experiência.

§ 1º Tais programas e projetos devem ser desenvolvidos de modo dinâmico, criativo e flexível, em articulação com a comunidade em que a escola esteja inserida.

§ 2º A interdisciplinaridade e a contextualização devem assegurar a transversalidade do conhecimento de diferentes disciplinas e eixos temáticos, perpassando todo o currículo e propiciando a interlocução entre os saberes e os diferentes campos do conhecimento. (BRASIL, 2010, p.7, grifo nosso).

Portanto, o Colégio Franciscano Sant'Anna, direciona seus encaminhamentos pedagógicos no sentido de produzir novos espaços de ensino e aprendizagem para os estudantes, sendo que estes estão em consonância com as políticas públicas educacionais. Assim, entendemos que a oficina Cinesant'Anna ofertada pela escola e equipe docente, é uma proposta inovadora que se direciona para atendimento das características dos jovens estudantes do século XXI.

2. Desenvolvimento

Na formação pedagógica de dezembro de 2015 e fevereiro de 2016 foi lançada a proposta do projeto - "Oficinas de pesquisa: despertando saberes no ensino médio", os professores foram convidados a elaborar propostas de oficinas na perspectiva transdisciplinar para os educandos de 1ª e 2ª séries do ensino médio e apresentar a coordenação pedagógica em um prazo estipulado, seguindo um modelo que deveria conter: Título; nome dos professores e disciplinas envolvidas (poderia ser individual, ou duas e até três disciplinas no mesmo projeto); justificativa; objetivo geral e específico; metodologia; duração (data de início e término/ quantidade de aulas) e resultados parciais e/ou expectativas.

A equipe pedagógica ficou encarregada de selecionar e divulgar os resultados dos projetos, o período de duração por trimestre e gestar as inscrições dos alunos. Foram selecionadas quatro oficinas para serem desenvolvidas no período de abril a julho, entre elas a oficina Cine Sant'Anna.

O desenvolvimento da oficina Cinesant'Anna, foi planejado a partir do seu histórico de trabalho realizado em 2015, o qual contou com o conhecimento da disciplina de Artes, juntamente com os alunos da 1ª série do Ensino Médio, e de Língua Portuguesa, com alunos da 2ª série do Ensino Médio. Os alunos foram instigados a produzir materiais audiovisuais, nas suas mais distintas linguagens. Dentre as produções, três filmes produzidos foram selecionados no CINEST, Festival de Cinema Estudantil de Santa Maria, que se realizou no mês de outubro. Essas práticas pedagógicas motivaram a continuação das ações, o que consequentemente resultou na proposição da oficina Cinesant'Anna para o ano de 2016.

Metodologicamente a oficina foi organizada da seguinte forma: oferta de trinta vagas (30), período de inscrição dos alunos, planejamento de nove (9) encontros com duração de duas horas e meia. A oficina Cinesant'Anna se desenvolveu no turno inverso ao turno escolar.

Cabe retomar, que uma das propostas da escola é destinar parte da carga horária do Ensino Médio ao desenvolvimento das oficinas nas mais distintas áreas, os quais são idealizados pelos professores. Desta forma, se permite que os professores realizem atividades interdisciplinares e, ainda, que trabalhem com alunos que demonstram interesse naquela área ou linguagem. Portanto, os alunos

participantes, um total de trinta, tiveram interesse e elegeram trabalhar com a produção audiovisual, ou seja, partimos do pressuposto de que para a efetividade da experiência existe “o desejo de quem aprende, sua observação atenta, curiosa, interessada” (Fresquet, 2013, p. 49.). Outro fator relevante é que esses alunos eram provenientes das 1º, 2º e 3º séries do Ensino Médio.

O planejamento inicial partiu da contextualização, seguida da apreciação de filmes nacionais. Nesse ínterim, buscou-se motivar os alunos à escolha da linguagem cinematográfica utilizada, assim como das referências temáticas. Desse modo, no primeiro encontro, além de ser apresentada a proposta, foi realizada uma sessão de cinema. Educadoras e educandos assistiram uma seleção de curtas que envolviam os mais distintos gêneros. Também participaram dessa mostra os três filmes realizados no ano de 2015 que haviam sido selecionados para o CINEST. A partir dessa mostra abriu-se uma discussão sobre aspectos presentes nas obras assistidas, já motivando os alunos a pensarem sobre que tema que gostariam de abordar em suas produções.

Nesse primeiro momento, destinado à apreciação, o objetivo foi pensar o cinema quanto objeto artístico, embora seu uso mais cotidiano no ambiente escolar seja o de promover uma discussão sobre algum tema transversal, pois segundo Bergala (in Fresquet, 2013, p. 45) “[...] o melhor que a escola pode fazer pelo cinema é falar dos filmes como obras de arte e de cultura. Esse desafio pressupõem superar a tradição do cinema como linguagem, predominante no contexto escolar.” Nesse caso, foram analisadas as obras apresentadas pensando no que propõem Bergala segundo Fresquet (2013, p. 45) em “[...]deslocar o foco da leitura analítica e crítica dos filmes para uma leitura criativa, que coloque o espectador no lugar do autor...” Em sua maioria, a seleção mostrada foi de filmes brasileiros; considerando a Lei nº 13.006/2014 (BRASIL, 2014), que obriga a apresentação de filmes nacionais nas escolas com determinada periodicidade, e, especialmente, filmes que não se destinam a um circuito comercial. Para Bergala (in Fresquet, 2013, p. 45) a “exposição” a diversos filmes acaba por “fomentar a construção progressiva de uma cultura cinematográfica”.

No segundo encontro foram estabelecidos os grupos de trabalho e o objeto de produção, os estudantes passaram a pensar os filmes que seriam produzidos, sendo divididos em quatro grupos que originariam quatro trabalhos distintos. Já nos grupos, tiveram acesso a um modelo de roteiro e uma explanação sobre como poderiam construir uma história. O encontro foi para iniciar essa produção e, enquanto os alunos discutiam suas ideias puderam contar com a orientação individualizada das professoras.

O terceiro encontro ainda foi destinado para a produção do roteiro. Nesse momento alguns grupos passaram a apresentar maiores dificuldades do que outros. Além disso, nesse momento observou-se a importância da pesquisa no ensino médio, assim a colaboração das professoras no desenvolvimento das atividades mostrou que os estudantes “[...] vão adquirindo familiaridade com essas práticas e acabam por incorporá-las, tornando suas tarefas escolares mais produtivas e, até mesmo, mais agradáveis e, consequentemente, mais adequadas a sua futura vida científica e profissional (SEVERINO, 2012).

A partir do quarto até o oitavo encontro iniciaram-se as gravações as quais deveriam ser acompanhadas pelos professores. Dessa forma, foi necessário, a cada semana desenvolver um cronograma de filmagem com os grupos para que fosse possível manter todas as locações desejadas. Também foram nesses encontros que se conseguiu demonstrar que:

O estudo no Ensino Médio deve ser uma iniciação ao estudo individual, com autonomia pessoal, com processo de busca e investigação; o aluno deve passar a buscar por conta própria, tentando descobrir e obter conhecimentos que precisa adquirir. (SEVERINO, 2012, p. 31).

Foi nessa etapa, que se observou a autonomia e a criatividade de alguns grupos de trabalho. Momento em que os alunos sentiram e experienciaram a transposição da teoria para a prática. Assim, tomadas às imagens, foi direcionado o momento de finalização dos filmes, compondo o trabalho de edição.

A culminância ocorreu no último encontro em uma sessão onde foram exibidos os filmes produzidos. Nesta etapa final, a oficina contou com a presença de um profissional que trabalha com cinema na cidade de Santa Maria à quem foram apresentados os filmes produzidos. Nesse momento, o convidado estabeleceu comentários críticos sobre cada produção, os educandos puderam refletir sobre as suas produções. Além disso, foi um momento de troca de experiências, discussões e diálogos sobre a produção de vídeos.

3. Resultados e discussão

Terminadas as etapas de desenvolvimento do trabalho da oficina Cinesant'Anna, cabe refletir sobre o processo que se estabeleceu entre educadoras e educandos. Pois, tão logo iniciadas as atividades do projeto observou-se que muitas questões e dúvidas foram aparecendo. Como esta foi uma experiência piloto, e nenhuma das professoras propositoras possuía formação na área do audiovisual; o trabalho também aconteceu como processo de aprendizagem para ambas. Assim questionou-se durante o processo: Como motivar os alunos a produzirem algo de sua autoria? Que métodos poderiam auxiliar no processo? Como construir um espaço educativo de ensino-aprendizagem significativo?

Para Pérez Gómez (2015, p. 261, grifo do autor): “Os ambientes de aprendizagem como investigação na escola devem se tornar espaços de trabalho e vivência em vez de locais de recepção de estudos. Neste sentido, buscou-se criar um espaço educativo de ensino-aprendizagem que trouxesse realmente a vivência do cinema na escola. Desse modo, um dos principais resultados, foi a conquista desse espaço, pois visualizou-se o quanto é oportuno e rico metodologicamente para a escola proporcionar momentos diferenciados de ensino-aprendizagem. São através e com esses espaços que os educandos desenvolvem a criticidade, autonomia, criatividade e integração.

Segundo Fresquet (2013, p. 40) “Nada mais estranho que a arte no contexto escolar. Arte não obedece, não repete, não aceita sem questionar. Arte reclama, desconstrói, resiste com certa irreverência”. Se pensarmos, conforme a autora enfatiza, a escola como um espaço de regras, a escola geralmente como um contexto de conformidades, rapidamente percebemos o espaço proposto pela criação em arte como um espaço de desestabilização dessas regras. A experiência com o cinema desconstrói os formatos educativos tradicionais. E nessa tensão criada, entre o cotidiano desse contexto escolar e o espaço pedagógico propiciado pela arte algumas situações permearam as ações pedagógicas. Foi possível perceber as dificuldades encontradas pelos grupos, isto é, na cooperação, e relacionamento nos diferentes agrupamentos, além disso, a ausência de recursos tecnológicos sofisticados também foi um quesito de dificuldade, mas não de limitação, pois os alunos encontraram meios de driblar essa situação e trabalharam com recursos próprios e com diferentes técnicas de filmagem e produção, alguns utilizaram câmeras próprias, emprestadas, celulares, tripés, entre outros.

Outra dificuldade encontrada foi a elaboração dos cronogramas de filmagens, tendo em vista que tínhamos quatro grupos e duas professoras que deveriam acompanhar esses alunos integralmente. Esse será um dos aspectos a ser repensado para uma próxima edição, pois se percebeu que é possível trabalhar com grupos maiores de alunos, porém, orientados de uma maneira diferente; é necessário deixar claro que cada aluno deve ocupar uma função específica dentro da produção, ao contrário do que realizamos onde todos participavam de tudo. Nesse sentido, é importante dar mais ênfase às funções de cada profissional que aparece nos créditos de um filme. Não que isso não seja produtivo, acredita-se que sim, mas é importante a definição das funções e o esclarecimento de cada uma das etapas da produção até a sua finalização, isso ajuda o aluno perceber a complexidade e a organização sistemática necessária para o êxito do trabalho que será sempre em conjunto.

Ao final do trabalho os próprios alunos perceberam que organização é fundamental para uma próxima experiência, tanto no sentido mencionado no parágrafo anterior, de ter uma equipe consistente e responsável; mas especialmente no que diz respeito ao roteiro. Durante as gravações os alunos ficavam

confusos, e perdiam tempo justamente pelo fato do roteiro não apresentar detalhadamente a cena que seria gravada. Isto gerava, no momento da ação, uma discussão entre o grupo sobre como deveriam realizar a mesma. É importante que os alunos compreendam e desenvolvam linhas de planejamento, que consigam entender que há um processo, um roteiro, cenas a pensar, detalhes a filmar, para que se consiga a cena perfeita que realmente vá impactar e dar o sentido, ou seja, transmitir a mensagem do filme, decodificar os símbolos e por fim, produzir a magia que o cinema consegue movimentar em que assiste.

Talvez alguns desses aspectos, poderiam ter sido sanados se tivéssemos realizado uma das ações que estava prevista e que não aconteceu: ter a presença de um profissional do cinema, alguém que tivesse experiência com audiovisual, para uma intervenção junto ao grupo, ainda nos momentos iniciais do projeto. Esta fala acabou acontecendo no último dia do projeto, quando os filmes foram apresentados e um profissional qualificado teceu comentários críticos. Embora um momento rico de aprendizagem, tais comentários poderão ser aproveitados, em termos de produção, apenas em uma próxima experiência.

Segundo Pérez Gómez (2015), é importante construir contextos educativos, nos quais:

A pluralidade e a flexibilidade são a chave dos novos contextos escolares de aprendizagem. É necessário estabelecer uma configuração diversificada de espaços multiuso e tempos flexíveis a serviço dos projetos de aprendizagem: espaços de trabalho individual e estudo, espaços de trabalho em grupo e espaços de comunicação, exposição, discussão e debate. São necessários ambientes diversificados, polivalentes e ricos em recursos didáticos e humanos. Isso significa romper as fronteiras entre a escola, a cultura e a sociedade e abrir e integrar a escola à sociedade, de modo que se possa tirar proveito da riqueza cultural da família e da sociedade: voluntários, famílias, aposentados, profissionais, etc. (GÓMEZ, p.161)

Neste sentido, durante o processo de produção ficou evidente que o cinema como proposta pedagógica cria um outro espaço educativo, efetivado em outro tempo. Para Fresquet (2013, p.52) “A importância mais radical da introdução do cinema no contexto escolar consiste em salvaguardar um espaço e um tempo para o encontro [...]” A autora refere-se especialmente à um encontro simbólico com o espaço da criação imagética pertinente à infância. Mas esta fala remete à nossa experiência no Cinesant’anna em relação ao encontro entre nós, professores e alunos que nos vemos todos os dias no ambiente escolar, e que durante o processo de produção de cinema nos encontramos; alguns pela primeira vez. O espaço provocado pela arte gera uma aproximação entre os alunos, especialmente neste caso, onde estes eram provenientes de distintas séries do Ensino Médio. A relação entre alunos e professores envolvidos também se reelabora, existindo uma aproximação diferenciada e que acaba repercutindo em sala de aula.

Portanto, sem dúvida, os resultados qualitativos observados foram: o desenvolvimento crítico, autônomo e de emancipação na construção dos conhecimentos cinematográficos e o envolvimento dos estudantes nas suas produções, especialmente, a aproximação entre as pessoas envolvidas que o cinema como pedagogia possibilita. Podemos afirmar que os alunos e educadores envolvidos agora são outros; tornaram-se indivíduos afetados sensivelmente pela experiência de produzir cinema. A escola também, já é outra, assim como considera Fresquet:

O cinema provoca o devir da escola, prevê uma outra escola, renovando-se pelo exercício que só a alteridade permite. Eu diria que o cinema inclina a escola para frente, mas também para trás, para os lados, ele a deixa de “pernas para o ar” mais de uma vez; basicamente ele a desestabiliza. (FRESQUET, 2013, p.62)

Essa movimentação que a arte provoca, essa desconstrução de alguns espaços, para a construção do conhecimento em um processo coletivo reverbera em outras ações dentro do contexto escolar. Torna, principalmente, o espaço da escola um espaço de pertencimento, por parte dos educandos que figuram-se autores do seu próprio processo; e por parte dos educadores que promovem uma pedagogia permeada pelo afeto.

4. Referências bibliográficas

BRASIL. Parecer nº 7 de 7 de abril de 2010. Define as Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais para o Ensino Básico. Brasília: Diário Oficial, 9 de julho de 2010. Acessado em 10 de set. Online. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br>.

_____. Resolução nº 2 de 30 de janeiro de 2012. Define as Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio. Brasília: Diário Oficial, 31 de janeiro de 2012. Acessado em 10 de set. Online. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br>.

_____. Lei Nº 13.006, de 26 de Junho de 2014. Acrescenta § 8º ao art. 26 da

Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para obrigar a exibição de filmes de produção nacional nas escolas de educação básica. Acessado em 10 de set. Online. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br>.

COLÉGIO FRANCISCANO SANT'ANNA. Projeto Político Pedagógico 2015 a 2018. Santa Maria: Colégio Franciscano Sant'Anna, 2015.

FRESQUET, Adriana, Cinema e Educação Reflexões e experiências com professores e estudantes de educação básica dentro e “fora” da escola. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2013.

PÉREZ GÓMEZ, Á. I. Educação na era digital: a escola educativa. Porto Alegre: Penso, 2015.

ROCHA FILHO, J. B. (et al.). Transdisciplinaridade: a natureza íntima da Educação Científica. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2009.

SEVERINO, A. J. Ensinar e aprender com pesquisa no ensino médio. São Paulo: Cortez, 2012.

Vamos fazer um Filme na aula de Teatro

Mariana Bueno F. F. De Fraga

*E.M.E.F. Maria Gusmão Brito/ São Leopoldo
amigosdamari@yahoo.com.br*

Resumo

O texto nos fala da experiência didática de incluir a produção de um filme (curta metragem) nas aulas de teatro. Como surgiu a ideia, como foi a receptividade dos alunos a essa proposta pedagógica, qual a participação de cada um nesse projeto e quais os ensinamentos esse processo criativo trouxe para o grupo de alunos, para a escola e para a professora envolvida.

Palavras – chave: Filme, Aprendizado, Alunos, Autonomia, Mídias Digitais.

1. Introdução

O início dessa aventura com meus alunos iniciou em abril desse ano, ao ser convidada pela equipe do projeto São Léo em Cine para falar aos colegas da rede municipal de São Leopoldo sobre a elaboração de roteiro para vídeo estudantil. Então, após estudar sobre a Jornada do Herói, ou Monomito criado por Joseph Campbell, os conceitos de argumento, sinopse e os programas existentes para montar um roteiro para cinema me senti preparada para dividir esses conhecimentos com meus colegas. Além do meu relato ouvi outros colegas professores, falando de suas vivências com vídeos nas suas aulas. Este foi o empurrão do qual precisava para retomar a atividade (fazer vídeos) nas minhas aulas de artes. Já utilizei muito esse recurso nas apresentações de teatro, além de propor aos alunos que criassem vídeos de determinada peça. Porém o trabalho era mais simples e sem algumas preocupações estéticas, como ângulos, movimentos de câmeras, definição de um roteiro prévio, etc. Agora a proposta era diferente, estaríamos participando de um concurso e deveríamos cuidar bem de todas as etapas de um filme, não apenas fazer um trabalho para ganhar nota.

2. Desenvolvimento

Então, após uma semana de formação e cheia de ideias, conversei com minha turma de 9º ano da E.M.E.F. Maria Gusmão Brito sobre a proposta de fazermos um filme a fim de participarmos do concurso São Léo em Cine. De imediato aceitaram. Expliquei quais eram as etapas a seguir e iniciamos pela escolha das histórias. Pedi que cada dupla ou trio escrevesse uma história que abordasse o universo juvenil. Na aula seguinte, após uma breve leitura dos argumentos, selecionamos dois. Toda a turma se dividiu de acordo com seu interesse, mas respeitando o número de componentes de cada grupo- 14. A partir daí, defini a função de cada aluno nos vídeos. Apesar de conhecê-los pouco (esse é meu primeiro ano nessa escola) eu já havia testado suas habilidades dramáticas numa encenação para o 6º ano. Desse modo, já sabia quem eram os inibidos, os extrovertidos e os mais responsáveis do grupo. Nesse momento já tínhamos editores, roteiristas, produtores, atores, figurantes e câmeras.

A etapa seguinte foi contatar a colega do laboratório de informática da escola para que ela ajudasse os alunos roteiristas na utilização do programa *Celtx* (programa utilizado para elaboração de roteiros para cinema). Na sala segui com os demais rascunhando falas e situações de cada história. A definição dos nomes dos filmes gerou discussões. Pode isso Arnaldo? Era a escolha da turma, tentei, sem sucesso que trocassem de nome. Como estavam firmes nessa decisão. Eles queriam sim fazer uma alusão

ao comentarista de futebol. Como era voto vencido, pedi que em alguma cena o personagem Arnaldo fizesse uso da fala do tal comentarista. Assim teríamos um sentido para o título.

Nossas aulas seguiram, avaliações, atividades de improvisações em grupos, enquanto os colegas montavam o roteiro dos filmes. Esse período foi de ansiedade. Alguns alunos me perguntavam nos corredores quando íamos gravar o filme. Expliquei ao grupo que por se tratar de uma atividade escolar deveríamos seguir certas regras, como solicitar a autorização da equipe diretiva para sair da sala de artes e perambular pela escola. Acho importante frisar que essa foi a primeira experiência com vídeos realizada na escola. E a direção acolheu a proposta de forma positiva, me deu total liberdade para utilizar os espaços da escola. Nós soubemos aproveitar bem isso, gravamos inclusive nas salas administrativas sem qualquer senão das colegas. Também foi autorizada junto aos pais, a saída de alguns alunos para gravações externas no entorno da escola- na praça e nas calçadas e perto de lojas.

Em agosto desse ano, na volta do recesso escolar iniciamos nosso trabalho de captação de imagens. Essa tarefa foi executada dentro dos meus dois períodos semanais com a turma (1h 50m) e foi toda feita pelos alunos, eu, apenas, os orientava em relação ao silêncio necessário para a gravação, sugeria certas movimentações de câmeras e ângulos, mas quem fez toda a parte de filmagem foram eles. A captação das cenas foi realizada na maioria com os celulares dos jovens. Objeto inseparável dessa nova geração. Mesmo com a proibição do seu uso pela escola, o aparelho foi permitido nas nossas filmagens. Afinal, como diz Feixa (2006, p.93) os celulares são “um produto de primeira necessidade” para os nossos jovens. Assim, achei por bem, aceitar o uso dos telefones, mas sempre com responsabilidade. Os alunos foram instruídos a ter muito cuidado com o material gravado, não poderiam expor nas redes sociais, nem compartilhar com amigos. Tudo que foi gravado era para o uso no filme. Inclusive a cena na sala de Matemática foi toda organizada pelo grupo. Minha tarefa foi pedir a participação da colega na cena. Tivemos dificuldade para gravar em determinados espaços, os quais estavam no roteiro original- loja de roupas, ótica, lanchonete. A demora para autorizar as filmagens e a logística do deslocamento dos alunos até os locais escolhidos fez com que tivéssemos que adaptar algumas cenas. Utilizamos outros “sets”: uma rua, calçadas, fachada de lojas (Pet Shop) e uma praça perto da escola. Além desses contratemplos, tivemos de lidar com a falta de bateria e memória das câmeras e celulares no meio das gravações, do pouco tempo de cada encontro para captar o máximo de cenas, e até as intempéries como chuva bem na hora da nossa externa. Todos esses pequenos problemas causaram um atraso na etapa final - a edição dos filmes. A primeira ideia era editar no laboratório de informática da escola, até fizemos uma tentativa, mas os poucos recursos do editor de vídeos instalado lá, nos fez buscar outra solução: utilizar os notebooks dos alunos na sala de artes. E foi assim, que montamos os filmes. Os alunos responsáveis pela edição levaram seus notebooks para a escola e ali na sala de artes, eles mostraram todos seus conhecimentos com os programas – utilizaram o Sony Vegas Pro 13. Eu apenas dava algumas sugestões, mas quem pôs as “mãos na massa” foram eles. Até porque eu pouco conheço os recursos deste editor. Assim, confiei nos meus alunos conforme Leitão (2006):

No caso das trilhas virtuais, os guias experientes parecem ser os jovens, que não cansam de surpreender os adultos pela facilidade com que navegam pela Rede, pela espontaneidade com que habitam as salas de bate-papo e de jogos on-line e pela criatividade com que constroem blogs e sites, marcando presença no ciberespaço (LEITÃO, 2006, p.73).

3. Resultados e discussão

Essa foi nossa primeira experiência com filmes na escola. E já nos trouxe muitos resultados positivos. Um dos alunos responsável pela edição do filme mostrou-se compenetrado na tarefa, foi detalhista e participou como nunca antes nas minhas aulas. Soube que ele estava enfrentando um período difícil, andava deprimido, começando um tratamento médico e por isso, não participava das aulas. Agora, após essa vivência com seus colegas ele está muito mais próximo de nós. Ouvi comentários de colegas que em outras disciplinas ele está mais interessado. Acredito ter dado a ele uma parte de grande responsabilidade – a edição do filme, o fez querer ser melhor. Tanto que está mais empenhado em

conseguir sua aprovação no ensino fundamental, algo que meses atrás ele dava como perdida. Hoje ele sorri, está mais alegre e enturmado. Participou da cerimônia de premiação do concurso São Léo em Cine junto dos colegas, vestido com roupas formais, fotografando junto dos demais alunos e opinando sobre as premiações.

A união da turma é outro ponto a ser visto, pois mesmo competindo entre eles (temos dois filmes no concurso) o grupo se mostrou colaborativo. Na cena da aula de matemática do vídeo “Pode isso, Arnaldo?” toda a turma participou, mesmo aqueles do outro vídeo. Não houve má vontade na hora de ajudar os colegas a gravarem a cena.

Percebi que a consciência coletiva aflorou, todos se sentiram importantes, não houve um destaque para os alunos que foram atores, ou para quem trabalhou atrás das câmeras. Tanto que na montagem dos banners definimos que não colocaríamos os nomes dos atores em destaque, pois todos haviam colaborado de alguma forma.

Essa união dificultou um pouco na hora de escolher os alunos que iriam na cerimônia de premiação, eu poderia levar apenas dez alunos, conversei com eles, tentei escolher alguns, mas acabei passando a cota e convidei dezoito. Fomos para a festa e acabamos saindo com um prêmio – 3º lugar melhor atriz para o nosso outro filme. Também fomos indicados entre os cinco melhores filmes em outras categorias fato que nos alegrou, mas o que deixou os alunos mais empolgados foi a notícia de que o filme *Pode isso, Arnaldo?* Foi selecionado para o Iº Congresso Brasileiro de Vídeos Estudantis, na cidade de Pelotas, RS. Ganhamos prestígio na escola, teremos sessões de cinema especiais para os demais alunos, para os colegas professores, e uma exclusiva para os pais e familiares dos alunos envolvidos nas produções deste ano.

Outro ganho para a escola foi o espaço que se criou para as produções audiovisuais pensadas, executadas e divulgadas pelos próprios alunos. Sabemos que o aluno de hoje é um ser totalmente integrado as mídias digitais, e por isso é mais sábio possibilitar que esse conhecimento vindo dos estudantes seja compartilhado com os colegas, através de um *blog*, um canal na Rede, ou num filme. Segundo Leitão “estamos diante de uma geração que desbrava novas realidades e que inventa novas formas de estar junto, novas formas de aprender e novas formas de viver”. (2006, P. 75)

4. Referências bibliográficas

FEIXA, Carles. O quarto dos adolescentes na era digital. In: COSTA, Márcia Regina da; SILVA, Elizabeth Murilho da. (Orgs). Sociabilidade juvenil e cultura urbana. São Paulo: Editora da PUC-SP, 2006. p. 79-110.

LEITÃO, Carla Faria. Inventando novas vidas em novas realidades. In: Rocha, Everaldo; Almeida,

MENDES, Maria Isabel; EUGÊNIO, Fernanda. (orgs). Comunicação, consumo e espaço urbano: novas sensibilidades da cultura jovem. Rio de Janeiro: PUC-RJ, 2006. P. 71-87.

Ser Bom é Tudo de Bom: Produção de Vídeo na Alfabetização

Cristina Domingues Lemos

*EMEF Prof. João Carlos Von Hohendorff – SL
cristinadlemos@gmail.com*

Luciana Domingues Ramos

*EMEF Prof. João Carlos Von Hohendorff – SL
ludomingues_sl@yahoo.com.br*

Resumo

Este é o relato do processo de produção de um curta com uma turma de crianças do Primeiro Ano da EMEF Professor João Carlos Von Hohendorff, como parte do projeto SER BOM É TUDO DE BOM, que trabalhou com os estudantes diversas possibilidades de comunicação na disseminação de valores sociais positivos. A partir de uma leitura realizada com a turma, a temática “generosidade”, presente no livro, instigou o grupo a realizar pesquisas e ações buscando socializar o conhecimento construído nesse processo. Os alunos utilizaram ferramentas digitais e impressas de pesquisa, bem como entrevistas, buscando a apropriação do termo e identificando sua importância. Ao reconhecerem a relevância social do tema, os alunos decidiram que esse conhecimento deveria ser espalhado para o maior número de pessoas e avaliaram que uma produção audiovisual seria o vetor mais eficaz para que isso ocorresse. Na sequência, a pesquisa foi direcionada para o conhecimento da produção audiovisual, sendo o resultado desse processo o curta Ser bom é tudo de bom, que teve presente em todas as suas etapas a construção colaborativa do conhecimento, o uso das ferramentas digitais de comunicação, a interatividade e o compartilhamento de ideias como pano de fundo para o processo de alfabetização desses alunos. Após a exibição do filme para a comunidade, os alunos refletiram e registraram suas conclusões sobre o impacto dessa ação pedagógica em um *making of* que compilou as diversas aprendizagens que surgiram durante a produção, como a atenção ao direito autoral, a importância de outros valores sociais positivos que foram descobertos e a necessidade de compartilhar esses novos saberes. O que levou o projeto a feiras escolares de iniciação científica e inovação, mostras pedagógicas e a participação em festivais de cinema estudantis, como o São Léo em Cine e o EDUCAVÍDEO, evento integrante do 44º Festival de Cinema de Gramado.

Palavras-chave: alfabetização; valores; curtas escolares; produção audiovisual.

1. Introdução

Existe consenso no pensamento de que a escola deve refletir acerca dos recursos disponíveis e em que medida cada um pode contribuir para incrementar as ações realizadas em sala de aula. Considerando a mídia como um mecanismo que potencializa a transmissão de informação (e aí estariam incluídos os meios de comunicação social: TV, Internet, rádio, cinema, mídia impressa, entre outros) é inconcebível que não se considere seu uso na escola. Ao mesmo tempo, é preciso considerar que esses recursos necessitam mediação e orientação para que não sejam simplesmente apresentados como algo a ser visto/ouvido/lido sem que se leve em conta suas possibilidades na promoção do protagonismo dos sujeitos.

A produção audiovisual tem se desenvolvido intensamente na EMEF Professor João Carlos Von Hohendorff, localizada na Zona Norte do município de São Leopoldo, no estado do Rio Grande do Sul. Desde meados de 2005 a escola tem no Espaço Virtual de Aprendizagem e Multimídia (EVAM) uma peça fundamental no desenvolvimento de projetos e ações educativas na escola. Os professores de sala de aula estabelecem com os professores tutores do espaço parcerias de trabalho para, através da utilização das mídias, explorar outras possibilidades de experimentação, produção, compartilhamento e autoria buscando uma construção significativa de aprendizagens. Este processo tem se intensificado na escola,

que já possui um canal de vídeos para divulgar suas produções e concentrá-las em um único espaço numa espécie de portfólio *online*.

O objetivo do trabalho foi o de promover um processo de aprendizagem dinâmico e interativo, no qual elementos relacionados à alfabetização circularam por todas as etapas de criação e produção de um curta que teve como proposta comunicar a importância de valores sociais positivos como a bondade, a generosidade e a tolerância. O presente relato apresenta a experiência da escola com a produção do curta SER BOM É TUDO DE BOM, da turma do Primeiro Ano 2, no ano letivo de 2015, da EMEF Professor João Carlos Von Hohendorff, como parte do projeto de mesmo nome.

Em 2012 a portaria 867, de 4 de julho de 2012 instituiu o Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa (PNAIC) e definiu suas diretrizes gerais. O PNAIC consiste no comprometimento das diversas esferas de poder para garantir que todas as crianças estejam alfabetizadas aos oito anos de idade.

O PNAIC estabeleceu uma série de direitos de aprendizagem relacionados ao domínio do sistema de escrita, da leitura, da oralidade, entre outras possibilidades elencadas. Em um dos cadernos de formação disponibilizado aos professores o texto é categórico em afirmar que a alfabetização passa pelo letramento, o reconhecimento de que a leitura e a escrita têm uma função social:

Não se lê e se escreve “no vazio”. É preciso entender as práticas culturais, ser capaz de construir conhecimentos e participar de modo ativo nos diferentes espaços de interlocução, defendendo princípios e valores. Desde cedo, o acesso aos diferentes gêneros discursivos contribui para que os estudantes possam se perceber como sujeitos políticos possuidores de cultura, e, como tais, sejam agentes de intervenção social, responsáveis pelas suas ações e dos que compõem seus grupos de referência. (MEC/SEB, 2012, p. 26 e 27).

A formação oxigenou algumas práticas docentes e apresentou elementos a serem explorados e incorporados à rotina de alfabetização. Um desses elementos foi apresentado como “leitura deleite”, ação que deve ser promovida diariamente e que consiste na inserção de um momento de leitura na rotina da turma. Ler por prazer, sem um objetivo pedagógico previamente planejado e estabelecido. Esse tipo de prática contribuiria para um dos objetivos centrais do ciclo de alfabetização: a formação de leitores.

Esta leitura, apesar de despreziosa, pode ser o ponto de partida de uma revolução na forma de abordar determinadas questões com os alunos.

E foi aí que surgiu o projeto Ser bom é tudo de bom. O livro A árvore generosa de Shel Silverstein foi apresentado à turma. E a palavra GENEROSIDADE soou estranha, porém provocativa ao grupo. Com os questionamentos acerca do significado que a palavra carregava consigo, houve a necessidade de estabelecer com os alunos a definição de algumas estratégias para auxiliar os alunos a se apropriarem desse conceito.

Além da reflexão sobre o que sabiam a respeito do termo e do uso do dicionário em sala de aula, no EVAM os alunos definiram que uma das estratégias a ser utilizada seria a pesquisa do termo “generosidade” na internet. Por se tratar de uma turma em fase de alfabetização, inicialmente solicitou-se que os alunos buscassem as imagens que surgiam ao pesquisar o termo para que, após o momento de pesquisa, houvesse um momento de socialização (no qual deveriam apresentar aos colegas suas descobertas) seria um meio de trabalhar a oralidade, um dos aspectos presentes nos direitos de aprendizagem elencados pelo MEC.

No entanto, não é possível desconsiderar a questão do hipertexto e da dinâmica que este estabelece para o processo de aprendizagem:

Pesquisar na WWW é ao mesmo tempo se encontrar nas multiplicidades e se perder; é avançar e recuar o tempo todo; é não mais separar e ao mesmo tempo, com todas as forças tentar distinguir; é o ilimitado e o limitado que tentam se manifestar e se confundem. (LEÃO, 1999, p.25).

Com isso, ao digitarem na Internet a palavra generosidade, não só imagens, mas também outras formas de expressão foram trazidas aos olhos dos alunos, como *podcasts*, músicas, poemas e filmes, sendo que este último elemento despertou nos alunos a atenção para a importância do conceito que estava sendo tratado.

A partir desse cenário, os alunos observaram a importância do conceito de generosidade e de outros valores que foram elencados durante a pesquisa. Houve também o interesse em compartilhar essa descoberta e garantir que isso se fizesse de maneira divertida e impactante. Entre as alternativas que foram apresentadas pelos alunos, o grupo determinou com unanimidade que a ideia de produzir um vídeo poderia ser uma alternativa bem-sucedida.

Nesse aspecto, a mediação do professor foi determinante, pois ao ouvir os alunos e suas solicitações, houve a possibilidade de estabelecer o contexto e a ação dos sujeitos atendendo suas expectativas, como afirma Fantin (2006):

Embora a criança possa, “espontaneamente”, fazer da vivência de assistir filmes uma experiência de fruição, participação estética e significação, por que não ampliar tais possibilidades no sentido da autoria e da produção? Assim, a mediação educativa estaria cumprindo os objetivos e pressupostos da mídia-educação, fazendo educação com os meios (usando o cinema e os filmes em contextos de fruição), sobre os meios (leitura crítica através da análise cinematográfica) e através dos meios (produzindo audiovisual, fotografia, roteiros). (FANTIN, 2006, p. 6)

2. Desenvolvimento

E agora? Como se faz um filme? Em busca dessa resposta, a parceria com a professora do EVAM possibilitou que se apresentasse alguns elementos fundamentais para a produção de um vídeo. Conceitos como roteiro, cenas e planos de filmagens foram abordados com os alunos que, apesar dos seis anos de idade, se mostraram interessados e atuantes. O desenvolvimento do projeto contemplou as fases e períodos elencados na tabela 1.

Tabela 1: Cronograma de atividades do projeto

| | MAIO 2015 | JUNHO 2015 | JULHO 2015 | AGOSTO 2015 |
|---|--------------|---------------|---------------|----------------|
| Pré-produção (pesquisa, entrevistas, roteiro) | X | X | | |
| Produção | | | X | |
| Pós produção (montagem,edição) | | | | X |
| Início da exibição e divulgação | | | | X |

A elaboração do roteiro do vídeo foi encarada com preocupação, pois os alunos observaram que se tratava de um documento contendo o plano do que seria filmado, a sequência e o argumento do filme. Com esse grupo no início do ciclo de alfabetização, a produção foi coletiva e ocorreu em etapas (figura 1):

I – Explosão de ideias, onde a professora foi compilando no quadro as ideias apresentadas por todos os alunos da turma.

II – Definição dos detalhes de cada cena a ser gravada. O registro das cenas foi feito por meio de desenhos que os alunos apresentavam aos demais colegas e explicavam como cada cena deveria ser feita.

III – Seleção e organização da sequência de cenas que constariam no vídeo.

IV – Escolha do nome da produção, onde cada aluno teve a oportunidade de sugerir um nome e argumentar a respeito de sua sugestão. A ideia de que a generosidade é importante e traz consigo outros valores, principalmente a bondade, fez com que o grupo escolhesse o título “SER BOM É TUDO DE BOM.



Figura 1: Etapas de produção do roteiro

a) Compilação de ideias registradas no quadro; b) Ilustração das cenas; c) Detalhe da cena ilustrada; d) Apresentação do planejamento da cena para os colegas. Fonte: arquivo pessoal das autoras.

No roteiro, as cenas ilustradas traziam também um registro (feito com auxílio da professora) detalhando o que seria necessário para que ela fosse feita e, também, o lugar em que ela deveria ocorrer.

Cada cena gravada era apresentada no telão, em sala de aula, para que houvesse as deliberações sobre sua validade e a edição do filme, num processo que levou aproximadamente cinco semanas.

Em muitas cenas, era necessária a participação de algum adulto (como uma senhora idosa ou alguém que soubesse dirigir um carro), de um local diferente da escola (como um estabelecimento comercial) ou até mesmo de algum elemento de que a turma não tinha disponível (como uma cadeira de rodas). Em todas essas situações, por se tratar de um projeto tão valoroso, houve interesse de pessoas da comunidade em participar sendo dispendo de seu tempo para ajudar na gravação, ou atuando em alguma cena, bem como cedendo seu estabelecimento como local de filmagem. Cada membro da comunidade que participou do projeto foi convidado a gravar um depoimento sobre generosidade e sua importância, bem como explicar o porquê de ter aceito participar da produção. Essas gravações também foram utilizadas pelos alunos tanto como fonte de pesquisa quanto como um projeto paralelo da turma, que era a realização de um vídeo contando como foi a produção do SER BOM É TUDO DE BOM.

O projeto ganhava, então, uma projeção na comunidade e alcançava, antes mesmo da apresentação de seu produto final, uma das suas expectativas que era a de compartilhar com os outros a importância de valores sociais positivos, visto que mobilizou a comunidade já para a produção do vídeo.

Após a definição da sequência de cenas, da gravação das mesmas e do início da edição, o grupo definiu que o filme deveria contar com uma música de fundo, em que houvesse uma correspondência entre o que era mostrado no vídeo e a mensagem da música.

A intervenção e a mediação das professoras foi no sentido de apresentar aos alunos a questão da propriedade intelectual e da existência de uma lei que regulamenta o direito autoral. Inicialmente, os alunos buscaram definir uma música livre de ônus para sua utilização. No entanto, uma música comercial (cuja obra pertence a uma gravadora e o fonograma a outra) foi definida como a ideal para compor com as cenas que eram apresentadas. A música “DIA ESPECIAL” do músico gaúcho Eduardo Tavares Leindecker, de propriedade da *Universal Music Publishing Group* (UMP), gravada em 2000 pela banda gaúcha Cidadão Quem (gravação de propriedade da Warner Music Brasil - WM) foi inserida no vídeo e, após alguns ajustes de tempo de cada cena deixou o filme bastante impactante.

Houve, a partir de então, o estabelecimento de uma série de contatos. Primeiramente um convite em vídeo foi enviado ao músico (figura 2), que respondeu aos alunos também com um vídeo e encaminhou para as professoras o contato na gravadora UMP que, após providenciar uma autorização para que a produção pudesse contar com a obra do músico, também orientou o projeto sobre a necessidade de solicitar à gravadora detentora dos direitos sobre a gravação, no caso a WM.



Figura 2 – Imagem do vídeo enviado ao músico pelos alunos - Fonte: Arquivo pessoal das autoras.

Essa experiência em buscar contato com o músico e as gravadoras colocou o grupo em contato com diversas modalidades de comunicação como correspondência eletrônica, contratos e cartas, bem como sistemas de comunicação instantâneo como mensagens de texto, *tweets* e outras postagens em redes sociais. Isso ampliou a quantidade de gêneros textuais apresentados aos alunos (referência para o trabalho do ciclo de alfabetização, segundo as diretrizes do PNAIC), fugindo do lugar-comum dos textos narrativos, receitas e parlendas.

Finalizado o processo de edição e produção do vídeo, os alunos avaliaram que o trabalho tinha atingido seu objetivo, que era tratar a respeito de valores sociais positivos de maneira lúdica e impactante. Durante a avaliação realizada nessa etapa do projeto, a professora da turma realizava a gravação de depoimentos dos alunos para a produção do *making of*, quando um dos alunos declarou que o vídeo deveria ser mostrado para todos, pois “o que a gente aprende não pode ficar só com a gente” (*MAKING OF*, 2015). Sendo assim, algumas estratégias para compartilhar esse conhecimento foram definidas pelo grupo, como a primeira ação que consistiu em elaborar convites para uma grande estreia (que reuniu familiares, funcionários e os participantes envolvidos no projeto numa sessão carregada de emoção e encantamento) e a exibição do vídeo em outros eventos.



Figura 3 – Participação do Curta no Educavídeo Gramado 2016 - Fonte: Arquivo pessoal das autoras.

3. Resultados e discussão

Após a estreia do filme, outras sessões foram organizadas para turmas da escola e também em outras escolas, sendo que em todos esses eventos, a turma recebia a notícia de que o vídeo havia inspirado em seus espectadores alguma ação generosa como visitar um asilo para ler histórias aos idosos, preparar biscoitos para doar e arrecadar alimentos, agasalhos, calçados ou brinquedos, mostrando o poder de inspiração de um vídeo singelo, pensado por crianças e carregado de bondade e amor.

Essa mensagem também foi espalhada na Feira de Ciências da escola (FICH), que credenciou o projeto da turma para a Mostra de Ciência Tecnologia e Inovação SMED/SL-RS (MOTIC), que destacou o projeto para participar da Mostra Internacional de Ciência e Tecnologia/ Fundação Liberato/ Novo Hamburgo-RS (MOSTRATEC).

Os pontos altos desse compartilhamento foram as participações no I Festival de Vídeo Estudantil São Léo em Cine (em 2015, em caráter competitivo) e no Festival de Vídeos Estudantis Educavídeo Gramado, que fez parte da programação do Festival de Cinema de Gramado/RS (em 2016, em caráter não competitivo), nos quais os envolvidos puderam celebrar com seus pares “cineastas” de outras escolas a alegria, o encantamento e a diferença que o trabalho com produção audiovisual pode promover (foto 3). Na mostra competitiva o trabalho recebeu menção honrosa e o Troféu Imigrante, pois, de acordo com o apresentador do evento, “segundo as observações dos jurados, abordou de forma graciosa um lindo ensinamento para se viver melhor, que dispensou o diálogo, pois através de sua mensagem saudável transmitiu o seu recado de solidariedade para com o próximo”.

4. Referências bibliográficas

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa – Caderno de apresentação: Formação do professor Alfabetizador. Secretaria de Educação Básica. – Brasília: MEC/SEB, 2012. p 26 e 27.

FANTIN, M. Mídia-educação, cinema e produção de audiovisual na escola. In Anais XXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, INTERCOM, Brasília, 2006.

LEÃO, Lúcia. O labirinto da hipermídia: arquitetura e navegação no ciberespaço. São Paulo: Iluminuras, 1999. 160p.

LEI 9.610 DIREITO AUTORAL. Disponível em <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9610.htm>. Acesso em: 10 dez. 2015.

LEINDECKER, Eduardo Tavares. Intérprete: Eduardo Tavares Leindecker. In: CIDADÃO QUEM. Dia especial. Porto Alegre. Warner Music Brasil – WM, 2000. CD.

MAKING OF - SER BOM É TUDO DE BOM. Cristina Domingues Lemos. e Luciana Domingues Ramos. São Leopoldo: EH! Produções, 2015. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=8-eGvRtRKw>>. Acesso em 21 dez. 2015.

PORTARIA No- 867, DE 4 DE JULHO DE 2012 - DIÁRIO OFICIAL. Disponível em <http://pacto.mec.gov.br/images/pdf/port_1458_141212.pdf>. Acesso em: 10 dez. 2015.

SER BOM É TUDO DE BOM. Cristina Domingues Lemos. e Luciana Domingues Ramos. São Leopoldo: EH! Produções, 2015. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=_Ur83q_dMfs>. Acesso em 25 dez. 2015.

SILVA, J. C. Arruda. O desafio da produção audiovisual por alunos de escolas públicas douradenses: um estudo de caso do Projeto Cine-Escola1. Intercom - XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação –Curitiba, PR – 4 a 7 de setembro de 2009. Disponível em <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2009/resumos/R4-3076-1.pdf>>. Acesso em 10 dez. 2015.

SILVERSTEIN, Shell. A Árvore generosa. Trad. Fernando Sabino. São Paulo: Cosac Naify (Obra do Acervo único PNAIC 2012).

Resumo

Este trabalho é um relato da produção de três curtas estudantis realizadas com alunos do 8º e 9º ano, na disciplina de língua portuguesa. Ambos foram produzidos em equipe, uma parceria entre professora e turmas, com o objetivo inicial de levar a literatura brasileira para todos através do cinema.

Palavras-chaves: literatura - cinema – escola

1. Introdução

A proposta de produzir curtas estudantis veio com a minha busca por novas metodologias de ensino. Leciono a disciplina de Língua Portuguesa e Literatura há 15 anos. E, algo me inquietava, precisava tornar a minha aula mais viva e interativa. Meu objetivo era fazer que o meu aluno protagonizasse, que lesse mais, conhecesse o universo da arte literária e dominasse a língua materna. Foi aí que soube do projeto São Léo em Cine.

O objetivo do projeto é compreender as relações existentes entre a didática e as produções audiovisuais nas múltiplas áreas do conhecimento, oportunizando a construção de curtas-metragens como um recurso capaz de instigar, estimular e ampliar várias aprendizagens e vivências do cotidiano escolar e para além dele.

O nome do projeto é ambíguo e torna a ideia ainda mais instigante “São Léo” é um nome carinhoso atribuído a nossa cidade e “Em Cine” apresenta um duplo sentido: São Léo em cinema e São Léo Ensine (verbo ensinar); ensinar novas formas de comunicação a partir de curtas-metragens.

Em outubro de 2015, participei de oficinas promovidas pelo projeto, como: Roteiro e produção por Josias Pereira (UFPEL); Direção, gravação e decupagem por Kelly Demo Christ (UFPEL); Edição por Patrícia Custódio (UFPEL). Todas fundamentais para ter mais tranquilidade em iniciar a atividade de produção de vídeos na escola.

Nesse mesmo ano, comentei com meus alunos do 7º e 8º ano sobre as oficinas que estava fazendo e sobre o interesse que eu tinha em realizar produções de pequenos filmes com eles. Passei alguns materiais, conversamos, muitas ideias surgiram, mas não houve muita produção. Acredito que faltou muito mais de minha parte do que dos alunos. Tinha receio em não saber como conduzir a tarefa. Foi aqui que surgiu a ideia do curta/documentário UM EXEMPLO DE SUPERAÇÃO, sobre a vida da aluna Kettlyn Beatriz, adolescente que teve paralisia cerebral em seu nascimento. A ideia saiu da turma, contudo não a realizamos. E, foi neste ano (2016) que a ideia retornou logo no início das atividades letivas e acabamos realizando com êxito, muita interação e aprendizagem.

Assim como o documentário sobre a Kettlyn, também realizamos outras produções, todas no âmbito da ficção, buscando explorar o universo da literatura literária e tornar os alunos leitores ativos, criativos e críticos, por isso a escolha da opção adaptação literária, foi a mais acertada para iniciar os trabalhos.

2. A literatura na sala de aula

Sempre fui apaixonada pela leitura literária e procuro incentivar meus alunos a gostarem de ler. Hoje leciono para pré-adolescentes / adolescentes e acredito que o professor é o mediador, é aquele que vai apresentar, estimular aos alunos para que entrem neste universo, que conheçam e apreciem autores clássicos, contemporâneos nacionais e internacionais.

Segundo Ana Maria Machado, em seu livro Como e por que ler os clássicos desde cedo “as crianças e jovens devem manter contato com as obras maravilhosas, imprescindíveis, enriquecedoras do espírito humano. O que interessa mesmo a esses jovens leitores que se aproximam da grande tradição literária é ficar conhecendo as histórias empolgantes de que somos feitos” E cabe ao professor, ao especialista apresentar este universo aos seus alunos.

Não devemos obrigar uma criança ou jovem a ler. Esta atitude só faz com que estes criem uma barreira com a literatura, achando chato ler. Monteiro Lobato afirmava que “Obrigar alguém a ler um livro, mesmo que sejam pelas melhores razões do mundo, só serve pra vacinar o sujeito para sempre contra a leitura.” Por esses motivos busquei as novas tecnologias, as mídias, novas produções para proporcionar mais interesse, curiosidade e prazer, pois para produzir os curtas, os alunos precisavam viajar por um grande universo de textos literários, até escolher um para adaptar e depois realizar a filmagem. Não que a leitura tenha sido totalmente pedagógica, ou seja, ler para fazer um curta-metragem. Tanto que muito antes da nova proposta, sempre li para os alunos e dos curtas feitos, dois foram de contos que eu já havia lido em aulas anteriores e que tiveram significado e foram resgatados para a adaptação.

Vivemos o mundo da eletrônica, com todas as facilidades momentâneas. A nossa literatura infanto-juvenil precisa conviver com os novos tempos. No rádio e na TV, infelizmente, também existe uma quase total ausência de espaço para a literatura infanto-juvenil. É preciso que a mídia eletrônica seja estimulada a participar desse importante processo, e acredito que a produção de adaptações literárias proporcionará que mais pessoas conheçam nossos autores e suas maravilhosas histórias.

Em minhas aulas de Língua Portuguesa, sempre li contos, crônicas, fábulas, novelas, romances, porém sempre acabava realizando atividades iguais e sem criação e interação dos alunos. E neste ano reorganizei meus planos de aula, fiz a opção de incentivar aos alunos a trabalhar a linguagem oral e corporal. Com o 7º ano, optei em realizar oficinas de teatro. Realizei em aula mesmo, alguns momentos de interação, dinâmicas e brincadeiras para estimular a oralidade e postura. E, a partir de contos e crônicas brasileiras, a turma foi dividida em grupos, realizou leituras diversas, até a escolha de um texto, adaptação e ensaios (muitos realizados fora de sala e em casa) que finalizamos com a apresentação para a turma.

Já com o 8º e 9º ano, realizamos produções de vídeos estudantis. Diversos curtas metragens apareceram e com diferentes desfechos, inclusive alguns sem acabamentos. Portanto, dois curtas mais se destacaram: O HOMEM TROCADO e A SIMPATIA. Ambas as propostas tem como principal objetivo ampliar o conhecimento literário, gêneros, autores clássicos e contemporâneos. Os curtas mais completos e bem elaborados foram O Homem trocado, de Luis Fernando Veríssimo e A simpatia de Antonio Schimeneck.

2.1 Literatura e produção audiovisual

O início da proposta foi dado com uma oficina de produção audiovisual, no sábado, 11 de junho, ministrada por mim, na própria escola. Nesta oficina, apresentei slides com materiais recebidos das oficinas do São Leo em Cine. Durante a manhã também assistimos inúmeros curtas estudantis já produzidos por outros alunos de escolas municipais de nossa cidade.

Depois segui entregando um cronograma para os alunos. A ideia de estipular datas foi pra que os alunos pudessem se organizar e conseguir concluir com sucesso e tranquilidade a proposta dada. Então a proposta estava dada: realizarmos curtas a partir de textos literários (contos, crônicas e/ou fábulas).

| CRONOGRAMA | |
|------------|-----------------------------------|
| 13 a 20/06 | Escolher o texto |
| 20 a 27/06 | Adaptar o texto |
| 27 a 04/07 | Filmagem |
| 04 a 11/07 | Edição e Montagem |
| 14/07 | AULA - APRESENTAÇÃO DOS CURTAS |

Na aula do dia 14 de julho, além de assistirmos as produções dos alunos, propus às turmas que também fizessem parte da avaliação das produções, de forma dissertativa. Cada grupo teve que apontar questões positivas e negativas sobre o filme dos colegas. A partir daí, dois grupos foram escolhidos com os melhores roteiros, filmagem, montagem e edição e se iniciou um novo processo: refazer as questões negativas e melhorar tudo que pudessem para levar esses vídeos para o festival São Léo em Cine.

2.2 As produções

O homem trocado

Sinopse: (SL. 2016. 2min e 58 segundos) O homem Trocado é uma adaptação de um conto de Luis Fernando Veríssimo, onde apresenta a vida de Lírio, que tem sido uma série de enganos, até que é lhe dado uma boa notícia: está desenganado. Será que agora acontece realmente o que ele espera?

Realizamos duas produções até termos o resultado esperado.

- Primeira produção

O texto original de Luis Fernando Veríssimo já vinha com os diálogos prontos entre as duas personagens do conto e o roteiro foi seguido na íntegra. Na gravação, o protagonista não conseguiu decorar todas as falas, por isso como ele estava deitado em uma cama, colamos algumas falas no teto e outras em uma prateleira próxima. E, percebemos que ele não estava à vontade, logo seu discurso não ficou claro, a dicção apresentou alguns problemas e o áudio também não ficou excelente.

A filmagem foi bem interativa, muitas risadas, um trabalho realmente em grupo. A filmagem foi feita com celular e com a câmera em posição vertical. Logo ao inverter no *Movie Maker*, a imagem ficou pequena. Depois de feita a montagem e edição, apresentamos para a turma, e juntos realizamos uma avaliação apontando aspectos positivos e negativos e optamos por uma nova gravação, porque além da imagem ter ficado pequena, tinha a questão dos focos nos personagens, as falas, o áudio, todos esses detalhes deveriam ser refeitos.

- Segunda produção

A segunda gravação foi essencial, pois tínhamos novas ideias de texto e filmagem. Iniciamos com a adaptação do texto. Reorganizamos o discurso, tornamos mais interativo e acrescentamos algumas falas. A gravação foi em outro local e tivemos que improvisar alguns materiais e objetos de cenário, como a

maca de um hospital, que fizemos com três bancos e um colchão de solteiro. Focamos no protagonista, desde a imagem até as falas. Trabalhamos juntos, procuramos deixar os personagens mais relaxados, com exercícios antes da filmagem. Tudo para que os atores dessem mais vida aos seus personagens. Assim, já a primeira grande mudança: nossos personagens realmente melhoraram muito.

Durante a filmagem buscamos outros ângulos para a câmera, focamos mais na personagem que interagia com o protagonista, que antes quase nem aparecia e gravamos com a posição correta, na horizontal. Depois montamos e editamos no *Movie Maker* e *Wondershar* e filmora. O resultado foi positivo e muito melhor, foi realmente necessária à nova gravação.

A simpatia

Sinopse: (SL. 2016. 8min, 50 segundos) A simpatia é uma adaptação do conto de Antonio Schimeneck. Manu e Deise são vizinhas, melhores amigas e estudam na mesma escola. Deise é uma menina supersticiosa e encontra um antigo manual de simpatias na biblioteca da escola. Ela resolve fazer um ritual, mas se envolver com coisas fora do seu conhecimento pode ser fatal.

Realizamos duas produções até termos o resultado esperado.

- Primeira produção

Em aula lemos e relemos o conto e por ser um texto longo, foi imprescindível uma boa adaptação. Maior parte das alterações e montagem do novo roteiro foi feita pelas alunas Rafaela Dias e Nathalia Pacheco.

A filmagem não foi realizada na ordem cronológica em que montaríamos o filme. De acordo com as disponibilidades dos alunos integrantes, foram sendo gravadas as cenas. Cenas internas: em sala de aula, quarto da aluna Rafaela, pátio da escola e casa de aluno e foi preciso filmar no cemitério. O áudio foi gravado em separado e depois inserido ao vídeo, quase em todas as cenas.

Várias cenas foram feitas no cemitério e muitos risos também. Mudança de roupas, devido a passagem de dias que precisava ser mostrada, a seriedade e lágrimas demonstrando tristeza, tudo muito novo e divertido. Assim como as cenas em sala de aula, onde a turma inteira do 9º ano participou, houve muito envolvimento. Gravávamos e assistíamos juntos e a crítica vinha e regravávamos quando possível. A maquiagem da antagonista foi feita por ela e a colega. Foram muitos dias em função das filmagens, muitas cenas repetidas inúmeras vezes. E depois poderíamos selecionar as melhores cenas.

A trilha sonora foi toda selecionada pela aluna Rafaela Dias, que dedicou um bom tempo na escolha e cuidados muito especiais para encaixar nas cenas certas e no momento perfeito. Toda a montagem e direção foi realizada pela aluna com a minha orientação. A Edição, os efeitos especiais ficaram a cargo do aluno Eduardo, que descobriu um novo talento e cada vez mostrava-se extremamente perfeccionista.

E, enfim a apresentação aos alunos que foi feita na aula e com o convite especial para a equipe diretiva e demais professores da turma. A emoção realmente tomou conta, nossa primeira produção com efeitos especiais e viu-se lágrimas rolares alguns rostos, tanto de alunos como professores. Realmente um trabalho novo e em equipe.

Escolhemos o curta para participar do festival de cinema de São Leopoldo.

Logo, resolvemos filmar algumas cenas novamente.

- Segunda produção

Não mexemos do roteiro, apenas regravamos algumas cenas, como a segunda cena do cemitério, onde ocorria um erro gravíssimo de enredo e a filmagem foi feita com a câmera virada. A cena do pátio da escola também foi refeita, por causa do áudio e as meninas não estavam tão à vontade na primeira produção. E, logo a nova finalização e encaixes finais de áudio e som. E, tudo pronto para o festival: filmagem, sinopse, ficha técnica e banner.

Exemplo de Superação

Sinopse: SL, 2016, 10min. Um exemplo de superação é um documentário sobre Kettlyn, uma menina que teve paralisia cerebral ao nascer prematura de 6 meses e 20 dias. Hoje, Kettlyn tem 14 anos, é aluna do 8º ano do ensino fundamental e apesar das limitações físicas é campeã estadual de bocha adaptada.

- Produção

A ideia deste documentário surgiu em 2015 e somente agora conseguimos concretiza-lo. E, foi preciso muito empenho e dedicação exclusiva de uma equipe especial da turma 81. A equipe foi formada por mim, pela aluna Nicole Westhauser da Silva, Nathalia Vieira e Ketlin Cecilia Toledo dos Santos. Todas alunas do oitavo ano.

Já tínhamos em mente a temática, assunto bem definido: EXEMPLO DE SUPERAÇÃO. Ainda mais por que coincidentemente, nossa protagonista, havia recebido recentemente a medalha de campeã estudantil de bocha adaptada e representará nossa escola em novembro deste ano, em São Paulo. Próximo passo foi pensar em que tipo de abordagens e após um bate-papo, percebemos que seriam necessárias duas coisas: uma breve pesquisa sobre a nossa “personagem” e autorização da família.

Para realizar as pesquisas fui buscar dados na secretaria da escola na própria pasta da aluna. Li as suas avaliações, diagnósticos clínicos, onde tive que buscar outras informações técnicas e químicas sobre o diagnóstico da personagem e todas as pessoas envolvidas no processo da chegada da Kettlyn em nossa escola até os dias de hoje. Depois fui conversar com a família e a própria aluna. Ambas ficaram encantadas com a ideia e não mediram esforços para auxiliar em tudo o que fosse preciso.

Após a etapa inicial optou-se pela abordagem de entrevistas, pois poderíamos agendar e perguntar qualquer dúvida recorrente às pessoas que julgávamos imprescindíveis para o documentário, como: a mãe, pai, o neurologista, primeira professora, colegas, atuais profissionais, técnico da bocha. Mas antes de concretizar as entrevistas, precisávamos ter em mente o roteiro, mais especificamente: qual o propósito do filme; que estivesse claro o que colocar no curta e a que público atingiria; Pois, sabíamos que quanto mais definidos estivéssemos antes da gravação, melhor e mais material produtivo teria.

A ideia do curta era simples, não queríamos nada apelativo, apenas relatar quem é a Kettlyn, a atual campeã estudantil de bocha adaptada, uma adolescente que supera todos os dias as sequelas da paralisia cerebral. Depois destas definições, iniciamos as entrevistas: família, primeira professora, equipe diretiva, amigos, colegas e ex-colegas, profissionais da saúde e educação envolvidos no cotidiano da aluna.

As entrevistas com professores, antigos professores, equipe diretiva, colegas e amigos da escola foram realizadas em horário de aula. Fora do horário de aula, realizamos uma visita à casa da Kettlyn, onde entrevistamos os pais, fizemos algumas fotos e filmagens de rotina da família e do quartinho da Kettlyn, que é o lugar que ela fica grande parte do tempo do contra turno, realizando os deveres de casa e pesquisa.

Na visita a casa da Kettlyn, a mãe nos entregou dois álbuns e um *pendrive* com fotos diversas. Fotos de momentos de família, da escola, de recém-nascida e muitas outras. Inclusive alguns vídeos do campeonato. Todo esse material foi examinado e selecionado, muitas fotos se repetiam e outras que eram da família toda, de outros momentos sociais, mais da família toda, não específica da Kettlyn em particular e que vinculava com a temática do curta.

Foi bem difícil conseguir agendar um horário com o neurologista. Por isso tivemos que insistir muito e foram muitas tentativas. Quando conseguimos um horário, foi um encaixe e deu uma correria, mas conseguimos com êxito. Já com o técnico de bocha, não conseguimos um encontro e por isso ele respondeu as questões e gravou um vídeo em primeiro plano com seu próprio celular e nos enviou via Watts.

Depois de termos todas as entrevistas, fomos para a montagem, momento em que nasce o documentário. Assistimos a todas as entrevistas, olhamos as fotos e aos poucos o documentário foi sendo construído. Muitas vezes mudamos, retomamos, tiramos partes, colocamos de novo e foi muitas horas nessa função “tira e botá”. E, aos pouquinhos o curta foi dando forma e cada vez mais nos deixando encantadas. Durante a montagem gravamos algumas falas, para usar como conector entre uma entrevista e outra. Em seguida a edição e conclusão.

Depois de pronto o curta, mostramos para a turma. Foi muito importante ter esse momento, pois resolvemos mudar o final. Como a ideia veio da turma, que sempre foi muito receptiva com a Kettlyn, foi resolvido gravar um final da aluna com a turma e assim veio a finalização e ficou perfeito, nosso primeiro documentário.

3. Considerações finais

São Léo em Cine – Festival de Vídeo Estudantil

Após a finalização dos curtas, escrevemos a sinopse, preenchemos a ficha técnica e enviamos todas as produções realizadas para o festival São Leo em Cine. Os curtas serão avaliados nas seguintes categorias:

Vídeo de Ficção (ação, romance, suspense, musical, aventura, comédia, drama, telejornal, documentário, adaptação literária, etc);

Vídeo de Animação;

Vídeo com acessibilidade. (Um vídeo com acessibilidade possui legenda, áudio descrição e intérprete de Libras para ser acessível às pessoas com deficiências auditivas e/ou visuais).

O tempo de duração mínima é de 2 (dois) minutos e máximo de 10 (dez) minutos, incluindo o tempo destinado para abertura e créditos. Os trabalhos de animação não possuem tempo mínimo.

Teremos dois processos de votação: uma *online* pelo júri popular e outra pelo júri técnico para avaliação e escolha dos curtas, sendo:

Júri popular - VOTAÇÃO ONLINE no *site* do São Léo em Cine. O júri popular, como o próprio nome diz, é composto pelos alunos, professores e qualquer pessoa da comunidade escolar ou da comunidade em geral.

Júri técnico - O júri técnico será composto por no mínimo cinco pessoas da área educacional e da área cinematográfica com experiência em vídeo estudantil que farão a indicação dos 5 (cinco) melhores vídeos em cada categoria.

Congresso Brasileiro de Produção de Vídeo Estudantil em Pelotas

Recebemos por e-mail o convite para o congresso de produção de vídeo estudantil que acontecerá nos dias 16 e 17 de Novembro de 2016, na cidade de Pelotas, Rio Grande do Sul. O evento tem como objetivo fomentar a pesquisa e a elaboração de trabalhos acadêmicos com ênfase na produção de vídeo estudantil nas áreas de Cinema e Educação, motivando ainda a realização de atividades práticas relacionadas à produção de vídeo nas escolas e a divulgação dos trabalhos que atualmente já se realizam nesse âmbito.

O objetivo desse evento me chamou a atenção e partilhei com minhas alunas Nicole e Natalia e com muita alegria redigimos este relato da nossa experiência e agora aguardamos ansiosas essa oportunidade para compartilhar nosso aprendizado e grande prazer em aprender mais e partilhar a literatura através do cinema.

4. Referencias bibliográficas

KAPLÚN, Mario. Una pedagogía de la comunicaci3n (el comunicador popular), 2002.

MACHADO, Ana Maria. Como e por que ler os clássicos desde cedo. R.J: Objetiva, 2002.

Oficina de Produção de Vídeos – Apostila da TV Escola.

PEREIRA e JANHKE. Produção de Vídeo nas escolas Educar com Prazer, 2012.

PEREIRA (ORG.). Novas Tecnologias de Informação e Comunicação em Redes Educativas – Diálogos Entre Praticantes da Educação, 2008.

SÃO LÉO EM CINE. Disponível em <https://saoleoemcine.wordpress.com/inscricoes-e-documentacoes/>

Anexo 1



Anexo 2



Anexo 3



Videografia experimental: provocação do olhar

Jéssica Thaís Demarchi
Universidade Federal de Pelotas
jessicathaisdemarchi@gmail.com

Resumo

O presente relato de experiência pretende demonstrar uma vivência pedagógica que integra a pesquisa que venho desenvolvendo enquanto mestranda do Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais da Universidade Federal de Pelotas. O objetivo central da referida pesquisa é explorar a produção discente de vídeo experimental no ensino de Arte como alternativa para problematizar os padrões visuais e informacionais nutridos pela grande mídia. Essa questão é refletida na experiência aqui descrita, que consiste na oficina “Vídeo Experimental – Olhar Sensível”, realizada durante a 4ª Semana Acadêmica dos Cursos Técnicos de Comunicação Visual e Design de Interiores, promovida pela Coordenadoria de Design do Instituto Federal Sul-rio-grandense, campus Pelotas.

Palavras-chave: Vídeo, Arte, Educação.

1. Introdução

Venho explorando a proposta do audiovisual no organismo escolar desde a graduação (DEMARCHI, 2015), porém agora busco debruçar-me sob a perspectiva do vídeo experimental como estratégia para reconhecer o estudante como produtor de saberes e para discutir a padronização estética e a manipulação de conteúdo presentes nos canais de mídia de massa.

Realizando um levantamento parcial sobre trabalhos que investem no audiovisual no contexto da sala de aula, é possível constatar que seu emprego é conduzido principalmente como ferramenta de exposição de informação. Já quando há a produção audiovisual, geralmente a prática está costurada às técnicas tradicionais ou apresenta o intuito de desconstruir a aula, desatentando-se de grande parte da capacidade expressiva do audiovisual. Segundo Garcia, Baraúna e Maneschy (2013, p. 1017), “os materiais de vertente audiovisual acabam sendo utilizados como meros meios ilustrativos de conteúdos diversos, inclusive em disciplinas que não Arte”.

Cristina Costa (2013, p. 23) destaca a relevância da incorporação da expressão audiovisual por parte do campo pedagógico em função de sua presença marcante na sociedade contemporânea. Ela diz que em meio a gama de transformações que ocorrem na informática, na portabilidade e na telecomunicação que caracteriza o século XXI, é importante que a educação adentre o campo das linguagens tecnológicas e imagéticas. A autora ainda afirma que dentre as múltiplas linguagens e tecnologias que permeiam o mundo globalizado, “se afirmam de forma hegemônica os meios audiovisuais”.

Atentando para a necessidade do diálogo entre as linguagens tecnológicas contemporâneas, sobretudo da audiovisual, e a educação, Cláudia Zamboni de Almeida (2006, p. 73) entra no campo específico do ensino de Arte e diz que a imagem ocupa um lugar de notável destaque em sala de aula. Dessa forma, se faz imprescindível que os arte-educadores questionem a si mesmos a fim de tentar descobrir se os conteúdos selecionados a serem trabalhados em Arte “estão dando conta das imagens divulgadas na televisão, publicidade, e outros meios que usam a imagem para comunicar”.

Buscando dar conta de uma parcela dessa demanda imagética exigida pelo ensino de Arte na contemporaneidade, apresento a produção discente de vídeo experimental em sala de aula. Na proposta,

além de revisitar conteúdos midiáticos de massa a fim de problematizá-los, é possível explorar a videoarte, indo na direção de um alargamento do repertório do estudante de forma que ele possa conhecer distintas maneiras de utilização da prática audiovisual. Opto pelo vídeo experimental justamente para não perpetuar o mesmo padrão da grande mídia que busco questionar e para oferecer ao aluno um maior leque de possibilidades da prática videográfica.

A respeito da manipulação exercida pelas mídias, Félix Guattari (2001, p. 14) diz que a juventude é “esmagada nas relações econômicas dominantes que lhe conferem um lugar cada vez mais precário e mentalmente manipulada pela produção de subjetividade coletiva da mídia”. Seguindo a linha de pensamento do autor, penso que a produção audiovisual, através da comunicação e troca de conhecimentos entre os sujeitos, auxilia os estudantes em seu posicionamento mais sensível e crítico perante a mídia, inclinando-os para a construção de uma identidade cultural.

Lanço-me na direção dessas questões procurando focalizar na importância de auxiliar o discente em seu reconhecimento como protagonista do processo de ensino-aprendizagem, de forma que este tenha mais autonomia para tecer seus próprios saberes e construir conhecimento. Para seguir essa premissa, busco suporte em alguns dos pressupostos da pedagogia da autonomia de Paulo Freire (2016) e inclino minha prática para de algo que Guattari (2001, p. 15) aponta como “uma pedagogia capaz de inventar seus mediadores sociais”.

Assim, venho desenvolvendo dentro do Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais da Universidade Federal de Pelotas – UFPel, um programa de oficinas de vídeo estudantil experimental. Essas oficinas serão aplicadas com turmas de diferentes faixas etárias e escolas, além de outras instituições de ensino.

A experiência relatada a seguir é uma das oficinas que compõem esse programa e ocorreu no dia 16 de agosto de 2016 no Instituto Federal Sul-rio-grandense (IFSul) como atividade integrante da 4ª Semana Acadêmica dos Cursos Técnicos de Comunicação Visual e Design de Interiores.

2. Desenvolvimento

A oficina Vídeo Experimental – Olhar Sensível contou com a participação de sete alunos do IFSul e um aluno da UFPel, tendo duração de pouco mais de três horas. Um dos focos da ação foi deslocar o participante da zona de conforto em relação ao seu modo de olhar. Esse desconforto pretende problematizar alguns aspectos da influência da mídia sobre nossa maneira de ver e de interagir com o nosso meio.

Em uma primeira fase da oficina, foram assistidas duas videoartes relacionadas ao olhar que interpreta e recria o ambiente que o circunda. As obras audiovisuais em questão foram Cinema Lascado (2010) de Giselle Beiguelman e Você Não Está Aqui (2012), uma videoinstalação que resultou da parceria entre Giselle Beiguelman e Fernando Velázquez.

Cinema Lascado foi concebida a partir de filmagens realizadas no Elevado Costa e Silva, conhecido como “Minhocão”, na cidade de São Paulo. Nesse vídeo é possível visualizar fragmentos visuais quebrados, distorcidos e acoplados que ilustram o aspecto urbano que compõem o cenário retratado, lançando sobre esse ambiente um olhar desprendido de normas convencionais.

Você Não Está Aqui por sua vez, oferece um banco de imagens contendo paisagens em formato videográfico de vários lugares, as quais o espectador tem a possibilidade de escolher e editar através de modificações de elementos das imagens, como a cor e o clima. A instalação é exposta por meio de um dispositivo que exhibe as imagens em 360 graus, acompanhando a movimentação de quem está interagindo com a obra. Reeditando e movimentando-se por entre as imagens audiovisuais capturadas pelos artistas, o

espectador executa uma nova interpretação do olhar daquele que inicialmente esteve no lugar onde as gravações ocorreram.

Após o confronto com as obras, houve um momento de troca de ideias sobre as imagens assistidas e sobre experimentação audiovisual. Discutimos a respeito de percursos e elementos cotidianos, questionando a forma como nos relacionamos com eles, o que nos ronda diariamente, como percebemos esses trajetos e como podem os veículos da mídia de massa influenciar nossa percepção.

Devido ao conjunto visual e sonoro pouco convencional, pude perceber que houve grande estranhamento em relação à videoarte Cinema Lascado. Uma aluna disse que o vídeo causava muita agonia em função do som bruto e das imagens distorcidas. Relatei que a artista havia comentado que aquele vídeo retratava seu ponto de vista de dentro do transporte coletivo, onde as paisagens vistas pareciam todas fragmentadas. A partir daí, os participantes passaram a discutir suas diferentes formas de ver e interpretar ambientes vistos de diferentes perspectivas e as diferenças entre suas maneiras particulares de olhar e as imagens exibidas na televisão.

Em momento posteriormente à discussão, foi proposto aos jovens que realizassem um passeio por trajetos cotidianos e que a partir da experiência, realizassem um vídeo experimental buscando expressar o que sentiram durante o percurso. Foi destacado que por tratar-se de um vídeo experimental, não existia a necessidade de preocupação com aspectos técnicos como roteiro e iluminação (a menos que o estudante sentisse a necessidade disso para realizar sua proposta). O objetivo não era desenvolver domínio técnico, mas sim transmitir o que haviam vivenciado durante a atividade por meio da apropriação da linguagem audiovisual.

Um instrumento condicionador do olhar foi adicionado ao passeio: cada participante deveria realizar sua caminhada com um olho fechado e outro aberto, sendo que diante do olho aberto deveriam segurar um canudo de papel confeccionado com folha A4 (conforme Figura 1). A pequena “luneta” de papel, inspirada em uma ação realizada por Azevedo (2013), é capaz de gerar uma nova moldura ao olhar, fazendo com que este precise adaptar-se à nova condição.



*Figura 1 – alunos realizando a atividade.
Fonte: acervo pessoal da autora.*

Por meio da momentânea limitação do olhar afunilado no canudo, brota a provocação de uma maior atenção aos detalhes e caminhos que vão sendo percorridos. Em função dessa experiência peculiar, o olhar fica à margem de modificações que tendem a aguçar sua sensibilização, culminando em um modo de ver que surge desse enquadramento singularmente meticuloso.

Acompanhando os estudantes durante a atividade, notei reações de espanto, de descoberta e de curiosidade. Uma das participantes me interpelou surpresa: Olha esse bilheteinho, eu nunca tinha visto ele pendurado aqui! Ela apontava para um post it grudado em uma tomada que indicava “mau contato”.

Depois que todos haviam realizado o passeio e seus respectivos vídeos, retornamos para a sala a fim de comentar o processo. Fui surpreendida pela variedade de relatos e pelo fato de que a ação gerou diferentes experiências para cada aluno. Um participante contou que o canudo causou nele a impressão de silêncio, como se subitamente todo o ambiente estivesse sintetizado ao seu novo modo de ver. Outra aluna disse que por ser uma pessoa ansiosa, o olhar alongado a provocou para prestar mais atenção em objetos que aumentam sua ansiedade, como o relógio.

Optamos por não assistir os vídeos no mesmo dia, já que todos decidiram editá-los em casa. Dessa forma, foi criado um grupo no *facebook* no qual passamos a conversar sobre audiovisual e sobre a experiência, além de postar os vídeos (Figura 2) conforme iam sendo concluídos. Surgiram vídeos de diferentes facetas, cada um focando em uma situação ou elemento distinto: ansiedade, silêncio, pequenos lembretes, interruptores, manchas e ferrugens nas imediações, destoação entre determinado objeto e ambiente no qual se encontrava (uma aluna explorou uma grande cruz de aspecto mórbido, localizada em um jardim florido).



*Figura 2 – Frames de vídeos realizados por alunos.
Fonte: acervo pessoal da autora.*

Um possível próximo passo consiste em realizar uma exposição com os vídeos realizados, mas como a proposta ainda está em discussão entre os participantes da oficina, não é possível afirmar se a ação de fato irá acontecer.

3. Resultados e discussão

A pesquisa de mestrado da qual faz parte a oficina relatada anteriormente encontra-se em sua fase inicial, porém a análise de trabalhos que incorporam a produção audiovisual em sala de aula demonstra sua eficácia quanto ao empoderamento do estudante como produtor de saberes (apesar de não ter sido encontrada uma grande quantia desses trabalhos). Também fica evidente a importância da exploração da prática videográfica discente quando leva-se em conta o papel que o audiovisual exerce na contemporaneidade, caracterizada pela cultura digital.

Através da realização da oficina Vídeo Experimental – Olhar Sensível, foi possível constatar sua validade quanto ao protagonismo do discente, que posicionou-se como autor de saberes e foi capaz de descobrir novas vias de expressão por meio da produção videográfica experimental.

A despreocupação com detalhes técnicos foi efetiva para a desconstrução do olhar doutrinado por grande parcela da mídia de massa, uma vez que assumimos que o mais importante não é a qualidade técnica, mas sim aquilo que o audiovisual consegue expressar, comunicar. Assim, busco na linguagem audiovisual, própria da cultura de massa, “antídotos para a uniformização midiática e telemática, o

conformismo das modas, as manipulações da opinião pela publicidade, pelas sondagens” (GUATTARI, 2001, p. 16).

O olhar atento, provocado pelo canudo de papel, direcionou os participantes a perceberem elementos que talvez antes passassem despercebidos e que geralmente são ignorados pela grande mídia, que inclina seus holofotes muito mais para situações voltadas à esfera do consumo, própria do sistema capitalista.

4. Referências bibliográficas

ALMEIDA, C. Z. As relações arte/tecnologia no ensino da arte. In: PILLAR, A. D. (Org.). A educação do olhar no ensino das artes. 4. ed. Porto Alegre: Mediação, 2006.

AZEVEDO, C. T. Por uma educação ambiental biorrizomática: cartografando devires e clinamens através de processos de criação e poéticas audiovisuais. 2013. 350 f. Tese (Doutorado em Educação Ambiental) – Programa de Pós-graduação em Educação Ambiental, Universidade Federal do Rio Grande.

COSTA, C. Educação, imagem e mídias. 2. ed. São Paulo: Cortez Editora, 2013.

DEMARCHI, J. T. Cenários sempiternos: movimentos da produção audiovisual no ensino de arte. 2015. 77f. Monografia (Graduação em Artes Visuais) – Curso de Graduação em Artes Visuais, Universidade Federal do Rio Grande.

FREIRE, P. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. 53. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2016.

GARCIA, B. F. C. S.; BARAÚNA, D. N. A; MANESCHY, O. F. Audiovisual no ensino médio: videoarte paraense como conteúdo e material didático. In: ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISADORES EM ARTES PLÁSTICAS, 22., Belém, 2013, Anais... Belém: ANPAP/PPGARTES/ICA/UFPa, 2013. v.1. p. 1009-1022.

GUATTARI, Félix. As três ecologias. 11. ed. Campinas: Papirus, 2001.

Relato de Experiência: Terras Novas - Visão da Saga Pomerana

Sérgio Renato Furtado Flores

EMEF Germano Hübner – São Lourenço do Sul, RS

sergioedphys@msn.com

Resumo

A experiência gratificante de dirigir um vídeo dentro do educandário em que leciono a 16 anos, aliada à emoção de descobrir, reviver e remontar a História é o ponto central desta narrativa. A tarefa dada pela Direção de Escola foi aceita sem pestanejar, e a preparação demandou meticulosidade, organização; exigiu tempo, que era o que não tínhamos, mas ver o vídeo concluído, exibi-los aos alunos-atores, aos colegas e à comunidade, isso compensou as horas roubadas de dias, noites e madrugadas. Pensar o vídeo, imaginá-lo, roteirizar, lapidar espaços, adaptá-lo às nossas condições, discutir propostas, enfim, todo o processo de construção se fez pela curiosidade e imaginação e proporcionou a realização de uma obra de ficção coletiva seguindo uma visão direcional. O resultado: uma produção que mesmo amadora, faz sentir as dificuldades do passado.

Palavras-chave: história, pomeranos, terras novas.

1. Introdução

A proposição inicial da montagem de um vídeo de ficção produzido dentro da escola, englobando os próprios elementos da escola na finalidade de mostrar o que se pode produzir visualmente dentro do educandário parece-nos o ponto inicial de todo o projeto. O vídeo traria o componente histórico como forma de seguir a proposta básica da escola em fomentar a aproximação com a comunidade. A perspectiva inicial nos colocou em contato com a pesquisa bibliográfica e histórica sobre as motivações que trouxeram os pomeranos ao Novo Mundo, depois confrontar com os contos trazidos pela comunidade de seus ancestrais. E assim prosseguiu-se com a montagem da saga pomerana atizando a curiosidade de descobrir a História não contada nos livros de como foi a trajetória após a chegada e o desembarque no porto de São Lourenço do Sul.

O apanhado de relatos históricos é proveniente de fontes diversas descritas nas referências, não esquecendo que parte delas surge dos relatos das famílias. O projeto acaba se inserindo ainda a outro já existente na escola: “Pomerando”, que vislumbra possibilidades de resgate da cultura e língua pomerana na comunidade escolar.

2. Desenvolvimento

2.1 O GRUPO DE TRABALHO – as conversas informais com professores e alunos vão delineando o projeto, e, grupos de bate-papo expunham ideias diversificadas que se multiplicaram e transformaram-se no foco a ser apresentado. As funções foram sendo incorporadas; os atores se prontificando; ajudantes de produção iniciando a cuidar de detalhes como vestimentas e locais para filmagem; tudo enquanto eu como diretor geral tratava também de fazer o apanhado de relatos para roteirizar o vídeo.

Não há como medir a parcela importantíssima de contribuição da direção da escola, que não poupou esforços para garantir todos os pormenores do projeto, organizando relatos, fazendo cumprir cronograma de execução, providenciando locomoção e material para que cada fase do projeto fosse

desenvolvida sem percalços. E a comunidade também acolheu a ideia contribuindo enormemente para toda a realização do vídeo. Se em princípio a ideia foi pensada por um, os esforços coletivos de alunos (atores e produtores), professores, direção da escola, funcionários e pais/membros da comunidade, tornaram o vídeo uma obra coletiva, pensada e executada por todos, estudada e modificada por vários palpites e contribuições, fazendo com que todos sentissem o gostinho de participar de uma produção artística, amadora, e por isso mesmo, agradável e gratificante.

2.2 A EXECUÇÃO – todos os passos foram projetados para atingir o objetivo final que era o de informar por uma obra de ficção com observância aos fatos históricos e trazer emoção com a História pouco divulgada dos fatos ocorridos que proporcionaram a vinda dos Pomeranos para o Brasil, precisamente ao município, e a curiosidade em desvendar fatos da jornada após esta chegada ao Município de São Lourenço do Sul. Mesmo não fazendo parte do projeto inicial de construção/participação no Festival de Vídeo, a tarefa foi aceita, no entanto, quase na fase final de entrega do trabalho, já com várias reuniões realizadas. A proposta surgiu em um dia, justamente por saber lidar com mídias, o que era a dificuldade maior do grupo precursor ao trabalho, que também tinha outra ideia para execução do vídeo pro festival.

Desafio aceito, ler o material de instrução e montar o projeto inicial assim como o roteiro foram etapas cumpridas em um dia dentro da escola. A ideia central era um projeto antigo, próprio, rabiscado em agendas anteriores, justamente por fazer parte da curiosidade em saber sobre a História da localidade ou dos aspectos que trouxeram novos habitantes às terras das cercanias da Escola. As aspirações foram passadas a um grupo de alunos, que também se dispuseram a identificar etapas para organização do filme. Uma intensa e minuciosa pesquisa histórica foi organizada, buscando subsídios reais para embasar a ficção, além da coleta de relatos de parentes de alunos participantes do grupo que já se dispunha a participar do projeto.

Eis que surge tanto da pesquisa como dos relatos as várias menções às Terras Novas, permitindo assim demarcarmos a denominação do vídeo. Com a escolha do título, fluíram as ideias para montagem inicial da história, e a construção do primeiro plano de vídeo começa a se definir. O alvo seria atingir em 15 minutos todos os aspectos que precisávamos para contar passagens da época, incluir atores e ligar o passado aos tempos atuais. A construção de cenas se deu em conjunto com algumas ideias dos alunos para retratar os acontecimentos. Em uma noite estava pronto o roteiro e o esboço de locações para as gravações, com a ideia da primeira cena falada em pomerano, inclusão de cena em barco e várias locações de áreas para reproduzir a árdua caminhada. E o desenho para contar a parte histórica inicial fica pronto.

O outro dia marca a escolha de locais para as gravações, com cuidados minuciosos para não conterem cercas, fios, estradas ou qualquer marca de habitação da atualidade. Áreas da escola, áreas vizinhas e a busca de localidades com aspectos antigos. Os locais foram registrados previamente em fotos, e até mesmo os espaços e ângulos de câmeras já ficaram demarcados. O contato com a escuna Domínio do Sol preenche a última lacuna para as filmagens, mas aí as intempéries começam a atrapalhar, e os adiamentos acabaram por atrasar em mais de uma semana todas as gravações. Enquanto esperava o tempo melhorar - fomos assolados com chuvas ininterruptas por mais de 15 dias - roupas e materiais de gravações eram coletados e experimentados, e cada ator já tinha seu figurino.

Com as gravações iniciadas, passa-se a cuidar do som ambiente, e após a primeira cena, decidiu-se fazer a vídeo narração, já que o tempo final para entrega do trabalho estava se esgotando, e gravações de cenas com diálogos poderiam atrasar-nos ainda mais. Com isso, o próprio grupo de atores sente-se mais tranquilo. E mesmo que o tempo não melhorasse conseguimos finalizar todas as cenas, que foram curtidas intensamente por todos os atores, e com atuação constante dos auxiliares de produção. A História foi contada a todos, e a partir daí, dirigir as cenas foi tarefa facilitada pelo espírito teatral e emocionante que o grupo de alunos incorporou. Cada cena foi gravada apenas uma vez, e os atores fizeram-nas com uma maestria incrível, isso sem contar que em alguns momentos a emoção tomava conta de muitos, além deste diretor é claro! As cenas gravadas e mostradas separadamente já traziam o efeito que gostaríamos: causar emoção, nostalgia, entretenimento e provocar curiosidades.

Com tanto sucesso alcançado no que fora planejado para as cenas, ficou muito fácil narrar a parte histórica e finalizar com fotos antigas e atuais para trazer personagens locais à película. O que fica de marcante foi o envolvimento ímpar que os alunos tiveram, juntamente com familiares que se esforçaram em emprestar fotos, ceder espaços para gravação e até mesmo planejar ambientes para realizarmos as gravações, aliados aos esforços do corpo de professores, funcionários e direção em proporcionar as melhores condições para gravarmos as cenas, e buscar materiais e fotos para o complemento do vídeo.



2.3 SEQUÊNCIA DO PROJETO – além do objetivo alcançado, que foi o de participar em 2015 do I Festival de Vídeo Estudantil de São Lourenço do Sul; tendo sido agraciado com as premiações de Melhor Direção e Melhor Direção de Arte; foi mostrado por ocasião do Escolarte; suas gravações serviram de estímulo para a participação de um número expressivo de alunos no próprio Escolarte, que apresentou uma retrospectiva da História da 7ª Arte levando 96 atores para o palco; foi levado à Assessoria de Cultura como mostra de produção cultural escolar; integrou a reunião inicial da APM em 2016 (Associação de Pais e Mestres da escola - reunião); participou como produção da Escola no V Pomer Vida de São Lourenço do Sul; e atualmente serve de subsídio para o livro “Terras Novas” com previsão de lançamento para o início de 2017.

Todas estas participações se encaixam ao perfil traçado para os projetos dentro de nosso educandário, que são colocados em prática visando aspectos multidisciplinares e que contemplem múltiplas utilizações.

3. Resultados e discussão

Mesmo que não havéssemos sido agraciados com qualquer premiação na mostra, já nos consideraríamos premiados: em primeira instância pela grata satisfação em termos realizado o planejado; depois, em termos recebido tanto apoio de pessoas diversas em tantos segmentos, de nossa comunidade ou até mesmo externas a ela; e na percepção que o projeto teve êxito em mostrar uma produção da coletividade. Não dá para esquecer-se de citar que o comportamento dos “meus atores” superou todas as expectativas, com um saldo positivo também de relacionamento muito próximo com alunos da escola que nem sequer fazem parte das turmas que leciono. Fica em fase de aspirações o desejo de ampliar o projeto de vídeos dentro da escola, pois ficou-nos o gostinho de querermos mais.

Mesmo não fazendo parte do projeto inicial de participação na no Congresso de Produção de Vídeo Estudantil, a proposta é válida por ter se tornado um trabalho permanente, que tem servido de material de apoio para o estudo da História deste povo.

4. Referências bibliográficas

A Pomerânia. Acesso em 12 de julho de 2015. Disponível em: <http://flickrhivemind.net/Tags/pomerania/Recent>.

Ducados da Pomerania. Acesso em: 12 de julho de 2015. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Pomer%C3%A2nia#/media/File:Pomeraniae_Ducatus_Tabula.jpg

Mapas da Pomerânia. Acesso em 12 de julho de 2015. Disponível em: <http://www.povopomerano.com.br/pomerania4.php>.

Pomerânia. Acesso em 12 de julho de 2015. Disponível em: <https://www.flickr.com/photos/94791180@N06/8680655147>.

Pomerânia e Prússia. Acesso em 12 de julho de 2015. Disponível em: <http://www.ricsartshop.com/1688-Pomerania-Prussia-p-17cmap.html>.

Província da Pomerania. Acesso em 12 de julho de 2015. Disponível em: http://www.deutscheschutzgebiete.de/provinz_pommern.htm.

Produzindo vídeo, produzindo sonhos

Claudio Garcia

Rede Municipal Rio de Janeiro
cg.claudiogarcia@gmail.com

Sou formado em Licenciatura em Artes Cênicas pela Uni-Rio e ingressei na Rede Municipal de Ensino do Rio em 1999. Em 2003, mudei a estratégia de minhas aulas, trocando o teatro pelas produções audiovisuais. Desde então, já produzi mais de 100 vídeos nas Escolas Municipais: Monteiro Lobato, Narcisa Amália e Comunidade de Vargem Grande.

No começo, sem muita experiência, produzia muitos filmes documentários e programas de tv em forma de debate. Com o tempo, comecei a fazer filmes de ficção que logo conquistaram espaço em festivais e mostras audiovisuais.

Em minhas aulas os alunos são responsáveis por sugerir ideias e temas para os filmes. Depois de escolhida a melhor ideia pelo grupo, os alunos partem para a escrita do roteiro, escolha dos papéis e funções que cada um deve desempenhar. Na sequência, entram na fase de gravação, onde os próprios alunos são responsáveis pela filmagem, captação do áudio, direção, produção e atuação. A edição, geralmente fica por minha conta, mas alguns dos filmes foram editados pelos próprios alunos. Isso depende muito de cada grupo. Se há algum aluno com uma noção de edição, ele assume a função. Como o tempo na escola é curto e a edição muitas vezes é demorada, acabo trabalhando em casa e a cada semana levo meu laptop para as escolas e os alunos acompanham o que está sendo feito e opinam sobre a edição.

Eu tenho percebido que há uma melhora significativa na relação dos alunos envolvidos com suas atividades como estudantes. Fazer um filme é um trabalho coletivo, onde os alunos assumem suas funções e as desempenham com muita responsabilidade. Além disso, com a valorização de sua autoestima, o aluno se sente mais confiante e interage mais nas atividades de sala de aula nas outras disciplinas. Um dos objetivos deste trabalho é dar voz a esses jovens, potencializando o protagonismo juvenil. Fazer um filme sobre assuntos de seus interesses, criar um canal de comunicação direto com os outros alunos, que se veem representados e por consequência valorizam o trabalho dos alunos produtores. E todo mundo ganha.

Falando em ganhar, os filmes vêm se destacando em diversos festivais de cinema no Brasil e até no exterior. Conseguimos vencer alguns deles que renderam *tablets*, *netbooks*, câmeras e computadores, para os alunos, para mim e até para a escola. Ganham não só prêmios, mas, muitas vezes, a oportunidade de algo mais marcante como aconteceu no Festival Literatura em Vídeo, onde disputamos com filmes de alunos de escolas públicas e particulares de todo o Brasil. Em 2011, vencemos com “Dona” (Narcisa Amália/2011) e em 2012 com “Vida em Manchetes”(Monteiro Lobato/2012) e os alunos viajaram do Rio para São Paulo, para a festa de premiação sem nenhum responsável deles, apenas comigo. Para eles uma experiência incrível, a maioria viajando pela primeira vez de avião, para um hotel legal e sem os pais.

Ganham também em conhecimento. Em 2009 e 2010 realizamos uma série de 9 vídeos sobre pontos turísticos de nossa cidade. O “Mosaico Carioca” era um programa de TV onde escolhemos locais do Rio para contar a história. Em cada episódio, os alunos eram repórteres e produziram seus textos e reportagens após uma intensa pesquisa que levava cerca de 1 mês, concluindo com uma ida ao local escolhido para a gravação do programa. Foram grandes aprendizados em história, geografia, ciências, português... Fizemos no Pão de Açúcar, Maracanã, Museu Aeroespacial, Centro Cultural da Marinha, Museu Nacional, Jardim Zoológico e outros lugares incríveis do Rio. Volta e meia encontro alunos que participaram deste projeto, que me relatam que até hoje sabem tudo sobre a história daquele lugar.

Também participamos de algumas edições do Concurso Tirando a Droga de Cena, promovido pela Prefeitura do Rio e vencemos com dois filmes da E. M. Monteiro Lobato: “Viajando na Parada” (2010) e “Homem Que É Homem”(2011). Só sobre a temática de prevenção ao uso de drogas foram mais de 10 filmes produzidos, além de intensas pesquisas e discussões sobre drogas.

Mas, não fazemos filmes pensando em prêmios. Buscamos fazer bons filmes para que os adolescentes, nosso público alvo, curtam. Nem sempre conseguimos. Alguns filmes tem um excelente processo, mas o resultado final nem é tão bom. Mesmo assim inscrevemos alguns em festivais, porque acho importante poder trocar com outros jovens que estão produzindo conteúdo audiovisual em suas escolas. E se o prêmio vem, fico feliz porque sei que cada um deu o máximo de si e fez por merecer.

Além da realização dos filmes, procuro apresentar aos alunos diferentes gêneros de filmes. Seleciono filmes com propostas e linguagens diversas e assistimos juntos e debatemos ao final. As discussões giram em torno de filmes nacionais, estrangeiros, sobre a influência da tv, sobre como contar uma história de forma original e criativa, sobre que técnicas foram utilizadas em determinada cena, etc. Um bom exemplo de um filme que fizemos que sofreu forte influência de um dos filmes que vimos foi em 2015, com o filme “Ai, Cadê meu cartão?”. O roteiro já estava praticamente estruturado, contando a história de Julia, uma menina que perde seu cartão de passagens e fica desesperada porque acha sua foto muito feia e tem medo de seus amigos ou seu *affair* encontrarem. Pouco antes de começarmos a gravar, mostrei cenas do filme “Corra Lola, Corra”. Imediatamente eles acharam que tinha uma ligação forte com a ideia do filme deles, alteraram algumas cenas e também o nome da protagonista que passou a se chamar Lola. E vendo o filme, fica clara a referência ao filme alemão.

Além das 3 escolas municipais citadas no início deste relato, onde atendo turmas de ensino fundamental 2, desde 2013 também trabalho como professor de cinema na Escola Parque - Barra(particular), com alunos do ensino médio, tentando seguir na mesma proposta que já desenvolvo na rede municipal.

Este ano está sendo incrível! Estamos realizando 3 filmes na Monteiro Lobato, 5 na Narcisa Amália, 4 na Comunidade de Vargem Grande e 4 na Escola Parque. Muito orgulho de ver o envolvimento de tantos jovens na produção de vídeos!

Como fazer realizar sonhos

Renata Tavares da Silva
EMEF Francisco Cândido Xavier
eaprenderecrescer@yahoo.com

Resumo

Trabalho baseado na minha experiência no curso São Léo em Cine e gravações dos curtas “Acolher” para o Festival de curtas estudantis na EMEF Francisco Cândido Xavier.

Palavras - Chave: Curtas, filmagens, pesquisa, histórias de vida.

1. Introdução

Sempre tive sonhos... Afinal todos os sonhos em que o dinheiro pode pagar custa barato. Então para que tudo se realize tem seu tempo... Sonhe!

Todos temos uma história de vida, todos temos relatos surpreendentes que pode virar um filme, um curta ou até uma novela.

Quando fui chamada para trabalhar na rede de São Leopoldo, não imaginava a Escola que eu iria trabalhar. A Escola de Ensino Fundamental Francisco Cândido Xavier, é uma escola que fica na periferia e existe para atender a comunidade remanejada de uma Vila e seus arredores. Pessoas que vivem em casebres humildes e até mesmo desumano, mas que eram seus “lares” construídos para se viver e até mesmo seus sonhos...um lugar para morar. Sua Proposta ACOLHER, CUIDAR E EDUCAR. Uma escola de ensino fundamental de turno integral.



*“Um homem que não
se alimenta de seus sonhos,
envelhece cedo.”
William Shakespeare*

A partir de um curso oferecido pela secretaria de educação tive a oportunidade de aprender mais sobre como produzir um filme, um roteiro, um curta. Fazer os alunos contar seus anseios, suas histórias, suas angústias através de vídeos estudantis. Que máximo!

Sempre gostei de fotografia, para mim é como guardar bons momentos para sempre em uma caixinha. E não momentos meus, gosto de alegrar o outro, de pegar uma foto da pessoa sem ela perceber e depois ver a surpresa dessa pessoa ao se ver na foto “roubada”.

Quando me tornei professora usei este recurso para mostrar o tempo passar, e mostrar que o tempo nada mais é algo que possamos aproveitar dele. E isso se deu com a fotografia.

2. Experiência

Já era noite quando entrou na minha caixa de e-mail com endereço da SMED um *link* para acessar com o Cronograma do curso São Léo em Cine.

O curso ensinava como filmar, gravar, colocar som, editar enfim... tudo o que eu precisava para trabalhar em sala de aula com meus alunos. Trabalho com a educação infantil e histórias “mirabolantes” não faltam, pois os pequenos têm muito para nos contar todos os dias.

Na reunião da escola à noite falávamos de vários assuntos e no final falei sobre o curso. Como era final do ano de 2015, ficou difícil para alguns professores participar. Então surgiu uma parceria com Marina Ribas professora na escola colega e amiga. Tivemos diversas ideias, conversamos com vários alunos, e equipe diretiva sobre espaços e lugares.

Há os que me chamam de pacata, mas não gosto de agir por impulso, nem nos momentos de emoção. Respiro! E esperei.

Então quando estávamos em um curso o Proame na escola sobre Direitos da criança, surgiu o assunto ABUSO SEXUAL. Tenso, foi relatado alguns casos tratados e então pensamos...Como levar isso para o público infantil e juvenil? ATRAVÉS DE UM CURTA! Falamos com a equipe diretiva e lá fomos nós.

Roteiros prontos, sinopse fomos conversar com alunos, conversar com as famílias e pegar fichas, assinaturas, autorizações e muitos sonhos e histórias para contar.

Entre as dificuldades encontradas está o fato da colega Marina ser transferida para outra Emef, mas estávamos sempre conectadas. Depois vieram outras, como os alunos tem poucos recursos (internet, câmeras fotográficas, e celulares) usei o Evam (Espaço Virtual Multimídia), meu notebook (usado nas aulas das professoras Miriam e Marceli) e minha máquina fotográfica. Tivemos que contar com o tempo, clima, disponibilidade de local, muitas caminhadas, conseguir o transporte para levar os “Chiquinhos” para se ver no cinema, arquivos perdidos e claro a internet.

Aos sábados começando a gravar o “Acolher” nome escolhido através da proposta da escola.

Entre os erros de gravações, as baterias das máquinas recarregando ou faltando carga, falávamos sempre no acreditar em realizar aquilo que se quer. E ficou incrível, ficamos felizes com o resultado.

Sempre passava pela cabeça, que não ia dar tempo, ou algo não encaixaria.

Era a primeira experiência, a primeira nossa e dos alunos. Ainda bem que tínhamos amor.

*“Quem julga as pessoas
não tem tempo para amá-las.”
Madre Teresa de Calcutá*

Chegou a hora da edição. Coloca cena, tira cena, escolhe música, encontro nos intervalos, desespero!!! Vídeo pesado não carrega, prazo de envio terminando e wifi não colaborando. Marina me liga não dá certo, já tarde da noite faltando 2 horas para o término ela veio aqui em casa e conseguimos enviar. Obrigada Eliane pela ajuda no Whats! Cada MB carregado uma vitória! Cada etapa concluída um abraço.

Eis que os dois carregam! Viva! Sonhos a ponto de serem realizados. Edição de Banners prontos, tripés emprestados, alunos ansiosos, mais correria.

Os alunos ficaram surpreendidos quando contamos que os curtas passariam no Cinema, pois recentemente a Escola Chico Xavier fez um passeio com as famílias e todos foram no cinema, então, a realização de um sonho de aparecer em um filme poderia se tornar realidade partir da filosofia da nossa escola: acolher, cuidar e educar ensina o respeito em respeitar e sonho que se sonha junto vira realidade.

Muitos *whatsapps*, ofícios enviados, e vontade de que dê tudo certo. Persistência, todos com comprometimento e vontade de mostrar seus trabalhos. Não vou desistir!

Eis que surge o dia do cinema, e fomos na maior alegria. Somos estrelas! Em casa as histórias e entusiasmos eram relatados aos pais que felizes viam agradecer.

Mas faltava o grande dia! O dia da premiação. Na reunião descobrimos um transporte especial para levar os alunos a tão sonhada conquista. Uma Limusine. Bom, chegar à escola e relatar a equipe diretiva sobre a surpresa foi muito bom, o difícil foi guardar segredo para os alunos. Lista escolhida com as estrelas da festa e fomos para o grande evento... Muita festa! Felizes arrumados, a expectativa era grande, pois damos o nosso máximo em tudo.

Todos tinham um sonho, relatar suas experiências e ganhar o prêmio. Eis que surge o Prêmio de melhor atriz. Indescritível a sensação, pois os pais da menina estavam na cerimônia dando apoio e força para ela, acreditando nos SONHOS dela.

3. Conclusão

Ficamos muito felizes a experiência que ficou foi de uma grande vitória contra o preconceito, a divulgação do Disk 100 em casos de abuso sexual e um passeio inesquecível com os alunos.

Entrevista com a Aluna Taiana para o *site* da Prefeitura do dia 15 de dezembro de 2015.

DA VIDA REAL PARA FICÇÃO

Há três anos Taiana Pereira Flores, 16 anos, trocou de escola porque não suportava mais ser vítima de *bullying*. Aluna da EMEF Chico Xavier, na noite de ontem, foi premiada como Melhor Atriz pela sua atuação no filme Acolher, que fala justamente sobre o *bullying*.

Eu consegui trazer muito do que eu vivi para o personagem. Isso me ajudou bastante. Gostei muito da experiência e tratar desse assunto me ajudou a superar. E hoje foi uma revelação bombástica ganhar este prêmio – comentou emocionada. (“Tay” Aluna da escola Chico Xavier e protagonista do curta Acolher).

4. Ilustrações



Foto: comemoração do prêmio Melhor Atriz para o Custa "Acolher"



Escola na noite de premiação e na expectativa do prêmio.

5. Referências bibliográficas

Albânia -Madre Tereza de Calcutá 26 Ago 1910 // 5 Set 1997 Editora: Religiosa.

Escola Municipal Francisco Cândido Xavier- PPP (Plano Político Pedagógico).

Cinema Brasileiro - Propostas para uma História Autor: Bernardet, Jean-claude Editora: Companhia de Bolso.

Shakespeare - Vidas Ilustradas Autor: Holden, Anthony Editora: Ediouro – RJ.

SMED - Secretaria Municipal de Educação - Vídeos do Curso São Léo em Cine.

Ufpel-Universidade Federal de Pelotas- Oficinas de Cinema.

You tube- Vídeos professor Josias.

Produção autônoma de cinema na sala de aula em escola pública

Marlon Fraga Nunes
Escola Técnica Estadual 31 de Janeiro
Campo Bom - RS
mobral1@uol.com.br

Resumo

Com objetivo de utilizar as novas mídias, que tornam os educandos cada vez mais conectados, onde se valem do uso de fotos e vídeos para compartilhamento de seus momentos, alegres ou tristes, iniciei em sala de aula, há oito anos, a criação da produção cinematográfica de forma autônoma pelos alunos.

Palavras-chave: Cinema, escola, projeto pedagógico.

1. Introdução

A proposta trata de eles criarem um curta metragem do “zero”, onde cada um tem a sua função, direção, produção, roteiristas, figurinistas, maquiagem, câmera, iluminador, contrarregras, atores e atrizes. Todos os cargos são escolhidos democraticamente na turma através de conversa com o grupo e possível votação.

2. Desenvolvimento

Ao criarem um curta metragem do “zero”, onde cada um tem a sua função, direção, produção, roteiristas, figurinistas, maquiagem, câmera, iluminador, contrarregras, atores e atrizes. Todos os cargos são escolhidos democraticamente na turma através de conversa com o grupo e possível votação. Na maioria das vezes o bom senso impera, no caso específico dos atores e atrizes, fica para aqueles que têm interesse em aparecer na frente das câmeras e quando existem dois ou mais interessados na personagem são feito teste de câmera com alguma cena do roteiro pronto, o grupo decide quem fica com o papel. Com os curtas prontos, participamos de festivais de cinema estudantis do estado, onde já ganhamos diversos prêmios. Com apoio da direção da escola, colocamos no calendário escolar de 2016 o 1º Festicine31, para incentivar professores e alunos que com temas livres, pudessem demonstrar todo seu potencial. O sucesso foi imediato com a produção de quatorze curtas metragens que abordaram vários temas: Preconceito, documentário, drogas, romance, filmes de época, ficção científica e comédia. Para valorizar mais os seus trabalhos, eu em conjunto com a turma que ministro Seminário Integrado, com projeto “TV Revolução” montamos uma apresentação especial, produzindo uma premiação com a mostra de todos curtas, jurados a presença de pais, alunos, comunidade e imprensa local. Criamos um ambiente de “Oscar” com tapete vermelho entrevistas com os indicados e apresentações temáticas, a cada prêmio entregue. A conclusão deste projeto demonstrou uma enorme união das turmas que tiveram que pesquisar figurinos, procurar os professores para ajudar em fatos históricos, nos filmes de época, uma das produções precisava saber como era escola nos anos 70, e através de imagens do prédio, na biblioteca, criaram uma sala de aula que se ambienta em 1977. Buscaram também suporte para criação de seus roteiros que deveriam ter forma inédita.

3. Resultados e discussão

Aumentou-se a autoestima dos educandos e surgiram talentos em várias áreas de um curta metragem, como a criação de músicas inéditas para os seus curtas, pois a regra era não utilizar nada de direito autoral. Durante todo projeto que iniciou em Março, tínhamos reuniões semanais no período de arte para ver o andamento dos trabalhos, também acompanhei o processo das filmagens e edições dos curtas pelos alunos. Todos gostaram de fazer e já estão projetando os curtas do ano que vem.

Abrangência 08 turmas de ensino médio e 02 turmas do fundamental, 310 alunos.

Produção de vídeos turísticos: o uso da tecnologia aliado ao ensino-aprendizagem de língua inglesa

Patricia Miranda Medeiros Sardinha

Professora de Inglês do Estado do Rio de Janeiro

Mestranda no Mestrado Profissional em Práticas de Educação Básica, Colégio Pedro II

patymime@yahoo.com.br

Resumo

O uso de tecnologia digital já faz parte do cotidiano dos estudantes, de forma que, cada vez mais, a apropriação desses recursos digitais faz-se necessário no contexto escolar. O relato de experiência, aqui apresentado, mostra o processo de desenvolvimento da produção de vídeos turísticos da cidade de Niterói, Rio de Janeiro, pelos alunos da 1ª. Série do Ensino Médio da rede estadual de ensino. Tal atividade colaborou para o desenvolvimento do ensino-aprendizagem da Língua Inglesa, aliando lazer, conteúdo e uso de tecnologia digital a serviço do conhecimento.

Palavras-chave: Produção de vídeos turísticos. Ensino de Língua Inglesa. Tecnologia digital.

1. Introdução

A tecnologia digital já está presente na nossa sociedade, sua utilização e seus mais variados recursos fará parte, ou já faz parte, da realidade educacional como instrumento de ensino-aprendizagem, dinamizando as aulas em busca de um ensino significativo, colaborativo e interativo (MORAN 2004).

O estudante já chega na escola com uma bagagem cultural, com uma gama de informações que ele adquiriu vendo televisão (seriados, filmes, telejornais), informações oriundas da internet (*facebook, google, youtube, blogs*) e como sabemos, a tecnologia exerce fascínio sobre os estudantes. A utilização das novas tecnologias digitais (principalmente os smartphones com acesso a variados aplicativos) fazem com que eles já dominem essa linguagem digital, fonte riquíssima de informações. O maior desafio para os professores é o de utilizar tais recursos para dinamizar as aulas e ajudar o estudante em sua pesquisa virtual rumo à aquisição de um novo conteúdo: orientação, tutoria e utilização das mídias virtuais para o ensino-aprendizagem.

Uma vez inserida no espaço escolar, os recursos digitais tornam-se ferramentas empolgantes para o estímulo à aprendizagem. Segundo Moran,

O professor agora tem que se preocupar, não só com o aluno em sala de aula, mas em organizar as pesquisas na internet, no acompanhamento das práticas no laboratório, dos projetos que serão ou estão sendo realizados e das experiências que ligam o aluno à realidade. (MORAN, 2004, p. 15).

Ademais, os Parâmetros Curriculares de Língua Estrangeira estabelecem que o ensino da Língua Inglesa permita ao estudante “conhecer e valorizar a pluralidade do patrimônio sociocultural brasileiro, bem como aspectos socioculturais de outros povos e nações” (BRASIL, 1998, p. 07). O documento oficial continua sua redação recomendando à escola e seus protagonistas: professor e aluno “saber utilizar diferentes fontes de informação e recursos tecnológicos para adquirir e construir conhecimentos” (BRASIL, 1998, p.08). Percebe-se, pois, a relevância do uso da tecnologia como meio eficaz de otimizar o processo de ensino-aprendizagem. O que também é salientado por Perrenoud:

As novas tecnologias podem reforçar a contribuição dos trabalhos pedagógicos e didáticos contemporâneos, pois permitem que sejam criadas situações de aprendizagem ricas, complexas, diversificadas, por meio de uma divisão de trabalho que não faz mais com que todo o investimento repouse sobre o professor, uma vez que tanto a informação quanto a dimensão interativa são assumidas pelos produtores dos instrumentos. (PERRENOUD, 2000, p.136,137)

Diante disso, e aproveitando os eventos internacionais sediados pela cidade do Rio de Janeiro: Copa do Mundo em 2014 e Olimpíadas em 2016, foi proposto aos estudantes da 1ª série do ensino médio, de uma Escola Estadual do Rio de Janeiro, a produção de vídeos da cidade de Niterói, local onde a escola está situada. A tarefa foi a de apresentar os pontos turísticos: museus, prédios históricos, áreas de lazer, monumentos e demais atrações que a cidade possui, com legenda em Português e Inglês.

Cabe ressaltar que Niterói é vizinha da cidade do Rio de Janeiro, sendo dividida pela baía de Guanabara, e seu acesso se dá pela travessia da ponte Rio-Niterói, por carro, moto e ônibus, ou por meio das barcas, configurando-se, com isso, como um dos destinos também a serem visitados pelos turistas que estão na cidade maravilhosa.

Os objetivos da proposta didática foram de incentivar os alunos a conhecerem os pontos turísticos da cidade em que moram; proporcionar a interação entre eles; fazê-los utilizar a Língua Inglesa para escrever as legendas do vídeo, utilizando os recursos tecnológicos que já dominam.

A proposta realizada e os procedimentos adotados serão relatados na próxima seção.

2. Desenvolvimento

Para execução da tarefa, a turma foi dividida em grupos para visitar os locais turísticos da cidade de Niterói, tirar fotos e montar um vídeo, utilizando o programa videomaker. Foi solicitado que eles escrevessem legenda em Português e em Inglês apresentando os locais selecionados, com nomes e características dos lugares visitados.

É importante salientar que os alunos da rede pública estadual de ensino recebem bilhete de ônibus com direito a passagens diárias, com isso, os estudantes não tiveram dificuldade para ter acesso aos pontos turísticos da cidade de Niterói.

A atividade foi proposta com um (1) mês de antecedência para que desse tempo de os alunos organizarem as visitas aos locais. Durante esse mês, a professora ficou à disposição, nos encontros semanais, para ajudar na revisão das legendas dos vídeos.

Os recursos necessários para execução da tarefa foram: os smartphones dos próprios alunos, para que eles pudessem fazer a fotos; um computador com o programa videomaker e aparelho multimídia para reprodução, na escola, dos vídeos produzidos pelos grupos, em dia pré-agendado.

A tarefa de produção de legenda em Inglês e Português proporcionou aprendizado significativo da Língua Inglesa, além de reforçar os conhecimentos da língua materna, pois:

No ensino/aprendizagem de línguas estrangeiras, a tradução pode constituir um componente fundamental, desde que devidamente trabalhada. Defendemos aqui seu uso, como um recurso pedagógico, que quando empregado com objetivos definidos, auxilia, significativamente, no desenvolvimento das percepções face às tramas que se estabelecem, em todos os patamares, línguas diferentes. Estas diferenças não concernem somente ao léxico, à gramática, mas implica fenômenos culturais, ideológicos, filosóficos. (BITTENCOURT e TECCHIO, 2011, p.162-163)

Os estudantes, em sua maioria, já estão transitando nas redes sociais, recebendo e compartilhando vídeos, pôsters, emoticons etc. que utilizam linguagem multimodal (textos com linguagem verbal e não-verbal):

[...] a multimodalidade oferece aos produtores e leitores dos textos o potencial de significação dos modos ou meios semióticos. O modelo de comunicação multimodal considera não só os produtores dos textos, mas se aplica também a interpretação. A comunicação acontece somente quando há articulação e interpretação (SANTOS, 2008, p.78).

Com o desempenho da tarefa de produção de vídeos turísticos, os estudantes puderam perceber, na prática, a importância da integração de imagem, texto e som para que haja melhor comunicação da mensagem a ser transmitida.

Além disso, a tarefa de criar uma legenda para o vídeo produzido proporcionou um aumento de vocabulário em Língua Inglesa, bem como percepção estrutural da língua estudada.

Mesmo com a disponibilidade da professora para revisão do texto a ser inserido no vídeo, muitos alunos optaram por não pedir auxílio. Com isso, alguns erros ortográficos e estruturais da língua foram detectados nas legendas no produto final entregue pelos estudantes.

Devem ser ressaltadas aqui a criatividade e a facilidade com que os alunos executaram a tarefa, mostrando-se eficientes no manuseio do programa videomaker e apresentando os vídeos turísticos bem estruturados.

O sucesso da atividade proposta aos alunos deve-se muito à motivação que o uso das tecnologias digitais desperta nos estudantes. Tal fato é apontado por Tumolo:

Considerando motivação, recursos digitais como jogos eletrônicos, vídeos, têm permitido motivação intrínseca nas várias gerações e, atualmente, na geração de nativos digitais, permitindo multimodalidades bem como iniciativa e participação, especialmente nos casos em que aprendizes são autores; recursos digitais como atividades digitais, áudio livros, livros digitais têm permitido a motivação instrumental; e recursos digitais como redes sociais, blogs, a motivação integrativa. O desenvolvimento de uma LE, assim, conta com uma grande variedade de recursos digitais, usados por professores e alunos, ou aprendizes autônomos, fazendo da atual uma época propícia para esse desenvolvimento. (TUMOLO, 2014, p.233)

Com os trabalhos executados e entregues, em dia pré-agendado, foi apresentado para a comunidade escolar uma mostra dos vídeos produzidos pelas quatro (4) turmas da 1ª série do ensino médio. A amostra dos vídeos turísticos contou com a apresentação bilíngue, em Língua Portuguesa e Língua Inglesa, realizada por dois estudantes que apresentaram os nomes dos autores dos vídeos, turmas e lugares visitados no auditório da escola.

3. Resultados e discussão

Neste relato, foi exposto como a tecnologia digital contribuiu para o processo de ensino-aprendizagem da Língua Inglesa de forma significativa (TUMOLO, 2014). Com a execução da tarefa, os estudantes foram incentivados a conhecer a cidade onde residem e estudam, além de proporcionar a integração e o estreitamento de laços de amizade entre eles.

O impacto das tecnologias digitais é uma realidade irreversível na nossa sociedade e que já faz parte da escola, uma vez que os próprios alunos utilizam seus smartphones para pesquisa, fotos, gravações e acesso a uma variedade de aplicativos que facilitam a aprendizagem.

Mesmo que as condições das escolas públicas estaduais não sejam estruturalmente as ideais para a aplicação do uso de tecnologias digitais nas aulas, a tarefa de produção de vídeos turísticos obteve êxito, pois os recursos dos próprios estudantes foram utilizados. Tornar os estudantes protagonistas e autores de seus próprios textos (vídeos com legendas) incentivou o interesse pelas aulas e proporcionou melhor desempenho na busca pelo conhecimento da Língua Inglesa.

Ribeiro salienta que “embora as mídias e seus processos de edição tenham impacto sobre a oferta de eventos de letramento dos cidadãos, a escola continua sendo uma das mais fortes agências de letramento” (RIBEIRO, 2016, p.47), pois tem a tarefa de ajudar os estudantes a interpretar e, também, incentivá-los a produzir textos multimodais (com presença de linguagem verbal e não-verbal).

O relato de experiência, aqui exposto, proporcionou a produção de vídeos turísticos da cidade de Niterói, com legenda bilíngue e divulgação dos mesmos para a comunidade escolar, proporcionando o multiletramento dos seus alunos.

A utilização das tecnologias já faz parte do cotidiano de jovens, por isso, a escola pode se apropriar desse recurso para aproximar os conteúdos da realidade dos alunos e proporcionar interação por meio da linguagem digital que, de certa forma, desperta o interesse e dinamiza as aulas (MORAN, 2004).

Com a execução dessa atividade, muitos alunos que ainda não conheciam alguns pontos turísticos da própria cidade, tiveram a oportunidade de visitá-los com seus amigos de turma, o que gerou maior integração entre eles, estreitando os vínculos de amizade. Eles não tiveram dificuldade para entregar o produto final, pois já dominavam os recursos digitais necessários: *smartphones* e *videomaker*. Com objetivo de produzir aulas dinâmicas e interessantes para os estudantes, a proposta de elaboração dos vídeos turísticos integrou o uso de tecnologia digital, conhecimento e lazer, além de incentivar a escrita em Língua Inglesa.

4. Referências bibliográficas

BITTENCOURT, Marcelina; TECCHIO, Iliane. A Tradução no Ensino-Aprendizagem de Línguas Estrangeiras. Revista Magistro - ISSN: 2178-7956. Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras e Ciências Humanas – UNIGRANRIO. Vol. 2 Num.1. p.152-165. 2011.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua estrangeira / Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998.

MORAN, José Manuel. Os novos espaços de atuação do professor com as tecnologias. Revista Diálogo Educacional, Curitiba, v. 4, n. 12, p.13-21, Mai/Ago 2004.

PERRENOUD, Phillipe. A prática reflexiva no ofício de professor. Porto Alegre: Ed. Artmed,1991.

RIBEIRO, Ana Elisa. Textos Multimodais: leitura e produção. 1 ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2016.

SANTOS, Zaira Bomfante dos. A construção de uma leitura multimodal em Língua estrangeira. Revista Educação em Destaque. Juiz de Fora, v. 1, n. 2, p. 75-86, 2. sem. 2008.

TUMOLO, Celso. Recursos digitais e aprendizagem de inglês como língua estrangeira. Ilha do Desterro nº 66, p. 203-238, Florianópolis, jan/jun 2014.

A prática do ensino do vídeo: sobre tornar a academia abrangente

Ana Paula Ogliari

Graduanda em cinema e audiovisual pela UFPEL

Relato de Experiência

A universidade pública, por vezes, se traduz em uma instituição que se distancia do seu discurso basilar de inclusão e propagação do conhecimento. Em inúmeras oportunidades nos deparamos com um ambiente higienizado e deslocado do seu contexto social, em que a sua produção só se volta para si mesma. Tem-se um grande número de estudos e discussões extremamente relevantes que não conseguem transpassar os muros da universidade e por isso velhas adversidades se mantêm inalteradas na em muitos âmbitos sociais. Uma alternativa para a atenuação dessa realidade seletiva pode estar nos projetos de extensão, que tem objetivo principal, justamente a aproximação do saber acadêmico com a comunidade que o cerca.

No ano de 2016, passei a integrar, como bolsista, um desses projetos que tem como intenção, especificamente, o incentivo a produção de vídeos por parte de alunos de escolas públicas por meio da capacitação do maior número possível de professores e também pela construção de um festival competitivo que contempla todas as produções realizadas no ano dentro da cidade, dentro das escolas.

Sem nunca antes ter tido contato com atividades que envolvessem ensino, o desafio estava em orientar outros sobre algo tão complexo como o cinema e o vídeo, principalmente por serem áreas que compreendem noções técnicas e pragmáticas, mas uma maior e mais importante de subjetividade e sensibilidade.

Acrescido a isso estava a realidade das escolas públicas que na intenção de uma aproximação com os seus estudantes, busca iniciativas e propostas que dialoguem diretamente com eles, mais especificamente, que possuam aplicabilidade real, efetiva e produtiva de tecnologias já familiares aos jovens, pelo fato dela, de forma geral, ainda não ter muito afinidade com tais empregos.

Me debruço sobre o caso específico do processo de realização do I Festival de Vídeo Estudantil na cidade de Capão do Leão no ano de 2016 coordenado Izabel Cristina Santos por ser o que acompanhei de forma mais próxima. E também, brevemente do I Congresso Brasileiro de Produção de Vídeo Estudantil.

Após o interesse da Secretaria de Educação, que se mostrou desde o início entusiasmada e prestativa, foi realizado a divulgação do projeto e com isso a composição de um grupo de professores interessado na ação, por motivos vários (sendo alguns por pressão dos próprios alunos que ao saberem do projeto, questionaram o professor para participarem).

O que pude observar

Os encontros com o grupo se deram ao longo de todo ano letivo no intuito de contemplar todas as fases da construção do vídeo na medida em que aconteciam de forma prática também. Foram iniciados por maneiras de estruturação de ideias para a elaboração de roteiros e a aplicabilidade de realização dos vídeos na construção do conhecimento, após noções de produção e direção com dicas práticas e foram finalizados com a base de edição do material capturado, sempre com as limitações da realidade escolar em perspectiva.

Minha participação nas primeiras oficinas se limitava ao acompanhamento e auxílio, contudo, mesmo nessa posição eram claras as impressões dessa primeira experiência por parte também dos professores. A, nitidamente, mais notória era a insegurança das profissionais em apresentar às suas respectivas turmas um projeto sobre o qual elas mesmas não possuíam ainda, domínio completo de todas as ferramentas necessárias. Como também em monitorar uma proposta em que os alunos tomassem a frente e assim possuísem total autonomia.

Afora isso era recorrente a fala sobre falta de recursos por parte das escolas, fato que foi contornado pelo apoio da faculdade enquanto também, espaço físico. Esse resultou em uma saída de campo dos alunos das zonas rural e urbana da cidade de Capão até a Universidade para o reforço das oficinas e acompanhamento de cada projeto. Esse episódio ajuda em muito para ilustrar o que foi dito na introdução deste relato sobre a impermeabilidade da universidade em relação a sua própria comunidade, uma vez que a grande maioria dos estudantes nunca havia adentrado seus portões e o tendo feito ficaram encantados pela sua estrutura ao mesmo tempo que modificaram a sua percepção de impenetrável do lugar.

Na ocasião ministrei uma oficina de roteiro que para além das formalidades tinha como finalidade a organização das ideias dos alunos para facilitação das gravações, também instruir para adaptação das histórias ao contexto possível pelo tempo e espaço, isso porque por vezes a vontade de contar muitas coisas pode ser prejudicial para o processo.

Em outras oportunidades o apoio da universidade se fez produtivo, principalmente na etapa de montagem dos vídeos produzidos, por ainda ser esse o gargalo do projeto, tendo em vista a estrutura das escolas públicas e também da comunidade. Esse momento foi também muito relevante ao se tratar do vínculo com os alunos, uma vez que a idealização dos cortes e efeitos eram totalmente deles e o que realizei foi somente o que me era solicitado, como intérprete das ferramentas. Aqui visualizei pela primeira vez o grande envolvimento e apego dos alunos com o seus projetos e mais relevante de tudo o orgulho pelo resultado final.

Também em outros momentos em que pude visitar as escolas para um atendimento mais individualizado ficava evidente o encantamento dos estudantes quando se tratava dos conteúdos relacionados com o cinema em si, mas principalmente das expectativas e impressões sobre os projetos idealizados e protagonizados por eles mesmos.

Paralelo a isso, o congresso, também organizado pelo projeto, foi uma experiência extremamente relevante no sentido do que se falava no início, pelo fato dele ter sido idealizado e protagonizado inteiramente pelas professoras que realizaram os projetos na sua prática diária justamente por serem elas as interessadas e afetadas diretamente com o que se está pensando e dizendo acerca da produção de vídeo em um nível nacional, em diferentes realidades e suportes. Proporcionou-se, por fim, um espaço para trocas de experiências (sucessos e limitações) realmente, e não uma repetição do se encontra muitas vezes de procedimentos de elitização do conhecimento, de limitar a discussão a um ou dois “entendidos” e encapsulados.

Desafios, superação e aprendizagem

Claudia Gorim Mendes Terres
EMEF Comunitária Parque Fragata
claudiagnm.terres@hotmail.com

Meu nome é Claudia, sou professora na escola Municipal de Ensino Fundamental Comunitária Parque Fragata, localizada no bairro Parque Fragata, município de Capão de Capão. Escola de periferia, que funciona em 2 turnos, com turmas de 1º ao 9º ano, com aproximadamente 300 alunos.

A comunidade escolar é formada por alunos com sérias carências financeiras, sociais e afetivas, sou professora de Artes e trabalho com todas as turmas de 5º ao 9º ano, há aproximadamente 4 anos.

No início desse ano letivo, recebemos, na escola, o convite da Secretaria Municipal de Educação e Cultura, para participar de oficinas, dentre elas estava a de Produção de Vídeo Estudantil, imediatamente me interessei, devido o assunto estar relacionado com conteúdos de arte, enfim, participei do primeiro encontro com o professor Josias, em Capão do Leão, gostei do tema e resolvi participar do projeto, Festival de Cinema Estudantil, desenvolvido pela SMEC.

No entanto, ao apresentar o projeto aos meus alunos, fiquei um tanto quanto temerosa, pois as turmas são grandes e os alunos indisciplinados, achei que ia ficar louca e não ia conseguir desenvolver nada. Nem todos tiveram interesse, propus para os sétimos, oitavo e nono anos, alguns alunos demonstraram interesse outros não quiseram nem saber, então pensei em fazer um trabalho para todos os alunos sobre roteiro, valendo nota, assim todos teriam que se concentrar na elaboração, mas somente os grupos que iriam participar do projeto passariam para as próximas etapas.

Dessa forma começamos com os roteiros, totalizando dois grupos de sétimo ano, quatro grupos de oitavo ano e três de nono ano, aproximadamente 30 alunos.

Desde então estamos trabalhando nesse projeto, que muito me surpreendeu, principalmente com relação ao comprometimento dos alunos. Filmaram, produziram, editaram praticamente sozinhos, com auxílio dos familiares e sempre me pondo a par de tudo, enfim, o resultado foi surpreendente e muito motivador, principalmente por que a conduta deles em sala de aula teve uma mudança significativa, o relacionamento deles comigo também mudou muito, para melhor, hoje somos parceiros, dialogamos no mesmo nível, eles estão mais próximos a mim.

Fiquei muito feliz com os resultados e principalmente com o desempenho dos meus alunos. Ficou uma lição: Nunca subestime a capacidade de produção dos meus alunos, pois os mesmos venceram as inúmeras dificuldades do dia a dia, em busca do novo, do aprendizado, da superação. Feliz pela profissão que escolhi, feliz pelo projeto, feliz pelos meus alunos, valeu a pena sim.

São Léo em Cine – Educando pela Imagem

Eliane Beatriz Candido

Idealizadora do festival São Léo em Cine

Coordenadora do festival junto a

SMED de São Leopoldo – 2015/2016

eliane.candido21@gmail.com

Resumo

O presente artigo tem como objetivo apresentar uma análise do programa São Léo em Cine, que está em sua segunda edição, sendo desenvolvido nas escolas públicas da rede municipal, da Educação Infantil até a Educação de Jovens e Adultos, numa parceria entre a Universidade Federal de Pelotas e a Secretaria Municipal de Educação. O objetivo do programa é levar a experiência da produção audiovisual para os alunos, introduzindo o aprendizado dessa linguagem em suas múltiplas funções, instrumentalizando e proporcionando uma experiência de formação para a vida escolar e para além dela. Através da análise foi possível constatar a motivação dos discentes e docentes no que se refere à educação pela imagem que harmonizou uma aprendizagem mútua entre seus pares. Além disso, percebeu-se uma mudança comportamental de ambos a partir dessa experiência ao se verem como protagonistas do fazer pedagógico. Ao utilizarem suas vivências midiáticas e cotidianas desenvolveram momentos de encantamento, trabalho coletivo, participação significativa, interatividade e aquisição de vários conhecimentos que vieram a contribuir para ampliar a qualidade do trabalho educacional.

Palavras-chave: Educação, Produção Audiovisual, Comunicação, Aprendizagem.

1. Introdução

O São Léo em Cine – Festival de Vídeo Estudantil foi desenvolvido para subsidiar a educação audiovisual nas escolas municipais de São Leopoldo em parceria com a Universidade Federal de Pelotas (UFPel) e a Secretaria Municipal de Educação (SMED). Entre outros apoiadores tivemos a grande colaboração do Cinesystem Cinemas do Bourbon Shopping da cidade.

O programa foi idealizado por Eliane Beatriz Candido, apresentado ao Secretário Municipal de Educação, Sr Luís Arthur de Bitencourt, e colocado em prática nos anos de 2015 e 2016, sob a coordenação da mesma. Tem por objetivo a produção audiovisual como uma ferramenta pedagógica que pode estimular várias mudanças comportamentais e culturais nos educandos e educadores.

No contexto nacional, poderíamos dizer que se tratou de uma iniciativa de inserir as mídias na educação. Em termos culturais e sociológicos essa inserção é muito mais ampla, pois se trata de uma necessidade contemporânea, uma vez que vivemos na Era da Informação e Comunicação. Segundo Machado (2001, p. 32), não se pode pensar na sociedade do século XX “(...) sem o papel estrutural e constitutivo nelas desempenhado pelas imagens (da iconografia científica, da fotografia, do cinema, da televisão e dos novos meios digitais)”. No quesito educacional, entre as várias propostas de trabalho que estabeleça uma relação entre a educação e as tecnologias, preconizamos uma educação pelo viés da comunicação entre seus pares e com o mundo em que estão inseridos, apropriando-se de novas formas de aprender e ensinar através das diversas linguagens implícitas e explícitas na formação crítica do sujeito.

Unimos a experiência da UFPel com a expectativa de mudança no cenário educacional de São Leopoldo para levar a produção audiovisual aos alunos da Educação Básica, sendo os curtas-metragens

exibidos no cinema local. Neste contexto, destacamos um aspecto significativo: educando pela imagem - como essa nova linguagem pode contribuir na formação cognitiva e afetiva de todos os agentes educacionais?

A presença da imagem-movimento, através do Cinema, é um desafio para a escola. Primeiro, porque deve possibilitar a formação pedagógica aos professores para que sejam multiplicadores e orientadores de seus alunos. Segundo, porque o educador percebe que os educandos dominam muito mais essa linguagem do que eles imaginam, e isso os assusta. Terceiro, o uso do audiovisual como forma de comunicação e produto da cultura contemporânea não é um inimigo destrutivo da educação, mas sim um recurso poderoso de construção coletiva, de interação e reflexão da realidade. Uma ferramenta que possibilita ampliar as relações comunicacionais no processo de ensino e aprendizagem nos espaços formais e não formais, capaz de transformar as ações pedagógicas, na medida em que professores e alunos, juntos, são pesquisadores, produtores, autores e intérpretes de sua história. Rosa (2012) destaca que há muito tempo o mundo é mediado por imagens e sons, sejam fotografias, ilustrações, expressões plásticas, vídeos, filmes e músicas. “Estes elementos fazem parte do cotidiano desta geração e chegam aos lares e à cognição das crianças muito antes de irem para a escola”. (ROSA, 2012, p. 05).

A urgência de novas práticas de ensinar nos coloca diante de questões que somente nas duas últimas décadas surgem com maior importância no meio educacional. A ideia de imagens e sons transformados em filmes, vídeos ou curta-metragem contribuem, enquanto linguagem comunicacional, para a melhoria do trabalho de construção/apropriação do conhecimento.

Da mesma forma, buscamos o apoio do Cinesystem Cinemas do Bourbon Shopping de São Leopoldo para a exibição dos curtas estudantis proporcionando um momento de entretenimento, valorização e apreciação de suas produções e dos demais colegas da rede. Um momento ímpar que uniu alunos, professores, familiares e equipes diretivas das escolas.

Os curtas estudantis possibilitam entretenimento, reflexão das temáticas, releitura de situações vivenciadas no cotidiano e de construção coletiva que fomentam diversas aprendizagens entre educandos e educadores. Além disso, a arte de fazer cinema na escola promove a superação, o resgate da identidade, sentimentos, autoestima e motivação ao atuarem como protagonistas dessa atividade tecnológica e pedagógica.

Alguns autores vêm referenciando as mudanças comportamentais associados à aprendizagem através da Neurociência, uma parte da ciência que estuda o sistema nervoso central. Estudos relacionados à capacidade mental, cognição, afetividade, percepção, atenção, entre outras.

Pereira (2011) elucida:

Para os que não estão familiarizados com o termo a neurociência é o estudo da realização física do processo de informação no sistema nervoso humano animal e humano. Esta dividida em 3 partes: neurofisiologia, a neuroanatomia e neuropsicologia. E a que eu acredito pode ajudar na compreensão e na possibilidade de mudança no sistema de aprendizagem é a neuropsicologia que é o estudo da relação entre as funções neurais e psicológicas. Ou seja, como cada hemisfério do cérebro atua e suas especificidades. Por que pessoas gostam de estudar com música, outras com silêncio; por que aprendo com imagem e outro com as letras? (PEREIRA, 2011, p. 01).

Na perspectiva de contribuímos para mudar esse cenário e por acreditar no potencial das Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs) como motivadoras de “novas e diferentes maneiras de produção de saberes e descobertas de conhecimentos” (ALMEIDA, 2005, p. 42), o São Léo em Cine foi desenvolvido com o objetivo de compreender as relações existentes entre a didática e as produções audiovisuais nas múltiplas áreas do conhecimento, oportunizando a construção de curtas-metragens como um recurso capaz de instigar, estimular e ampliar várias aprendizagens e vivências do cotidiano escolar e para além dele.

O recurso audiovisual na educação está associado às variadas formas de aprendizagens, interação, cooperatividade, inclusão social, expressão oral, escrita e corporal que estão intrínsecas nesse meio de comunicação. Segundo Pereira (2008), perpassa pelos temas transversais, pelas vivências dos alunos, por diferentes formas de linguagens, permite um currículo mais abrangente, construtivo e flexível que dá vez e voz a educandos e educadores numa aprendizagem mais significativa e prazerosa.

2. Metodologia

No programa São Léo em Cine desenvolvido nas escolas municipais, consideramos o acervo cultural dos educandos e educadores e partimos do pressuposto que a educação não pode ser fragmentada em disciplinas e apenas com conhecimentos específicos de cada uma. A educação deve ser compreendida como um todo, levando em consideração a cultura e vivências dos sujeitos como produtores de saber.

Trata-se de uma pesquisa de campo realizada na rede municipal leopoldense, que teve como objetivo investigar todo o processo de produção audiovisual, desde as inscrições até a efetivação do festival, como uma ferramenta comunicacional que pode ampliar várias aprendizagens. O estudo de caso, método adotado nesta investigação, “é uma forma de se fazer pesquisa social empírica ao investigar um fenômeno atual dentro de seu contexto da vida real” (YIN, 1990, p. 23, apud CAMPOMAR, 1991, p. 96).

Portanto, na perspectiva de uma educação emancipatória e produtora de conhecimento, pretendeu-se, no desenvolvimento desse trabalho, mediar o processo de produção audiovisual através de oficinas para alunos e professores (neurociência, roteiros, produção, direção e edição de vídeos); analisar e sistematizar as produções audiovisuais a partir de debates e avaliação, bem como de relatos dos docentes apontando a construção desse processo e suas contribuições na vida pessoal, educacional e profissional de todos os envolvidos.

Através deste estudo de caso, um viés da pesquisa qualitativa, a observação foi de extrema importância, para a coleta de dados obtida durante o processo de desenvolvimento ao longo de um ano de existência do programa. Obtiveram-se dados descritivos no contato direto do pesquisador com o “campo/sujeito”, com o intuito de compreender a lógica das relações que se estabeleceram no ambiente estudado. Sendo assim, considera-se que as pessoas envolvidas no processo de pesquisa são “[...] sujeitos de estudo, pessoas em determinada condição social, pertencente a determinado grupo social ou classe com suas crenças, valores e significados” (MINAYO, 1993, p. 22).

Utilizamos a revisão da bibliografia sobre os temas tratados e utilizamos os relatos dos professores, bem como os vídeos produzidos pelos próprios alunos e a observação das sensações de se verem na telona do cinema e na noite de premiação. Da mesma forma selecionamos alguns recortes de seus depoimentos para elucidar esse trabalho.

3. Resultados e discussão

São Léo em Cine - Festival de Vídeo Estudantil

Ao produzirem imagens estáticas ou em movimento, os educandos estão expressando novas formas de comunicação que vai perpassando pela vida cotidiana e por fatos da realidade. Junto levam as marcas culturais, gestuais e coloquiais mesclados à arte de representar, através do audiovisual, aquilo que circula no imaginário das crianças, jovens e adultos, conferindo-lhes maior autonomia, identidade individual, grupal e do contexto social em que vivem e do mundo atual.

Olhando por esse viés, o São Léo em Cine proporcionou a estes estudantes trazer à tona suas marcas culturais, anseios, sentimentos, através da comunicação e expressão expostos na tela como uma linguagem de fácil acesso por meio das tecnologias que tanto os encantam. Também simbolizou certo status perante os colegas, pais e comunidade escolar, pois lhes estimulou a autoestima e aprendizagens mais significativas. De um ensino tradicional eles passam a ser protagonistas do aprender e ensinar.

Pereira (2012) corrobora:

O meio audiovisual trabalha essencialmente com a emoção, com os sentimentos básicos do ser humano. Ver um filme, ouvir uma música não pode ser feito pelo lado racional, mas sim, pelo emocional [...]. (PEREIRA, 2012, p. 32).

Mais sobre o São Léo em Cine

A cultura tecnológica faz emergir pela primeira vez na educação de nossa cidade a construção de saberes pedagógicos entre educandos e educadores como ferramenta de comunicação estabelecida através de textos, desenhos, imagens, expressões, sons e edições, aliados à criatividade, troca de ideias, informações e aprendizagens coletivas.

As experiências descritas nesse artigo referem-se à produção audiovisual que nossos professores se propuseram a orientar e desenvolver com alunos, na qual ambos aprenderam mutuamente para se apropriarem de uma nova linguagem educacional.

Segundo Moran (2007), a cada dia torna-se mais importante a presença de educadores com maturidade intelectual e emocional que acompanhem os avanços tecnológicos. Destaca a importância de termos “pessoas curiosas, entusiasmadas, abertas, que saibam motivar e dialogar. Pessoas com as quais valha a pena entrar em contato, porque dele saímos enriquecidos”. (MORAN, 2007, p. 28).

Portanto, destacamos a participação significativa dos nossos professores por aceitarem o desafio de transformarem suas práticas e aos alunos pela contribuição de suas vivências que fomentaram uma aprendizagem mais dinâmica e envolvente, bem como pelo aporte que nos deram na realização do nosso primeiro festival de vídeo estudantil de São Leopoldo. Os protagonistas desse processo ao mesmo tempo em que aprenderam também ensinaram.

Após o término das produções, os curtas estudantis são exibidos nas salas de cinema do Cinesystem do Bourbon Shopping de São Leopoldo, espaço cedido a alunos envolvidos, familiares, professores e comunidade escolar para apreciação dos filmes produzidos.

Mais do que proporcionar momentos de lazer e ludicidade, garante-se a todos os educandos o direito de usufruírem de um valor que, muitas vezes, é distante de sua realidade: o cinema. Os melhores curtas são eleitos por votação popular *online* pelo *site* do festival, que ainda conta com um júri técnico.

Formação Continuada

Através da parceria com a Universidade Federal de Pelotas, pelo curso de Cinema e Audiovisual, proporcionamos aos alunos e professores uma formação inicial e continuada, a partir de oficinas presenciais e à distância. Pudemos viabilizar o acesso à cinematografia, sensibilizando-os sobre a importância do recurso audiovisual no contexto escolar e incentivando-os a produzirem seus próprios curtas-metragens.

Segundo Pereira (2012) a escola ainda apresenta certa resistência ao novo, principalmente as mudanças sociológicas. Prefere perpetuar o poder nas mãos dos professores do que aceitar os desafios culturais que provoca uma desacomodação do seu fazer e novas habilidades. Ferrés (1996, p.11 apud

Pereira, 2012, p.42-43) destaca que “O medo a mudança e a obsessão pelo passado tem levado a escola a inadaptação”.

Moran (2010) afirma que:

A produção de vídeo tem uma dimensão moderna, lúdica. Moderna, como um meio contemporâneo, novo e que integra linguagens. Lúdica, pela miniaturização da câmera, que permite brincar com a realidade, levá-la junto para qualquer lugar. Filmar é uma das experiências mais envolventes tanto para as crianças como para os adultos. (MORAN, 2010 apud PEREIRA, 2012, p. 43)

Portanto, o apoio da universidade possibilitou ao São Léo em Cine oferecer os seguintes suportes teóricos e práticos: formação continuada para os educadores interessados, palestras, atendimento individual, oficinas *online* aos alunos realizadores dos filmes e aos professores orientadores dos mesmos. No *site* do festival <saoleoemcine.wordpress.com> disponibilizamos diversos materiais e informações: videoaulas, tutoriais, livros, apostilas, *links* de mídias livres de direitos autorais, edital do festival, regulamento, inscrição, documentações legais, votação popular *online* e divulgação de suas produções. Propusemos outros canais de comunicação tanto na rede social como no grupo do *Whatsapp* entre professores x alunos e professores x coordenadores da Secretaria Municipal de Educação.

Da sala de aula para o cinema

Buscamos o apoio do Cinesystem Cinemas do Bourbon Shopping de São Leopoldo por ser o espaço consagrado da cultura cinematográfica. Viabilizamos aos educandos e à comunidade escolar a oportunidade de assistirem às suas produções audiovisuais na telona do cinema com todo o seu magnetismo e encantamento aliado à sofisticação e modernidade.

Segundo Marques (2015) o cinema apresenta múltiplas funções:

Ele diverte, leva a catarses, informa, educa, conscientiza, suscita reflexões, divulga conhecimento e estimula o autoconhecimento. Por meio do cinema aprende-se sobre culturas variadas, depara-se com temas tabus, repensa -se valores, desconstrói- se e reconstrói-se conceitos, questiona -se o poder instalado nas macro e microestruturas. O cinema perpassa todos os âmbitos da sociedade e do ser humano [...] propondo mudanças ou um novo olhar para o mundo existente. (MARQUES, 2015, p. 01).

Compartilhamos das mesmas ideias da autora com relação aos curtas estudantis que possibilitam entretenimento, reflexão das temáticas, releitura de situações vivenciadas no cotidiano e de construção coletiva que fomentam diversas aprendizagens entre educandos e educadores. Além disso, a arte de fazer cinema na escola promove a superação, o resgate da identidade, sentimentos, autoestima e motivação ao atuarem como protagonista dessa atividade tecnológica e pedagógica.

Noite de gala

A culminância do São Léo em Cine ocorre em um grande evento de premiação na Sociedade Orpheu. Incluir nossos alunos nestes espaços também possui um significado social, pois os aproxima de locais onde não se sentiam pertencentes. Busca-se, também, a magia e o glamour que envolve o cinema.

Preparamos o cenário com tapete vermelho, estátua do Oscar, luzes coloridas e fotógrafos atentos à chegada das celebridades em belíssimas limusines. Isso mesmo, os alunos chegam ao cenário da noite em uma limusine. Tudo isso para valorizar a construção do conhecimento a partir do audiovisual.

Na premiação, os curtas vencedores recebem o Troféu Imigrante (alusão ao título do município de Berço da Imigração Alemã) e os segundos e terceiros colocados recebem o certificado correspondente.

Das telas para o livro

No ano de 2015, enquanto realizavam as produções dos curtas-metragens, os professores orientadores foram observando a evolução dos alunos, o comprometimento, envolvimento e foram pontuando expectativas, dúvidas, sensações, sentimentos e aprendizagens que resultou na escrita dos artigos e relatos que compõem nosso primeiro livro: “São Léo em Cine: A escola construindo sonhos!”

O lançamento do livro está previsto para novembro de 2016. Mais uma forma de valorizar as aprendizagens adquiridas e conquistadas a partir da experiência de usar as imagens do cotidiano registradas na produção audiovisual.

São Léo em Cine vai a Gramado

Em agosto de 2016 dois curtas-metragens foram selecionados para serem exibidos na Mostra de Cinema Estudantil que compôs a programação do 44º Festival de Cinema de Gramado/RS. Cabe ressaltar que São Leopoldo foi o único município representante do Vale dos Sinos convidado a participar do maior festival de cinema do país.

Como podemos ver, a cultura é dinâmica e não tem fronteiras. Se antes podíamos viajar num mundo distante através da leitura de um livro, hoje podemos percorrer lugares afora, nos deliciando com espaços que jamais imaginávamos alcançar. Podemos interagir com outras pessoas que, com os mesmos propósitos que os nossos, buscaram novas formas de expressão na educação.

Os alunos produtores dos filmes, acompanhados de seus pais, professores, equipe diretiva da escola e da coordenadora do São Léo em Cine, Eliane Candido, bem como da Secretária Municipal de Educação, Sra Janaína Linck e vice-prefeito da cidade, o Sr Daniel Daudt, foram até Gramado para assistirem os curtas estudantis bem como os filmes dos educandos anfitriões e de outras localidades.

Estavam deslumbrados com a decoração da cidade encantada, com a recepção proporcionada pela Secretaria de Educação de Gramado, pela possibilidade de registrar em imagens momentos ao lado do maior prêmio de cinema do país, o Kikito, por cruzar o tapete vermelho das estrelas e, finalmente, serem agraciados com um certificado de participação no festival.

Resultados encontrados

Todo o processo desenvolvido durante um ano de São Léo em Cine serviu como um estímulo a mais para valorizar as tecnologias na educação, a linguagem audiovisual como um importantíssimo meio de comunicação que transmite valores, padrões e normas comportamentais, bem como um incentivo à produção dos curtas estudantis que tanto vem incitando os educandos a aprenderem, verem e pensarem a sociedade e cultura em que vivem.

Corroborar Pereira (2012) quando menciona que:

Vemos que pela perspectiva de alguns pesquisadores tanto da área de psicologia, sociologia como da neurociência a emoção tem um papel importante no desenvolvimento biológico, social e na memória. Fazemos o paralelo com estas teorias e defendemos a tese de que a produção de vídeo contribui no processo educacional justamente por gerar no aluno o prazer e a emoção, a troca entre eles a relação entre os sujeitos é outra, não é a do que sabe mais e a do que sabe menos decorar uma fórmula, mas a troca de experiências de vida, de emoções.(PEREIRA, 2012, p. 45).

Portanto, a construção audiovisual é proposta para todas as escolas municipais desde a Educação Infantil, Ensino Fundamental até a Educação de Jovens e Adultos e resultou, em 2015, na produção de 31

curtas-metragens que envolveram cerca de 1.220 alunos e 28 professores das 14 escolas participantes. Todos os vídeos ficam disponíveis no *site* do festival, para que discentes e docentes das escolas municipais possam utilizá-los na complementação de diversas áreas do conhecimento.

No ano de 2016, tivemos 62 produções que movimentaram quase 4.000 alunos, entre professores, equipes diretivas, familiares e comunidade em geral. A adesão das escolas também duplicou, ultrapassando cinquenta por cento das instituições municipais.

Por ser nossa primeira experiência na organização de um programa de tamanha grandeza, era de se esperar que muitas atividades desenvolvidas fossem positivas e outras nem tanto. Mais uma vez contamos com a participação dos envolvidos para avaliarmos as ações propostas, através do São Léo em Cine, com o intuito de alinhar o programa às necessidades e expectativas de todos. Por último, deixamos o seguinte questionamento aos professores: O que a produção audiovisual acrescentou para a vida do aluno e na sua vida pessoal e profissional?

Cabe destacar alguns relatos dos nossos autores: *“Seria necessário um livro (risos). Poderíamos tecer redes infinitas de pensamento tentando imaginar o que cada um de nós participantes, deixou de fazer, de escrever, de sugerir, de gravar”*, descreveu o Professor A (2015). *“Podemos levar as crianças a lugares que elas nem imaginavam. Aparecer na tela do cinema, andar de limusine, ter uma noite de fama, tudo isso foi incrível para meus pequenos”*, disse o Professor B (2015).

Ele complementa:

O São Léo em Cine nos proporcionou desenvolver novas competências, ressaltou habilidades, formação do pensamento crítico e amadurecimento. Os alunos puderam perceber que podem potencializar outras habilidades e competências que muitas vezes não são exploradas. Para a nossa vida profissional acrescentou muito no fazer e pensar pedagógico e que é possível inovar e aplicar novas metodologias em nossa sala de aula. (PROFESSOR B, 2015).

Sobre os quesitos de participação e envolvimento dos educandos protagonistas, os professores destacam: *“Temos hoje na escola, cada vez mais alunos querendo participar dos curtas e esse trabalho em grupo é maravilhoso”* (PROFESSOR C, 2015); *“Eles adoraram e querem participar novamente”* (PROFESSOR D, 2015); *“Foi importante por se tratar de uma linguagem diferente e significativa na área de Artes”* (PROFESSOR E, 2015); *“Oportunizou aos alunos mostrarem para os demais colegas da rede municipal sua rotina no projeto, inclusive relatando seus crescimentos e evoluções”* (PROFESSOR F, 2015).

Ter participado do curta-metragem, visto sua atuação na telona e saber que outros estavam prestigiando, foi muito enriquecedor para os alunos enquanto pessoas comuns (não atores e atrizes). Percebi um grande crescimento, especialmente na sua autoestima. (PROFESSOR G, 2015).

Ao mencionarem sobre sua prática pedagógica e suas aprendizagens relatam: *“A cada filme produzido com meus alunos eu aprendo junto, vejo o mundo de forma diferente e de um jeito novo. Produzir vídeos é uma forma de conhecer e de se conhecer, e essa caminhada ao lado de crianças e jovens é revigorante!”* (PROFESSOR H, 2015). Já o Professor J (2015) enfoca: *“Pra minha vida profissional acrescentou tempero, olhar o meu fazer docente sob uma nova perspectiva, contemplar as aprendizagens possíveis a partir do audiovisual e compreender mais ainda o “cinema” como uma linguagem presente”*.

O professor conclui:

A partir desse momento, ver os estudantes como produtores, atores e criadores dessa linguagem foi ver a educação sob um novo prisma, colorido, agradável e prazeroso. Aprendi que trabalhar com audiovisual é educar o olhar para os detalhes, para a precisão dos roteiros, detalhes dos cenários, clareza das narrativas. Possibilitou novas reflexões sobre os estudantes e sobre os espaços da escola. Houve maior aproximação entre professores, estudantes e funcionários na apreciação da arte. (PROFESSOR J, 2015).

A prática de produzir vídeos proporciona a interatividade entre seus pares, tanto para iniciantes quanto para aqueles que já trabalham com esse recurso há mais tempo. Sendo assim, afirmam: “*Permitiu-nos descobrir a importância da escola em realizar projetos que envolvam o coletivo [...] aprendiam em grupos, harmonizavam as relações interpessoais e proporcionavam um clima de bem-estar e alegria no dia a dia da escola*” (PROFESSOR K, 2015). Os Professores L e M (2015) relatam: “*A produção audiovisual já faz parte da vida dos nossos alunos e da nossa escola há alguns anos. Com o tempo fomos construindo com os alunos uma relação de parceria e de trabalho em conjunto*”.

Através desses relatos podemos perceber diversas manifestações positivas ao fazerem uso do recurso tecnológico na educação. Mesmo destacando a importância dessa ferramenta na vida do aluno e para seu crescimento pessoal e profissional, também compartilharam os contentamentos, as dúvidas e angústias a cerca das produções audiovisuais. Já dizia Moran (2000, p.17) que “aprender é passar da incerteza a uma certeza provisória que dá lugar a novas descobertas e a novas sínteses”.

Foi uma longa caminhada até chegarmos à finalização do festival, porém nem tão longa assim, pois tivemos que aprender muitas coisas juntos em um tempo *record*. Como disse o professor Dr Josias Pereira, foi um “festival expresso”. Em poucos meses, de outubro a dezembro de 2015, corremos contra o tempo para alcançarmos os objetivos propostos inicialmente e irmos além deles. Foram momentos de aprendizagens, curiosidades e ansiedades mesclados com satisfações e realizações.

4. Conclusões

Nessa perspectiva de produção coletiva, os envolvidos puderam expressar questões sociais, culturais e políticas que muitas vezes passavam despercebidas pelo currículo formal. O grande ganho dessas produções imagéticas não foi a questão técnica, mas a possibilidade de atuarem e produzirem seus vídeos, de refletirem sobre a construção de todo o processo, bem como sobre a realidade que vivenciam, da autonomia de fazerem algo que lhes encantam e poderem mostrar pra comunidade escolar, no cinema e em outros espaços os frutos desse novo meio de comunicação.

Essas produções humanas passaram a fazer parte do dia a dia com tanto comprometimento que foram contagiando o espaço escolar. Foram se constituindo como sujeitos atuantes do aprender fazendo, provocando mudanças psíquicas, sociológicas e culturais através das imagens veiculadas pelas mídias locais e com a interação com diversos grupos motivados pelo mesmo objetivo.

Freire (1979) afirma que:

[...] a primeira condição para que um ser pudesse exercer um ato comprometido era a sua capacidade de atuar e refletir. É exatamente esta capacidade de atuar, operar, de transformar a realidade de acordo com finalidades propostas pelo homem à qual está associada sua capacidade de refletir, que o faz um ser de práxis. (FREIRE, 1979, p.17).

Essa ação, concretizada a partir das produções audiovisuais, possibilitou-os a emergirem num contexto inimaginável. Portanto, houve uma revalorização da prática educativa, não apenas pelo potencial instrumental das tecnologias, mas “como dispositivo de uma produção específica do conhecimento” (MARTÍN-BARBERO, 2000, p.102).

Nessa perspectiva, os alunos produziram conhecimento de uma forma prazerosa, contaram através das produções um pouco de suas histórias, aprenderam com elas, discutiram diferentes valores, sintetizaram pensamentos em imagens em movimento para transformar a realidade.

Assim sendo, pudemos constatar que a educação pode acontecer em vários espaços e de diversas maneiras. Houve maior aproximação entre os alunos e a escola, entre familiares, professores e comunidade em geral.

Uma forma de comunicação popular e emergente que perpassa pelo cotidiano e leva novos modelos de aprendizagens que circulam no imaginário, mas que estão presentes na realidade das crianças, jovens e adultos. Se antes a escola os imobilizava por intermédio de um currículo estático, agora ela os movimenta, pois tem na produção audiovisual espaço de expressão, comunicação, ação, desenvolvimento e voz ativa para discutirem suas verdades e não verdades.

Diante de todas as atividades propostas pelo São Léo em Cine, torna-se quase impossível descrever a alegria, comprometimento, seriedade, vibração e euforia ao verem seus trabalhos reconhecidos e valorizados através da telona do cinema, das reportagens nas mídias locais, da noite de premiação do festival, da escrita dos artigos que iriam compor nosso primeiro livro, a ida a Gramado e da sensação de superação diante dos colegas, professores e familiares. Pra finalizar, destacamos uma frase dos Irmãos Lumière que elucida os vários momentos vivenciados, bem como todas as etapas da produção audiovisual: "Se a teoria é rapidamente esquecida, o gesto e a experiência artística ficam no corpo, na memória, no olhar".

5. Referências bibliográficas

ALMEIDA, M. Tecnologia na escola: criação de redes de conhecimentos. In: BRASIL. Ministério da Educação. Integração das tecnologias na educação. Brasília: MEC/SEED, 2005.

CAMPOMAR, M.C. Do uso de estudo de caso em pesquisas para dissertações e teses em administração. Revista de Administração, São Paulo, v. 26, n. 3, p.95-97, jul/set. 1991.

FREIRE, P. Educação e mudança. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

MACHADO, A. O quarto iconoclasmo e outros ensaios hereges. Rio de Janeiro: Rios Ambiciosos, 2001.

MARQUES, S. Deveríamos estudar cinema nas escolas. São Paulo: Revista digital Obvious, 2015.

MARTÍN-BARBERO, J. Novos Regimes de Visualidades e descentramentos Culturais. In File Valter (Org.). Batuques, fragmentações e fluxos: zapeando pela linguagem audiovisual escolar. RJ, DP&A, 2000.

MINAYO, M. C. O Desafio do conhecimento - pesquisa qualitativa em saúde. Rio de Janeiro, 1993.

MORAN, J. A educação que desejamos: Novos desafios de como chegar lá. Campinas, SP: Papirus, 2007.

MORAN, J. Novas tecnologias e mediação pedagógica. Campinas, SP: Papirus. 2000.

PEREIRA, J.; JANHKE, G. Produção de Vídeo nas Escolas: Educar Com Prazer Estudo de Caso Escola Independência. Pelotas, RS: ERD Filmes, 2012.

_____, J. Novas tecnologias de informação e comunicação em redes educativas. Pelotas, RS: ERD Filmes, 2008.

_____, J. Neurociência e o processo educacional. 2011. Acessado em 10 set. 2016. Online. Disponível em e <https://goo.gl/1cMvbA>.

ROSA, G. O vídeo e sua Importância no Contexto da Sala de aula. Oficina de TV e Vídeo: produzindo vídeos educativos. Pelotas: Universidade Federal de Pelotas, 2012.

A utilização de Vídeos relacionados a Arte do Origami para o Ensino da Geometria

Jaqueline Antunes da Silva
Universidade Federal de Pelotas
jaqueline.antunes@gmail.com

Resumo

O presente artigo tem por objetivo apresentar um projeto de pesquisa de mestrado que se encontra em sua fase inicial. A motivação da pesquisadora para desenvolver tal trabalho se deu a partir de sua experiência em sala de aula, com vistas ao ensino da Matemática com a utilização de dobraduras de papel e vídeos. O texto apresenta a utilização de recursos midiáticos – vídeos – que possibilitaram a ampliação de conhecimentos dos alunos para o aprendizado da técnica do origami, arte milenar japonesa de dobrar papéis, a qual serviu como um importante recurso pedagógico que permitiu a professora explorar conceitos geométricos de maneira estimulante e descontraída. A metodologia a ser utilizada para elaboração da pesquisa de mestrado caracterizar-se-á pela abordagem qualitativa.

Palavras-chave: Origami. Geometria. Vídeos.

Abstract

This article aims to present a master's research project is in its early stages. The motivation of the researcher to develop such work took from their experience in the classroom, with a view to teaching mathematics with the use of tri-fold paper and videos. The paper presents the use of media resources - videos - that made possible the expansion of knowledge of students to the origami technique of learning ancient Japanese art of folding paper, which served as an important educational resource that allowed the teacher to explore geometric concepts stimulating and relaxed way. The methodology to be used for the preparation of the master's research will be characterized by qualitative approach.

Keywords: Origami. Geometry. Videos.

1. Introdução

A temática escolhida para a pesquisa que pretende realizar refere-se à utilização de vídeos para o ensino da Matemática. Tal interesse surgiu a partir de minha vivência em sala de aula. Considerando que a prática docente requer a busca constante de ferramentas que tornem mais eficiente e eficaz o fazer diário do professor em sala de aula, a busca dessas ferramentas requer por parte do professor, uma constante reflexão sobre a sua prática docente. Na disciplina de Matemática, como em qualquer outra disciplina escolar, o envolvimento ativo do aluno é uma condição fundamental da aprendizagem. (PONTE; BROCARD; OLIVEIRA, 2006). Nesse sentido, o docente deve ter em mente que não deve fazer tábula rasa do aluno, uma vez que este possui conhecimentos anteriores e muitos deles baseados em experiências decorrentes do seu cotidiano que lhe possibilitam construir o conhecimento. Desse modo, o aluno é, assim, retirado da condição de expectador passivo, estabelecendo relação entre o que ele aprende na escola e o seu dia-a-dia, conforme destacam Santos, Gentil e Greco (2003).

A falta de contextualização e a desmotivação dos alunos no tocante à disciplina de Matemática tem despertado em estudiosos da área de educação certa preocupação sobre o modo como os professores desenvolvem a sua prática docente e, em especial, no que se refere ao estudo da geometria, que é o ramo

da Matemática que após longo período no anonimato foi redescoberto, passando a ser valorizado, em razão de sua ampla aplicação em diversas áreas, tais como: as engenharias e arquitetura, dentre outras.

Nesse sentido, a experiência narrada no presente artigo, servirá de ponto inicial para a realização da pesquisa de mestrado a que me proponho desenvolver. O estudo efetuado procurou destacar a importância da utilização de recursos midiáticos – o vídeo de forma especial – para realizar a técnica de dobradura de papel para o ensino da geometria, com vistas a facilitar a aprendizagem de alunos de uma Escola Estadual de Ensino Fundamental do município de Pelotas-RS.

O aluno precisa ter prazer em assistir a uma aula de Matemática, coisa que hoje não acontece. Porém em pesquisas realizadas, descobrimos que o meio audiovisual trabalha fundamentalmente com a emoção, conforme ensinam Pereira e Janhke (2012) que o professor pode e deve experimentar exibir e produzir vídeos com os alunos. Então, indaga-se: porque não utilizar o vídeo de forma a proporcionar uma aprendizagem estimulante, uma vez que este é o grande desafio do professor de Matemática?

De acordo com Cysneiros (1999), deve-se perseguir o ideal de uma aprendizagem estimulante e auto motivada, onde além do prazer da descoberta e da criação, faz-se necessário ter disciplina, persistência, suor e tolerância à frustração.

A grande dificuldade é como utilizar o vídeo dentro da aula de matemática de forma que além de passar o conteúdo passe prazer em aprender.

As tendências curriculares atuais consideram que essa área da Matemática – a geometria - é fundamental para compreender o espaço em que nos movimentamos, as formas, bem como para perceber conceitos matemáticos. Torna-se importante estudar os conceitos e objetos geométricos do ponto de vista experimental e indutivo, ou seja, de explorar a aplicação da geometria a situações da vida real. (PONTE; BROCARD; OLIVEIRA, 2006).

Nesse sentido, a técnica milenar do origami que é uma arte de fazer dobras de papel, sem cortes e nem cola, para criar figuras e outros objetos, apresenta-se como uma ferramenta importante para o aluno melhor compreender conceitos matemáticos, como por exemplo, a geometria.

Para melhor contextualizar essa técnica, convém salientar alguns aspectos relacionados a mesma. No tocante a essa técnica de dobradura de papel, não se tem registro exato de quando esta surgiu. Acredita-se ter sido um costume religioso de épocas antigas, quando as divindades, representadas em papel, decoravam os templos. Segundo estudiosos, o origami é tão antigo quanto a primeira folha de papel produzida na China.

No império Chinês essa técnica virou segredo e foi guardada por muitos séculos. Somente no século X ela foi introduzida no Japão, por intermédio dos monges budistas chineses.

Nos casamentos, como forma de representar a união dos noivos, eram feitos copos de vinho tinto, dobrados em papel, com borboletas, representando os noivos. Os samurais trocavam presentes enfeitados com o Noshi, que são pedaços de papel dobrados em forma de leque, amarrados com tiras de carne seca.

Com o passar do tempo, foram criados métodos mais simples para confeccionar o papel, tornando-se mais acessíveis. As figuras criadas eram passadas oralmente de mãe para filha e somente as dobraduras mais simples eram trabalhadas. Esta forma de arte viria a tornar-se parte da herança cultural dos japoneses. Mas não se dobrou papel apenas no Japão. Os árabes trouxeram o segredo da fabricação do papel para o norte da África e os mouros levaram esta arte para a Espanha.

No Brasil o origami foi introduzido de duas maneiras: por influência dos argentinos, devido à sua herança cultural espanhola e através dos imigrantes japoneses, que vieram trabalhar nas fazendas de café a partir de 1908.

Nas últimas duas décadas, matemáticos, cientistas da área da computação e engenheiros passaram a utilizar o origami para resolver diversos problemas. Eles perceberam que a dobradura poderia desenvolver movimentos e processos na ciência e na natureza, como a deformação da capota de metal de automóveis em colisões, o batimento das asas de um pássaro, ou dobrar de modo diferente objetos tais como: *airbags* e telescópios espaciais. Um testemunho da diversidade de aplicação do origami, bem como a utilização da Matemática, é sua aplicabilidade em problemas de química molecular e indústria.

Diante desses aspectos, o origami foi escolhido como um recurso pedagógico no ensino de geometria, tendo em vista que é uma técnica de fácil manuseio e que desperta interesse nos alunos, uma vez que estes conseguem associar a aplicabilidade dos conceitos matemáticos a situações da vida real. É um material concreto, onde pode ser trabalhada a visualização, possibilitando, de forma divertida, aprender Matemática, além de desenvolver nos estudantes a concentração, a paciência e a dedicação.

Conforme a pesquisadora tem constatado em sua experiência docente, é muito difícil para o aluno visualizar representações, tais como: sólidos, planos, reta, ponto, etc. Quando observam uma figura geométrica num livro-texto ou na lousa, não percebem que estão vendo apenas uma representação do objeto geométrico, que na realidade é abstrato.

Na concepção construtivista, através da habilidade de visualização, de construção do concreto, o aluno passa por um processo de operação mental onde se transforma em um sujeito ativo, centro do processo educativo, construtor de seu conhecimento, e o professor é apenas um facilitador dessa aprendizagem. O aluno aprende quando passa a elaborar seus próprios conceitos e não mais copia e reproduz (FRANCO, 1998).

O origami é um importante recurso de representação para gerar uma imagem mental.

O estudo das formas geométricas através da utilização de dobraduras de papel – origami – permite ao aluno avançar no conhecimento tanto de cálculo de perímetro, área de figuras planas, quanto identificar ângulos, polígonos, cálculo de volumes, propriedades geométricas, dentre outras. O resultado obtido é positivo para todos. Ganha o professor por proporcionar maior clareza dos conteúdos trabalhados em sala de aula, ganha o aluno que ao participar das atividades desenvolve a criatividade, fortalece a interação com os colegas e faz com que acesse vídeos que o orienta sobre a elaboração de origamis.

No entanto, para que o aluno aprenda a técnica de dobrar papel e reproduzir figuras geométricas, requer a busca de informações que lhe capacitem a realizá-las. Necessário se faz ao aluno investigar o assunto, isto é, procurar conhecer o que não sabe, conforme Ponte, Brocardo e Oliveira (2006).

Embora o termo “investigação” possa ser usado numa variedade de contextos, pode-se efetuar uma investigação a propósito de atividades que envolvam a procura de informações, como por exemplo, fazer uma investigação ou pesquisa na internet. Nesse sentido, a pesquisa na internet em busca de vídeos sobre o origami foi fundamental para o aprendizado da técnica, reprodução de figuras geométricas e desenvolvimento dos conteúdos relacionados à disciplina de Matemática. Coube a professora propor questões aos alunos que os estimulassem a olhar em outras direções e os fizessem refletir sobre aquilo que estavam a fazer.

2. Metodologia

A pesquisa de mestrado que pretendo desenvolver utilizará como metodologia a abordagem qualitativa, servindo como inspiração o trabalho realizado com 35 alunos de uma turma de 7º ano de uma Escola Estadual de Ensino Fundamental do município de Pelotas/RS. A turma foi dividida em cinco grupos, sendo que cada grupo ficou responsável por construir três dobraduras. Após a realização dessa tarefa, cada grupo apresentou as figuras elaboradas aos demais colegas de aula, explicando geometricamente, mediados pela professora, como as mesmas foram elaboradas.

A arte de dobradura em papel feita manualmente relacionada com a geometria, motivou os alunos a buscar vídeos no *YouTube* sobre o tema, e a trocar informações entre os grupos. Considerando que o *YouTube* é uma ferramenta de mídia digital que está cada vez mais inserida no cotidiano do aluno, estes buscaram vídeos que os ensinassem a construir as dobraduras em papel. Acrescido a isso, um aluno teve a ideia de exibir como foi feito a sua dobradura em vídeo, o que enriqueceu ainda mais essa experiência para o ensino da matemática.

Conforme destacam Santos e Kloss (2010), o vídeo é um recurso didático importante que pode desempenhar inúmeras funções no ensino, tais como: informar, motivar, avaliar, expressar, investigar e até ser um brinquedo, servindo, assim, como diversão e entretenimento. Segundo Pereira e Janhke (2012) produzir vídeo estimula o aluno e colabora com a memória de longo prazo o que contribui no processo de ensino aprendizagem.

Para o processo de ensino-aprendizagem em Matemática, segundo Rego, Rego e Gaudêncio Junior (2003), o origami é um recurso metodológico importante, permitindo aos alunos a ampliação de seus conhecimentos geométricos formais que adquiriram de modo informal através da observação de uma infinidade de objetos e formas que estão ao seu redor.

3. Resultados e discussões

Desenvolver um trabalho através da técnica do origami com a utilização de vídeo resultou em uma divertida atividade, onde a professora e os alunos puderam trabalhar vários aspectos dessa cultura japonesa, além de conceitos matemáticos, que eram, em síntese, o objetivo principal do trabalho.

Corroborando as afirmações de Cinelli (2003), verificou-se na prática, que a utilização de vídeos, quando bem planejado, com a participação ativa dos alunos, não dificulta a aula, ao contrário facilita; não distraem, nem dispersam, mas ao contrário atraem e concentram; despertam o interesse, esclarecem e fixam as ideias; os alunos aprendem com mais facilidade de maneira agradável. Os professores conseguem unir a utilidades dos programas dos vídeos ao prazer dos alunos.

Acrescido a isso, constatou-se que os alunos melhoraram a concentração e desenvolveram a criatividade, além de buscar vídeos sobre o tema na internet, ferramenta esta que estão acostumados a utilizar no seu dia-a-dia.

4. Conclusões

Após reunir um conjunto significativo de informações, fruto de estudo e pesquisa, constatou-se a importância da aplicação do origami em sala de aula como recurso didático com ampla aceitação e eficiência no processo de ensinar. Ademais, a visualização de vídeos sobre o assunto pelos alunos contribuiu para entendimento dessa ferramenta de apoio ao ensino.

Verificou-se, no entanto, que há insuficiência de bibliografia relacionada ao tema, fato que, se por um lado dificultou a realização do presente trabalho, por outro, representou um estimulante desafio com vistas a trazer cada vez mais à luz o emprego da técnica do origami, haja vista que os vídeos contribuíram para orientar e dar maior liberdade aos alunos nativos digitais. Tal sistemática corrobora as afirmações de Rancan (2011), no sentido de que a escola recebe uma nova geração de alunos, os alunos digitais. Trata-se de uma geração que se comunica, realiza atividades e busca informação na Internet e que, apresenta-se ávida por poder estudar com uso das mesmas ferramentas que utilizam para se relacionar com seus amigos.

Despertar no aluno o interesse pelo estudo das formas geométricas através das dobraduras de papel não deixa de ser um desafio, pois a partir de figuras simples, podem surgir grandes ideias e a abrangência do conteúdo trabalhado pode gerar progresso no momento da avaliação.

Foi possível perceber que a geração de novas formas de pensamento através de material concreto impulsiona o aluno a motivar-se e a querer saber mais. O aprendizado da Matemática torna-se mais agradável para o aluno, afastando a ojeriza que alguns estudantes possuem em relação ao aprendizado da Matemática. Nesse processo o professor desempenha papel de mediador, de modo que os alunos são os construtores de seu próprio aprendizado.

A Matemática prepara pessoas para conviverem com outras pessoas e repassarem umas para as outras ideias formadas através de conceitos simples e objetivos que vão se agigantando e formando grandes personalidades, preparadas para o trabalho e o futuro. Ficou evidenciado no estudo realizado, que este trabalho com dobraduras de papel utilizando o vídeo, é um marco inicial para este embasamento. De uma simples folha de papel vai surgindo um universo de formas relacionadas a ideias diferentes, possibilitando ao aluno um aprendizado ímpar de conhecimentos. Para tanto, o professor necessita ser organizado e as figuras precisam ser bem dobradas para um melhor aproveitamento do material.

Outro aspecto que necessita ser ressaltado é o fato de que para o professor ser bem sucedido é preciso que esteja bem preparado, atualizado, em constante formação, que conheça seus alunos, suas potencialidades e poder de percepção, a fim de que possa motivá-los e despertá-los para o estudo da Matemática.

Pôde-se verificar, no presente estudo, que a técnica da dobradura de papel – origami presta-se não somente ao estudo da Matemática, mas também à realização do trabalho interdisciplinar.

O vídeo a princípio é usado apenas como suporte, mas que chama a atenção dos alunos precisando de uma reflexão mais profunda, com vistas a analisar sua relação com o ensino-aprendizagem, fato que motivou a autora do presente trabalho a realizar sua pesquisa de mestrado, que ora se encontra em fase inicial.

O aluno, como se sabe, precisa estar aberto ao aprendizado, ser criativo, atento às propostas de trabalho, e não ser apenas um espectador, que copia ideias e repete maquinalmente o que lhe é repassado. O sucesso da construção do conhecimento depende muito do sujeito que o assimilará. Percebe-se que a utilização do origami faz com que o aluno torne-se agente participativo da construção do conhecimento. Sai da condição de mero espectador, passivo, para construir o conhecimento juntamente com seus colegas, pois este procedimento oportuniza a interação do grupo.

Por fim, destaca-se, uma vez mais, que o presente trabalho serve como ponto de partida para o desenvolvimento da dissertação de mestrado da pesquisadora, a qual, dentre outros objetivos pretende:

- analisar a utilização de vídeos na disciplina de Matemática;
- identificar e descrever a relação professor-aluno após o uso de vídeos nas aulas de Matemática;
- avaliar a interação entre os alunos na elaboração e uso de vídeos.

5. Referências bibliográficas

CINELLI, N.P.F. A influência do vídeo no processo de aprendizagem. 2003. 73f. Dissertação de Mestrado em Engenharia de Produção - Programa de Pós- Graduação em Engenharia de Produção da Universidade de Santa Catarina. Florianópolis, 2003.

CYSNEIROS, P.G. Novas Tecnologias na sala de aula: Melhoria do ensino ou inovação conservadora? Revista Informática Educativa-UNIANDÉS-LIDIE, v.12, n.1, p. 11-24, 1999.

FRANCO, S. R. K. O construtivismo e a educação. 7. ed. Porto Alegre: Mediação, 1998.

PEREIRA, J.; JANHKE, G. Produção de vídeos nas escolas: educar com prazer. Estudo de caso Escola Independência/Pelotas. Pelotas: ErdFilms, 2012.

PONTE, J.P.; BROCARD, J; OLIVEIRA, H. Investigações Matemáticas na Sala de Aula. 1. Ed. Belo Horizonte: Autêntica. 2006.

RANCAN, G. Origami e tecnologia: investigando possibilidades para ensinar geometria no ensino fundamental. 2011. 80f. Dissertação de Mestrado em Educação em Ciências e Matemática – Programa de Pós-Graduação em Ciências e Matemática, da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2011.

REGO, R. G.; REGO, R. M.; GAUDÊNCIO, S. A geometria do origami: atividades de ensino através de dobraduras. João Pessoa: Universitária/UFPB, 2003.

SANTOS, C.A.M. ; GENTIL, N.; GRECO S. E. Matemática. 7. Ed. São Paulo: Ática, 2003.

SANTOS, P. R; KLOSS, S. A criança e a mídia: a importância do uso do vídeo em escolas de Joaçaba-SC. 2010. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/regionais/sul2010/resumos/R20-0957-1.pdf>> Acesso em: 28 set. 2016.

*Vivências na produção do vídeo “Fred veste: a máscara do preconceito”,
do projeto entre-linhas de 2016 da Ufsm-FW*

Victória Lieberknecht

*Universidade Federal de Santa Maria
vic_lieber@hotmail.com*

Vicente de Aguiar Camillo

*Universidade Federal de Santa Maria
camillo.vih@gmail.com*

Resumo

O vídeo produzido a partir do projeto de extensão universitária Entre-linhas, desenvolvido em 2016 na Universidade Federal de Santa Maria, no campus de Frederico Westphalen, teve como proposta inicial ensinar crianças de 11 a 17 anos da periferia da cidade (dos bairros São José, Núcleos e Pedreira) a produzirem materiais audiovisuais. A proposta era que os alunos adquirissem novos conhecimentos em produção de conteúdo audiovisual e expressassem livremente suas visões de mundo em forma de vídeo. Na turma dois, com a qual os autores deste relato trabalharam, o resultado de seis semanas de aulas técnicas, gravações e edição foi o documentário de dezoito minutos “Fred Veste: a máscara do preconceito”, que retrata a desigualdade e preconceito social existentes entre os bairros de periferia e centrais da cidade. O produto produzido pelos jovens superou as expectativas dos monitores do projeto, por denunciar extrema desigualdade em uma cidade tão pequena, porém segregada.

Palavras-chave: Audiovisual, Vídeos nas Escolas, Documentário, Periferia, Preconceito Social.

Abstract

The video produced from the university extension project Entre-linhas, developed in 2016 at the Federal University of Santa Maria, on Frederico Westphalen’s campus, was initially designed to teach children from 12 to 17 years on the outskirts of the city (neighborhoods São José, Núcleos e Pedreira) to produce audiovisual materials. The idea was that students acquire new knowledge in the production of audiovisual content and freely express their worldviews in video form. In class 02, with which the authors of this report have worked, the result of six weeks of technical classes, recordings and editing was the eighteen-minute documentary "Fred Veste: the mask of prejudice", which depicts the existing social inequality and prejudice among the outskirts of neighborhoods and city centers. The product produced by young people exceeded the expectations of monitors project, report extreme inequality in such a small town, but segregated.

Keywords: Audiovisual, Videos in Schools, Documentary, Periphery, Social Prejudice.

1. Introdução

O documentário “Fred Veste: a máscara do preconceito” é um produto originário do projeto de extensão universitária “Vídeo Entre-Linhas: formação de jovens realizadores em Frederico Westphalen e região”, do Departamento de Ciências da Comunicação da UFSM Frederico Westphalen. Com proposta de inserir e situar os jovens no consumo e produção de materiais audiovisuais, o projeto é financiado pelo Programa de Extensão Universitária (PROEXT), voltado à cultura e à educomunicação. O objetivo principal é capacitar jovens da região para que não só aprendam a produzir, mas desenvolver um

pensamento crítico acerca daquilo que consomem da mídia, seja na forma televisiva, como também da internet e até mesmo a forma impressa.

O fato de o projeto desenvolver oficinas em diferentes locais do Médio Alto Uruguai, em linhas rurais e bairros periféricos se deve a questões de inclusão dos jovens desses espaços, invertendo os papéis sociais habituais: eles passam de expectadores para produtores de conteúdo audiovisual. A inversão desses papéis tinha como proposta capacitá-los à essa produção e também que olhassem com olhos de turista para os locais onde vivem, retirando daquele espaço uma pauta que serviria como tema do vídeo a ser gravado, apresentando as singularidades presentes naquele local.

Oficinas na turma 02

O trabalho do projeto Entre-linhas foi desenvolvido durante seis semanas, entre junho e julho de 2016, em três escolas de Frederico Westphalen. Este artigo contemplará a turma 02 da Escola Municipal de Ensino Fundamental Maria Falcon, do bairro São José, onde trabalharam os bolsistas autores do presente trabalho. Os jovens participantes são alunos do Projeto Arte, Educação e Cidadania, desenvolvido na escola em turno inverso ao das aulas pela Secretaria Municipal de Educação e Cultura. Sendo assim, os alunos são moradores e estudantes de três comunidades periféricas: Pedreira, Núcleos e São José.

A cidade de Frederico Westphalen se localiza no noroeste do Rio Grande do Sul, sendo o centro comercial e maior município da microrregião do Médio Alto Uruguai. Segundo o Instituto Nacional Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2010), a cidade possui 28,8 mil habitantes, com estimativa de 30,6 mil para 2016. O bairro São José fica a dois quilômetros do centro e tem 379 habitantes, tendo em média 3,6 moradores por casa.

A razão de dependência dos jovens é de 56,4%. Para fins de comparação, a razão de dependência dos jovens no bairro Centro é de 18,4% (IBGE, 2010). A comunidade da Pedreira, apesar de não estar oficialmente nos mapas e ser reconhecida pelos veículos de comunicação e população locais, pertence territorialmente ao bairro São José. Já os Núcleos são pertencentes à área do Distrito Industrial da cidade, somando 453 habitantes, com razão de dependência dos jovens de 34,3%. Em 2015, no total, foram registradas 3308 matrículas escolares, no ensino fundamental, sendo que no total vivem na cidade cerca de 4 mil jovens de idade entre 5 a 14 anos.

O projeto em si tem foco no ensino de produção de conteúdo audiovisual e exibição da realidade daqueles jovens de acordo com as suas visões de mundo. A ideia também é tornar conhecida aquela determinada comunidade levantar discussões acerca das produções. Porém logo nos primeiros dias de oficina, os monitores perceberam que aquela turma deveria ser trabalhada de forma diferenciada, já que a maioria dos alunos vive em situação de vulnerabilidade social e reclama do preço que suas famílias pagam por morarem em bairros mais humildes, sofrendo preconceito social vindo de bairros mais nobres e empregadores do centro da cidade.

A proposta de tirar o pensamento desses jovens do senso comum e do consumo passivo às mídias foi considerada importante já que a construção da identidade e representação social é uma questão amplamente debatida pela academia:

Há dois tipos de formação de identidade que nos interessam aqui – o que chamo de “autoidentidade” e “identidade coletiva”. Autoidentidade é o sentido que cada um tem de si mesmo como dotado de certas características e potencialidades pessoais como um indivíduo situado numa certa trajetória de vida. A identidade coletiva é o sentido que cada um tem de si mesmo como membro de um grupo social ou coletividade; é um sentido de pertença, de ser parte de um grupo social que tem uma história própria e um destino coletivo. (THOMPSON, 2011, p. 241).

Pensando nisso e analisando os alunos com conversas descontraídas em sala de aula, percebemos que, como dito por Thompson (2011), existe uma identidade social construída, porém de certa forma estagnada por diversos motivos. Entre os mais relevantes está a falta de acesso a conteúdos de vídeo fora dos veículos de comunicação habituais (televisão e rádio), utilizando, por exemplo a internet (que só se tornou acessível aos alunos um mês após o encerramento das oficinas com uma *lan house* pública instalada na comunidade da Pedreira).

Identidade

A identidade ali construída quase não tinha abertura para novos conteúdos, assim como a formação de jovens com pensamento crítico justamente pela falta de inclusão social e digital. A grande dificuldade de leitura dos alunos cujos anos escolares variavam entre 5º e 9º ano nos fizeram levantar a hipótese de que a falta de interesse em buscar novas fontes seja resultado de um sistema de ensino escolar defasado e também pela falta de incentivo familiar, que em sua grande maioria possui apenas a educação básica. Para acender a chama do pensamento crítico começamos a debater de que forma aquelas comunidades eram retratadas pelos veículos de comunicação.

A comunicação, conforme Rabaça & Barbosa (1987, p. 162), tem função de tornar comum, repartir, trocar opiniões, associar ou conferenciar, sendo um processo de troca de experiências que torna parte da cultura de todos um elemento em comum. Os autores afirmam que isso envolve tanto os meios de comunicação mais tradicionais, os impressos e de radiodifusão, como também os audiovisuais, ditos por eles como artes plásticas e cênicas, e hoje com uma ramificação nas produções audiovisuais.

Sobre o papel dos meios de comunicação de massa (MCM), Alexandre (2001, p.114), reúne e acrescenta argumentos positivos e negativos aos MCM, na concepção de Rabaça e Barbosa e do teórico da Comunicação Umberto Eco:

Aspectos positivos: 1. Democrática, pois liberta o homem na medida em que proporciona oportunidades, destruindo as antigas barreiras de classe, tradição e gosto, misturando e confundindo tudo, dissolvendo as distinções culturais; 2. Proporciona diversão para as massas cansadas que compõem a força de trabalho; 3. Divulgam os atos de corrupção; 4. Proporcionam cultura para milhões de pessoas, permitindo ao homem médio dispor de uma riqueza de informações, nunca antes vista, divulgando obras culturais a preços muito baixos. Aspectos negativos: 1. É extremamente conformista, isto é, encoraja uma visão passiva e acrítica da sociedade; 2. Valoriza, em demasia, a informação da atualidade, entorpecendo a consciência histórica; 3. Difunde uma cultura homogênea, destruindo as características culturais de cada grupo etário; 4. É conservadora, pelo fato de trabalhar somente o que já foi assimilado, seguindo apenas as leis do mercado; 5. A fim de não poupar esforço para o entendimento das mensagens, nivela superficialmente a sua produção. (ALEXANDRE, 2001, p.114-115)

Depois de conhecer melhor a turma nas primeiras duas aulas, planejamos os encontros seguintes buscando englobar as questões debatidas para que tivessem melhores condições de elaborar um roteiro de vídeo e executá-lo com qualidade.

2. Metodologia

O fato de estarmos ofertando a oficina do Projeto Entre-linhas para alunos entre 11 e 17 anos, das periferias, zonas rurais e escolas públicas, pensamos em adaptar o conteúdo a ser passado em aula de acordo com essas características. Provavelmente a matéria não seria assimilada da melhor forma pelos alunos se apenas falássemos na frente da sala ou os déssemos a apostila de apoio para ler. Segundo Freire (1996, p.27) o problema no aprendizado escolar dos jovens é que o modelo tradicional de ensino – um sistema onde um lado é dotado do saber e do poder e o outro que recebe passivamente o conteúdo – é que ele se assemelha a um modelo bancário, onde “os que detêm o saber depositam nas contas dos outros fragmentos dessa riqueza”.

Para ele, partindo desse pressuposto, qualquer ação educativa está condenada ao fracasso, não por causa do conteúdo cujo “conhecimento” lhe foi transferido, mas em razão do processo mesmo de aprender. (FREIRE, 1996, p. 27)

Dessa forma Freire, em contraponto ao modelo bancário, propõe um novo modelo de aprendizado denominado Educação Libertadora, cuja intenção “não é transferir conhecimentos, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção” (FREIRE, 1996, p. 52).

Utilizando os conceitos do autor, resolvemos fazer uma aula onde se ensinasse o conteúdo básico aos alunos e, a partir dele, abrir discussões durante as aulas, deixando-os com liberdade para questionar, complementar e produzir novos conteúdos, assim como decidir o tema do vídeo a ser produzido.

Como ministrantes das aulas, procuramos não sobrepor a opinião, raciocínio e novas significações dos alunos com as nossas concepções pessoais, pois conforme Thums o aprendizado precisa de individualidade e intencionalidade: “Todos nós diariamente selecionamos nosso olhar, nosso perceber, nossa audição, nossos gostos, preferências, conforme a seleção automática que realizamos, segundo nossas experiências vivenciadas, consciente ou inconscientemente”. (THUMS, 1999, p. 36).

Sendo assim, mesmo que cada um, incluindo os monitores, tenha suas referências para tudo na vida, e apesar disso influenciar muito no modo como agimos e ensinamos, por exemplo, havendo intencionalidade de fazer essas referências interferirem o menos possível, é possível se aproximar de uma educação mais libertadora e rica.

Já para o ensino do conteúdo teórico, os monitores, utilizaram da bagagem aprendida durante a faculdade de Jornalismo na universidade. As noções técnicas de câmera, usos da imagem e edição foram adquiridas previamente e eram pré-requisito para que pudessem trabalhar nas escolas.

3. Desenvolvimento

O projeto oferecido aos alunos da turma 02 na Escola Municipal de Ensino Fundamental Maria Falcon foi organizado e ministrado pelos bolsistas responsáveis de cada turma. Todas as escolas contempladas pelo Projeto Entre-Linhas tinham uma apostila em comum, feita previamente pelos bolsistas, com conteúdos idênticos com teor técnico referente ao uso e movimentos de câmeras, enquadramentos, iluminação, direitos autorais e de imagem, gêneros audiovisuais, além de uma breve história do cinema.

Os exercícios práticos, utilizados para aperfeiçoar o domínio dos alunos sobre as técnicas e equipamentos foram baseados em ideias do grupo do Projeto Vídeo Entre-Linhas, bem como inspirados e adaptados de outros materiais disponíveis como o Guia Vídeo na Escola, do Instituto Criar de Tv, Cinemas e Novas Mídias e na apostila Oficina de Produção de Vídeos, produto da Tv Escola.

As oficinas ocorreram em seis encontros de cinco horas cada, totalizando a carga horária de 30 horas. No plano original de aulas os alunos teriam os primeiros quatro encontros teóricos direcionados à introdução na temática audiovisual, noções sobre os equipamentos e também atividades práticas. Os conteúdos foram todos passados conforme o cronograma, porém abrimos um espaço no meio das aulas para discutir os temas abordados inicialmente pelos alunos que denunciavam um preconceito social entre os bairros nobres para com os periféricos onde vivem.

O plano de aula sugeria que os alunos decidissem a temática do vídeo no final da quarta aula, porém logo que chegamos nos deparamos com o tema do preconceito, que foi abraçado pelos alunos. A escolha prévia foi fundamental, mesmo que não proposital, pois percebemos que os jovens já prestavam

atenção no conteúdo teórico pensando em como o utilizariam dentro do vídeo da turma. O roteiro que também seria desenvolvido na quarta aula acabou sendo feito quase inteiramente na terceira.

Logo no início das oficinas percebemos como bolsistas que o Projeto Entre-linhas não é uma mera oficina de audiovisual com crianças da periferia de Frederico Westphalen e região. As atividades são uma oportunidade para esses alunos participantes. Apesar de estarmos levando aprendizado e novidade para grande parte dos alunos, o que mais nos chamou a atenção foi o grande contraste social em uma região tão rica e ao mesmo tempo pequena. Muitos dos alunos nunca tinham visto uma câmera na vida e pouco assistem filmes e materiais audiovisuais.

Essa alienação tecnológica e cultural dos alunos dos bairros São José, Núcleos e Pedreira acabou dificultando a compreensão do conteúdo passado pelos bolsistas em aula, resultando em alunos sonolentos e dispersos. Em função disso tivemos que adaptar o conteúdo e rever a didática/metodologia de ensino para que eles pudessem aproveitar as aulas da melhor forma.

O conteúdo que gerou mais dificuldade foi sobre enquadramentos e direitos autorais. Percebemos que nas próximas edições do projeto é necessário explorar mais exercícios práticos para que eles aprendam e fixem melhor o conteúdo. Nos dando conta disso, desenvolvemos algumas atividades extras para facilitar a compreensão. Levamos um formato alternativo de documentário, feito com apenas uma câmera e produzido inteiramente por uma só pessoa, para que os alunos conseguissem entender que é possível produzir material audiovisual de qualidade sem depender de muitos equipamentos. Também desenvolvemos trabalhos extras relacionados com trilha sonora e direitos autorais.

A explicação teórica sobre as trilhas sonoras não foi muito bem assimilada pelos alunos. Para suprir essa questão tão relevante dos vídeos, fizemos um pequeno exercício prático envolvendo música e imaginação, no qual desafiamos os alunos a fecharem os olhos e imaginarem uma cena onde aparece uma escada e apenas os pés de uma pessoa subindo-a. Selecionamos no celular de um dos monitores a música “Viva la Vida”, do *Coldplay* e pedimos que descrevessem o que essa pessoa que subia a escada estava indo fazer. Surgiram respostas como “encontrar um grande amor”, “pedir uma mulher em casamento” e “buscar um objeto importante”. Imaginando a mesma cena, colocamos a música “Stone Cold”, da Demi Lovato e, por incrível que pareça, mesmo sem conhecer a música e o videoclipe, descreveram várias cenas parecidas com o clipe com frases “vai entrar em uma banheira e chorar”, “a pessoa está de coração partido e vai chorar”. Outras músicas foram usadas para mostrar-lhes a importância de todos os tipos de sons e dos silêncios em vídeos.

CRONOGRAMA DE AULAS

Aula 01 – 10/06/2016

O primeiro encontro feito na E.M.E.F. Maria Falcon reuniu alunos das duas turmas posteriormente divididas. Foi apresentado o cronograma do projeto bem como os seus objetivos. Após assinarem listas de chamada e receberem as apostilas com o conteúdo, iniciamos a aula teórica. Os alunos foram questionados sobre o que é comunicação audiovisual, descobrindo que é uma forma de contar histórias usando a combinação de imagem e som. Em seguida aprenderam um pouco sobre a história do cinema, sendo apresentados aos clássicos dos irmãos Lumière e do cinema mudo de Charles Chaplin.

Seguindo a evolução histórica e tecnológica chegamos ao formato de vídeo mais conhecido hoje, que reúne as linguagens verbal, sonora e visual. Partindo disso, discutimos e fizemos exercícios sobre os gêneros de filmes, que são separados por ficcionais e não ficcionais (documentários), exibindo os exemplos e os fazendo adivinhar de qual gênero cada um se tratava. Outro exercício foi pedir para que os alunos contassem uma história para que analisássemos o estilo de narrativa de cada colega.

Aula 02 – 17/07/2016

A proposta para a segunda aula foi de começar a pensar no tema do vídeo a ser produzido pelos alunos e, em seguida apresentar a eles os tipos de planos de imagem (planos geral, conjunto, médio, americano, primeiro plano, primeiríssimo plano, plano detalhe), com os quais fizeram um exercício recortando imagens de jornais e revistas e identificando os planos. Foi um dos momentos mais divertidos da aula para os alunos, pois fizeram um jogo no qual dividiram a turma em equipes e fizeram uma competição. Cada plano recortado era mostrado a eles e quem escrevesse primeiro o nome correto do plano ganhava um ponto. Também foram trabalhados os movimentos de câmera, efeitos visuais, velocidade da imagem, regras de continuidade, angulação da câmera e cortes.

Aula 03 – 24/06/2016

Nesta aula apresentamos as funções habituais de uma equipe de produção audiovisual, como diretor, roteirista, pesquisador, produtor, cinegrafista e continuísta. Dividimos as funções entre os alunos conforme a afinidade deles com cada uma delas. Em seguida iniciamos a montagem do roteiro, definindo os argumentos para aquela produção. Como a turma 02 resolveu produzir um documentário, a teoria foi direcionada para esse gênero, instigando-os a definir quem seriam os entrevistados, justificando as participações de cada um.

O segundo passo foi responsabilizá-los de marcar horário com os entrevistados para a próxima aula e fazer um cronograma de filmagens, que já começaram no mesmo dia, entrevistando professores e a coordenadora pedagógica da escola.

Aula 04 – 01/07/2016

Os jovens da turma 02 foram levados até o centro da cidade para entrevistarem pessoas que, segundo a concepção deles, são formadoras de opinião na cidade e região de Frederico Westphalen. A própria visita ao bairro centro foi recebida com surpresa por parte dos alunos que nunca tinha estado naquela parte da cidade. As gravações foram feitas na Rádio Comunitária com diretor geral do veículo, Ademir Telles, com dois representantes da Central Única das Favelas (Cufa) de Frederico Westphalen, Vinícius Duarte e Júnior Torres.

Aula 05 – 05/07/2016

Fora do cronograma original, no qual as aulas sempre eram nas sextas-feiras à tarde, este dia foi combinado a mais com os alunos (em uma terça-feira) para haver mais folga na hora da finalização do vídeo e porque no último dia de captação estava prevista chuva intensa na região. Neste dia os alunos foram entrevistar representantes dos seus bairros para dar um contraponto na opinião dos entrevistados do centro.

Aula 06 – 08/07/2016

Foram apresentados aos alunos softwares de edição de vídeo, sendo que o *Movie Maker* foi escolhido pelos monitores por ser mais acessível a iniciantes e ter um *template* praticamente autoexplicativo. Neste encontro os alunos começaram a analisar as imagens captadas e a montar a narração do vídeo e corte de cenas e falas importantes. A maior dificuldade foi costurar as falas dos entrevistados, tendo que assistir inúmeras vezes o mesmo vídeo e até mesmo decupar parte deles para facilitar a esquematização das falas.

Aula 07 – 15/07/2016

A última aula foi utilizada para gravar a narração do documentário, finalizar algumas imagens e captar a imagem com os rostos dos alunos que aparece na abertura e na finalização do vídeo. Em seguida tivemos um momento de confraternização onde os alunos responderam questionários e compartilharam de um lanche coletivo.

Mostra à comunidade – 01/09/2016

No início de setembro foi feita a exibição do documentário “Fred Veste: a máscara do preconceito” e de outros dois vídeos produzidos no projeto: o documentário da turma 01 “Da Escola ao Mercado de Trabalho” e o vídeo ficcional “A alma”, produzido pelos alunos da comunidade do São Cristóvão.

A mostra foi marcada de acordo com o calendário escolar disponível. Foi feita no ginásio da própria escola, onde recebemos os alunos, pais e comunidade em geral dos três bairros para assistir. No total, compareceram 66 pessoas, sendo que os alunos de violino da escola fizeram uma apresentação de abertura. No final da exibição dos três vídeos houve um debate entre o público sobre o preconceito e o uso do termo “favela” para as pessoas se referirem àquelas comunidades.

Execução

O cronograma da nossa oficina foi cumprido à risca, porém para as próximas escolas será preciso rever a sequência de aulas, pois houve muito tempo para teoria e a prática ficou comprometida, tendo que ser agilizada. No caso da turma 02, precisamos marcar um horário-extra na última semana para que terminássemos as captações. Imprevistos como a chuva acabaram por vezes prejudicando as filmagens, o que resultou na aula-extra, que foi muito bem aceita por todos os alunos.

A coordenação do projeto nos assessorou positivamente, principalmente no que se diz respeito ao choque cultural que a maioria dos bolsistas sofreu, dando-lhes conselhos. Todas as semanas os dez bolsistas do projeto se reuniram para troca de experiências, adaptando as próximas aulas de acordo com as necessidades de cada turma, o que foi muito positivo, pois tornou as aulas seguintes mais produtivas e prazerosas.

O documentário produzido, Fred Veste: a máscara do preconceito teve uma captação de pauta diferente, pois surgiu de uma conversa paralela em aula. Quando explicávamos sobre o roteiro e demos alguns exemplos aos alunos, uma das alunas comentou que no seu bairro nenhuma das freiras da catedral quis dar catequese para eles porque sentiam medo de ir ao bairro, levando seu pai a capacitar-se para que as crianças não ficassem sem o ensino religioso. Quando ouvimos isso, interrompemos as explicações e começamos a debater sobre o assunto. Os alunos falaram muito sobre o preconceito que sofrem e a falta de oportunidades. A partir disso, na aula seguinte levamos algumas atividades diferentes para que os alunos aprofundassem seus conhecimentos sobre o tema. Em muitas falas ouvimos "A gente sofre muito preconceito", "Nos chamam de favelados e não gostamos disso", "Se eu falo que moro nesses bairros sou motivo de desconfiança ou gozações" e "os ricos não ajudam a gente que é pobre". A partir disso trabalhamos os conceitos de "preconceito", "favelado", "gozações", "rico", "pobre", entre outros. Fizemos os alunos tirarem seus discursos do senso comum e pensarem sobre o que eles realmente significam. Foram usados como método de discussão a conversa e troca de experiências, pesquisa no dicionário, livros e internet (utilizando os celulares dos monitores que possuíam internet móvel).

Depois de trabalhar esses temas começamos a montar em aula o roteiro, projetando-o na parede para que todos acompanhassem. Fizemos uma discussão sobre quais pessoas seriam entrevistadas e a importância delas para o documentário. Em seguida foram divididas as funções, que acabaram sendo

vezadas entre os alunos conforme o interesse pela câmera e pelo enredo aumentavam. A Diuliana ficou como diretora e a instigamos a perguntar aos entrevistados não só as questões vistas em aula, mas também aquilo que sempre quis saber em relação ao tema. As captações de imagem no geral foram feitas pelo Clóvis, que se identificou muito com a função de câmera.

Fizemos dois dias de captação, sendo que no primeiro organizamos transporte até o centro da cidade a fim de que entrevistassem formadores de opinião frederiquenses e retratassem os contrastes existentes entre um bairro e outro. O outro dia de captação não foi na sexta-feira como o habitual, mas em uma aula extra na terça-feira para que entrevistassem os membros de suas comunidades.

4. Resultados e discussão

O projeto Vídeo Entre-Linhas é uma reflexão sobre a importância do audiovisual no processo de inclusão social e na formação da identidade do jovem das comunidades rurais e periféricas. Os participantes das oficinas apropriaram-se da narrativa e da linguagem do vídeo, tornando-se produtores e não apenas consumidores culturais. O vídeo final materializa suas visões acerca dos mais diversos contextos sociais nos quais estão inseridos, sendo que mostra itinerante (que ocorreu não só na escola, mas também em outras duas comunidades da cidade e tem continuidade em outras localidades até o final do ano) é um instrumento importante para dar voz à comunidade e para que as pessoas possam se ver representadas em um produto cultural. Veja sinopse do documentário “Fred Veste: a mascar do preconceito”:

Divididos por uma rodovia, os jovens moradores dos Bairros São José, Pedreira e Núcleos de Frederico Westphalen investigaram quais as outras barreiras existentes entre os seus bairros (da periferia) e os bairros mais nobres da região central da cidade. Nesse curto documentário de 18 minutos, eles identificaram algumas das máscaras que a cidade "veste" e problematizaram essas questões.

Como monitores, consideramos excelente o trabalho final dos alunos, tendo em vista que praticamente tudo o que levamos para eles era novidade. Percebemos uma elevação enorme no senso crítico dos alunos e que aprenderam a sair do senso comum, pensando mais amplamente e por conta própria sobre os mais diversos temas. A monitora Victória, sendo casualmente professora em outro projeto naquela mesma escola, acompanhou os alunos semanalmente durante um ano antes e os meses seguintes à oficina e, mesmo depois do fim das aulas, percebeu que o senso crítico dos alunos continuou sendo apurado, pois notou que se tornaram jovens mais questionadores, tornando mais difícil e desafiadora a própria aula dela no projeto paralelo.

A comunidade participou ativamente das entrevistas e ajudou com ideias. Nos foi relatado por professores que a oficina melhorou o interesse de dois alunos na escola e ainda os deu ânimo para estudar, usando outros recursos que não só os convencionais (papel e caneta).

Como monitores, mesmo conhecendo previamente a realidade daqueles bairros, mudamos muito a nossa visão sobre esse tipo de discriminação e aprendemos a respeitar ainda mais a dor e as dificuldades dos outros.

Para a segunda etapa do projeto precisamos melhorar a didática em aula, diminuindo o conteúdo teórico e incorporando-o em prática, pois percebemos que a prática fixa melhor o conteúdo e é mais atrativa aos alunos. Também sugerimos que haja mais engajamento entre o projeto e as aulas normais dos alunos, promovendo conversas e colaboração entre os monitores e professores de disciplinas que venham a complementar essa temática.

5. Referências bibliográficas

BARBOSA, G; RABAÇA, C. Dicionário de Comunicação. São Paulo: Ática, 1987.

FREIRE, P. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática docente. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FIABANE, D; BERLINK, M. H. Guia vídeo na escola. Instituto Criar de Tv, Cinema e Novas Mídias.

OFICINA de produção de vídeos. Tv Escola.

THOMPSON, J. B. A mídia e a modernidade: uma teoria social da mídia. Rio de Janeiro: Editora Vozes Limitada, 2011.

THUMS, J. Educação dos sentimentos. Porto Alegre: Sulina/ULBRA, 1999.

*Meu filme, meu mundo: um estudo a partir do projeto
"Oficina de Vídeo Estudantil"*

Kelly Demo Christ
Universidade Federal de Pelotas
kelly.christ@yahoo.com.br

Resumo

O projeto de extensão "Oficina de Vídeo Estudantil" vem se desenvolvendo desde 2011, quando teve sua edição teste. Até o fim de 2015, colaborou com a produção de 77 curtas-metragens, realizados por 34 escolas em dois municípios. Tendo em vista que estas produções foram desenvolvidas por jovens da rede pública, observaram-se quais as temáticas trabalhadas nestes curtas e sua possível relação com a vivência destes estudantes. Através de uma análise qualitativa e quantitativa, percebe-se o índice de obras que abordam temáticas como a morte, *bullying* e violência urbana, o que ganha outro significado ao relacionarmos as narrativas ao que compõe o cotidiano destes realizadores. Através de entrevistas feitas com quatro professoras que participaram do processo de realização dos curtas, evidenciam-se as possibilidades de trabalhos pedagógicos que podem ser realizados a partir dos vídeos, incluindo a oportunidade de se detectar quais são as reais preocupações destes alunos, seus conflitos e o que compõe seu imaginário. Percebe-se no Cinema uma ferramenta de expressão, capaz de estimular o seu lado lúdico, bem como um espaço para a discussão de sua visão de mundo.

Palavras-chave: Cinema, Educação, Produção de vídeo estudantil.

Abstract

The extension project "Oficina de Vídeo Estudantil" has been developed since 2011, at an edition test. By the end of 2015, it has collaborated with the production of 77 short films, done by 34 schools, in two cities. As the productions have been developed by teenagers of public schools, the themes that were worked on these videos and their relation to the experience of these students were observed. Through a qualitative and quantitative analysis, we noted the index about themes such as death, bullying, and urban violence, which become deeply significant when related to the narratives to the day-to-day of these young filmmakers. Through interviews with four teachers who participated of the process of making short videos, it becomes evidenced that the pedagogical work possibilities that can be done with videos, including an opportunity to detect what are the students' concerns and conflict that compose their imagination. Cinema can be an expression tool, able to stimulate the vision side of students, and it's as well a field capable to discuss their worldview.

Keywords: Cinema, Education, Student video production.

1. Introdução

Pesquisar as relações entre Cinema e Educação no Brasil é um desafio. Nota-se em nossa sociedade a precarização da atividade docente e da Educação, bem como a associação que se faz entre o audiovisual e o entretenimento. Tratamos o Cinema aqui enquanto sinônimo de audiovisual ou de vídeo, não se referindo a um espaço físico, e sim a um meio de comunicação, independente da plataforma, dispositivo, ou técnica utilizada. Observar o Cinema enquanto ferramenta pedagógica pode causar estranhamento para determinados grupos, que remetem ao filme como medida recreativa, ou provisória, na atividade escolar. Como elucidada Moran (1995), o vídeo muitas vezes é utilizado como "tapa buraco"

quando o professor falta, fazendo com que os alunos associem assistir um filme a não ter aula, não usufruindo deste momento para o aprendizado.

Em contrapartida, as pesquisas que unem ambas as áreas estão presentes no Brasil já desde meados da década de 30. Conforme cita Favaretto (2004), “A recomendação de que o cinema deveria ser integrado às práticas escolares foi imediata, sem que, entretanto tivesse levado a efeitos consistentes no sistema escolar, e até hoje” (FAVARETTO, 2004, p. 9). Percebe-se que a bibliografia disponível tende a tratar a relação entre Cinema e Educação puramente de maneira teórica, pouco levando em consideração a realidade da sala de aula. Estas pesquisas existem para servir de apoio aos professores que tentam implantar o audiovisual em sua disciplina, porém é não é possível detectarmos se os discentes possuem acesso a este material, e como ele é utilizado na sala de aula, por falta de registros e relatos de experiência. Acarreta-se na perda da possibilidade de refletir sobre os processos realizados no âmbito educacional, bem como um distanciamento entre a teoria e a prática pedagógica, reforçando o efeito citado por Favaretto (2004).

Existem basicamente duas maneiras de tratar o audiovisual na escola: a exibição, por exemplo, passar um filme durante uma aula a fim de mostrar em imagens um conteúdo, ou através da produção, onde os alunos se encarregam de fazer um vídeo. O presente artigo analisará esta segunda vertente, cujas referências são mais escassas. Trataremos especificamente a partir dos 77 curtas-metragens que participaram do projeto de extensão Oficina de Vídeo Estudantil, de 2011 a 2015, nas cidades de Pelotas e Rio Grande, no Rio Grande do Sul. Por meio de uma análise feita previamente (CHRIST; PEREIRA, 2015), notou-se que algumas temáticas são frequentes nestes trabalhos, dentre as quais cabe destacar a presença das relações familiares, morte, *bullying*, elementos fantásticos, e violência urbana. Com exceção do primeiro assunto citado, os demais possuem notável relação com conceitos atrelados direta ou indiretamente à violência.

Como aprofundaremos a seguir, mesmo nos casos onde as temáticas são semelhantes, a abordagem feita por cada um dos curtas diversifica-se, dependendo dos alunos que estão construindo estes roteiros, de forma que cada um destes tópicos será tratado separadamente. Refletiremos acerca da existência de elementos responsáveis pelas escolhas narrativas e estéticas dos estudantes, possivelmente vinculadas ao que constitui seu “capital cultural”, conceito proposto por Pierre Bourdieu (2011).

Tendo em vista que, na maioria dos casos aqui tratados, foram os estudantes os responsáveis pela escolha do tema, elaboração do roteiro, abordagem, e todas as etapas de produção do filme, levanta-se o seguinte problema: o que estes curtas têm a expressar sobre os alunos que os produziram? O discurso dos filmes é relevante enquanto ferramenta de uso pedagógico?

Muitos fatores podem influenciar nas histórias e nas expressões dos estudantes, desde o que estes jovens consomem, o que assistem, o quanto absorvem do conteúdo escolar, e possivelmente a localidade da escola em que estudam, ou seja, o espaço geográfico/político que o aluno habita contribui para internalização de signos. Temos a hipótese de que este último, em especial, pode ser um fator de peso nos trabalhos realizados pelos estudantes, sobre a qual se deseja discorrer.

Reconhece-se a necessidade desta pesquisa, visando ser uma temática ainda em processo de constituição. Por isso, este artigo pode vir a contribuir com os pesquisadores da área, e com o reconhecimento da inclusão das produções audiovisuais nos meios de ensino, através do olhar de uma pesquisadora com formação em Cinema e Audiovisual. A autora teve a oportunidade de participar de 2012 a 2015 como bolsista do projeto de extensão Oficina de Vídeo Estudantil, trazendo percepções empíricas a este estudo, constituídas ao longo desta experiência, e facilitando a comunicação com algumas professoras participantes do projeto, as quais colaboraram com este artigo concedendo entrevistas e relatos.

Neste período pôde-se notar o quanto o audiovisual tem potencial enquanto ferramenta pedagógica, possibilitando sua utilização em diversas disciplinas, com diferentes vieses e objetivos,

fazendo contraste com a realidade escolar, onde poucas vezes os professores conseguem romper o sistema de ensino denominado por Paulo Freire (1987) como “educação bancária”. O autor descreveu a educação bancária como um processo educativo onde os estudantes dependem do professor para obter conteúdo. O professor, por sua vez, está ali para narrar e dissertar a respeito do que outrora aprendeu e memorizou. Assim, a educação fica análoga aos processos dados em um banco, onde o educador é o “bancário”, capaz de “depositar” a informação nos educandos. Para Freire, este método de educação é insuficiente, pois se dá de forma antidialógica, formando para a passividade, não estimulando a autonomia.

Utilizaremos ainda em nossa pesquisa Mario Kaplún (2002), cujo conceito de educomunicação faz importante relação entre as duas áreas do conhecimento aqui estudadas. O teórico dá luz a questões pertinentes à mídia ser utilizada como ferramentas pedagógicas, concordando com Freire em seu conceito de educação atrelado à comunicação. Para ele, os meios de comunicação são capazes de contribuir com a formação do indivíduo, porém a convivência deste sujeito se dá cotidianamente com uma mídia cuja proposta não se empenha em educar ou informar. Kaplún afirmou a importância do educador se utilizar dos meios de comunicação com finalidades educacionais, quanto a incorporação destes aparatos pela população em geral.

Em nossa pesquisa, para se compreender o que é expresso em nosso objeto de estudo, ou seja, nos curtas-metragens realizados para o projeto aqui tratado, observaremos os aspectos que tangem a relação destes jovens com seu espaço social, e com a escola em que estudam. Para isso, utilizaremos os conceitos de capital cultural e habitus, de Pierre Bourdieu (2011). Bourdieu define a existência do capital cultural de três formas: (1) estado incorporado (2) estado objetivado e (3) estado institucionalizado. Neste estudo trataremos mais especificamente do estado incorporado, que é assimilado pelo organismo ao longo do tempo, de maneira inconsciente, constituindo o domínio da língua culta, e demais referências culturais. Assim, este tipo de capital cultural fica intimamente associado ao “gosto pessoal”, questão bastante relevante neste estudo, onde o foco são as produções narrativas dos estudantes.

A noção de capital cultural impôs-se, primeiramente, como uma hipótese indispensável para dar conta da desigualdade de desempenho escolar de crianças provenientes das diferentes classes sociais, relacionando o “sucesso escolar”, ou seja, os benefícios específicos que as crianças das diferentes classes e frações de classe podem obter no mercado escolar, à distribuição do capital cultural entre as classes e frações de classe. Este ponto de partida implica em uma ruptura com os pressupostos inerentes, tanto à visão comum que considera o sucesso ou fracasso escolar como efeito das “aptidões” naturais, quanto às teorias do “capital humano”. (BOURDIEU, 2011, p. 73)

Para Bourdieu os habitus são “sistemas de disposição socialmente constituídos” (1983, p. 45), eles representam as estruturas que formam o capital cultural, enquanto prática de um determinado grupo social. Conforme Ortiz: “o habitus tende, portanto, a conformar e a orientar a ação, mas na medida em que é produto das relações sociais ele tende a assegurar a reprodução dessas mesmas relações objetivas que o engendram” (ORTIZ, 1983, p. 15). Para o sociólogo, o habitus compõe um grupo de características sociais internalizadas. Estão intimamente atrelados às afinidades e preferências, e aos comportamentos correspondentes aos diferentes grupos sociais e classes. Estes conceitos facilitam nosso entendimento de que o sujeito é construído a partir de vários fatores, dentre eles, de sua socialização com o outro, processo este que também passa pela escola.

2. Metodologia

Faremos uso da Linha de Pesquisa Linguagem e Processos Educacionais, segundo Senna (2003). Para desenvolver este trabalho foi necessária uma etapa exploratória, reunindo o material de pesquisa a fim de estudá-lo, levantando uma série de dados, os quais colaboram para se compreender as características e informações contidas nos objetos de pesquisa de maneira aprofundada. Tivemos a oportunidade de elencar os curtas-metragens produzidos no projeto e avaliá-los enquanto nosso objeto de

pesquisa. Assisti-los nos permitiu perceber que diversas temáticas são recorrentes, bem como sua abordagem.

Para compreender este levantamento, tivemos de organizá-los no formato de gráfico, com dados quantitativos e qualitativos, capazes de nos mostrar visualmente o que se destaca em nosso objeto de estudo. Chama-se pesquisa quantitativa aquela que utiliza números, explorando dados matemáticos para se perceber as características de determinado objeto. Por outro lado, a análise qualitativa irá fazer a interpretação destes dados, levando em consideração sua frequência sem, no entanto, excluir, por exemplo, uma situação de exceção. Em diversos casos, a abordagem de uma determinada temática é característica de uma obra em específico, sendo crucial para que consigamos compreender o grupo que a realizou (SENNA, 2003).

Nossa pesquisa tem a perspectiva quantitativa, quando fazemos uma análise de quão frequente são certos temas nas produções estudantis do projeto de extensão Oficina de Vídeo Estudantil, bem como qualitativa, pois iremos explorar o que estes assuntos têm a nos dizer. Temos a crença de que o que é expresso nos curtas-metragens não se dá por um mero acaso, e como partimos da ideia de que, na maioria das vezes, os alunos escreveram os roteiros para a realização do vídeo, consequentemente estas obras que estamos avaliando falam deles, de sua realidade, conflitos, problemas, preocupações, experiência de vida, e sua própria história.

Entendemos os adolescentes como sujeitos de direito, que têm voz, vontade e capacidade para expressar-se e, portanto, devem ser ouvidos e considerados, estando disponíveis para a co-gestão, para a construção de relações mais abertas e participativas com os adultos. (PORTO, 2005, online).

Conforme cita Tânia Porto (2005), estas relações participativas irão possibilitar que se compreenda o pensamento dos jovens, relação crucial para a atividade de ensino e aprendizagem. A Tabela 1 levanta dados pertinentes ao processo de produção de vídeo ao longo do projeto aqui visto:

**Relatório do projeto
“Oficina de Vídeo Estudantil”**

| Ano | Produziram (escolas) | Curtas | Exibiram (escolas) | Cidade |
|------|----------------------|--------|--------------------|------------|
| 2011 | 1 | 4 | | Pelotas |
| 2012 | 10 | 21 | aprox. 40 | |
| 2013 | 11 | 23 | aprox. 40 | |
| 2014 | 5 | 7 | | Pelotas |
| | 8 | 8 | 15 | Rio Grande |
| 2015 | 6 | 6 | 14 | Pelotas |
| | 8 | 8 | 11 | Rio Grande |

Tabela 1 - Dados do projeto “Oficina de Vídeo Estudantil” de 2011 a 2015.

Destas 34 escolas municipais de ensino fundamental (EMEF) que participaram ao longo dos 5 anos, 21 são em Pelotas e 13 em Rio Grande, tendo-se o registro de que foram 3 as que produziram de maneira mais ativa: Independência com 17, Ferreira Vianna com 8, e Afonso Vizeu com 6 curtas-metragens. Assistindo aos filmes percebeu-se que algumas temáticas são frequentes, a partir das quais se pode formular o Gráfico 1:

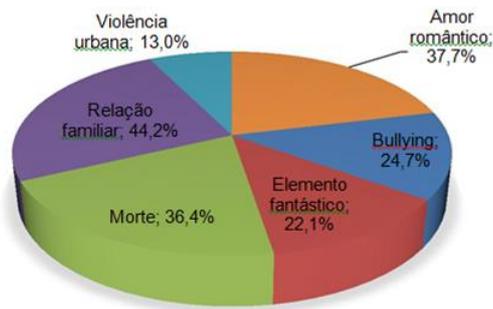


Figura 1 - Gráfico das temáticas presentes nos curtas.

Ressaltamos que algumas temáticas foram deixadas de lado para compor esta pesquisa, como discriminação étnica e a homofobia, por terem sido contemplados em poucas obras. Caso do curta-metragem Kauã (EMEF. Independência), que além de trabalhar a temática da homofobia, teve o diferencial de ter sido produção de alunos do EJA (Educação de Jovens e Adultos). Foi-nos ressaltado na entrevista da professora Giovana Jankhe que este último curta, além de trazer este debate relevante para a sala de aula, a produção do vídeo colaborou na permanência dos estudantes. De acordo com Giovana, as turmas de EJA da escola possuem muitas desistências, e o fato de estarem fazendo um trabalho concreto e interessante contribuiu para que os alunos se sentissem motivados a finalizar o ano letivo. Observamos a importância social deste debate, raramente explorado pelos filmes estudados. Assim acabamos incorporados a homofobia e a discriminação racial à temática do *bullying*, pois ambos os tópicos se referem nestes filmes aos diferentes tipos de discriminações que ocorrem especificamente dentro da escola.

As discussões envolvendo *bullying* são de grande interesse por parte dos envolvidos no projeto, e foi incluída em 24,7% dos filmes, tocando em outras questões como a ética, a moral, e o comportamento social, de forma a ser estimulado pelos docentes os debates a respeito. Enfatiza-se a relevância que se dá dentro do universo escolar a questões atreladas a popularidade, aceitação dos grupos e dos colegas.

Observa-se que a presença do amor romântico e das relações familiares são os tópicos mais intensos dos curtas, presentes em 37,7% e 44,2% deles, respectivamente. Como a realidade da faixa etária destes jovens se relaciona diretamente com suas relações com os pais, com sua família e amigos, bem como um período de descobertas amorosas, é visível como estes signos são presentes em suas relações. Também fazemos relação da expressão dessas temáticas com o que visto na televisão, onde histórias de romance se passam corriqueiramente na programação das novelas, seriados, filmes, e demais conteúdos.

A morte é presente em 28 curtas, sendo um tema amplamente discutido pelo ser humano em várias idades, âmbitos, e culturas. A presença do tema em si não constitui um diferencial, porém sua abordagem nos trabalhos nos chama a atenção.

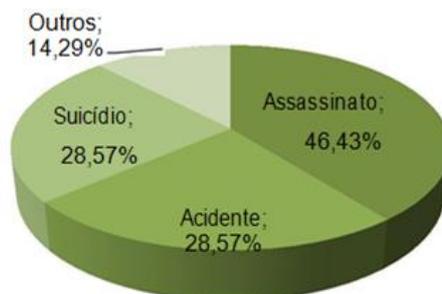


Figura 2 - Gráfico de análise dos tipos de morte presentes nos curtas.

Conforme Gráfico 2, a maioria das mortes que se sucedem nos curtas são assassinatos, em 46,43% dos casos. Os acidentes e suicídios ocupam juntos a segunda posição, com 28,57% das histórias. E colocamos como “outros” quando não se enquadraram em nenhum dos grupos, onde cada exemplo mostrou um tipo diferente de morte: temos uma morte que não é explicada de maneira específica (apenas se anuncia que os pais da personagem faleceram), outra que é dada de forma sobrenatural, uma morte por overdose, e uma morte por doença. A maioria dos casos são mortes implícitas, 53,57% dos casos, valor bastante próximo das mortes explícitas.

A questão da morte tem grande relação com a presença de elementos fantásticos nas narrativas, ou seja, histórias que possuem signos não compreendidos como reais tem mais chances de possuírem mortes. Dos 17 filmes que apresentam alguma temática sobrenatural, 13 deles tem morte no seu enredo. Os elementos mais recorrentes dessas histórias são os fantasmas (7 curtas), zumbis (7 curtas). A hipótese é que isto se deve a influências religiosas que os estudantes podem vir a ter, bem como seu contato com filmes e novelas da TV aberta que corriqueiramente incorporam esta temática, bem como um interesse inerente do ser humano pelo sobrenatural e desconhecido.

A morte expressa nos curtas, por outro lado, raramente possui relação, com a violência urbana, salvo o caso de 4 curtas. Compreendemos como violência urbana cenas que denotassem sequestros, assaltos, tráfico ou uso de drogas, e violação de privacidade. Estas relações entre elemento fantástico/morte e violência urbana/morte, fazem notar que a morte acaba sendo recorrentemente tratada de maneira naturalizada. Mesmo quando cenas de morte são explícitas, o evento é resultado lógico de outros acontecimentos componentes da narrativa. Já a violência urbana é sempre direta e sem margem para sutilezas, faz com que possamos notar o interesse dos jovens por assuntos densos.

Como as escolas Afonso Vizeu, Independência e Ferreira Vianna tiveram maior participação em nosso projeto, entrevistamos quatro professoras que acompanharam e orientaram o projeto em cada uma. Percebemos que a escola Ferreira Vianna ainda teve um destaque específico, pois dos 10 curtas-metragens que foram apontados por conter violência urbana, 5 foram produções da escola.

3. Resultados e discussão

De acordo com dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, Síntese de Indicadores 2013 – 2ª edição, 2013), enquanto 42,4% dos brasileiros têm acesso à internet em sua residência, 97,2% da população tem acesso à televisão. Mas qual o conteúdo desta televisão? Maria da Graça Setton (2004) expõe estudo de 2003 onde afirma a preponderância de conteúdo de ficção em detrimento de outros tipos diversos de conteúdo. Ponderamos que esta pesquisa se refere ao conteúdo de uma TV local e aberta, que provavelmente teria resultados diferentes se fosse avaliada atualmente, em outras regiões, ou os canais a cabo. Não sabemos precisar qual a parcela de brasileiros que assistem TV com frequência, ou a qual programação assistem, mas esta disparidade de conteúdo permite que se observe o quanto as opções de programação podem ser limitadas, e ao que a maioria da população terá acesso, e o que irá compor seu habitus.

Como explica Setton (2004), esta produção midiática presente na televisão trata em seu discurso a respeito da realidade social, bastante legitimado e amplamente reproduzido. Ao recrutar os assuntos tratados pela mídia em sala de aula, também se permite haja uma discussão crítica sobre estas pautas tão visíveis, que outrora eram tidas como verdades inquestionáveis: “constituindo uma oportunidade de desmistificar o mundo ilusório das realizações, politiza os conteúdos e historiciza comportamentos e práticas sociais” (SETTON, 2004, p. 7). Mas como compreender quais assuntos recrutar? Em uma vasta gama de opções, o professor pode optar por tratar de um tema extremamente relevante para um grupo, mas que para outro não condiz com seu convívio social e capital cultural.

Francisco Gutiérrez (1995), afirma que existe uma disparidade entre os conteúdos tratados na sala de aula e o que está vinculado a realidades dos alunos. Em muitos aspectos a escola cria a percepção de que não possui conexão com a realidade, fechada em si mesma, com conteúdos que pouco se conectam com a vida. Para o autor esta disparidade se acentua pela falta de uso da tecnologia, a qual ele possui acesso e o professor o impede de utilizar em sala de aula. A tecnologia passa a ser apenas para momentos recreativos, como uma alternativa para esta realidade desinteressante, pois não concebem seu uso para o aprendizado. O autor trata principalmente sobre a questão da televisão, porém, em uma sociedade em que o uso de celular é cada vez mais irrestrito, se percebe que a fuga pela tecnologia acaba sendo acirrada.

Assim, incorporar a tecnologia como forma de ensino abre espaço para que ela seja utilizada cotidianamente para finalidades que vão além do entretenimento, ou da midiática individual. Permite que o aluno aprenda a se expressar através de uma história, seja textual ou audiovisual, cria-se o espaço para a compreensão de quais são os conflitos, medos, inseguranças e preocupações destes jovens. A partir disto, a realização do curta-metragem passa a ser um espaço para uma discussão ampla sobre determinada temática, bem como possíveis momentos que possam derivar daí.

Como assinalamos anteriormente, grande parte dos curtas-metragens possuem morte, e a maioria por homicídio. De acordo com matéria do Diário Popular (GUIMARÃES, 2014, *online*), além de Pelotas estar acima da média do estado, e ser o município fora da Grande Porto Alegre com maiores taxas de assassinato, a notícia ainda informa que os bairros mais afetados pelo crime são Centro, Areal e Três Vendas. Justamente nestes bairros se encontram, concomitantemente, as EMEFs Ferreira Vianna, Afonso Vizeu e Independência, escolas que selecionados a tratar de maneira mais aprofundada, tendo sido feitas entrevistas com as professoras que orientaram alguns curtas-metragens ali produzidos. Realça-se a compreensão do quanto os acontecimentos do bairro, do meio onde os alunos vivem e circulam, faz relação ao abordado em seus curtas, de forma direta ou indireta.

Constatamos que ao entrevistar quatro professoras, algumas das orientadoras do projeto nas escolas de participação mais ativa, incluímos a experiência de cerca de 30 curtas-metragens. Na maioria dos casos comentados por elas, os alunos que participaram dos vídeos tinham entre 13 e 15 anos, ou seja, alunos de 8º e 9º ano. Importante destacar que estas escolas não possuem ensino médio, de forma que estes alunos são os mais velhos, e ao se formar no fundamental mudam de escola, muitas vezes se distanciando dos colegas e amigos. O interesse desta faixa etária em produzir os curtas, foi indicado em função de sua maior maturidade e autonomia, para desenvolver um projeto que requer tempo hábil, trabalho em equipe, discussões de opinião, que o aluno esteja na escola em turno inverno, etc. Algumas professoras também comentaram a preocupação destes jovens de deixar uma “marca na escola”, algo que registre a passagem dos mesmos pelo ambiente escolar no qual se formaram.

Para averiguar o que compõe o habitus destes estudantes, questionamos sobre o acesso cultural, o que eles fazem em seu tempo livre, e percebemos que as respostas variam em relação bairros que estes estudantes moram. Quando vivem mais perto do centro, ou do shopping, eles têm acesso ao cinema, frequentam esses ambientes, participam de programas culturais. No caso do Areal, também se comentou a presença de institutos que promovem atividades, como oficinas de música, dança e artes. Porém, em bairros mais afastados, como o Sítio Floresta, os jovens se limitam a frequentar os bailes no interior da cidade.

Em todos os casos, as professoras salientaram a própria escola como um espaço frequentado pelos alunos para atividades extracurriculares diversas. Também foi relatado que todos os alunos possuem celular nesta faixa etária, sendo raro que não sejam smartphones, mas que se restringem a utilizar para comunicação e acesso a redes sociais. Algumas professoras salientaram que apesar de terem a tecnologia, muitos alunos não a utilizam na íntegra, não sabem pesquisar utilizando o celular, por exemplo, o que se torna uma barreira a ser rompida quando trabalham com curta-metragem, e precisam aprender a aproveitar as ferramentas que possuem para a realização dos vídeos.

Sobre acesso a internet, notou-se que os alunos de cada escola possuem uma realidade, associada diretamente com sua localização. No Sítio Floresta, onde se situa a escola Independência, o acesso foi descrito como debilitado, os alunos utilizam o sistema de internet sem fio da escola, pois o bairro não possui *LAN house*, e muitos não têm internet em casa. Por outro lado, no Areal, bairro do colégio Afonso Vizeu, se utiliza a internet da escola apenas para pesquisas, e na sua maioria os estudantes tem acesso em casa. Na Balsa, espaço pertencente ao Centro de Pelotas, onde há a escola Ferreira Vianna, os alunos também acessam majoritariamente em casa, porém os casos excedentes recorrem à *LAN houses*. As professoras relataram que há um esforço por parte dos alunos em acessar a internet, principalmente para poderem as redes sociais.

A professora Márcia Neumann, da EMEF Afonso Vizeu, concluiu durante seu período trabalhando com vídeos que é essencial o desenvolvimento livre dos alunos nos curtas-metragens. A professora de geografia sempre trabalhou no projeto com o auxílio da professora de artes, Caroline Garcez Ávila, e relata que nem sempre os assuntos tratados pelos alunos eram de seu gosto pessoal, porém percebeu que a escolha das temáticas eram um dos motivadores das produções, e que caso o assunto fosse a eles imposto, não teriam conseguido realizar o trabalho com êxito. Relatou que foi através das discussões de roteiros que puderam notar o quão recorrente se tornou a temática do *bullying*, o que tornou-se uma preocupação da escola, passando-se a discutir o assunto em outros momentos com maior ênfase.

No caso da escola Ferreira Vianna, nos chama a atenção o relato da professora Jacqueline Braz de língua portuguesa, a respeito do curta-metragem participante do projeto que orientou em 2014: *Caiu na rede? Faça a coisa certa!*. Na história, uma garota manda uma foto seminua para seu namorado, que a expõe na internet. Originalmente, após ser rechaçada pela turma, a protagonista acabava se suicidando.

No entanto, em função de uma das alunas, que pertencia à turma que faria o vídeo, ter passado por uma situação análoga, a professora optou por realizar a produção com outra turma. Após discutirem o roteiro, decidiram coletivamente que no curta a personagem principal, com a ajuda da mãe, iria denunciar o namorado na Delegacia da Criança e do Adolescente, sendo preso por já ter antecedentes criminais e ser maior de idade. Questionamos Jacqueline se, em função das discussões, ela acreditava que os alunos haviam mudado sua forma de agir em relação a casos como este, tendo a percepção que o infrator é quem deveria ser punido, e não a vítima que foi exposta, como ocorria originalmente. Segundo a professora, apesar de alguns estudantes terem mudado suas concepções em função do vídeo, a maioria da turma ainda permanecia pensando da mesma forma que antes da realização do curta. Assim, evidenciamos que para que as discussões que o vídeo é capaz de fomentar tenham bons resultados, se faz necessário incluir outros espaços escolares, outras disciplinas, outros professores, outros momentos que ultrapassem o tempo de produção de vídeo, que acaba se tornando limitado.

Durante as entrevistas notou-se que, de forma geral, os alunos não expressam sobre sua vida individual na sala de aula. Não que o espaço restrinja este tipo de interação, porém não é algo corriqueiro a eles que durante o período de aulas haja expressão a respeito de suas experiências pessoais. Ao mesmo tempo, as professoras recordaram de situações onde passou-se a discutir a respeito da temática de algum dos curtas produzidos, durante o período curricular. Estas situações remetem a experiência descrita por Kaplún (2002, p. 130), que discute a ficção como um meio privilegiado de comunicação popular, capaz de estimular o destinatário a expressar seu pensamento sem se atrelar a um raciocínio lógico ou científico, ao qual não está acostumado, tornando-o espontâneo em seu processo de comunicação.

4. Conclusões

Valentí Gómez-Oliver (2014) comenta que a grande importância de realizar vídeos é sua característica de conter em si uma visão “sobre”, “do” e “no” mundo habitado pelas crianças e jovens que o estão desenvolvendo. Ressalta ainda que esta atividade consegue perpassar os âmbitos internos e externos a escola, pois o estudante não vai limitar sua experiência com vídeo apenas no período dentro da

sala de aula, como pode ocorrer com outros conteúdos. Ele irá relacionar a experiência de produzir vídeo com sua vida pessoal, conversando com a família e os amigos a respeito, e terá um aprendizado dado através de um método diferente dos demais tidos em seu colégio, de acordo com Oliver (2014). Dar um novo uso para uma tecnologia que os discentes já conhecem e já utilizam em seu cotidiano também permite que a prática de produzir um curta-metragem rompa o espaço de “trabalho de aula”, e passe a ser uma atividade de aprendizado cotidiano, feito em diversos meios.

Assim como Freire (1987), acreditamos nos estudantes como possíveis agentes de transformação, que necessitam de uma formação educacional que os estimule a se tornarem autônomos, fomentando sua criatividade, sua expressão, das mais diversas formas possíveis. É essencial que se possibilite a busca de sua voz dentro da sociedade, e se reconheçam enquanto cidadãos capazes de questionar, criticar, dando motivação para que apliquem sua ação transformadora. Daí o cinema, enquanto meio de expressão, pode contribuir como ferramenta pedagógica.

Por sua capacidade de reprodução, os filmes que são produzidos com os alunos podem ser discutidos em diversos âmbitos e momentos. Em várias etapas de seu processo se permite a reinvenção, a adaptação, e a atribuição de novos significados para uma mesma narrativa, seja na criação do roteiro, na gravação, ou na montagem, por vezes o imprevisto de algo que foi idealizado de forma diferente muda completamente o caráter de uma produção. Depois de sua finalização, a exibição também dá novo sentido, seja através do debate feito em grupo, ou das reflexões internas causadas no espectador pelo que é visto na tela.

Concordamos com Kaplún (2002) na necessidade de dar a população os aparatos necessários para que também sejam comunicadores, o que os torna mais críticos em relação ao conteúdo consumido, e com Freire (1987) de que é na escola, o espaço do diálogo e do convívio pessoal, que se precisa dar o estímulo para essa comunicação. Bourdieu (2011) retoma que muitas vezes a escola acaba não sendo um espaço democrático, pois valoriza determinado capital cultural em detrimento de outro, estabelecendo relações verticais entre os alunos. Porém, através dos diversos processos de socialização, dentre eles o de possibilitar que todos tenham voz dentro da sala de aula, se rompem alguns destes estigmas, se possibilita aos alunos se expressarem culturalmente. Exporem seus modos de ver e pensar o mundo, através de uma obra concreta de curta-metragem.

Em nossa pesquisa evidenciamos a importância de observar com profundidade os assuntos abordados pelos estudantes. O vídeo pode ser uma abertura para que estes jovens falem indiretamente do que compõe seu capital cultural, de forma a se detectar os problemas que compõe suas realidades sociais. Aí concluímos a importância dos professores, da escola, e dos demais órgãos responsáveis, se fizerem parte nesta discussão. Possivelmente um professor trabalhando de forma individual no tempo e espaço que possui destinado ao ensino de seu conteúdo curricular, é demasiado limitado para se discutir conflitos que compõe o cotidiano destes jovens. Pondera-se o que curta se torna apenas uma forma de detectar um conteúdo que precisa ser expandido e trabalhado em outros espaços diversos.

Também é tido que o cinema é capaz de fazer com que os alunos reflitam sobre suas ideias e concepções, e não apenas as reproduza, a pluralidade de ideias fomenta discussões espontâneas durante trabalhos em grupo, e na realização de um curta-metragem muitas vezes não se terá um jeito “certo”, e um jeito “errado”, e sim várias formas de executar algo, que levam a resultados diversos. Consideramos que ao estabelecer que um método não é superior a outro, e sim apenas distinto, constituímos um processo de aprendizado horizontal, onde os critérios a serem tomados não tangem questões de valorização de uma determinada cultura em detrimento de outra. Para muitos jovens, a escola se torna o único espaço onde poderão colocar questionamentos em concepções outrora naturalizadas. Por isso acreditamos na escola como um espaço socializador, onde a contribuição não se dá necessariamente nas respostas, e sim nas perguntas.

5. Referências bibliográficas

Livro

BOURDIEU, P. Sociologia. ORTIZ, Renato (org.). São Paulo. Editora Ártica. 1983.

FREIRE, P. Pedagogia do oprimido. Rio de Janeiro. Paz e Terra, 1987.

KAPLÚN, Mario. El Comunicador Popular. Editorial Caminos, La Habana, 2002. PDF.

MORAN, J. M. O vídeo na sala de aula. In: Revista Comunicação e Educação, USP, São Paulo, v. 2, jan./abr. 1995. PDF.

SENNA, L. A. G. Orientações para elaboração de Projetos acadêmicos. De pesquisa-ação em educação. Rio de Janeiro. Papel Virtual Editora. 2003. PDF.

Capítulo de livro

BOURDIEU, P. Os três estados do capital cultural. In: NOGUEIRA, CASTANI (org.). Escritos de Educação, Rio de Janeiro, Editora Vozes, 2011. Cap.4. p. 71-79. FAVARETTO, C. Prefácio. In: SETTON, M. G. J. (org.). A cultura da mídia na escola: ensaios sobre cinema e educação. São Paulo: Annablume: Usp, 2004. Cap. s.n. p.9-13.

OLIVER, V. G. Los vídeos que son como ventanas sobre el mundo. In: PEREIRA, J. (org.). Produção de Vídeo nas Escolas: Uma visão Brasil – Itália – Espanha – Equador. Pelotas, RS: ErdFilmes Editora, 2014. Cap. s.n., p.5-6.

SETTON, M. G. J., Apresentação. In: A cultura da mídia na escola: ensaios sobre cinema e educação. SETTON, Maria da Graça Jacintho (org.) São Paulo: Annablume: Usp, 2004. Cap. s.n., p. 15-18.

Artigo

CHRIST, K.; PEREIRA, J. Temáticas e abordagens nos curtas-metragens estudantis: uma análise da oficina de produção de vídeo. 2015. XIV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul (Intercom Sul). Acessado em 30 out. 2016. Online. Disponível em: < <https://goo.gl/hS2Xqt> >.

PORTO, T. M. E. Adolescentes e comunicação: espaços de aprendizagem e de comunicação. Comunicar: Revista Científica de Comunicación y Educación, ano XIII, ano 24, p. 133-141, 2005.

Documentos eletrônicos

GUIMARÃES, A. Diário Popular. Casos de homicídio em Pelotas estão acima da média do Estado, 16 de Agosto de 2014. Acessado em 30 out. 2016. Online. Disponível em: < <https://goo.gl/sx2vXL> >.

GUTIÉRREZ, F. Relações que a TV e a escola propiciam aos educandos. Entrevista concedida pelo Prof. Dr. Francisco Gutiérrez em outubro de 1995. In: PORTO, T. M. E. Revista da Faculdade de Educação, São Paulo, v.23, n.1/2, p.314-321, jan./dez. 1997. Acessado em 30 out. 2016. Online. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/rfe/article/view/59603/62702>>.

IBGE, Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio. Síntese de Indicadores 2013. Acessado em 30 out. 2016. Online. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/>>.

Produção de Vídeo nas Escolas: O espaço do Lúdico e do Pedagógico

Vania Dalpont

Universidade Federal de Pelotas (UFPEL)

A escola é o espaço de socialização dos alunos desde a tenra idade até a formação profissional de diversos níveis. Nossas crianças entram na escola em média com 2 anos nas chamadas escolas de educação infantil neste espaço além de servir para socialização com outras crianças o que chama a atenção é o modo de educar a criança pelo lúdico. Professoras brincam, as atividades são diversificadas e a criança no início não entende e prefere a sua casa e o aconchego do lar. Porém depois de umas semanas de adaptação as coisas mudam e a criança chega na escola com um sorriso e no dia que não tem aula até reclama e chora. Porém os anos passam e a mesma criança que adora a escola começa a reclamar até o ponto de chegar entre a quinta e sexto ano e a criança não gosta da escola. Essa ação se repete em várias escolas brasileiras e a dúvida que levantamos é qual o motivo da escola ser querida no início da vida acadêmica e passados alguns anos ser uma tortura? E não estou nem falando da Graduação ou Pós-graduação onde o nível de insatisfação dos alunos pode ser um pouco maior.

Analisando a ação das escolas infantis vemos que o lúdico é a ação principal e começamos a pesquisar a função desde lúdico dentro do espaço escolar. Em 2014 fomos convidados pela Escola Independência localizado na cidade de Pelotas a realizar um trabalho na escola dentro do projeto “Mais Cultura nas Escolas” do Ministério da Cultura¹. O trabalho seria a realização de vídeo com os alunos do nono ano. Quando conheci os alunos percebi que já estavam cansados das aulas tradicionais. Como professora do ensino das séries iniciais pensei como levar o lúdico para outras séries. Por isso indaguei como problema de pesquisa “Como o lúdico pode ser usado no processo educacional?”.

Quadro Teórico

Vários autores ao longo dos anos apresentam a teoria da importância do emocional no processo educacional. Destacamos dentre eles o professor António Damásio (1996), que em seu livro “O Erro de Descartes”, apresenta o fato de que as emoções são indispensáveis para a nossa vida racional. Segundo o pesquisador são elas que nos fazem únicos. O autor aponta que a separação entre mente e corpo apresentada por Descartes não é possível em função da importância do elemento emoção em novas ações e no dia-a-dia. O que se passa no cérebro do indivíduo são operações mentais que influenciam o corpo e vice-versa. As emoções são uma parte indispensável da nossa vida racional; elas permitem o equilíbrio das nossas decisões. São estas emoções que fazem as crianças gostarem da escola nos anos iniciais e onde está essa emoção nas aulas do sexto e sétimos anos em diante? Mas como a produção de vídeo pode contribuir em tornar a escola um espaço mais agradável?

Nosso cérebro é dividido em dois hemisférios (esquerdo e direito) e a imagem tem um peso importante na nossa formação e concepção. Segundo Pantano (2009), dos dois hemisférios que possuímos, é o hemisfério direito que funciona a partir das imagens, principalmente as que criam maior impacto. Segundo a pesquisadora as emoções funcionam como um elemento catalisador que grava no cérebro o que é mais importante associado a cada lobo. Segundo o ganhador do prêmio Nobel de Medicina, Dr. Roger Sperry² o raciocínio lógico, o cálculo e a análise são próprios do hemisfério esquerdo; já o hemisfério direito é intuitivo, usa a imaginação, o sentimento e a síntese.

¹ Programa Mais Cultura nas Escolas é mais um projeto do Ministério da Educação que tem como intuito levar a cultura para os jovens de escolas públicas que não possuem acesso ao mesmo, seja por falta de condições financeiras como também por falta de disponibilidade também de recursos onde moram.

²<http://www.cerebromente.org.br/n15/mente/lateralidade.html> acessado em 15/01/2016.

Segundo Pereira (2015) O ideal em uma escola é o uso dos dois hemisférios, porém essa realidade está longe de ser normal! Conforme Cosenza (2011), a aprendizagem e a memória são caras de uma mesma moeda, e a memória é ativada pela emoção. Existe emoção no processo de fixar a informação.

Em sua tese Pereira (2014) defendeu que o professor pode usar a tecnologia como uma forma de o aluno se expressar, fazer o seu universo ser entendido e visto. Já Porto estudando o processo educacional através de trocas sociais entre professor e alunos, explica que:

Educação envolve um processo de desenvolvimento global da consciência e da comunicação, integrando, numa visão de totalidade, os diferentes níveis de conhecimento e de expressão. Educar o ser integral (corpo, mente, sentimentos e espírito) e a meta, buscando as relações entre o pessoal e o grupal, o sensorial e o racional, o abstrato e o concreto. (PORTO, 1998, p.32)

Esse ser integral pode ser pensado na produção de vídeo já que o conteúdo a ser administrado é a relação entre os alunos na realização de uma tarefa (vídeo), não devemos usar a produção de vídeo como uma aula comum, ela é diferente e função da realidade audiovisual. Quando o docente pretende fazer da produção de vídeo como a sua aula normal é o primeiro erro.

Que transformações necessita a escola para encontrar a sociedade? Porque de outra forma, a mera introdução da mídia e tecnologias de comunicação na escola pode ser mais uma maneira inócua para esconder os problemas subjacentes à modernização tecnológica. (HUERGO, 1997, p.20)

Segundo Sodré (2012), “O professor ainda é o sujeito que controla disciplinarmente e, portanto, moralmente, a conduta dos estudantes. Como um pregador da igreja, ele diz uma parte do sermão e espera que todos sejam capazes de repeti-la”.(p.35). Para o pesquisador, o tempo de mudança ocorre com a introdução da tecnologia que está provocando uma crise nos métodos de ensino tradicionais. O espaço físico deixa de ser fundamental para a aprendizagem, já que a educação pode se dar nas ruas ou em ambientes virtuais. “A informação está em todo lugar, mas informação não é educação. A educação pressupõe um relacionamento do indivíduo com a cultura, com o Estado e com a capacitação profissional”(p.40). o docente deve estar aberto ao “caos” pois segundo Pereira (2015) em um set de cinema nem sempre conseguimos controlar o imprevisto.

McLuhan(1972), há mais de 40 anos, já assinalava que as instituições escolares desperdiçam energia para preparar seus estudantes para um mundo que já não existe, explicando que a educação não pode pretender ser uma atividade que quer mudar o mundo sem admitir que ela mesma possa sofrer algumas mudanças. Vemos a produção audiovisual como um espaço onde o conhecimento acadêmico e o conhecimento empírico do aluno se encontram e ele (aluno) tira suas conclusões sobre o que pode ou deve fazer.

Metodologia

No nosso caso foi realizado uma pesquisa qualitativa com abordagem estudo de caso. Uma das vantagens do estudo de caso é possibilitar interpretar o contexto, e modificá-lo conforme as novas evidências que apareçam no curso da pesquisa. “O estudo de caso começa com um plano muito incipiente que vai se delineando mais claramente à medida que o estudo se desenvolve” (LUDKE; ANDRÉ, 1986, p.21) e no nosso caso conhecer os alunos da escola independência conviver com eles fez a diferença. A escola independência é uma escola diferenciada na região. A escola é situada no bairro Sitio Floresta que é um bairro de periferia na cidade de Pelotas. a comunidade depois de pedir várias vezes para o poder público uma escola desistiu e criou a sua própria escola por isso o nome de Escola Independência. A escola depois de uns 10 anos sendo administrada pela comunidade foi doada a prefeitura. Os moradores são atuantes e participam da escola. Nos meus primeiros dias fui vendo e analisando os alunos e suas

inquietações diante da produção de vídeo. Percebi seus desejos em realizar uma ação diferente a vontade de fazer algo prático e não apenas uma prova ou comprovar que sabem a resposta.

Os encontros eram as sextas feiras entre 8h e 11h entre os meses de maio a dezembro de 2014. A média de alunos era de 15 e dividi os alunos em dois grupos de 7 e um dos grupos com um aluno a mais. Cada grupo elaborou seu roteiro, e percebi que o roteiro era a parte mais próxima da escola (escrever, analisar, criar) e foi o que deixou os alunos meios desinteressados do processo, pois não tinha emoção.

A emoção e a sensibilidade constituem porta de entrada no mundo dos meios de comunicação. Uma formação docente com mídias imagéticas vai além de relações lógico-cognitivas entre sujeitos. Privilegia a comunicação afetiva, permitindo-lhes um "mergulho" nas sensações proporcionadas ao contato com elas (PORTO, 2006, p9)

Percebi que quando entramos na parte prática os alunos ficaram mais soltos, conversavam mais com a docente. Eles já tinham várias informações sobre como fazer vídeo, porém muito juízo de valor e erros normais de usuários. Expliquei o método "certo" de se fazer vídeo e vi que estavam colocando na prática. Deste momento em diante tirei a parte teórica e fui explicando com o erro deles e deixei o grupo livre para gravar.

Na nossa cultura as emoções costumam ser consideradas um resíduo da evolução animal e são tidas como um elemento perturbador para a tomada de decisões. as emoções tem contribuído para os seres humanos tomarem a melhor decisão para a sobrevivência da espécie. (COSENZA, 76p 2011)

Percebi na prática o que Pereira (2016) informa que o docente deve deixar o aluno livre para experimentar que nem sempre na produção de vídeo o professor não terá o controle. Perdi o controle das oficinas, mas ganhei os alunos e o interesse deles sobre o produto final. Dei autonomia para a criação e gravação dos vídeos apenas analisando o material depois e debatendo com eles sobre o processo.

Se o aluno não tem sede de conhecimentos, nem qualquer apetite pelo trabalho que você lhe apresenta, também será trabalho perdido "enfiar-lhe" nos ouvidos as demonstrações mais eloquentes. Seria como falar com um surdo. Você pode elogiar, acariciar, prometer ou bater... o cavalo não está com sede! E cuidado: com essa insistência ou essa autoridade bruta, você corre o risco de suscitar nos alunos uma espécie de aversão fisiológica pelo alimento intelectual, e de bloquear, talvez para sempre, os caminhos reais que levam às profundidades fecundas do ser. (FREINET 1974, p19)

Estes alunos já vivem a realidade da produção de vídeo fora do espaço escolar agora chegou a hora da escola se apropriar desta tecnologia e utiliza-la como um processo educacional também. Segundo Babin "As mídias de hoje agem primeiro sobre uma solicitação dos sentidos antes de apelar para a inteligência. A estética e a capacidade de empatia são bem mais privilegiadas que a reflexão" (1989,41p).

No final foi realizado dois vídeos! A Dúvida³ e A Revanche⁴. Era a realidade deles e quis apenas colaborar para que o vídeo fosse como eles sonharam e queriam.

A Dúvida

O curta narra a história de uma menina que se apaixona por um menino nas escolas porém sua mãe proíbe o namoro pois ela está com as notas ruins. Assim o menino se veste de mulher e vai dar aulas particulares para a menina.

³ <https://www.youtube.com/watch?v=ftuFY3Wglocv>

⁴ <https://www.youtube.com/watch?v=nr-W2fjAK4o>



Figura 1: Meninas brigando, pois namorado curtiu a foto da amiga.

Na foto 1 vemos uma das dificuldades juntar os alunos para gravação. Percebo que eles conseguem se mobilizar e organizar as cenas. Percebi neles comprometimento nas cenas. Debates a cena de como é na vida real e como poderia ser na ficção.



Figura 2: Menina pede para namorado não ficar curtindo qualquer uma nas redes sociais.

Na figura 2 a briga do casal foi feita fora da escola para parecer mais real. Na hora de gravar sempre tem a timidez dos atores que na verdade são alunos. Debates como é a cena na vida real e falaram que seria muito pior!



Figura 3: Mãe briga com filha, pois suas notas estão ruins e proíbe namoro.

Na figura 3 uma das ações que a produção de vídeo contribui é a comunidade mais perto da realidade dos alunos. Gravamos a cena na casa de um dos alunos.



Figura 4: Menino se veste de mulher para poder encontrar a namorada.

Na figura 4 a cena onde o menino veste roupa de mulher. Percebemos a maturidade do menino em colocar seios (sutiã com enchimento) andar na rua sem se importar. Debatemos com ele antes sobre essa ação e ele estava bem tranquilo sem medo de que aquela figura ficasse nele e os outros zombassem dele. O que mostrou maturidade do aluno.



Figura 5: Menino beija a namorada sem ela saber que ele é o namorado disfarçado.



Figura 6: Mãe vê a aluna nova beijando a filha e se preocupa.

Na figura 6 mostra a aluna desconfiada pois a ideia foi do amigo dela e não do namorado. O que cria estranheza na mãe quando vê a menina nova beijando a filha e pensa que a filha é homossexual. Assim a mãe tenta ajudar a filha. Essa cena foi muito debatida para não gerar preconceito e a ideia do grupo era justamente essa que as pessoas fossem contra a ação da mãe.



Figura 7: Mãe pega camisinha para filha no posto de saúde.

Na figura 7 a mãe pega camisinha no posto de saúde. Os alunos queriam essa ação, pois existe um posto de saúde no bairro e a maioria não pega os preservativos que são doados de graça para comunidade. Perceba quantas ações foram discutidas na realização deste curta e quanto os alunos aprenderam com essa ação. Vários debates podem ser feitos quando se assiste esse vídeo com os alunos.

A Revanche

O curta narra a história de dois grupos rivais na escola que no final acabam se ajudando em função de um problema comum a eles.



Figura 8: Professor conversa com os alunos na saída da escola.

Na cena nove vemos a interação entre professores e alunos. Na gravação os dois atores riram, brincaram o que ajuda na relação deles depois na escola.



Figura 9: Alunos os dois grupos rivais da escola.

Na cena dez os grupos rivais implicam entre si. E debatemos se isso acontece na escola e se realmente como sair de uma situação como está de briga entre grupos na escola.



Figura 10: Alunos esperando a psicóloga da escola.

Na figura onze percebemos o espaço da biblioteca organizado pelos alunos e com a participação de uma professora.



Figura 11: Psicóloga fora da realidade está mais apaixonada do que os alunos.

Professora passa a ser psicóloga e brinca com a ação com os alunos criando uma atmosfera informal de alegria no espaço de gravação.



Figura 12: Professoras debatem como sobre resolver a questão dos grupos rivais.

Na figura treze uma professora e uma auxiliar passam a ser atrizes do curta.



Figura 13: Alunos vendo a ação de outro grupo na internet.

Na figura 14 alunos conseguiram uma casa para gravar organizaram a mesma e gravaram a cena em uma angulação diferente para aparecer todos os atores.



Figura 14: Grupos rivais em cena de paz.

No final do curta os alunos fazendo uma confraternização mostrando que não vale a pena brigar na escola.

Percebemos que nestes curtas muitos foram os debates com os alunos para saber qual a melhor ação para ser realizada para as pessoas poderem compreender de maneira certa o que desejavam passar.

Neste projeto com os alunos vi no olhar deles a alegria que vi nos alunos na educação infantil. Sorrisos, olhares de curiosidade, inquietação, o mexer, o fazer voltei com eles a ser criança e percebi isso neles também:

Se você não voltar a ser como uma criança... não entrará no reino encantado da pedagogia... Em vez de procurar esquecer a infância, acostume-se a revivê-la; reviva-a com os alunos, procurando compreender as possíveis diferenças originadas pela diversidade de meios e pelo trágico dos acontecimentos que influenciam tão cruelmente a infância contemporânea. Compreenda que essas crianças são mais ou menos o que você era há uma geração. Você não era melhor do que elas, e elas não são piores do que você; portanto, se o meio escolar e social lhes fosse mais favorável, poderiam fazer melhor do que você, o que seria um êxito pedagógico e uma garantia de progresso. (FREINET, 1974, p24)

A produção de vídeo pode ser um espaço onde a emoção e a razão se encontram e dialogam contribuindo na formação de um ser completo. Falta a academia e os cursos de licenciatura terem em suas disciplinas uma que ensina a fazer vídeo, pois o mesmo não é só suporte tecnológico é artístico e é essa parte que as Universidades podem se apropriar criando um diálogo entre técnica e arte na produção de vídeo.

Bibliografia

BABIN, Pierre; KOULOUMDJIAN, Marrie F. Os novos modos de compreender: a geração do audiovisual e do computador. São Paulo: Paulinas, 1989.

COSENZA, Ramon; GUERRA, Leonor. Neurociência e educação: como o cérebro aprende. Minas Gerais: Artmed, 2011.

DAMASIO, António. O erro de Descartes: emoção, razão e o cérebro humano. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

FREINET, Célestin. O jornal escolar. Lisboa: Estampa, 1974.

HUERGO, Jorge A. Comunicación/Educación: ambitos, prácticas y perspectivas. La Plata: Ediciones de Periodismo y Comunicación, 1997.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli. Pesquisa em educação: abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986.

MCLUHAN, Marshall. A galáxia de Gutenberg: a formação do homem tipográfico. São Paulo: Nacional, 1972.

PANTANO, Telma; ZORZI, Jaime Luiz. (Org.). Neurociência aplicada à aprendizagem. São José dos Campos: Pulso, 2009.

PEREIRA, Josias; JANHKE, Giovana. A produção de vídeo nas escolas: educar com prazer. Pelotas: UFPel, 2012.

PEREIRA, Josias. PORTO, Tânia Maria Esperon. Aprendizagens com tecnologias, artes e comunicação em cursos de formação docente. Santa Maria: Educação (UFSM), 2006.

PORTO, Tânia Maria Esperon. Educação para mídias/pedagogia da comunicação: caminhos e desafios. In: PENTEADO, Heloisa. Pedagogia da comunicação: teorias e práticas. São Paulo: Cortez, 1998.

SODRÉ, Muniz. Reinventando a educação: diversidade, descolonização e redes. Petrópolis: Vozes, 2012.

Vídeo Entre-Linhas: inclusão audiovisual em comunidades rurais e periféricas

Cláudia Herte de Moraes

*Universidade Federal de Santa Maria,
campus Frederico Westphalen
chmoraes@gmail.com*

Eduarda Wilhelm Possenti

*Universidade Federal de Santa Maria,
campus Frederico Westphalen duda_wp@hotmail.com.br*

Resumo

O projeto “Vídeo Entre- Linhas: formação de jovens realizadores em Frederico Westphalen e região” é um projeto do Departamento de Ciências da Comunicação da Universidade Federal de Santa Maria, campus Frederico Westphalen, financiado pelo Programa de Extensão Universitária (PROEXT). Seu principal objetivo é realizar oficinas a fim de capacitar jovens de comunidades rurais e periféricas da microrregião de Frederico Westphalen para a produção de vídeos, fazendo com que esses jovens deixem de ser apenas consumidores e passem a ser produtores culturais, incluindo-os no meio audiovisual e também tecnológico. São desenvolvidas oficinas em diferentes locais, em que os estudantes são orientados por monitores do projeto a retratar suas ideias e visões da realidade por meio de um vídeo. Nas aulas, os jovens são introduzidos a temática audiovisual, abordando questões de gêneros audiovisuais, técnicas de construção de narrativas, planos, efeitos, movimentos de câmera, edição, noções sobre o equipamento e realizam atividades práticas. Com as produções concluídas, promovemos uma mostra itinerante que percorre as localidades das oficinas e outros espaços das cidades. Na mostra, os jovens têm a oportunidade de divulgar a sua produção para seus familiares e comunidade em geral, valorizando suas perspectivas socioculturais. Além disso, os bolsistas realizam a produção de artigos de iniciação científica sobre a experiência do projeto e participam de eventos na área de comunicação. O Vídeo Entre-Linhas é uma reflexão sobre a importância do audiovisual no processo de inclusão social e na formação da identidade dos jovens das comunidades rurais e periféricas. O vídeo final materializa suas visões acerca dos mais diversos contextos sociais nos quais estão inseridos e a mostra itinerante é um instrumento importante para dar voz a comunidade e para que as pessoas possam se ver representadas em um produto cultural.

Palavras-chave: audiovisual, inclusão, juventude, educomunicação, cultura.

Abstract

The project “Vídeo Entre -Linhas: formação de jovens realizadores em Frederico Westphalen e região” is a project from the Department of Communication Sciences of the Federal University of Santa Maria, Frederico Westphalen campus, financed by the University Extension Program (PROEXT). It’s main objective is to realize workshops to capacitate younglings from rural and peripheral communities in the microregion of Frederico Westphalen for the production of videos, making these younglings cultural producers, instead of simple consumers, including them in audiovisual and also technological mediums. Workshops are developed in different locations, in which the students are oriented by the project’s monitors to portray their ideas and visions of reality through video. In the classes, younglings are introduced to audiovisual thematics, approaching matters of audiovisual genres, narrative construction techniques, planes, effects, camera movements, editing, notions about the equipment as well as realizing practical activities. With the productions concluded, we promote a traveling show that runs through the workshop locations and other spaces within the city. In these showings, the young have the opportunity to spread their productions to family members and the general community, valorizing their sociocultural perspectives. Besides that, project’s scholars produce scientific initiation articles about their experiences on the project and participate in communication sciences events. The “Vídeo Entre-Linhas” is a reflection about the importance of audiovisual in the process of social inclusion and the formation of youngster’s

identity in rural and peripheral communities. The final video materializes their visions concerning the most diverse social contexts in which they are inserted, and the traveling show is an important instrument to give voice to these communities, and so that people can see themselves represented in a cultural product.

Keywords: audiovisual, inclusion, youth educommunication, culture.

1. Introdução

Pensando em ações de extensão que envolvessem a comunicação e cultura no município, foi criado em 2007 o projeto “Vídeo Entre-Linhas: formação de jovens realizadores em Frederico Westphalen e região”. Desenvolvido pelo curso de Comunicação Social – Hab. Jornalismo da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), campus Frederico Westphalen, e apoio do Programa de Extensão Universitária (PROEXT), a iniciativa busca inserir alunos de escolas de ensino fundamental e médio, situadas em comunidades rurais e periféricas, no meio audiovisual. Percebeu-se essa necessidade, pois a microrregião de Frederico Westphalen é caracterizada como interior do estado e composta, em sua maioria, por cidades de cerca de 10 mil habitantes, onde não há cinemas e a população jovem que não tem acesso aos equipamentos de cultura é grande.

Para cumprir com o objetivo de capacitar esses jovens para a produção audiovisual, realiza-se oficinas em escolas dessas localidades, oportunizando o ensino de linguagem e técnicas narrativas do cinema, contato com a câmera filmadora e incentivando os alunos a retratarem suas ideias e visões. O projeto acaba por colaborar com a transformação social dos alunos e do meio em que vivem, fazendo com que, além de serem consumidores de mídias, se tornem também produtores culturais. Com as oficinas, buscamos a prática de educar para os meios, já que há uma desigualdade de aproximação dos produtores culturais, que se localizam em grandes cidades, dos consumidores fora desses grandes centros.

A educomunicação se mostra um campo de estudo importante dentro do projeto Vídeo Entre-Linhas, pois entendemos que é preciso buscar uma metodologia de produção midiática por meio de experimentações coletivas e fazer com que os jovens interajam no processo educacional das oficinas. O papel formativo do chamado “mídia-processo” é tão importante quanto o produto final. A proposta educacional do nosso projeto busca aproximar o ambiente escolar das mídias, especialmente o audiovisual, já que ele está cada vez mais presente na vida das pessoas. Para Jesús Martín-Barbero, a educomunicação é:

[...] um processo educativo que permite aos alunos apropriarem-se criativamente dos meios de comunicação; integrar a voz dos estudantes ao Ecosistema Comunicativo da escola e, em última instância melhorar a gestão do ambiente escolar com a participação dos educandos. (MARTÍN-BARBERO, 1997, p. 19).

Estamos vivendo em uma sociedade onde a cultura audiovisual está cada vez mais presente. Houve uma popularização de acesso a esse tipo de conteúdo devido as novas possibilidades de gravação, armazenamento e replicação surgidas com o desenvolvimento tecnológico e o surgimento da internet. É importante inserir o cinema na escola, pois a torna “participante ativa da cultura e não repetidora e divulgadora de conhecimentos massificados, muitas vezes já deteriorados, defasados” (ALMEIDA, 1994, p. 48), tendo em vista a forte influência dos meios de comunicação de massa, como a televisão.

Com a intensificação das mídias audiovisuais, elas começam a se incorporar na vida das pessoas, influenciando nos seus hábitos e formas de pensar. Auxilia-se na homogeneização das identidades culturais, definida por Hall (2005) como um fenômeno da globalização em que as diversas identidades nacionais se juntam para formar uma identidade híbrida. Porém, ao mesmo tempo, os pequenos grupos começam a querer reforçar e preservar as suas identidades locais.

2. Metodologia

Temos como pressuposto que todos possuem conhecimentos absorvidos no dia a dia sobre o audiovisual e buscamos extraí-los com reflexões que aproximem esses conhecimentos específicos do cotidiano da pessoa. Essa construção social do conhecimento visa mobilizar os jovens das oficinas a criarem narrativas que venham a gerar transformações no meio em que estão inseridas. A metodologia de construção social busca atuar de forma que o “conhecimento possa ser efetivamente mobilizado, orientado para analisar problemas reais e para buscar soluções, tendo em vista transformações úteis para a população (a curto ou médio prazo)” (THIOLENT, 2002, p.2).

No começo de cada edição, visitamos as escolas interessadas para apresentar o projeto aos alunos e abrir as inscrições aos interessados. Cada oficina é composta por seis aulas, uma por semana, que aliam a teoria e a prática, e são ministradas por acadêmicos de Jornalismo e de Relações Públicas que participam do projeto. O conteúdo das aulas precisa ser de fácil linguagem e compreensão, tornando o conteúdo leve. Para isso, elaboramos uma apostila como material didático, buscando trazer conhecimentos aprofundados sobre o audiovisual de uma forma clara e objetiva, utilizando exemplos e ilustrações.

As primeiras três aulas buscam situar os alunos sobre o que é o audiovisual e como surgiu o cinema, falar sobre gêneros de vídeos, refletir sobre a linguagem audiovisual e ensinar técnicas narrativas, enquadramentos, efeitos visuais, entre outros. Também abordamos técnicas de iluminação, som, realizamos o planejamento das captações e produção do roteiro. Com a abordagem desses conhecimentos técnicos, os jovens conseguem entender que fazer um filme vai muito além de ter uma história e sair filmando, é preciso pensar em todos os detalhes e compreender os significados dos elementos audiovisuais. Isso auxilia na hora da produção do vídeo do projeto, pensando em formas de prender a atenção dos espectadores e organizarem melhor a construção da história a ser contada.

| DATA | EDITOR | COORD. | ASSUNTO | TEMPO |
|---|--------------------------------------|---|-------------------------------|-------|
| 10/06/2009 | Franciele Fonseca e Daiane Freire | | Histórias que o povo conta | |
| OFF 01 INDICAÇÃO DAS IMAGENS: <ul style="list-style-type: none">- IMAGENS DO DISTRITO(IGREJA, ENTRADA;- FOTOS ANTIGAS DO ARQUIVO PESSOAL DA DONA VITÓRIA ORTIGARA-IMAGENS DOS ENTREVISTADOS | | NARRADORA- CAROLINE | | |
| SONORA 01 GC: VITÓRIA ORTIGARA- MORADORA DO DISTRITO APROX. 64 ANOS. | | OFF 01 OSWALDO CRUZ É DISTRITO DA CIDADE DE FREDERICO WESTPHALEN/ NO NOROESTE DO RIO GRANDE DO SUL// TAMBÉM É UMA DAS COMUNIDADES MAIS ANTIGAS DA REGIÃO// SURTIU EM 1919 COM A CHEGADA DE SEUS PRIMEIROS IMIGRANTES// | | |
| OFF 02 INDICAÇÃO DAS IMAGENS: <ul style="list-style-type: none">- IMAGENS DA BR 386- IMAGENS ONDE LIGA FREDERICO WESTPHALEN A OSWALDO CRUZ- CASAS VELHAS DE OSWALDO CRUZ,- OUTRAS..... | | SONORA 01 DI: (CONTA A HISTÓRIA DOS NOMES DO DISTRITO)“FOI DENOMINADO INICIALMENTE TAMANINI E LOGO APÓS EM 1928/FOI SUGERIDO POR AGOSTINHO TREZZI O NOME DE MUSSULINI/ EM HOMENAGEM AO DUQUE DA ITÁLIA/ BENITO MUSSULINI/ PORÉM EM 1944 POR RAZÕES POLÍTICAS SUBSTITUIU-SE O NOME PARA OSWLADO CRUZ”““ DI | | |
| | | OFF 2 ASSIM COMO QUALQUER OUTRA LOCALIDADE/ OSWALDO CRUZ TEM HISTÓRIAS,/ ALGUMAS MISTERIOSAS// ELAS ACONTECERAM NA CONSTRUÇÃO DA BR 386/ QUE LIGA O DISTRITO A FREDERICO WESTPHALEN/ E SÃO LEMBRADAS E CONTADAS PELOS ANTIGOS MORADORES DA COMUNIDADE// | | |

Figura 1 - Roteiro produzido em 2009 na oficina da Escola Estadual de Ensino Fundamental Valdemar Sampaio Barros, no Distrito de Oswaldo Cruz, em Frederico Westphalen, para o vídeo “A Grábia Assombrada”

Para tornar as aulas atrativas, buscamos trabalhar com a metodologia participativa e criar dinâmicas de fixação de conteúdo, assim como exercícios de uso da câmera. São utilizados jogos de memória, atividades de recortes de revistas, produção de pequenos vídeos, exercícios de entrevistas, entre outras dinâmicas. Com a criação conjunta entre os participantes, surge:

[...] um espaço de interlocução onde se produzem efeitos de compreensão, de "tradução", de facilitação no plano na comunicação. De acordo com a visão crítica, todos os participantes aprendem em contato com os outros, aceitando relativizar seus pontos de vista. (THIOLENT, 2002, p.7).



Figura 2 - Exercício de fixação de planos realizado na oficina da EMEF Rui Barbosa, na Linha Getúlio Vargas, em Frederico Westphalen, em 2014.

As próximas duas aulas são destinadas à captação de imagens que irão compor o vídeo, com o auxílio dos monitores, mas conduzindo as gravações de maneira com que a autonomia dos jovens prevaleça. Após essa execução, na sexta e última aula, o material captado é assistido e são abordados aspectos de edição de vídeo e define-se a montagem final. Devido ao tempo reduzido das oficinas, não é possível abordar a questão de edição de imagens de forma aprofundada, os responsáveis por realizar a edição final são os monitores, guiando-se pelo o que foi decidido em conjunto com os alunos.

Outra etapa muito importante do projeto são as Mostras Itinerantes realizadas após a finalização dos vídeos. As exposições são realizadas nas comunidades atendidas pelo projeto e, além do filme produzido na própria localidade, são assistidas as produções realizadas nas outras oficinas, criando um intercâmbio de ideias e difusão de manifestações culturais. Na ocasião, os alunos das oficinas também recebem os seus certificados de participação. Com o ciclo de mostras concluída, todas as produções passam a fazer parte do acervo do projeto e podem ser acessadas livremente pelo Canal do Youtube "Vídeo Entre Linhas".



Figura 3 – Mostra Itinerante realizada no encerramento das oficinas de 2016/1 na Escola Duque de Caxias, bairro São Cristóvão, Frederico Westphalen.

O conceito de extensão idealizado pelo Plano Nacional de Extensão Universitária (BRASIL, 2000/2001) indica que é indissociável a articulação da extensão com o ensino e a pesquisa, reafirmando as transformações que a Universidade pode realizar na sociedade. Sendo assim, o interesse pela pesquisa vem acompanhado das ações extensionistas realizadas pelos bolsistas e voluntários do Vídeo Entre-Linhas. A realização de trabalhos de iniciação científica a partir das experiências dos participantes do projeto permite registrar e refletir sobre aspectos de diferentes teorias da área de Comunicação.

No começo das oficinas, são aplicados questionários aos participantes, com o objetivo de identificar seus perfis socioeconômicos e consumo de meios de comunicação e cultura, assim como descobrir a forma com que as produções audiovisuais estão presentes na vida desses alunos e como eles se sentem em relação ao que é retratado na grande mídia. Os resultados desses questionários servem para nortear as temáticas das pesquisas e também como fonte de corroboração dos assuntos e ideias apresentados.

3. Resultados e discussão

O Vídeo Entre-Linhas já foi contemplado pelos editais Proext Cultura 2008 e 2009, Proext 2014 e Proext 2016, beneficiando cerca de 200 jovens entre 11 e 17 anos, e contemplando 14 localidades. Em 2008, foi realizado em localidades de Frederico Westphalen, sendo elas Bairro São Cristóvão, Linha Pedras Brancas e Distrito Castelinho. Em 2009, também em Frederico Westphalen, atendeu o Núcleo Habitacional São Francisco de Paula, Linha Alto Alegre, Linha São José e Distrito Osvaldo Cruz. Já em 2014, o projeto foi ampliado para outras cidades da microrregião, contemplando também a Linha Fátima, em Taquaruçu do Sul, a Escola 20 de Setembro, em Caiçara, além das localidades de Frederico Westphalen Linha 21 de Abril, Linha Felin, Linha Faguense e Linha Getúlio Vargas. Em 2016, o projeto foi realizado no Bairro São José/Pedreira, e também em comunidades já contempladas em outras edições, Bairro São Cristóvão, Linha Pedras Brancas, Distrito Castelinho e Linha São José, em Frederico Westphalen, Linha Fátima, em Taquaruçu do Sul, e Escola 20 de Setembro, em Caiçara.

Foram produzidos, até o primeiro semestre de 2016, 22 vídeos. Destes, 20 são documentários, um é de ficção, e outro se situa entre os dois gêneros, misturando relatos reais com reconstituição de cenas. A duração deles é variada, entre 5 e 36 minutos, já que a proposta é de produzir um curta-metragem. Diversas temáticas já foram abordadas, mas nota-se a predominância de histórias que falam sobre a comunidade em que os jovens vivem, seja enaltecendo suas características e aspectos positivos de se viver naquele lugar ou apontando problemas sociais e realizando uma crítica construtiva.



Figura 4 – Gravação da ficção “A Alma” na Escola Duque de Caxias, bairro São Cristóvão, Frederico Westphalen.

A maior parte das produções realizadas nas quatro edições do projeto são documentais, retratando a comunidade e cotidiano dos jovens que ali vivem. O documentário é um gênero audiovisual que está um pouco distante da maioria desses jovens, já que a ficção é o que mais eles mais consomem e o que tem mais espaço nas grades de programação televisiva. Porém, os jovens reconhecem, a partir das reflexões em sala de aula, que documentário é o mais palpável em relação ao nosso cotidiano, possibilitando aproximar os espectadores da realidade que o cercam. Para Penafria (2001), o documentário possibilita “incentivar o diálogo sobre diferentes experiências, sentidas com maior ou menor intensidade. Apresentar novos modos de ver o mundo ou de mostrar aquilo que, por qualquer dificuldade ou condicionalismos diversos, muitos não vêem ou lhes escapa”. (PENAFRIA, 2001, p. 5).

Isso nos leva a refletir sobre a importância e o poder do vídeo comunitário em dar visibilidade às minorias. Os vídeos são realizados pensando para que a reprodução aconteça na própria comunidade e é justamente por esse caráter de aproximação que acaba-se optando por produzir documentários em detrimento de curtas ficcionais, embora também existam produções deste gênero. São por essas características que essas produções podem ser consideradas como vídeos comunitários, já que existe um caráter realização compartilhada por membros de um grupo, que são incentivados por oficinas de vídeo.

[...] quando falamos em recepção dentro do contexto dos vídeos comunitários é preciso considerar uma audiência localizada nas proximidades da realização do filme e que envolve um público bastante próximo dos realizadores. (ALVARENGA, 2004, p. 37).

Consideramos que as oficinas realizadas até então se mostraram satisfatórias e que os jovens conseguiram compreender os ensinamentos passados, realizando produções que cumprem com o objetivo do projeto. Muitos grupos se mostraram extremamente mobilizados em torno de seus vídeos e realizados com a oportunidade de conhecer sobre o audiovisual, principalmente com o contato com os equipamentos. Com isso, observa-se a importância de iniciativas que busquem incluir audiovisualmente e tecnologicamente esses jovens. O uso de vídeo nas escolas, seja com projetos paralelos ou como recurso didático, se mostra um caminho importante para a formação da identidade e formação crítica desse público.

Em 2009, o projeto recebeu o prêmio “Mérito Extensionista Prof. Dr. José Mariano da Rocha Filho” da Universidade Federal de Santa Maria, o qual premia o trabalho realizado por membros da

comunidade universitária por meio de Ações de Extensão que contribuam com o desenvolvimento da comunidade local e regional. Em 2014 recebeu duas premiações no 2º Festival Nacional de Cinema Estudantil (CinEst), de Santa Maria, nas categorias “Melhor Documentário” e “Temática Ambiental”, com o vídeo “Os Porongos da Linha Felin”.

Ao longo das edições, buscamos parcerias com entidades do município e prefeituras, a fim de fortalecer nossas atividades. Sendo assim, contamos com o apoio das prefeituras de Frederico Westphalen e Taquaruçu do Sul, estabelecemos parcerias com a ONG Associação de Desenvolvimento Social do Norte do Rio Grande do Sul, a Central Única das Favelas (CUFA-FW), que tem atuação regional, e com o Conselho Municipal dos Direitos das Crianças e Adolescentes (COMDICA) de Taquaruçu do Sul. Em relação à integração e reconhecimento da comunidade, participamos da programação da Feira do Livro de Frederico Westphalen, em 2014, com a exibição de vídeos produzidos que reuniram um público médio de 800 pessoas e teve repercussão nas mídias locais.

No segmento de divulgação das pesquisas científicas e também da experiência extensionista do projeto, já foram apresentados mais de 30 trabalhos em congressos, seminários e outros eventos na área de comunicação e audiovisual. A participação dos bolsistas e voluntários do projeto em eventos científicos contribuem para difundir o debate científico dos temas abordados e levar ao conhecimento das pessoas as ações e contribuições do nosso trabalho. Por meio da socialização das pesquisas com os demais participantes dos eventos, trazemos novas experiências e visões, enriquecendo o que já vem sendo feito.

4. Conclusões

O projeto Vídeo Entre-Linhas foi a primeira ação educativa envolvendo o audiovisual no município de Frederico Westphalen, trazendo um novo modelo de ação cultural. Com a apropriação de dispositivos tecnológicos, incentivamos as diversas manifestações culturais dos jovens estudantes, alavancando a inclusão sociocultural desse público num cenário do interior gaúcho, onde o acesso a dispositivos de cultura é escasso. Pensando especificamente nas localidades periféricas e de interior a realidade é ainda mais preocupante, já que a cultura e entretenimento estão baseadas, praticamente baseadas, somente na recepção de conteúdo televisivo de canais abertos.

Também foi um dos primeiros projetos de extensão na UFSM, campus Frederico Westphalen, visando ações que aproximassem a comunidade da universidade. Essa aproximação se mostra de extrema importância levando em conta que, apesar de seus 10 anos, o campus ainda é pouco conhecido e difundido na região. Apenas nesse ano a denominação foi alterada para UFSM Frederico Westphalen, antes se chamando CESNORS – Centro de Educação Superior do Norte do Rio Grande do Sul, fazendo com que muitas pessoas não tivessem o conhecimento de ser uma instituição pública e parte da UFSM.

5. Referências bibliográficas

ALMEIDA, Milton José. *Imagens e Sons: a nova cultura oral*. São Paulo: Cortez, 1994.

ALVARENGA, C. M. C. *Vídeo e experimentação social: um estudo sobre o vídeo comunitário contemporâneo no Brasil*. 2004. 206 f. Dissertação (Mestrado em Multimeios) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2004.

BRASIL. Plano nacional de extensão universitária. Fórum de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras e SESu/MEC. Edição Atualizada, 2000/2001. Acessado em 25 set. 2016. Online. Disponível em: <https://www.portal.ufpa.br/docsege/Planonacionaldeextensaouniversitaria.pdf>.

HALL, S. A identidade cultural na pós-modernidade. 10 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

MARTIN-BARBERO, Jesús. Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia. Rio de Janeiro: UFRJ, 1997.

PENAFRIA, Manuela. O ponto de vista no filme documentário. In: RECENSIO - Revista de resenhas de comunicação e cultura. Lisboa: Universidade da Beira Interior, 2001. Online. Acessado em 20 out. 2016. Disponível em: <http://bocc.ubi.pt/pag/penafria-manuela-ponto-vista-doc.html>.

THIOLLENT, M. Construção do conhecimento e metodologia da extensão, I CBEU, 2002. Acessado em 25 set. 2016. Online. Disponível em: http://www.prac.ufpb.br/anais/Icbeu_anais/anais/conferencias/construcao.pdf.

Educação Infantil: Um Relato de Experiência do Uso Audiovisual como Recurso na Adaptação Escolar

Marina Vicentina Ribas Pinto Dias

*EMEF. Rui Barbosa
marinaribas@ymail.com*

Resumo

O presente trabalho relata a experiência desenvolvida no projeto São Léo em Cine, construído como recurso inicial para auxiliar na adaptação de alunos novos da educação infantil da Escola Municipal de Ensino fundamental Rui Barbosa, na cidade de São Leopoldo, RS. A escola atende alunos da educação infantil ao 6º ano do Ensino Fundamental, no turno qual foi desenvolvido o projeto, a partir deste ano de 2016, com a obrigatoriedade de ensino a partir dos 4 anos de idade. As crianças são, em sua maioria, carentes e com pouco acesso à literatura e material audiovisual. O projeto foi realizado com o intuito motivador para desmistificar os medos do início da rotina escolar. A problemática que norteia a ideia desta pesquisa desenvolve-se sobre como os professores podem construir uma abordagem construtiva, usando tecnologia e educação, como os recursos audiovisuais servem de estratégia para mediação pedagógica na Educação Infantil no período de adaptação escolar, para obter um processo de segurança e vínculo. O audiovisual fará a ponte entre família e escola, agindo como recurso informador, desenvolvendo a socialização e integração. Ampliando a criatividade e unindo-se aos contos de fadas, buscando uma aprendizagem visual. O campo de estudos deste relato de experiência é repensar como usar o método audiovisual no cotidiano dos alunos, formando opiniões e ampliando a autonomia.

Palavras-chave: Audiovisual na Educação. Tecnologia e educação. Contos de fada. Educação infantil. Intervenção Pedagógica. Adaptação escolar.

Abstract

This paper reports the experience developed in São Léo project Cine, built as an initial resource to assist in the adaptation of new students of early childhood education at the Municipal School of Elementary school Rui Barbosa, in São Leopoldo, Brazil. The school serves students from preschool to 6th grade of elementary school, which in turn was developed the project from this year 2016, with compulsory education from 4 years old. Children are mostly poor and with little access to literature and audiovisual material. The project was carried out with the motivating aim to demystify the fears of the beginning of the school day. The issue that guides the idea of this research is developed on how teachers can build a constructive approach, using technology and education, such as audiovisual resources serve strategy for pedagogical mediation in early childhood education in the school adaptation period, for a process of security and bonding. The audiovisual will be the bridge between family and school, acting as an informer resource, developing socialization and integration. Extending creativity and joining the fairy tales, seeking a visual learning. The field of study of this experience report is rethinking how to use the audiovisual method in the daily lives of students, forming opinions and expanding autonomy.

Keywords: Audiovisual in Education. Technology and education. Fairy tales. Child education. Pedagogical intervention. school adjustment.

1. Introdução

Desde o início do ingresso de uma criança na rotina escolar necessitamos, como profissionais da educação, expor práticas tecnológicas. O audiovisual é um recurso explorado e muito usado para desenvolver a comunicação da linguagem oral, qual poderá assim refletir positivamente na apropriação da linguagem escrita e contribuir para uma boa comunicação no ambiente escolar.

A ação de produzir um vídeo estudantil reflete no processo de aprendizagem. Na educação infantil as crianças aprendem brincando, a socializar, expandir criatividade, ampliando a diversidade de culturas, aprendendo uns com os outros.

Nos recursos de vídeos e fotos se explora a exposição visual imagem, abordando detalhes de vivências, transmite a si a autoconfiança, ampliando o vocabulário nas construções orais, algo que reflete no processo de alfabetização.

Segundo Ferreiro e Teberosky (1999, p.193):

O processo de alfabetização passa por níveis de construção de conhecimentos e estes devem ser respeitados e considerados pelo educador durante o processo de alfabetização, pois, para que a criança chegue a ser alfabetizada ela necessita passar gradativamente e compreender cada nível.

Na escola EMEF Rui Barbosa, usamos o recurso audiovisual para construção do Curta na Modalidade Educação Infantil, para o II Festival Estudantil, São Léo em Cine, em parceria com a secretaria de Educação de nossa cidade (SMED) e seus apoiadores, juntamos a forma de organização da adaptação escolar para evidenciar no projeto.

Foi o primeiro ano que a escola participou do evento. Os alunos, responsáveis e professores apoiaram com grande efetividade, tornando uma experiência única aos participantes.

A ideia do curta foi fundamentada após uma discussão em grupo sobre formas de adaptação, medos e anseios das crianças e seus familiares no ingresso a rotina escolar.

O filme é baseado em cenas reais do cotidiano da criança, em seus primeiros dias na escola, evidenciamos a polêmica lei federal nº 12.796/2013, de 04 de abril, qual alterou a Lei no 9.394/96, estabelecendo obrigatoriedade a partir dos 4 anos (art. 4).

Com tamanha demanda de adaptações em nossa escola surge a necessidade de inovar, promovendo através da tecnologia o vínculo necessário para a adaptação, sem danos psicológicos ou traumas as crianças ingressantes no sistema educacional. Criamos um filme que buscasse retratar medos, surpresas e alegrias, desvendando um “novo” mundo, a escola. Planejamos tudo em detalhes, uma aprendizagem adquirida pelo projeto São Léo em Cine, pois segundo Rizzo (1986, p.314). “A primeira de constituir-se em ambiente atraente, agradável, estimulador da curiosidade exploratória, característica da criança. A segunda, de estar de tal forma organizada, que possibilite à criança aprender a “usá-la” facilmente para que se sinta segura dentro dela”.

É um filme com envolvimento de todas as profissionais da educação infantil da EMEF Rui Barbosa, relatando a sua própria experiência na hora de adaptar os alunos novos a rotina escolar. Demonstramos nas cenas que o apoio familiar no momento do ingresso estudantil evidencia o verdadeiro sucesso da permanência da criança na escola.

Acreditamos que a educação escolar inicia-se pela aprendizagem consolidada na educação infantil, resolvemos iniciar o curta com a construção baseada nos medos da criança ao entrar na escola, com criatividade e muito faz de conta iniciamos as gravações, convivemos com a insegurança da família, insegurança das crianças quais sentem receio. Facilita o ingresso à escola, se o aluno encontrar apoio na família para que favoreça a construção do cognitivo infantil, integrando o aluno no meio social.

Balaban (1988) orienta que:

Antes do início das aulas, sejam organizadas reuniões coletivas e individuais com os pais, para a escola expor aos mesmos a sua proposta pedagógica, os seus objetivos, explicando-lhes como se dá esse processo de adaptação, enfatizando que esse momento merece uma atenção especial.

Construímos e desconstruímos o sentimento de medo, unindo a fantasia, o faz de conta e muita brincadeira, a final a educação infantil é a ludicidade como unidade de grandes aprendizagens, pois cada adaptação deve ser encarada como ponto crucial para o início da criança na escola.

Segundo Napolitano (2003, p. 11) quando diz:

Trabalhar com cinema em sala de aula é ajudar a escola a reencontrar a cultura, ao mesmo tempo cotidiana e elevada, pois o cinema é o campo no qual a estética, o lazer, a ideologia e os valores sociais mais amplos são sintetizados numa mesma obra de arte.

A adaptação é um processo de mudanças de rotinas, e na maioria das vezes, marcada por longo período de choros. No decorrer da história da educação se ouve muito falar deste período, encarado pelos profissionais como período difícil, tanto para os profissionais, criança e família, qual exige tempo e espaço para “criar” vínculo, apropriando-se do seu lugar e entendendo-se como parte desde lugar. E deixar de realizar a adaptação por ausência de choro é minimizar uma parte fundamental de crescimento para a criança no contexto escolar, uma adaptação bem apropriada se resume em sucesso posterior na vida escolar, devido o aluno adquirir autoconfiança e conseguir desenvoltura na resolução de problemas.

Segundo Borges (2002, p.32):

Os sintomas que as crianças apresentam como doenças, regressões, alterações de comportamento, etc., estão aí para comprovar que elas não falam que as coisas não vão bem somente chorando.

O choro para muitas crianças que estão entrando na escola determina o medo, medo de algo desconhecido, pois além de não estarem acostumados a rotina, estarão na presença de pessoas talvez jamais vistas antes, isso é aterrorizante em sua imaginação, desta forma a adaptação precisa ser bem trabalhada para não traumatizar nem regredir as crianças nesta fase importante.

O professor no período de adaptação é visto como facilitador neste processo importantíssimo, contribuindo com abordagens lúdicas, inovadoras atraindo a confiança de forma prazerosa e segura, praticando uma mediação entre aluno e escola.

Segundo Davini (1999, p.45):

A intensidade com que cada um vai experimentar, ou a forma como vai atravessar esse período, vai depender dos aspectos particulares de cada personalidade participante do processo e, também, da dinâmica familiar. Um fato a ser admitido é que essa separação é algo inevitável na vida de cada um de nós e, ainda que seja um processo doloroso, costuma trazer crescimento para todos os envolvidos.

É importante que os pais ou responsáveis preparem-se para essa etapa, para inserir o aluno com segurança na escola, sendo período delicado a todos que estão envolvidos. Este processo envolve a participação de todos para findar com sucesso.

Segundo Balaban (1988, p.24):

O início da vida escolar pode ser uma ocasião excitante ou também uma ocasião agradável. Junto com aqueles que realmente estão encantados por estarem iniciando sua vida escolar, existem frequentemente outras crianças chorando ou pais tensos e nervosos.

Se a família auxiliar nesse processo de adaptação, a ansiedade, o medo e a insegurança podem até surgir, porém será algo fácil de lidar, pois pra criança o primeiro modelo de conduta é a família, Cury relata que: “Abraçar, beijar e falar espontaneamente com os filhos cultiva afetividade e rompe os laços da solidão. (...) O toque e o diálogo são mágicos, criam uma esfera de solidariedade, enriquecem a emoção e resgatam o sentido da vida” (2003, p.45).

Família é a base para aprender a confiar, ter sabedoria, esta pode realizar suporte no início da rotina escolar, propondo autonomia na entrada da escola, se houver momento “choro”, ao ver a criança emotiva, o responsável não deve ceder levando-o de volta para casa, pois se realizar esta ação o processo de adaptação irá prolongar ainda mais. Combinações feitas devem ser cumpridas, ao exemplo de horários estipulados.

O objetivo em trabalhar neste período da adaptação com o recurso audiovisual foi para alcançar sucesso na adaptação escolar e demonstrar a comunidade escolar, que esta etapa é fundamental para a criança ao se inserir na escola, propondo com o projeto estipular meios de integração e socialização como forma de estratégia, apresentar a criança o novo ambiente escolar, funcionários, desenvolvendo a linguagem oral através do estímulo da criatividade e o faz de conta, mostrando como será a sua nova rotina neste ambiente. Como relata Moran (2002, p.1):

A televisão, o cinema e o vídeo - os meios de comunicação audiovisuais - desempenham, indiretamente, um papel educacional relevante. Passam-nos continuamente informações, interpretadas; mostram-nos modelos de comportamento, ensinam-nos linguagens coloquiais e multimídia e privilegiam alguns valores em detrimento de outros.

A encenação ocorreu de forma natural, cada cena com participação ativa de alunos da educação infantil. Após a cena concluída os alunos poderiam sugerir imagens quais identificaram construtiva de forma positiva ou negativa, influencia para a construção da autocrítica, estimular a aprendizagem através da fantasia, do imaginário influencia a construção do cognitivo, desenvolvimento emocional para que a criança consiga socializar, visualizando na tela do computador, da televisão, máquina digital ou até mesmo do celular, consegue repensar atos e rir de fatos apreciando a arte.

Afirma Napolitano (2003, p.11) quando diz:

Trabalhar com cinema em sala de aula é ajudar a escola a reencontrar a cultura, ao mesmo tempo cotidiana e elevada, pois o cinema é o campo no qual a estética, o lazer, a ideologia e os valores sociais mais amplos são sintetizados numa mesma obra de arte.

Se enxergar nas cenas construídas faz com que a criança estabeleça valores de referência, visualizando o local e sentindo-se parte do meio social, gravações naturais, explorando a ludicidade e a espontaneidade dos alunos, tornando tudo uma grande brincadeira. O vínculo de confiança aos poucos ocorrerá de forma natural, levando experiências da sala de aula para a vida pessoal.

No projeto São Léo em Cine todas as atividades propostas foram construídas e pensadas para que o aluno visualiza-se na tela através do audiovisual, formas de adaptação no contexto escolar, assim poderia concluir que na escola existe a construção da imaginação, que perdemos o medo depois que conhecemos a rotina ou as pessoas.

Segundo Freire (1996, p.160) “[...] a alegria não chega apenas ao encontro do achado, mas faz parte do processo da busca. E ensinar e aprender não pode dar-se fora da procura, fora da boniteza e da alegria”.

Para acontecer uma aprendizagem lúdica, a escola precisa repensar métodos para conquistar a aprendizagem na prática, realizando diferentes abordagens de socialização, sendo que a etapa esta deve iniciar na educação infantil, pois é a base para a construção cognitiva, influenciando a leitura através da escuta desde cedo, através de histórias, sendo ou não o personagem.

2. Metodologia

Adotamos para a realização do projeto uma combinação de interpretações literárias e ludicidade misturada à realidade, evidenciando momentos diários nas salas de aulas da educação infantil, cotidiano.

A escola teve auxílio de profissionais competentes, como foi o caso da composição da música com letra original, criada propriamente para o filme, por Gilnei Lucas; professor de música, músico e compositor; esta letra revela uma suposição de pensamento da criança no “seu mundo”, mundo qual imagina, cria, sobre o início da rotina escolar, surpresas e encantos.

Projeto realizado com alunos da educação infantil entre as idades de 4 e 5 anos, expressam momentos de choro, angústia passageiros, brincadeiras usadas na adaptação da criança, personagens de contos de fada, bruxas, monstros e personagem da literatura infantil, aproveitamos cenas completamente espontâneas desta etapa, usando método qualitativo, para Chizzotti (1991, p.79), pressupõe “uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, uma interdependência viva entre o sujeito e o objeto, um vínculo indissociável entre o mundo do objetivo e a subjetividade do sujeito”.

Nas gravações todos os profissionais do núcleo da educação infantil obtiveram participação, sendo atores ou com estímulos de diferentes formas, devido não termos grandes recursos de tecnologia os métodos usados foram gravações e fotografias em celulares, qual não minimizou o nosso trabalho, que alcançou o objetivo de conscientizar e minimizar a entrada das crianças na vida escolar.

Na edição foi usado o programa *Movie Maker*, este processo sim todos os alunos e profissionais puderam ter o acesso enquanto projeto, para ter assim a participação ativa nas cenas de escolha, corte e produção.

Os alunos quando se identificavam na tela comentavam os acontecimentos engraçados, observando a cada ação, ouviam identificando suas vozes e ansiosos para ver o filme pronto.

Visamos por meio deste filme articular métodos de desenvolver ludicamente o aprender a aprender através da tecnologia, ampliando habilidades e competências, produzindo arte seguindo os princípios estéticos da sensibilidade, criatividade e ludicidade como relata a resolução CNE/ CEB nº 1/99 parecer CNE/ CEB nº22/98.

Ao escrever este projeto, assunto inovador, porém pouco ainda explorado, encontramos diversos relatórios e pesquisas na área da exploração tecnológica audiovisual, porém grande dificuldade em encontrar material relatando experiências direcionadas para educação infantil combinando adaptação, sendo particularmente algo inovador e produtivo, trouxe a abordagem diferenciada para a sala de aula, crendo que o trabalho só iniciou e que futuros pesquisadores poderão vir buscar interesse em experiências como a nossa de como estimular e adaptar usando o recurso audiovisual, desmistificando os medos de infância, entende-se novas dúvidas poderão surgir e mais conhecimento vir a ser acrescentado.

3. Resultados e discussão

Com a construção do projeto de cinema dentro do contexto escolar podemos afirmar que houve uma mediação de conhecimento, refletindo na vida das crianças, interagindo com o meio quais vivem, sendo que a linguagem precauções para que todas as combinações neste período sejam realmente cinematográfica provoca uma interlocução entre o real e a ficção, evidencia o imaginário entre a razão social.

Deste modo aplicamos a conquista da ideia da linguagem audiovisual, uma linguagem que é de fácil entendimento para as crianças quando bem aplicado, tem se ampliando na rotina das turmas da educação infantil, propiciando a criança momentos de prazer nos espaços onde convivem, sendo a escola o espaço social onde grande maioria das crianças passa maior parte do seu tempo. “É preciso pensar em cada detalhe dessa construção levando em consideração as particularidades das crianças pequenas, no sentido de criar diferentes possibilidades para a ampliação do universo cultural e conceitual das crianças” (BARBOSA, 2006, p. 135).

Pensando nisso em minimizar efeitos negativos na adaptação de alunos que ingressam na educação infantil, inserimos o projeto são em cine como método de mediação para estabelecer vínculo de socialização com os alunos, demonstrando que os medos fazem parte de tudo que não conhecemos, após adaptarem-se a nova rotina conseguem administrar a relação de segurança nesse novo ambiente. Também é importante ressaltar a importância da família na adaptação da criança na escola, que já existiram casos de responsáveis que esqueceram a criança na escola, isso pode causar efeitos inesquecíveis a ela, reações de recusa a retornar ao ambiente escolar, então a família deve tomar precauções para que todas as combinações neste período sejam realmente cumpridas, passando segurança à criança.

O filme retrata a imaginação da criança em seus primeiros dias de aula, sendo obrigatório sua matrícula na rede de ensino, o início da rotina escolar se confunde a anseios construídos em sua imaginação, representa desde a saída do aluno de sua casa até o seu encontro com os colegas e professores no ambiente escolar.

A trama é representada pelos próprios alunos frequentadores da educação infantil da escola EMEF Rui Barbosa. Uma das possibilidades do filme foi de ir pra escola, criando dela um monstro imaginário ou aproveitar a brincadeira, como próprio nome escolhido por eles relata “Onde Vive um Monstro”, sugestão de roteiro proposto pela professora Renata Lucas, grande motivadora da conquista. Visamos mostrar que na escola as crianças necessitam de uma adaptação, tempo pelo qual cada uma se expressa de uma forma diferente, umas criando monstros imaginários e outras fantasiando um mundo de faz de conta do qual aproveitam a brincadeira.

A história acontece em tempo contínuo, abordando a construção diária de alunos recém-chegados a escola, no bairro Vicentina, na cidade de São Leopoldo, Rio Grande do Sul. Demonstrando fatos e personalidades, pois muitas cenas foram gravadas com ações espontâneas dos alunos, choros, brincadeiras e sorrisos.

A professora que outrora o aluno julgava por não conhecê-la representará a importância da aprendizagem lúdica em seu mundo imaginário, construído de faz de conta, qual irá desvendar que a escola é significativa.

Em nossas reuniões, encontros pedagógicos houve argumentações de como inserir a tecnologia aos alunos da educação infantil, notamos que diversas vezes por meio de faz de conta os alunos após a contação das histórias de literatura infantil as encenavam de forma espontânea, discutimos meios de aproveitar esta vivência para troca de conhecimento. Surge então a sugestão do audiovisual, também aparecem dúvidas, alunos pequenos, como fazer para que além de prazeroso interagissem com a contínua aprendizagem e tornasse assim um ambiente alfabetizador com o uso do audiovisual, algo que aos poucos conseguimos na prática desenvolver.

Como toda ideia tem um objetivo na educação infantil buscamos recursos e fomos buscar informações sobre como discutir a linguagem audiovisual enquanto recursos lúdicos em um ambiente formador de alfabetização vivenciaram experiências únicas, unindo a equipe em prol de uma determinação ensinar o recurso audiovisual, observada que existem diversidades em ideias, chegamos a uma concepção que realizar diferentes trabalhos, envolvem os alunos e faz com que pratiquem a autonomia e criatividade.

Visamos continuar expandindo o projeto em todas as etapas no ensino na escola, tendo em vista o processo participativo de cada criança, sabendo que tudo que na prática se produz aprende-se de uma forma diferente, investigando, pesquisando formas, tornando o aluno crítico construtivo, conclusões formadas independentemente, pois o aluno exposto à aprendizagem vivenciada na prática tem abertura ao processo de construção de identidade.

Portanto todas as atividades realizadas necessitam de um projeto, roteiro, qual precisa ser seguido para nortear o andamento do trabalho, classificando a devida importância de construir com base lúdica, porém com determinação de concluí-lo.

Vivemos em um tempo qual observamos a fragilidade de nosso sistema de ensino, falta de profissionais capacitados, carência de materiais e apoio aos trabalhos, mesmo assim conseguimos realizar projetos tecnológicos usando o mínimo de recurso, qual nos cabe em mãos, formações de apoio norteiam o processo de aventurar-se para chegar ao objetivo de concluir projetos. Inscrevemos nosso curta no II festival estudantil de São Leopoldo, RS, será realizada uma seleção de curtas no cinema de nossa Cidade, Esperamos com este filme não chegar ao topo com troféus, mas que os nossos alunos possam observar que tudo é possível, iniciando pelas telonas do cinema, pois seremos as suas maiores incentivadoras.

Nas escolas o que se percebe que o uso das salas de cinema é uma questão ainda muito complexa, pois muitas vezes pode parecer uma “matação” de tempo, quando usado sem objetivo rompe o equilíbrio qual tentamos desmistificar, acreditamos no método de aprendizagem audiovisual.

Realizando os projetos, aos poucos será minimizado o conceito da antiga visão de usar os filmes somente para ocupar o tempo ocioso, algo que a prática docente ativa mudará a interpretação equivocada.

A sala de cinema deveria ser uma extensão da sala de aula, funcionando como uma ferramenta pedagógica auxiliar para os educadores, firmando pensamentos e propostas para a realização de discussão de temáticas históricas, lúdicas e construtivas, para o aluno desde a educação infantil até a formação em nível médio, assim proporcionando características de socialização, formação psicopedagógico.

A cultura das telas do cinema transforma idealizações, interagindo com diferentes linguagens. O recurso audiovisual pode ser usado no ensino globalizado, à base nacional de educação expõe uma reforma na visão da educação, a tecnologia esta embasada unindo-se as diferentes componentes curriculares: arte e movimento, música, linguagem oral e escrita, estudos da sociedade e da natureza, matemática, com noções de raciocínio lógico, diversidade e outros.

O uso do material audiovisual permite a construção da liberdade de expressão, essa arte expressa oportunidade de autonomia, vivenciar a criatividade. A criança desde os seus primeiros anos de vida convive com a linguagem tecnológica, a televisão, a internet, o recurso de rádio, estes influenciam a criança em uma vivencia multicultural, ignorar isto é negligenciar os saberes já adquiridos. O aluno chega à escola portando um tipo de conhecimento preestabelecido norteados pelo meio qual vive, o audiovisual completa uma ação de aprendizagem lúdica tornando prazeroso pesquisar conhecimento, “ainda me lembro da professora da 5ª série que produziu um vídeo com a minha turma para abranger o tema da escravidão, levou os alunos para fora do ambiente escolar e reproduziu cenas dramatizando o contexto da história qual estudávamos, lembrança eternizada, pois tudo que estudei sobre a Lei Áurea esta viva em minha memória”, como relatei tudo que produzimos com ludicidade se absorve com prazer, o método audiovisual produz abertura para criar.

No cotidiano escolar nos deparamos com crianças com diferentes realidades sociais. Na nossa comunidade escolar, a reciclagem se torna uma fonte de renda para muitas famílias, sendo que para algumas chega a ser o único meio de sobrevivência, mas isso não garante um conhecimento consciente de interação e preservação do meio ambiente, pois estão focados nos lucros, ao invés de se preocupar com a sustentabilidade e os estudos para adquirir conhecimento e assim evoluir a realidade qual vivem.

Na escola são realizados projetos com objetivos de desenvolver a conscientização e mudanças de hábitos desde a educação infantil, na qual consideramos o início da vida escolar. Com influências da mídia e da cultura familiar, as crianças vão formando seus valores e desenvolvendo habilidades, com o projeto de criar filmes, as crianças viram um novo método de aprender. A função do professor é abrir horizontes, explorando o “infinito de cada criança”.

Segundo Fiorentini (Carneiro, 2001, p. 29):

Televisão e vídeo seduzem-nos, informam-nos, entretêm-nos, projetam-nos em outras realidades (no imaginário) e em outros tempos e espaços. Televisão e vídeo combinam a comunicação sensorio-cinestésica com a audiovisual, a intuição com a lógica, a emoção com a razão. Integração que começa pelo sensorial, pelo emocional e pelo intuitivo, para atingir posteriormente o racional. Note que é uma comunicação poderosa. As novas tecnologias de multimídia e realidade virtual estão tornando o processo de simulação exagerado ao ponto de confundir-se com a experiência, explorando-o até limites antes inimagináveis.

Usando a tecnologia como método de exploração para situações do cotidiano a criança, esta aprende com as percepções sensorio-cinestésica, combinando associando o contexto de sua experiência prazerosa a rotina diária, pois trouxe significado à aprendizagem, evidenciando momentos de integração, estimulando a linguagem oral.

4. Conclusões

O processo de uso audiovisual nas escolas tem aumentado a cada dia, inovando o processo de alfabetização. O cinema como recurso pedagógico é visto como inovação e tem motivado educadores em todo o mundo a tornar possível essa vivência em sala de aula.

É necessário repensar esse método como currículo desde a educação infantil, visto que vivemos sobre a influência de diferentes culturas, importante colocarem na prática métodos quais os alunos sintam-se parte do sistema de aprendizagem, tecnologias estão evoluindo a cada momento, porém nós como educadores não podemos ter receio em utilizá-la na mediação da aprendizagem.

A relação do cinema com a infância facilita o desenvolvimento do aluno para a educação, torna-o crítico, construtivo, permite a formação do indivíduo para a sociedade.

O cinema transforma o olhar para a linguagem oral, escrita, como o movimento na psicomotricidade, arte, música e integrando o a socialização, evidencia diversos temas e abordagens, torna-se preciosa ferramenta pedagógica na educação infantil.

Podemos afirmar que concluímos neste projeto que utilizar determinada obra cinematográfica para abordar temas e simplificar ou ampliar fatos resulta em uma aprendizagem positiva, pois com nosso projeto tivemos sucesso em todas as adaptações no contexto escolar.

Existem diversas formas de elaborar projetos, porém os únicos que serão significativos para a criança são aqueles que partem de seus interesses, vivências, curiosidades e realidades e que sejam voltados para uma transformação possível de ser atingida, isso usando uma abordagem lúdica, globalizando componentes curriculares, envolvendo alunos diretamente na produção de conhecimento.

No ato simbólico inovamos conceitos, instigando curiosidades revelando que o conhecimento interage com troca de diferentes informações, desmistificando definições impostas pela sociedade.

Quando envolvemos a criança com diferentes projetos, estamos abrindo um mundo de possibilidades, ampliando seu processo de maturidade cognitiva, para fim de contribuir para tornar um adulto responsável pelo ambiente em que está inserido.

No dia 26 de outubro de 2016, o dia foi marcado pela experiência da primeira premiação de nosso curta, na categoria educação infantil, de nossa cidade, São Leopoldo, no projeto São Léo em Cine. Sendo eles TRÓFEU IMIGRANTE: 1º lugar MELHOR FILME EDUCAÇÃO INFANTIL, 1º lugar MELHOR TRILHA SONORA ORIGINAL, 2º lugar MELHOR PRODUÇÃO, com certificado e 3º lugar MELHOR ROTEIRO, com certificado.

Experiência maravilhosa tanto para as profissionais, alunos e comunidade escolar, pois a escola estava sendo reconhecida por um projeto realizado sem fins lucrativo norteado para divulgação da adaptação de uma forma lúdica sem traumas e sem medos com um recurso inovador.

5. Referências bibliográficas

BALABAN, N. O início da vida escolar: da separação à independência. Porto Alegre: Artes Médicas, 1988.

BARBOSA, M. C. S. Por amor e por força: rotinas na educação Infantil. Porto Alegre: Artmed, 2006.

BORGES, M. F. S. T. e SOUZA, R. C. de (org.) A práxis na formação de educadores de educação infantil. Rio de Janeiro: DP & A, 2002.

BRASIL. Referencial curricular nacional para a educação infantil. Brasília, MEC/SEF, 1998. vol. I, vol. II.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Referencial curricular nacional para a educação infantil. Brasília, DF: MEC/SEF, 1998. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/>>. Acesso em: 15 ago. 2016.

CHIZZOTTI, A. Pesquisa em Ciências Humanas e Sociais. São Paulo: Cortez, 1991.

CURY, A. J. Pais Brilhantes, professores fascinantes. 9. Ed. Rio de Janeiro: Sextante, 2003.

DISTRITO FEDERAL. Secretária de Estado de Educação do Distrito Federal. Currículo em Movimento da Educação Básica: Educação Infantil. Brasília, DF: SEEDF, 2013. Disponível em: <<http://www.cre.se.df.gov.br/>>. Acesso em: 11 ago. 2015.

FERREIRO, E. & Teberosky, A. (1999). Psicogênese da Língua Escrita. Porto Alegre: Artes Médicas.

FIORENTINI, L. M. R; CARNEIRO, V. L. Q. TV na escola e os desafios de hoje: Curso de Extensão para Professores do Ensino Fundamental e Médio da Rede Pública. UniRede e Seed/MEC. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2a. ed., 2001. p. 29.

FREIRE, P. (1996). Pedagogia da autonomia: saberes necessários a prática educativa. São Paulo: Paz e Terra.

LEI, nº 9694/96. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Diário Oficial da União. Brasília, 20 de dezembro de 1996. Disponível em: <<http://www.portal.mec.gov.br/>>. Acesso em: 06 fev. 2015.41579

MORAN, J. M. Desafios da televisão e do vídeo à escola. Disponível em:
<<http://www.eca.usp.br/prof/moran/desafio.htm>, data: 25/06/2002 Acesso em: 19/10/2016.

NAPOLITANO, M. (2003). Como usar o cinema na sala de aula. São Paulo: Contexto.

RIZZO, G. Educação Pré-Escolar. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1986.

SANTOS, S. M. P. dos. (2000). Brinquedoteca A criança, o adulto e o lúdico. Petrópolis: Vozes.

SOARES, M. B. (1998). Letramento: um tema em três gêneros. BH-MG: Autêntica.

VYGOTSKY, L. S. (1998). Pensamento e Linguagem. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes.

Produção de vídeo na escola do campo

Josiane de Moraes Brignol

E.M.E.F Professora Delfina Bordalo de Pinho

josianepmoraes88@gmail.com

Resumo

O seguinte artigo trata da produção de curta metragens da E.M.E.F Prof^a Delfina Bordalo de Pinho localizada na zona rural do município do Capão do Leão. O objetivo é descrever todo o processo de desenvolvimento e preparação de vídeos estudantis dos educandos para a participação no I Festival de Vídeo Estudantil da cidade. Relatando a experiência e importância da produção audiovisual na educação. Para a realização deste trabalho inicialmente os professores e alunos participaram de oficinas teóricas com os conhecimentos básicos de como produzir um vídeo. Posteriormente, já com conhecimentos prévios, foram feitas as escolhas dos temas, escrita do roteiro, gravação das cenas e a edição dos vídeos. Todas as etapas de um curta metragem foram desenvolvidas, mesmo enfrentando adversidades estruturais e tecnológicas. A produção audiovisual resultou na aproximação dos estudantes e professores aliando prática, emoção, modernidade, comprometimento e tornando o processo de ensino prazeroso com a valorização do jovem rural.

Palavras-chave: Vídeo, produção audiovisual, Tecnologias da Informação e Comunicação.

Abstract

The following article deals with the short films production in the Municipal School of Elementary Teaching Professora Delfina Bordalo de Pinho located in rural zone of Capão do Leão city. The aim is to describe the entire development process and preparation of educational videos to students for participation in the I Festival de Vídeo Estudantil da cidade. Describing the experience and importance of audiovisual production in the education. For this work initially teachers and students participated in theoretical workshops with the basic knowledge of how to produce a video. Later, already with previous knowledge, have been made the choices of themes, script writing, recording the scenes and finally the edition of the videos. All stages of a short film were developed, even facing structural and technological adversities. The audiovisual production resulted in bringing students and teachers together combining practice, emotion, modernity, commitment and making pleasurable the learning process with appreciation of the rural youth.

Keywords: Video, audiovisual production, Information and Communication Technologies.

1. Introdução

A rede pública de educação apesar das inúmeras dificuldades de estrutura proporciona ricas experiências didáticas dentro e fora da sala de aula como a que se oportunizou através da participação do I Festival de Youtubers no município de Capão do Leão.

A ideia chamou atenção e causou curiosidade. Neste momento uma das escolas rurais do município visualizou uma grande oportunidade dos alunos realizarem um trabalho prazeroso, lúdico e totalmente ligado a suas vidas. No anseio de aproximar e ampliar a afinidade entre educador/educando e despertar do gosto pela matemática a escola envolveu os alunos no festival.

De acordo com Alves et al. (2012):

Embora todos os professores entrevistados revelem o prazer que sentem no convívio com jovens e também de ensinar uma ciência que gostam muito, ao mesmo tempo demonstram angústia por não se sentirem capazes de despertar em seus alunos o prazer que eles próprios sentem quando estudam e ensinam Matemática (ALVES, 2012, p.9).

Na rotina escolar o grande interesse dos alunos pelos "famosos Youtubers" se apresenta através das mais variadas mídias, desde as redes sociais até as biografias. Sabendo desta admiração e curiosidade a escola se motivou e quis participar do supracitado festival. Hoje conta com três grupos dos anos finais do ensino fundamental que se preparam incansavelmente para o evento que ocorrerá em novembro.

Devido à vontade em aprender mais sobre o assunto e tornar mais didático o ensino da matemática, a escola decidiu se aperfeiçoar nos quesitos necessários para realizar uma produção audiovisual acreditando em uma nova prática. Conciliando com FREIRE (1996) "Como professor crítico sou um "aventureiro" responsável, predisposto a mudança à aceitação do diferente." E para que haja subsídios para uma mudança efetiva o educandário participa de oficinas ofertadas periodicamente no município, educandos e professores engajados no desenvolvimento dos curtas buscaram qualificação. Todos os envolvidos se mostraram muito interessados e desafiados diante dos ensinamentos gerados nas oficinas e pela proposta do festival.

Acreditando em uma melhor formação, na forte presença das tecnologias e em uma experiência positiva para os educandos buscou-se através da produção de vídeos a sintonia entre a prática e teoria. Pois como afirma Moran, Masetto e Behrens (2013, p.53):

O vídeo parte do concreto, do visível, do imediato, do próximo, que toca todos os sentidos. Mexe com o corpo, com a pele - nos tocamos e "tocamos" os outros, estão ao nosso alcance por meio dos recortes visuais, do close, do som estéreo envolvente.

Essa sinergia trouxe subsídios sólidos para a educação multimídia dos jovens da área rural e trouxe um brilho no olhar, despertou a criatividade e a união entre alunos e professores.

O envolvimento com as tecnologias ligadas utilizadas nos vídeos se tornou algo intenso e presente na vida dos alunos. A escola acredita que através da construção destes vídeos será gerado um novo olhar, tanto para a instituição quanto para o ensino da disciplina de Matemática. E, por conta disso, outro desafio foi estabelecido, o de tornar perene e estrutural os avanços obtidos. O intuito é de aumentar significativamente o sentimento de pertencimento à escola. A esperança em um processo diferente, colaborativo e criativo de aprendizagem deve alimentar o ímpeto dos alunos e reafirmar a carreira docente dos educadores.

Será essencial para a escola apresentar através da produção audiovisual que se amplia a relação do estudante com o seu mundo e com a sua realidade, afinal, quando se trata de anos finais do ensino fundamental lidamos com pré-adolescentes e adolescentes com seus medos e inseguranças que só desejam ser compreendidos pela sociedade. De acordo com D'ambrósio (1996, p.80):

A escola não se justifica pela apresentação de conhecimento ultrapassado e muitas vezes morto. Sobretudo ao se falar em ciências e tecnologia. Será essencial para a escola estimular a aquisição, a organização, a geração e a difusão do conhecimento vivo, integrado aos valores e expectativas da sociedade. Isso será impossível de se atingir sem a ampla utilização de tecnologia na educação.

Participar de vídeos caseiros, trazendo a liberdade de criar e se reinventar os tornam donos de suas ações e os transforma em bem mais do que expectadores. Corroboram Pereira e Janhke (2012, p.7):

Quando aprendemos a fazer um vídeo estamos aprendendo a "escrever a linguagem videográfica". E assim nos tornamos críticos na leitura (recepção) de "textos videográficos". Ou seja, simplesmente não engolimos os "textos videográficos goela abaixo". Ficamos capazes de "pensar" sobre o que o vídeo apresenta.

Este pensamento é estendido a área rural que por sua vez revela suas peculiaridades como a amizade, a cumplicidade que sem dúvida são singulares e propiciam grandes impressões positivas. Este ambiente abrange um contexto criativo, pertinente e uma vontade de descobrir ainda maior, onde a tecnologia é mais que uma inovação conservadora. (CYSNEIROS, 1999).

Como todo o jovem moderno o adolescente rural também quer estar inteirado nas inovações tecnológicas que o mundo oferece e que nem sempre são possíveis devido às condições estruturais ou às baixas condições financeiras. Oportunizar o contato, a criação, a edição de vídeos os insere nesse contexto atual e gera uma motivação única.

Diante da necessidade citadas de envolver os alunos em um contexto tecnológico este artigo tem objetivo de descrever o processo de aprendizagem e elaboração de um curta metragem, evidenciando todo o processo, aspectos e a importância que foi o desenvolvimento do projeto durante o ano de 2016 na E.M.E.F Prof.^a Delfina Bordalo de Pinho do município de Capão de Leão.

2. Metodologia

A escola abraçou a proposta e depois de várias reflexões iniciou o projeto de produção de vídeos. A ideia é qualificar a vida estudantil dos anos finais do ensino fundamental de forma prazerosa e significativa, deste modo foram incluídos por livre iniciativa os educandos com afinidade ao tema. Conforme MORAN (2013) o avanço é mais notável quando o ensino é adaptado a necessidade do aluno, criando uma rede com o cotidiano, transformando a sala de aula no ponto de partida para a aprendizagem. O convite foi feito às quatro turmas que compõem o 6º, 7º, 8º e 9º anos. Surgiram quinze alunos inscritos e extremamente empolgados com a oportunidade de replicarem os seus ídolos *youtubers*.

No primeiro momento ficou determinada a reunião em turno inverso ao de suas aulas, nas segundas à tarde. A sugestão foi dividir o grupo em três para facilitar o andamento do trabalho e aumentar a produtividade. Na sequência, no intuito de esclarecer melhor o projeto e seus objetivos, foram reproduzidos vídeos disponíveis no *site* Produção de Vídeo Estudantil da Universidade Federal de Pelotas sobre o desenvolvimento de curtas e longas metragens. Além disso, duas estudantes do Colégio Cassiano do Nascimento, as quais atuaram no longa Sem HPV – O vídeo que ensina a fazer vídeo, realizaram uma oficina contando suas experiências e compartilhando conhecimento com os novos cineastas.

O intuito inicial era fornecer noções aos estudantes a respeito dos insumos que eles precisariam utilizar e fazer e com que conhecessem as primeiras etapas da produção de vídeos de até dez minutos. Realizada a introdução, começou o processo de escolha do tema, a redação do *storyline* e do roteiro. O próximo passo foi a tão esperada gravação, com seus erros e acertos, aprendizados e divertimentos.

Esta é uma fase muito gratificante, cheia de novidades, entusiasmo, criatividade e boas risadas. O alto grau de comprometimento dos estudos com o processo exigiu um investimento grande de tempo nas gravações devido a vontade de produzir o melhor material possível. Nestas ocasiões os três grupos formados se uniram e acabaram se fundindo em um único para a tomada de decisões. Não faltaram sugestões, novas ideias e mesmo os estudantes mais introvertidos se sentiram confortáveis em contribuir para a produção das cenas. De acordo com Kenski (2008, p.14):

O aluno, em uma abordagem cooperativa de ensino, tem maior autonomia e maior grau de responsabilidade. Tem tarefas a cumprir e se expõe mais facilmente, pois sempre haverá tempo e espaço para a apresentação das suas opiniões.

Gravações e regravações o tempo inteiro e a cada retomada um novo aprendizado. Os recursos são limitados e a experiência é gerada através de celulares, *tablets* e computadores, mas a busca pelo melhor é incessante e inabalável.

Depois da produção do material bruto, chegou o momento de dar vida ao trabalho, de editar os vídeos e escolher as trilhas sonoras. Para isso os alunos trabalharam com o editor de vídeo chamado *Movie Maker*. Esta fase apesar de ser muito legal gerou algumas dificuldades aos participantes pelos recursos restritos de pesquisa, pelos problemas técnicas dos recursos disponíveis e pela quase inexistência de internet na escola e em suas residências.

Todas as adversidades acabaram sendo superadas devido ao grande apoio do curso de Cinema da Universidade Federal de Pelotas, o qual não mediu esforços quando a escola relatou a dificuldade na edição. Sabendo dos problemas, o curso ofertou oficinas aos alunos na própria universidade, onde os mesmos tiveram a oportunidade de conhecer todo o processo desenvolvido em curtas metragens, através de workshops de roteiro, direção e montagem de vídeos. Conforme Kenski (2008, p.19):

Os novos processos de interação e comunicação no ensino mediado pelas tecnologias visam ir além da relação entre ensinar e aprender. Orientam-se para a formação de um novo homem, autônomo, crítico, consciente da sua responsabilidade individual e social, enfim, um novo cidadão para uma nova sociedade.

O fato de visitar um ambiente novo e inspirador como a universidade, interagir, trocar ideias e esclarecer suas dúvidas com outros alunos do município também presentes no encontro enriqueceu o processo. Esta data ainda marcou o primeiro contato direto com a universidade, local imerso na arte e novidades, o que foi uma nova realidade para o pequeno grupo da área rural.

3. Resultados e discussão

Durante um período de aproximadamente um semestre foram construídos gradativamente os roteiros, as filmagens das cenas, escolha de sons, músicas e montagem dos vídeos, inúmeras cenas foram gerados. Todas estas geraram três curtas intitulados como: *O Fantasma Mal Encarado*, *Em Busca de uma Amizade* e *Sentimentos de Menina*.

A produção dos vídeos escolares na escola teve seu processo de produção concluído no mês de outubro. A fase edição foi bastante provocativa, com muitas descobertas e adaptações devido a problemas de infraestrutura da escola e do meio rural. Neste estágio os alunos mais adaptados ao uso das tecnologias da informação, abrilhantaram suas participações, entusiasmados em poderem caracterizar os curtas de uma maneira própria. Todo este desenvolvimento agregou muito valor a cada estudante inserido. De acordo com Fernades e Molina (2005, p.68):

Esta visão do campo como um espaço que tem suas particularidades e que é ao mesmo tempo um campo de possibilidades de relação dos seres humanos com a produção das condições de existência social confere à Educação do Campo o papel de fomentar reflexões que acumulem força e espaço no sentido de contribuir na desconstrução do imaginário coletivo sobre a visão hierárquica que há entre campo e cidade; sobre a visão tradicional do jeca tatu, do campo como lugar do atraso.

Em cada etapa do desenvolvimento deste trabalho é possível destacar vários talentos distintos. Alguns se envolvem com a criação, a escrita de maneira fabulosa, ainda que não se destaquem tanto diante as câmeras, outros se mostram grandes atores enquanto não dominam a arte da edição. Os distintos papéis se completam e possibilitam o andamento do trabalho. É muito curioso visualizar cada um como é e perceber a grande importância do indivíduo no grupo.

A sensação de dever cumprido foi latente quando depois de editado os vídeos foram passados para todos os alunos do ensino fundamental da escola. A emoção dos participantes em poder assistir um trabalho de vários meses concluído e rir muito das atuações é indescritível. Ao dar o play nos vídeos e assistir cada um se percebe que valeu muito a pena ter aprendido um pouquinho sobre como produzir os

vídeos e acreditado neste projeto. Perceber aquela lágrima de adolescente escorrendo no canto do olho dizendo: “eu não sei por que eu choro sempre quando eu vejo essa cena” e ainda ouvir de outros alunos que não participaram falando: “muito legal esses vídeos ano que vem quero participar”.

Inocentemente o projeto acabou envolvendo toda a escola que além de apoiar o trabalho, participaram das gravações. Tivemos atuações da professora de português, de ciências, das duas coordenadoras, das funcionárias da merenda e limpeza. E, além disso, foi desmistificada a questão de que a segunda feira a tarde era só destinada à dúvidas de matemática de forma tradicional e que não teria mais espaço para nada diferente deste rótulo.

A partir desta valiosa experiência de envolver os vídeos na vida escolar, surge motivação para outra proposta de um novo projeto para 2017 que é a produção de vídeos específicos para a disciplina de matemática, o qual já tem apoio e incentivo da equipe diretiva da escola. De acordo com Gallo e Pinto (2010, p.1) “A escola é um dos espaços mais privilegiados de elaboração de práticas e de projetos de conhecimento, de intervenção social e de vida.” Desta forma entende-se que apostar no uso das tecnologias através de vídeo proporciona um novo caminho para o ensino da matemática.

Da preparação para o I Festival de Vídeo Estudantil do Capão do Leão, independente dos resultados fica as intenções positivas da colaboração mútua entre os participantes e entre os grupos. Igualmente a certeza de que é possível produzir ótimos materiais audiovisuais dispondo da tecnologia dos aparelhos celulares já utilizados em nosso cotidiano.

4. Conclusões

O extenso período investido no projeto de produção de vídeos estudantis potencializou a relação entre educador e educando e atingiu plenamente o objetivo do projeto. A proximidade e o envolvimento aumentou o desempenho acadêmico dos estudantes não somente na disciplina de Matemática, quanto em outras matérias e resgatou o sentimento de identidade e curiosidade dos alunos. De acordo com FREIRE (1996) “O exercício da curiosidade convoca a imaginação, a intuição, as emoções, a capacidade de conjecturar, de comparar, na busca da perfilização do objeto ou do achado da sua razão de ser.”

A iniciativa de trabalhar com grupos multiseriados gerou um ambiente acolhedor, de proximidade, receptividade e intimidade totalmente diferente das aulas ministradas no turno letivo. Além disso, os celulares e suas tecnologias deixaram de ser um problema e se tornaram aliados, nas pesquisas, filmagens e edição.

5. Referências bibliográficas

ALVES, Rozane da Silveira; MATTOS, Daniela Pedra de; MARTINS, Claudete da Silva; DOS SANTOS, Lourdes Helena Rodrigues. A utilização das TIC no ensino das escolas públicas: refletindo sobre fatores que influenciam seu uso. II Congresso Internacional TIC e Educação. Novembro/2012. Lisboa/Portugal.

CYSNEIROS, Paulo Gileno. Novas tecnologias na sala de aula: Melhoria do ensino ou inovação conservadora? *Informática Educativa*, v. 12, n.1, p. 11-24, 1999.

D'AMBRÓSIO, Ubiratan. Educação Matemática da teoria à prática. Campinas, SP: Papirus, 17ª edição, p.80, 1996.

FERNANDES, Bernardo Maçando; MOLINA, Mônica Castagna. O campo da Educação do Campo. IN: MOLINA, Mônica Castagna e JESUS, Sonia M.S.A. (Orgs.). Por uma educação do campo – contribuições

para a construção de um projeto de Educação do Campo. 2. ed. Brasília, DF: Articulação Nacional “Por uma Educação do Campo”, 2005.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática da educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GALLO, Patrícia; PINTO, Maria das Graças. Professor, esse é o objeto virtual de aprendizagem. Revista Tecnologias na Educação – ano 2 – número 1 – Junho de 2010. Disponível em: <http://tecnologiasnaeducacao.pro.br> . Acesso em: 01 de out. de 2016.

KENSKI, Vani Moreira. Tecnologias e ensino presencial e a distância. Campinas, SP: Papirus, 2008.

MORAN, José Manuel; MASETTO, Marcos T.; BEHRENS, Marilda Aparecida. Novas tecnologias e mediação pedagógica. Campinas, SP: Papirus, 21ª edição, 2013.

PEREIRA, Josias; JANHKE, Giovana. Produção de Vídeo nas Escolas: Educar com Prazer – Estudo de Caso na Escola Independência / Pelotas. 2012.